

ALTEROSA

DEZEMBRO • 1960

Crs. 25,00



O PRESENTE DO ANJINHO



Um presente de Natal

das meias

Nondesfil



OC

Sòmente neste Natal:
adquirindo a embalagem especial
com dois pares de meias Nondesfil,
v. receberá a original miniatura de
uma perna contendo finíssima
água de colônia.

Meias

Nondesfil
AS MAIS ECONÔMICAS E DURÁVEIS



Maria Heliette Pilz -
Vencedora do concurso
"As mais belas pernas de 1960";
comprova que, além de resistentes
e duráveis, as Meias NONDESFIL
são de uma absoluta transparência.

AS MULHERES PRÁTICAS EM TODO O MUNDO USAM MEIAS NONDESFIL

NOVA EMBALAGEM

aluminizada



Protege o seu sabonete, para um banho mais delicioso e perfumado!

...e você ganha em encanto, pois o perfume delicado, a espuma cremosa, a massa finíssima e consistente e incomparável suavidade do seu Sabonete Gessy agora estão ainda melhor protegidos! Experimente — há mais perfume, mais frescor, mais suavidade... mais proteção para a sua beleza com a nova embalagem aluminizada do **SABONETE GESSY**

A embalagem aluminizada, porque é
hermeticamente fechada, conserva integral
o perfume do SABONETE GESSY



Ah...

QUE REFRESCANTE SENSACÃO
DE BEM-ESTAR, NA ESPUMA
PROTETORA DE KOLYNOS!

Gente de espírito móço, que precisa
causar boa impressão, prefere Kolynos
porque Kolynos contém
elementos antienzimáticos que agem
quase milagrosamente para evitar
a cárie e o mau hálito!



gente DINÂMICA prefere



• sensação extra de frescor!

APCBH // C.16 / X-53

1960.12

Dentro
em breve
ela estará
diante
do altar...



EMPRÉSTIMO FAMILIAR

é a grande solução para as despesas de enxoval e da festa de casamento

Você está contente. Sua filha vai se casar com um homem de bem, tal como você tinha idealizado. A data já está marcada. Agora é comprar o enxoval, mandar fazer o vestido da noiva, encomendar os doces - tomar, enfim, tôdas as providências para a realização da grande festa. São providências que demandam dinheiro e, muitas vezes, não há dinheiro em caixa...

Mas, felizmente, você pode dispor do Empréstimo Familiar - iniciativa pioneira* do Banco da Lavoura, desde 1925 - para atender a tôdas as despesas da família e do lar. Visite a sua agência do Banco da Lavoura de Minas Gerais e informe-se sobre o Empréstimo Familiar. Você pode contar com ele!



EMPRÉSTIMO MATERNIDADE

Para as despesas de enxoval, maternidade, obstetra e pediatra.



EMPRÉSTIMO DE FORMATURA

Para as despesas com as solenidades, festas e anel de grau.



EMPRÉSTIMO ESCOLAR

Para a compra de uniformes, livros e pagamento das mensalidades do colégio.



*Já em 1925, logo após sua fundação, o Banco da Lavoura, se impôs como varejista de crédito, realizando um grande volume de pequenos empréstimos de até 200 ou 300 mil réis, destinados, em sua maior parte, a resolver os problemas solucionados pelo Empréstimo Familiar.



Banco da Lavoura

DE MINAS GERAIS, S.A.

- um amigo em toda parte

ALTEROSA

A revista da família brasileira

ANO XXII

Nº 366

Propriedade da
SOC. EDITORA ALTEROSA LTDA.
Rua Rio de Janeiro, 926 — 3º pavimento
Fones 2-0652 e 2-4251 — Cx. Postal 279 —
End. Teleg.: "Alterosa" — Belo Horizonte — Minas Gerais — Brasil.

* * *

DIREÇÃO: N. M. Castro e Miranda e Castro, diretores.

REDAÇÃO: Afrânio Cardoso, Cristiano Linhares, Ernesto Rosa Neto, Euclides Marques Andrade, Garry C. Myers, Gibson Lessa, Gilberto de Alencar, Leonor Telles, Maria Lysia, Neusa Batista e Oscar Mendes.

REPORTAGEM: André F. de Carvalho, Aristides Roriz, Dário Carrera Justo, José Inácio, José Nicolau da Silva, Nally Burnier Coelho, Nivaldo Corrêa, Osvaldo Profeta, Pepito Carrera, Ponce de Leon, Roberto Drummond, Wilson Frade, Fernando P. Lima e Geraldo Vieira.

REVISÃO: Cléia Dalva M. Ramos, chefe; Eunice C. Pinto Coelho, Stella Dalva Taveira.

ARTE: Adão Pinto, Alvaro Apocalypse, Euclides L. Santos, J. C. Moura, J. J. J. Juarez Antunes e Jerônimo Ribeiro.

CORRESPONDENTES: Olga Obry, em Paris; Orlan Cavalcanti, em Hollywood; Gastão Fernandes dos Santos, em Roma; e Sérvulo Tavares, em Madrid.

SERVIÇO INTERNACIONAL: Camera Press, King Features Syndicate, Odhan Press, Opera Mundi, Reuter, Transworld e United Overseas Press.

OFICINAS GRÁFICAS E FOTOGRAVURA: Wilson Manso Pereira, gerente geral; assistentes técnicos: Delvaír H. dos Santos, João Tibúrcio Pessoa, José Fernandes Coelho, Juarez Drosghic e Oldemar Almeida.

PUBLICIDADE

BELO HORIZONTE: Oscar de Oliveira.
RIO: Ulisses de Castro Filho — Rua da Matriz, 108 — conj. 503 — Fone 26-1881.
SÃO PAULO: Newton Feitoza — Rua Boa Vista, 245 — 3º andar — Fone 33-1432.

ASSINATURAS

2 anos Cr\$ 500,00
1 ano 275,00
1 semestre 150,00

Esses preços valem para todo o continente americano, Portugal e Espanha. Para outros países: US\$ 3,00, para 2 anos; US\$ 2,00, para 1 ano; US\$ 1,00, para um semestre.

VENDA AVULSA

Em todo o Brasil Cr\$ 25,00
Número atrasado 30,00
Portugal e colônias Esc. 6,00

* * *

A redação não devolve originais de fotografias ou colaborações não solicitadas.

* * *

Os conceitos emitidos em artigos assinados não são de responsabilidade da direção da Revista.

LEITOR AMIGO

Aí está Dezembro, o derradeiro mês do ano, e com Dezembro o milagre que todo ano se renova.

Sofre-se de Janeiro a Novembro (e para nós brasileiros, como foi sofrido este ano!) mas Dezembro chega e — ó milagre — em todos os corações acendem-se as luzes de novas esperanças.

O Natal é eterno porque os séculos continuam a proclamar que entre os filhos dos homens nenhum nasceu maior do que Aquê. E sua mensagem ainda não foi ultrapassada.

Dai o milagre do Cristo. Dai o milagre de um natalício que não se comemora um dia apenas — festeja-se pelo mês inteiro.

Dezembro é o mês do Nazareno e, quando a gente pensa n'Ele, é no Amor que a gente pensa.

Quem ama confraterniza. Vamos, pois, nos confraternizar com as nossas esperanças e com as esperanças dos nossos.

Neste Natal de 1960, que hoje se inicia, glória mais uma vez a Deus nas alturas e paz na terra a Vocês todos, nossos leitores de boa vontade. Boa vontade para que saibamos sofrer quando não houver remédio, e boa vontade para nos revoltarmos sempre que fôr justo. Boa vontade para que aprendamos a nos amar uns aos outros, homens de todas as terras, de todas as raças, de todos os credos, de todos os regimes. Boa vontade, enfim, para que não percamos nunca a esperança de melhores dias, para nós, para o Brasil, para o Mundo.

Que o espírito do Natal nos ilumine e abençoe.

Feliz Natal, leitor amigo de ALTEROSA.

A Redação

SUMÁRIO

CAPA

DIANA BAKER, a estrelinha da 20th Century Fox, num "Kodachrome" especial para ALTEROSA.

CONTOS E NOVELAS

A Costureira	30
Boas Festas	42
O Sonho de Natal	46
O Presente do Anjinho	58
Guiados pela Estrela	62



DEUSES PELAS RUAS

MARIA LYSIA

ENTRAMOS num mundo de sonhos, de lendas, de beleza, algumas vezes de terror. Um Parnaso que se abre vivo, ofertando-nos poesia. Quase que podemos andar de mãos dadas no Olimpo. Se estendermos os braços, facilmente eles tocarão nas espumas que cercam Afrodite. Podemos mesmo, se quisermos, mergulhar nas ondas e sentir o contacto ainda quente dos despojos de Urano. E das gotas de sangue nos nossos corpos podem nascer deuses. Estamos maravilhados e aterrorizados. Os "ferreiros do raio divino" podem surgir sem que esperemos. Argeu cortando um céu azul, enquanto ninfas brincam com os nossos cabelos. E podemos fechar os olhos e descansar nos ombros largos de Géia. Entramos no mundo maravilhoso e aterrorizador dos deuses. Então se torna difícil sair dele. Se vamos por uma rua e um cachorrinho nos segue, a amiga pede silêncio, vê nele um símbolo. Poderá ser um deus ou, a qualquer instante, poderá transformar-se numa rocha, numa flor, num monstro ou dirá alguma coisa de muito

lindo que não ouvimos há muito tempo. E, no bar, os três sócios nada mais são que Hecatônquiros nos agarrando com os seus cem braços, esfolando as nossas bôlsas magras, magras. Na mercearia nos assaltam Ciclopes tremendos. Nas lojas, nos mercados, por todo lado, Titãs querem massacrar-nos. Harpias querem destruir-nos por completo. Mas queremos viver e então vemos também Nereidas brincando com as crianças, Eros numa dádiva eterna pelos portões e jardins. Apolos pelas ruas, Cresos ajudando a todos, Thalia nos chamando.

Éramos crianças e já nos contavam lendas. Mas só agora sabemos que nos podemos dar as mãos, ou que podemos destruir deuses ou mesmo criar alguns. Só agora sabemos que talvez já tenhamos acariciado deuses. Eles estão soltos pelas ruas...

★

E' bom sonhar. Esquece-se um pouco de mortos, de suas coisas, de luta, cansaço. A mitologia é lição de vida, ensina sonhar. E o sonho é necessário.

Noite Inesquecível (4º) 110

ARTIGOS E REPORTAGENS

Porcelanas do Século XX	18
A Ponte Celestial	22
Cães que Morrem Duas Vezes	34
Mineiro Cego Faz Aviões	38
O Eterno Natal	40
Guarapari Radioativa	50
Pampulha Ganha Museu	54
Água e Areia	66
Campeonato de Volley	72
Sophia Loren	81
A Polícia Civil em MG	90

Giotto, Gênio da Pintura	96
Agnes Ayres	98
Cicatrizes da Coragem	102
Quem Acertou ?	106

CRONISTAS

Maria Lysia	3
Milton Costa	8
Cosette de Alencar	152

SEÇÕES PERMANENTES

Cartas	4
A Voz do Brasil	6

Picadeiro	10
Aquarela	12
Fuga	24
Crianças	28
Fonte Viva	29
Poesia	94
Bazar Feminino — a partir da	122
Cinema — a partir da	130
Panorama — a partir da	138
Livros e Letras	146
Palavras Cruzadas	149
Teatrinho	150

Póx

resolve
os problemas
da lavagem
de sua roupa



CARTAS

Retificando

SEMPRE tive ALTEROSA como uma das melhores revistas que se publicam no Brasil. E agora, depois que passou a ser mensal, está ainda melhor. Aproveito o ensejo, para dizer que gostei imenso da reportagem do sr. André F. de Carvalho, acerca da Capital portenha. Oxalá que o sr. André nos dê novas impressões de viagens sobre outros lugares, na-

quele estilo gostoso que só ele o possui.

Aconselho-o, porém, a não escrever com sono, para não dar cochilos, como aquele que o fez transportar a Catedral de São Marcos, "con tutti i suoi colombi", de Veneza para Roma...

MANUEL RAPOSO
NAZARÉ DA MATA — SP

Notícias de Colaborações

EM mãos o número de novembro de ALTEROSA, que, por sinal, apresenta-se cada vez mais completa. Envio à sua direção e à equipe os meus sinceros e auspiciosos cumprimentos.

Em relação aos despretensiosos trabalhos que tenho enviado regularmente em nome dos srs. diretores, para serem julgados no Con-

curso Minas-Brasil, ainda não tive notícias. Os trabalhos remetidos foram: "Saudosa Infância" (conto); "Minha Terra", "Saudades", etc. (poesias); "A Boneca" (conto); "Resignação" (crônica). Ficaria satisfeita em saber notícias a respeito.

SONIA MORAES GODOY VIEIRA DE
CAMPOS — SÃO PAULO — SP

• O prazer é também nosso, Sônia. E lamentamos a demora, devida a fatos alheios à nossa vontade. Quanto aos trabalhos, levamos a seu conhecimento que, de acordo com a praxe, os que levantam prêmio vão sempre mencionados em espaço especialmente reservado em nossas edições. Aproveitamos o ensejo para agradecer as palavras elogiosas de congratulações, e os cumprimentos.

Publicação de Conto

FIQUEI muito satisfeito com a publicação de meu conto "Pernas de Pau Versus Muletas",

no último número dessa conceituada revista.

NEGE ALEM
CARATINGA — MG

• E nós também, Nege, pois temos satisfação em premiar os trabalhos realmente bons. Continui assim.

Cataratas do Iguaçu

MAGNIFICA a reportagem, "As Cataratas do Iguaçu", publicada em ALTEROSA de outubro p. passado. Transmitimos-lhes os nossos parabéns, não apenas pelo trabalho em si, como pela idéia da realização, que traduz o aprêço pelas coisas do Brasil e pela defesa do direito de todos os brasileiros, pobres ou ricos, de se beneficiarem com os deslumbrantes espetáculos que a nossa natureza oferece. Quanto à insuficiência de hóspedes no HOTEL DAS CATARATAS, anotada em suas observações, deve-se muito menos à real demanda existente, do que às precárias condições em que se proces-

sa até agora o transporte dos numerosos grupos de turistas nacionais ou estrangeiros, que para lá se encaminham. As dificuldades e os prejuízos que derivam de tal situação, bastam para dar idéia dos problemas que se devem contornar, para manter um fluxo, tanto quanto possível, permanente de turistas que demandam ao Hotel que administramos. Fácil se torna a V. Sa. deduzir disso como se diluem, onerosa e lamentavelmente, por força de circunstâncias que fogem ao nosso controle, os efeitos de toda a publicidade custosa e continuada que temos feito, não apenas do Hotel das Cataratas, mas

O BANHO DE BELEZA DA SUA ROUPA
LAVAR SEM TRABALHAR
CONSERVA A ROUPA
NÃO CONTÉM CLORO
ALVEJA ATE NA SOMBRA
REAVIVA AS CORES
LEVA O SOL DENTRO DO PACOTE
PARA TECIDOS FINOS
PARA FRAÍDAS DE BEBÊS
PARA ROUPAS DE LÃ
PARA LINGERIE FINA
ENGOMAGEM MACIA
UMA APLICAÇÃO DURA VÁRIAS LAVAGENS
ALVEJA AO NATURAL
ABSOLUTAMENTE INOFENSIVO
EFEITO ACUMULATIVO
POX JÁ CONTÉM POXYL

Produtos da:
COMP. QUÍMICA "DUAS ANCORAS"
CAIXA POSTAL 2143 - SÃO PAULO

também das belezas extraordinárias das quedas do Iguassu.

ARMANDO SANDER
DIRETOR-GERENTE DA REALTUR
S.A. — FOZ DO IGUAÇU — PR

Data de Visita

N O número 334 de sua revista, li um artigo sobre as Cataratas do Iguassu e seu "Hotel das Cataratas". Na reportagem se menciona um gerente russo que trata mal os visitantes. Como também sou estrangeiro e ex-funcionário deste Hotel, peço a V. Sa. comunicar-me, com a maior brevidade a data desta visita do sr. Evaldo Alves D'Assunção.

SLOMAD NIEDERBERGEN
FOZ DO IGUAÇU — PR

• A viagem empreendida pelo sr. Evaldo Assunção à Foz do Iguassu verificou-se no mês de julho do corrente ano. O repórter esteve no Hotel das Cataratas precisamente no dia 29 daquele mês.

Sobre Transportes

D ESEJAVA muito visitar as famosas cidades históricas de Minas, e tomo a liberdade de perguntar aos senhores se as principais delas contam com serviços regulares de ônibus, que possibilitem uma excursão proveitosa em curto prazo.

FERNANDO SERBI
CRATO — CE

• A maioria das cidades mineiras é servida por linhas de ônibus, e no caso particular das cidades-monumento (Ouro Preto, Sabará, Tiradentes, etc.) existem horários especiais destinados a favorecer o visitante. Isto, sem falarmos nas empresas de Turismo, que programam excursões em veículos especiais. Pode vir sem susto, Fernando, porque estamos certos de que não se arrependerá.

Nome de Cidade

G OSTARIA que os srs. me fornecessem o antigo nome da cidade mineira de Almenara, e se essa revista já focalizou-a em alguma reportagem.

EVANDRO T. DA FONSECA
BLUMENAU — SC

• A cidade de Almenara, localizada no Nordeste do Estado de Minas Gerais e uma das melhores daquela região, chamava-se antigamente Vigia, tendo seu nome sido mudado para o atual, que traz também uma significação semelhante. Já tem sido superficialmente abordada por ALTEROSA, o que não impede que em futuro próximo o seja mais detidamente.

O presente ideal para uma dona de casa!



Cativantes em todos os sentidos, fazendo exultar de satisfação quem as recebe, eis no que consistem as

COMPOSIÇÕES

FULGOR
Luxo
SOLDA ELETRÔNICA

As peças que as integram, de notável beleza de linhas, são de puro alumínio polido, tendo os cabos e azas de baquelite preto-ébano firmemente fixados a solda eletrônica, tampas anodizadas em azul metálico.

Composições de
14, 7, 5, 4 e 3
peças.



ALUMINIO FULGOR S.A.

CAIXA POSTAL 4238 — SÃO PAULO

A
FELICIDADE
ESTÁ
À SUA
ESPERA
TODAS AS
SEXTAS-
FEIRAS

2
milhões

LOTARIA
DO ESTADO
DE MINAS GERAIS

a nossa loteria

A Voz
do Brasil

Compilação de Afrânio Cardoso

• O Brasil é uma Nação. Nem todos os grandes países podem assim proclamar-se. Há países poderosos constituídos apenas por grupos econômicos, trustes, «holdings», companhias, que se transformaram nos órgãos pensantes da Nação. Daí as dificuldades desses países; aliás poucos, para poderem exprimir-se em termos de política de longo alcance. Têm sempre negócios e não «desiderata» nacionais. O Brasil, não. Lento, errado, às vezes, o nosso caminhar tem sido sempre ditado por nosso instinto próprio. Mas tem havido — e há — perigo de a anti-Nação, como eu salientava há 30 anos, tomar o lugar da Nação e nos dirigir contra os nossos próprios interesses.

Emb. Gilberto Amado
MINAS EM FOCO — BELO HORIZONTE

• O sr. Jânio Quadros declarou que não anunciará o seu Ministério tão cedo. Talvez o faça somente na segunda quinzena de janeiro, poucos dias antes da posse. Cômico para o presidente eleito, mas angustiante demais para os que estão na «boca de espera», com muita vocação para ministro e outros altos desempenhos...

José Clemente
ESTADO DE MINAS — BELO HORIZONTE

• Antigamente, não havia «play-boy», porque as chinelas maternas não davam tempo. As mães da minha infância aplicavam, com arte requintada, coques na cabeça da gente, beliscões a todo instante, e o resultado foi que podia surgir na sociedade muito sujeito tímido, que corava à toa, mas, atrevido, metido a sebo, isso nunca! Eis a razão por que eu acho que, em praça pública, deveria ser erigida uma estátua a esse instrumento obsoleto que é a chinela materna, toda enfeitada em seu pedestal por chicotes em curvas graciosas e por varinhas de marmelo bem flexíveis.

Ruy Menezes
CORREIO DE BARRETOS — SP

• O ódio é sempre mau conselheiro. O professor Gudín, por mais surpreendente que isto pareça, achase tomado pelo ódio. Uma espécie de delírio — o delírio de ser o único a saber as coisas — conduz agora Gudín. Só ele é capaz de distinguir de onde partiu o canto do galo. Pela localização desse canto, Gudín — exclusivamente Gudín — sabe a cor, o tamanho, a forma da crista do bicho. O que me assusta é o perigo que Gudín passou a representar psicologicamente, é a sua colaboração na luta pela formação de um fundo de desânimo e de medo neste País. Felizmente o novo Brasil aí está, bem vivo e tornando-se, por entre contorsões e dificuldades, um verdadeiro grande país. Que Gudín se recuse a contemplar a realidade, isto nada tem a ver com o que existe e acontece nesta pátria.

Augusto Frederico Schmidt
O GLOBO — RIO — GB

• Em 1955 realizaram-se 14.808 casamentos no Rio. Já em 1958 o número de casórios diminuía consideravelmente; apenas 10.847. O ano passado, somente 8.879 valentes tiveram coragem de amar-

rar-se, e ao que tudo indica, este ano, as cifras continuarão baixando. A crise é grande e o remédio é ficar no «cada um por si e Deus por todos».

J. J. & J.
CORREIO DA MANHÃ — RIO — GB

• Chegam a ser ridículos os argumentos apresentados pelos anti-mudancistas que permanecem em Brasília com os olhos voltados para as praias cariocas. Os parlamentares sérios, que encaram em primeiro lugar os interesses nacionais, não admitem qualquer retrocesso no esforço para transformar Brasília na Capital definitiva do país. Há uma fórmula excelente para os inconformados que teimam em regressar ao Rio de Janeiro: a renúncia ao mandato.

JORNAL DO BRASIL — RIO — GB

• Se a humanidade não tivesse piorado tanto, não falaríamos agora em «relações públicas», expressão correspondente a «boas maneiras». Ficamos tão mal educados, ou tão evoluídos, que a polidez passou a ser uma ciência. Nos nossos bons tempos, anteriores a tanto progresso industrial, a cordialidade era instintiva e banal.

Jair Silva
ESTADO DE MINAS — BELO HORIZONTE

• Não se justifica que, a esta altura dos acontecimentos, ainda haja alguém neste País que defenda o retorno do Governo Federal ao Rio de Janeiro. Os prejuízos que essa antipatriótica e condenável medida ocasionaria, não apenas a particulares, mas, especialmente, ao Estado, seriam incalculáveis. E' por isso que Brasília, que significa todo um movimento da civilização para o Planalto, que representa uma rede de estradas e também a possibilidade da quebra de velhas estruturas sociais e econômicas do interior e o aparecimento de outras, não pode parar. Brasília pode ser perigo, milagre, ou mito, mas é tão irreversível quanto o País que a criou.

TRIBUNA DE PARACATU — MG

• Toda mãe acaba a vida inteiramente enfeitada de virtudes, recamada de jóias, brilhante de enfeites morais. E' a moda das mães, é seu modo de se mostrarem aos olhos do mundo, deste mundo que perde a fé nas realidades invisíveis.

Pe. Castano de Vasconcelos
O GLOBO — RIO — GB

• No momento em que o Chefe da Nação deu por inaugurado o Museu do Catete, o velho Palácio das Águias passou definitivamente à História. E os presentes começaram a percorrer um tanto comovidos, as dependências que encerram recordações felizes e trágicas, e também segredos eternos. À vista do quarto onde Getúlio se matou houve quem enxugas-se uma lágrima. Em nenhuma outra circunstância o lugar-comum se tolera melhor: quanta revelação não teríamos para a «petite Histoire», se as austeras paredes do Catete falassem!

JORNAL DO BRASIL — RIO — GB

• O negócio do truste americano Hanna Co., nas bases que se tornaram conhecidas, era de estilo perfeitamente colonial; ia-se o minério, vinham os dólares e depois se ia a maior parte deste como lucro da empresa internacional. Ficaríamos apenas com os buracos, ou pouco mais.

Rubem Braga
O GLOBO — RIO — GB

— AGORA COM
HASTE DUPLA!



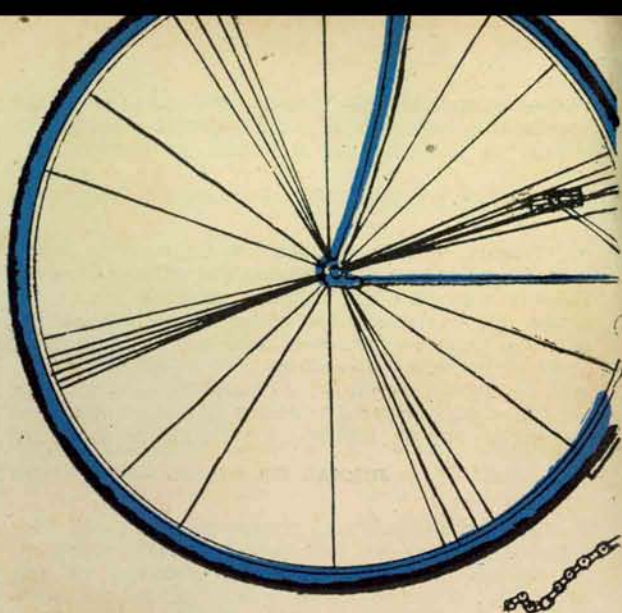
- uma só escôva — rendimento superior — maior superfície de polimento que nas enceradeiras comuns com 3 escôvas!
- faz todas as operações — raspa, espalha a cera, encera, lustra e dá brilho — sem troca de escôvas!
- controle centralizado — facilita o manejo!

* pode ser equipada com espalhador de cera eletro-automático.

— A marca diz tudo!



A PLEBÉIA DO TRÂNSITO



SEMPRE que a encontro pela manhã, encostada à parede, cuido descobrir-lhe uma expressão de tristeza no guião descaído. Examino-lhe os pneus, ponho as presilhas e saio. O selim, agora tão velho e apodrecido pelas chuvas e pelos sóis, faz-me pensar, amiúde, em um sapo amassado. Não há manápu-las. A catraca estala, na corrente, entre as conexões substituídas e os elos gastos. O eixo da frente geme nas esferas. Está velha, muito velha, a minha bicicleta.

Quando a comprei, contudo, não sabia que iria servir-me tanto. De madrugada, durante o dia ou à noite, ela está sempre à minha espera, ora semi-tombada numa sarjeta, ora apoiada num poste. Gemendo e estalando, subindo ou descendo, leva-me, paciente, pelas artérias movimentadas.

Sempre tive pena dela, como tenho pena dos pobres. Na interminável hierarquia dos veículos, uma bicicleta representa a classe menos favorecida. É a plebéia do trânsito. Tem que ir constantemente junto aos meios-fios, como quem pede esmolas nas portas das casas. É perigoso dar uma guinada à esquerda; o cadilque luxuoso que vem atrás não a respeita e não a vê. Precisa vigiar duplamente os transeuntes, que lhe passam à frente sem receio, pois ela é pequena e leve — alguns canos, duas rodas, um selim. Várias vezes, num só quarteirão, tem que deter sua marcha, aqui para evitar a criança que atravessa calmamente a rua, ali para não ser esmagada na sarjeta pelo Mercedes Benz que lhe fecha a dianteira sem cerimônia, acolá para não ferir o cão que a persegue latindo e mordendo-lhe os pedais.

Minha bicicleta, agora, tem bio-

grafia e experiência. Pode contar muitas histórias às bicicletas neófitas que andam aëreamente pelas ruas, como baratas tontas, como meninos pobres que não temem os ricos, menosprezando os grandes ônibus e os enormes caminhões, confiando mais nos freios alheios do que na sua própria perícia.

Fala-se, no entanto, em regras de trânsito. Mão e contra-mão. Preferenciais. Sinais semafóricos. Pura ingenuidade: uma bicicleta pode ir pela direita, que mesmo assim estará sempre contra a mão. Não há, para ela, vias preferenciais. E, conquanto os semáforos indiquem verde ou amarelo, ela pode continuar esperando que os carros passem primeiro, pois a sua cor é sempre de perigo, vermelha, vermelha, bem vermelha. As bicicletas novatas obedecem aos sinais luminosos das esquinas, mas a minha é velha e já sabe «não distinguir» as cores; é a prudência daltônica peculiar às bicicletas anciãs.

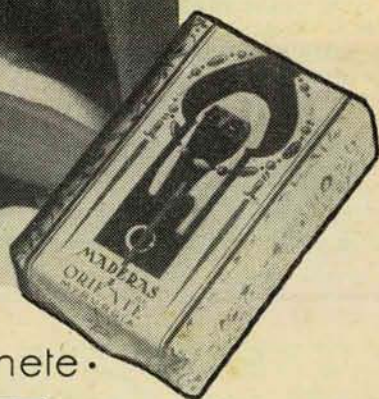
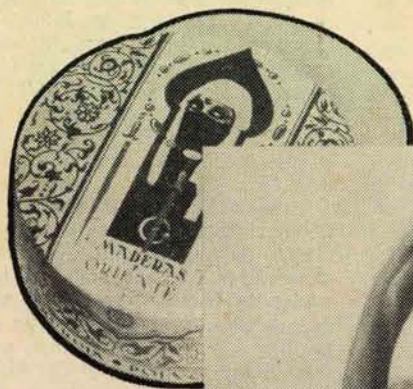
Muitas vezes, muitas vezes mesmo, a plebéia percebe que o FNM vem contra a mão, vem em cima dela, vai parar à porta de algum armazém para descarregar, pois de fato é muito trabalhoso, para um caminhão tão grande, fazer um «balão» na esquina próxima. Não há, então, saída para ela, senão a calçada. Ir para a frente, para o suicídio? Desviar para a esquerda? Parar? Pode bem ser que venha, atrás dela, no momento, um coletivo monstruoso. Escondida pelo FNM, prestes a surgir, é capaz de estar uma «perua» traçoira. Neste interm, enquanto a bicicleta se debate em dúvidas, o motorista do FNM, refestelado na boléia, sossegado como um animal bem ali-

mentado, livre de riscos e incertezas, contempla o mundo com otimismo e pachorra, como um burguês fazendo a sesta na varanda envidraçada de sua casa.

Minha bicicleta sabe que tem que se acautelar contra tudo e contra todos. Ninguém a acata. Ninguém lhe foge. Pesados veículos e fogosos semoventes passar-lhe-iam em cima se ela não saísse da frente. As motocicletas lançam-lhe insultos e ameaças no ronco dos motores. Lambretas sussurram presunções. Tudo e todos parecem querer seu fim. Um buraco na rua pode quebrar-lhe raios ou entortar-lhe um aro. Se, para seu dono conversar com alguém, ela está na calçada, os guardas a enxotam, furibundos, alegando que ela atrapalha os pedestres. Na rua, perturba o trânsito, a velocidade dos esganados de riqueza ou dos «play-boys», a pressa das ambulâncias e da rádio-patrolha. Por que, afinal, inventaram as bicicletas?

Apesar de tudo, gosto de minha bicicleta. Velha e frágil, gemendo ou estalando, é um veículo individual e me permite, não obstante todos os impecilhos, estar comigo mesmo, sozinho com as minhas saudades e as minhas esperanças. Posso estar sozinho, sim, que ninguém quer ir sentado no cano, quase todos têm medo de cair de costas na rua...

Na grande árvore genealógica dos veículos, entre os automóveis de alta linhagem e os carros de anilina nobreza e linhas aerodinâmicas, a bicicleta é a plebéia, a plebéia do trânsito. Há, para ela, luzes vermelhas em todos os cantos, mas subsiste, conduzindo os operários ou os escolares, como uma engrenagem indispensável do progresso.



•Pó de arroz•e•Sabonete•

MADERAS
DE ORIENTE

Um conjunto raro e maravilhoso

MYRURGIA



MAGALHÃES PINTO
"É tempo de mudar".

PICADEIRO

É TEMPO DE MUDAR

MUITO se tem debatido, desde que os resultados das urnas começaram a apontar os escolhidos pela soberania po-

pular, sobre as causas que teriam determinado o anátema que caiu sobre os candidatos da situação. A espetacular vitória de Jânio Qua-

dro, com uma maioria de votos que empaneceu até mesmo as memoráveis consagrações eleitorais de Vargas, a vitória de Magalhães Pinto, com maioria absoluta sobre os votos apurados em Minas Gerais, assim como a consagração dos candidatos oposicionistas em quase todos os Estados onde se feriram pleitos governamentais, tudo isso tem sido analisado, estudado, dissecado, em busca de um sentido que está entrando pelos olhos de todos, dispensando completamente tantas declarações, tantas enquetes e tantos pronunciamentos. Qualquer observador do panorama político e social do Brasil, por menos atilado que seja, há muito já vinha sentindo o que temos registrado constantemente nesta seção de ALTEROSA, e que constituiu o "slogan" da propaganda da candidatura Magalhães Pinto: — é tempo de mudar!

Premido pela mais alucinante inflação que já corroeu o organismo econômico nacional, o povo brasileiro vem sofrendo na própria carne as suas consequências: o aviltamento galopante do poder aqui-

NOTÍCIAS de Brasília apontam um novo movimento, que está sendo conduzido pelos deputados Abelardo Jurema, líder da maioria, e Humberto Lucena, ambos da Paraíba e adversários políticos de Jânio Quadros, no sentido de apresentar em plenário a emenda constitucional do sr. Raul Pila através do substitutivo da lavra do falecido deputado Pimenta da Veiga, no sentido de estabelecer o regime parlamentarista em nos-

so País. A única modificação que seria introduzida no mencionado substitutivo seria esta: a data, fixada pelo seu autor, para a vigência da emenda constitucional, seria a de 1º de fevereiro de 1966, não alcançando, portanto, o período presidencial que será exercido pelo sr. Jânio Quadros (na época, provavelmente, o seu autor esperava a vitória do marechal Lott).

A propósito, convém lembrar que

PARLAMENTARISMO DE OCASIÃO

REGISTRO

• Alguns comentaristas políticos, insatisfeitos com o pronunciamento das urnas de 3 de outubro, andam sofismando de modo ridículo a realidade política brasileira quando afirmam não ser possível a Jânio Quadros, na área federal, e a Magalhães Pinto, na área estadual, governar sem maioria parlamentar. Lembraremos a esses colegas o exemplo dos Estados Unidos, onde o Partido Democrata controla a maioria absoluta do Congresso, o que não impede que Ike exerça, com plena soberania, a chefia executiva da grande Nação presidencialista do Norte.

• Em Minas, ao que tudo indica, o sr. Magalhães Pinto governará com maioria parlamentar. Em sua recente reunião, o Diretório Estadual republicano, por unanimidade, decidiu acatar a vontade do eleitorado, decisivamente manifestada nas urnas, concedendo um voto de confiança ao governador eleito. Isto significa que o partido presidido pelo sr. Bernardes Filho não formará no bloco oposicionista (PSD-PTB), no qual,

aliás, encontram-se também deputados francamente contrários a uma oposição sistemática. Somando-se as bancadas da UDN, PR e pequenos partidos que formarão na situação, poderá o governador Magalhães Pinto dispor de maioria parlamentar, sem quebra — é importante salientar — de seus princípios contrários a qualquer barganha com os cargos públicos.

• Os funcionários do Banco Nacional de Minas Gerais, instituição fundada e presidida pelo sr. Magalhães Pinto, estão se quotizando para oferecer ao governador eleito uma caneta de ouro com a qual ele deverá assinar o ato de posse no Palácio da Liberdade, em 31 de janeiro vindouro.

• A bancada udenista revelou, em recentes debates na Assembléia, que a dívida flutuante de Minas Gerais eleva-se agora a mais de 18 bilhões de cruzeiros.

• A Comissão de Finanças da Assembléia Legislativa aprovou a concessão de um auxílio de 25 milhões de cruzeiros, solicitado pelo governador Bias Fortes, para construção da sede da Associação Mineira de Imprensa.

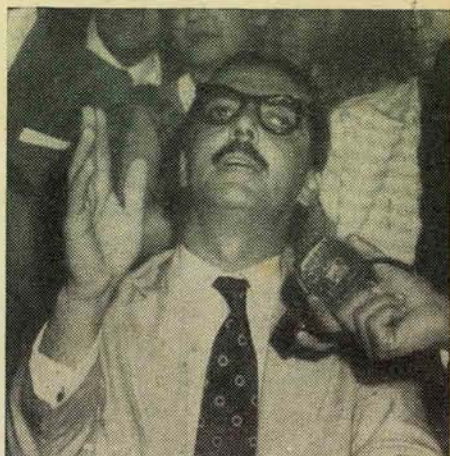
sitivo da moeda, tanto nos mercados internos como no externo; o escandaloso empreguismo eleito-reiro, que se transformou em voraz sorvedouro dos recursos arrancados à economia dos que produzem e trabalham para sustentar a máquina estatal; a espantosa facilidade com que se dispõe desses mesmos recursos para custear o oneroso turismo oficial, a fim de premiar amizades e dedicações. E tudo o mais que o povo está cansado de saber e que está contribuindo — como já dizia Getúlio Vargas — para que “o pobre fique cada vez mais pobre, e o rico cada vez mais rico”.

Na verdade, nunca se emitiu tanto neste País, enquanto que, paralelamente, nunca se viu tanta miséria e tanto sofrimento, tanta carestia e tantas dificuldades de vida. A classe média praticamente desapareceu, escondida dentro do que se convencionou chamar “a pobreza envergonhada”, enquanto que os trabalhadores mais humildes, que ainda conseguiam equili-

brar seus orçamentos mercê de hábitos mais modestos de vestuário e habitação, nem mesmo estes, com o aceleração do processo inflacionário, conseguem mais viver com um mínimo de decência, com os seus proventos valendo cada vez menos dentro do ciclo vicioso que se estabeleceu na corrida entre salários e preços.

Aqui mesmo, em nossa Minas, o povo está vendo o Governo Estadual erguer Palácios de Turismo e de Esportes, enquanto as escolas e as cadeias estão caindo aos pedaços, enquanto centenas de milhares de crianças não encontram lugar para a sua alfabetização, enquanto os doentes morrem debaixo dos viadutos e pontes porque não encontram um travesseiro onde exalar o último suspiro.

Poderíamos ir longe, neste desfile de tristezas que levaram o povo a votar do modo porque o fez. E isto já vinha sendo por nós previsto e anunciado sucessivamente, há mais de um ano. “E’ tempo de mudar”, dizia o sr. Magalhães Pinto.



JÂNIO QUADROS
Esperança do povo em dias melhores.

E há que mudar mesmo, pois do contrário as urnas proclamarão novo anátema nos pleitos vindouros.

essa emenda parlamentarista nunca esteve tão fortemente apoiada na Câmara dos Deputados, como quando se deu posse ao presidente Juscelino Kubitschek. E foi o próprio Marechal Lott, então Ministro da Guerra, com suas reiteradas declarações aos jornais, que promoveu o enterro da emenda Pila, agora ressuscitada com objetivos imediatistas e de interesse puramente partidário.

RESULTADOS OFICIAIS

O TRIBUNAL Regional Eleitoral anunciou os seguintes resultados (oficiais) da apuração do último pleito em Minas, com os seguintes algarismos:

Para Presidente da República: Jânio 691.865; Lott 678.321; Ade-

mar 183.574. Para Vice-Presidente: Milton Campos 667.428; João Goulart 658.694; Ferrari 132.188. Para Governador: Magalhães Pinto 760.271; Tancredo Neves 678.885; Ribeiro Pena 59.604.

(Conclui na pág. 116)

• O doutorando goiano Mário Lúcio de Oliveira Nunes, de regresso de sua viagem a Cuba, onde foi levar pessoalmente o convite de sua turma, a Fidel Castro, para paraninfá-la, declarou em Belo Horizonte que o chefe do governo cubano prometeu comparecer pessoalmente à solenidade. Acrescentou que Fidel Castro chegará ao Brasil no dia 14 de dezembro, véspera da formatura dos doutorandos em Goiânia, concluindo: “Vi e senti a revolução castrista e trouxe uma pastoral do Bispo de Havana, D. Evelio Diaz, na qual ele faz o elogio da Revolução e da Reforma Agrária cubana”.

• Traduzindo os sentimentos cristãos que o animam, Jânio Quadros mandou fechar todas as rinhas onde se desenvolviam, em São Paulo, o chamado “esporte” das brigas de galo. A consciência bem formada da Nação alimenta agora justificadas esperanças de que o novo Presidente da República estenda a sua ação enérgica contra essa brutalidade, mandando fechar todas as rinhas que ainda funcionam no País, em bem dos foros de civilização cristã que constituem o apanágio de nossa gente.

• Amigos e correligionários do sr. Magalhães Pinto, mandaram confeccionar o seu diploma de Governador de Minas Gerais pelo conhecido artista Julius Kankal, em pergaminho, num trabalho de alta classe artística, que muito valorizou a cerimônia da diplomação pelo TRE, em novembro findo.



BERNARDES FILHO
Conduz o PR a uma colaboração patriótica com Magalhães.



APERFEIÇOAMENTO FEMININO
Professores e alunas integrantes do curso.

CURSO DE ELEGÂNCIA NO AUTOMÓVEL CLUBE

A CONVITE do "Curso de Aperfeiçoamento Feminino", que está sendo ministrado no Automóvel Clube de Belo Horizonte pela professora de elegância, Angelique, chegou há pouco a esta Capital o conhecido cabelereiro carioca Valdir Monteiro. Esse profissional fez vários cursos de aperfeiçoamento em França e Alemanha, tendo freqüentado neste país a famosa escola para cabeleiros "Wells".

A finalidade do convite feito ao cabelereiro Valdir é a de dar cumprimento ao programa que vem o "Curso de Aperfeiçoamento Feminino" desenvolvendo com grande sucesso. Foram efetuados traba-

lhos de corte e penteados de acôrdo com os traços fisionômicos de cada aluna. Contou também o curso com a gentil colaboração do famoso cabelereiro desta Capital, Inácio Ribeiro, o qual, num gesto muito simpático, ofereceu ao colega carioca o seu salão; ambos realizaram verdadeiras obras de arte, demonstrando seus conhecimentos técnicos e artísticos em matéria de penteados. O interessante é que, embora tenham eles cursado escolas diferentes, Valdir a escola européia e Inácio a americana, a linha apresentada foi a mesma, isto é, cabelos muito curtos.

Os produtos usados foram ofertados pela firma "Wella".

VINHETAS

* O Prêmio Moinho Santista (um milhão de cruzeiros) foi entregue ao prof. Carlos Chagas Filho (biologia e fisiologia), em reconhecimento à sua obra de pesquisador, com repercussão internacional. O

laureado é filho do grande e saudoso cientista mineiro, prof. Carlos Chagas, o descobridor do «barbeiro» como causa da moléstia que, por isso mesmo, recebeu o nome de «moléstia de Chagas».

* Quanto somos? E' o que o recenseamento geral do país, ora em curso, vai dizer. Somos 65 milhões, de acôrdo com as estimativas, ou ainda mais? No início deste século éramos 17 milhões. Em 1920 já atingíamos os 30 milhões. Em 1940 ultrapassáramos os 40 milhões e em 1950 transpusemos a casa dos 50 milhões, chegando quase a 52 milhões. Isso quer dizer que no espaço

de apenas 50 anos a população brasileira apresentou um crescimento absoluto da ordem de 35 milhões de habitantes, triplicando os seus efetivos.

* Realiza-se presentemente em Montevideu, no Uruguai, o Primeiro Congresso Internacional de Logosofia, que tem como primeiro objetivo: «Reunir, por se haver celebrado o trigésimo aniversário da Fundação Logosófica, seus mais expressivos representantes do país e do estrangeiro, a fim de planejar a ação futura do movimento de superação humana que o pensamento logosófico anima».

AQUARELA

1º SALÃO UNIVERSAL DOS HUMORISTAS

O CARICATURISTA Segismundo Pinto Martins está organizando no Rio de Janeiro uma exposição de trabalhos de colegas seus famosos, que a esta hora já habitam as Terras do Além. O risonho 1º Salão Universal dos Humoristas, cujo lema é o risonho "ridendo castigat mores", de Juvenal, destina-se a homenagear, na palma de ouro da saudade, os caricaturistas mortos, bem assim, todos os poetas, estadistas ou sábios, daqui e d'além mar, que sendo verdadeiros artistas plásticos, fizeram a caricatura como simples diletantes. Assim, serão também homenageados os artistas do lápis que se distinguiram em outros setores. Acham-se na lista: Barão do Rio Branco, Raul, J. Carlos, Kalisto, Daumier, Hugo, Madrugá, Paulo Emilio Martins Bastos, Angelo Bigi, Nestor Cortez, Queiroz, Belmonte, Seth, Madeira de Freitas, Raul Cardoso, Nautílio



"A ESCADA DE JACOB"
De Segismundo Martins.

Aguiar, Julio Fileto, Chrispim do Amaral, Amaro do Amaral, Angelo Agostinho, Rafael Bordalo, Romano, Julião Machado, etc.

O consagrado artista Hélio Selinger lembrou então o nome do ilustrado Luís Peixoto para ser o presidente desse Salão de Humoristas. E para maior sucesso, o grande Oswaldo Teixeira não tem medido esforços: como diretor do Museu, onde será realizada a mostra, tem tomado diversas providências, todas destinadas a conferir-lhe maior brilhantismo.

Convém ser lembrada, a propósito do assunto, a quadra do inesquecível Raul:

"Caricatura adorada,
A tilintar como um guizo,
Nasceu de uma gargalhada
No ninho quente do riso".

O homem é o único animal que ri. O riso é saúde e vida. O "Salão dos Humoristas Internacionais" é uma gargalhada universal.



EMBAIXADA DO BRASIL EM MADRI
Aspecto da solenidade de entrega.

GANHADOR DO PRÊMIO BRASÍLIA

EM solenidade realizada há pouco na Embaixada do Brasil, teve lugar a entrega do «Prêmio Brasília», instituído pelo Escritório de Propaganda e Expansão Comercial do Brasil em Madri. O prêmio se destinava ao autor da melhor reportagem que sobre a nova Capital se publicasse em jornais espanhóis. Mais de 500 periodistas participaram do magno certame, muitos deles figuras ilustres das letras espanholas. O prêmio constou de uma viagem ao Brasil, pela Panair, e 10 mil pesetas. A comissão julgadora foi integrada pelos srs. Blas Pinhar, diretor do Instituto de Literatura Hispânica; Fernando Chueca, diretor do Museu de Arte Contemporânea; Manuel Fuentes Irurozqui, diretor geral de Feiras e Exposições, que após ingente trabalho de examinar todos os artigos e reportagens apresentados, decidiu unanimemente conceder o primeiro prêmio ao escritor e jornalista Manuel Augusto García Vinholas.

Os notáveis trabalhos publicados por Vinholas no diário «Arriba» e que mereceram o galardão brasileiro, refletem nitidamente o espírito de um espanhol que viveu alguns anos no Brasil e que conhece e ama nossa terra.

Em vista do alto nível do certame jornalístico, decidiu o jornalista Sérvulo Coimbra Tavares, chefe de nosso escritório na Espanha, conceder mais três prêmios de 5 mil e 2.500 pesetas a Javier Padilha (do vespertino «Madrid»), J. B. Sierra (da revista «Blanco y Negro») e J. Ramirez de Lucas (de «El Espanhol»). Em ato solene, realizado nos salões da Embaixada do Brasil, falou o Ministro Câmara Cantó, atual encarregado de negócios de nossa Missão Diplomática; Dom Ramon Menendez Pidal, notável historiador e presidente da Real Academia Espanhola da Língua, que em nome do Escritório do Brasil, entregou os prêmios aos vencedores.

* Acaba de ser fundado por alunos da Escola Técnica de Comércio da A. E. C. de Belo Horizonte, um grêmio cultural que se denomina «IDIOMAS CLUBE», cuja finalidade é o aprimoramento das línguas mais usadas, através do intercâmbio epistolar com estudantes de outros países, representação teatral, «linguafron» e outros meios auxiliares que sirvam para dar cumprimento ao seu programa.

* A indústria automobilística do Brasil está agora produzindo cerca de quatro vezes mais veículos do que produzia há apenas três anos.

Em 1957, as fábricas de veículos automotores instaladas em nosso país fabricaram, em média, por mês, 2.558 unidades; em 1958, a média mensal elevou-se a 5.094 unidades; em 1959, o número cresceu para 8.020 unidades. E no corrente ano, de acordo com os dados brutos fornecidos pelo GEIA e divulgados pelo BNDE, a média mensal do primeiro semestre já estava na ordem de 9.300 veículos automotores.

* Há algum tempo noticiou a imprensa de Belo Horizonte que os menores José Antônio da Silva, de 15 anos, e José Maria Batista da

Silva, de 14, haviam fugido da Escola «Antônio Carlos» de Lima Duarte, tendo os dois alegado às autoridades policiais que seu procedimento se devia aos maus tratos ali recebidos, partidos dos guardas Antônio Miguel, Antônio Lourenço e Luiz Galileu. Posteriormente, prestando declarações, o diretor daquela Instituição para menores delinquentes, afirmou que a causa das fugas frequentes se devem às condições da escola, que tendo capacidade para 400, abriga nada menos de 750 internados. Com as inovações que pretende introduzir, alegou o sr. Gerson de Castro que irá melhorar o estabelecimento.



"QUARTO DE DESPEJO"
Conduziu Carolina da favela à fama.

AQUARELA

CAROLINA AUTOGRAFA

CAROLINA Maria de Jesus, escritora favelada, autora do livro "Quarto de Despejo", esteve, no dia 24 de setembro, em Bauru para uma tarde de autó-

grafos. Em sua companhia, foi aquela cidade paulista Audálio Dantas, repórter descobridor de Carolina, mineira de Sacramento, na favela do Canindé, em São Paulo. A ida da nova escritora a Bauru originou-se de um convite que lhe fez o poeta Nidoval Reis, diretor do programa "No Mundo dos Livros", da Rádio Auri-Verde daquela cidade e que agora funciona como "relações públicas" da Livraria Comercial junto aos escritores de todo o país. Na fotografia aparece Carolina Maria de Jesus autografando livros, e ainda, da esquerda para a direita: Luís Falanga, diretor do Canal 2 de Bauru, Audálio Dantas, Nidoval Reis e o prof. Carlos Peixoto. Foi esta a primeira vez que Carolina Maria de Jesus viajou de avião. "Pelos céus as estradas são mais suaves", disse a escritora.

MARIANA COM NOVA MISS ELEGANTE

A HISTÓRICA cidade de Mariana viveu mais uma de suas memoráveis noites de elegância e beleza, ao eleger, recentemente, pela segunda vez, a sua «Miss Elegante». A eleição se deu em bonita festa realizada nos salões de um de seus mais tradicionais clubes, o «Marianense F. C.», entidade que vem realizando anualmente esta festa em benefício de educandários locais.

ALTEROSA, atendendo a um convite feito à sua reportagem em Ouro Preto, compareceu à festa, tendo tido ocasião de observar o progresso assinalado pelo clube, que teve seus salões inteiramente remodelados. Pôde também anotar a presença da fina flor do «society» de Mariana, que assistiu ao desfile das doze bonitas jovens: Janete Carneiro, Yolanda Pontes, Lenir de Souza Lima, Edilene Souza, Maria Aparecida Murta dos Santos, Marina Chaves, Cléia Mota, Maria Consolação Carvalho, Maria Ge-



MARIA APARECIDA MURTA DOS SANTOS E THAIS ANTUNES
Respectivamente «Miss Elegante 1960», e segunda colocada.



ralda Antunes, Augusta Cota, Liliam Rola, e Thais Antunes, as quais caminharam elegantes na passarela, distribuindo sorrisos para a seleta assistência ali presente.

Após o julgamento feito pelo júri constituído por figuras de Belo Horizonte, Mariana e Ouro Preto, saiu vencedora a senhorita Maria Aparecida Murta dos Santos, a nova «Miss Elegante», co-

RECENTEMENTE, em Ouro Preto, na Associação Atlética Aluminas, realizou-se concorrida festa, no decorrer da qual foram coroadas a Rainha e Princesas do Aluminas, respectivamente, sr^{ts} Onorina Peixoto, Yone Paglioto e Ana Maria de Castro.

O magnífico acontecimento contou com a presença de autoridades assim como do mundo esportivo local e de cidades vizinhas, além de familiares das novas soberanas, achando-se ainda presentes dirigentes da "Alumínio Minas Gerais S/A", (patrocinadora do clube), acompanhados de suas respectivas famílias.

ALTEROSA anotou na ocasião a presença dos senhores: T. A. Wooton e sr^a (Diretor da Alumínio Minas Gerais S/A), dr. Raimundo Campos Machado e sr^a (Gerente daquela empresa), dr. A. Chaves e

ALUMINAS ELEGE SUA RAINHA



RAINHA E PRINCESAS DO "ALUMINAS"
Dirigentes da "Alumínio Minas Gerais S/A" e diretores do clube aparecem em segundo plano.

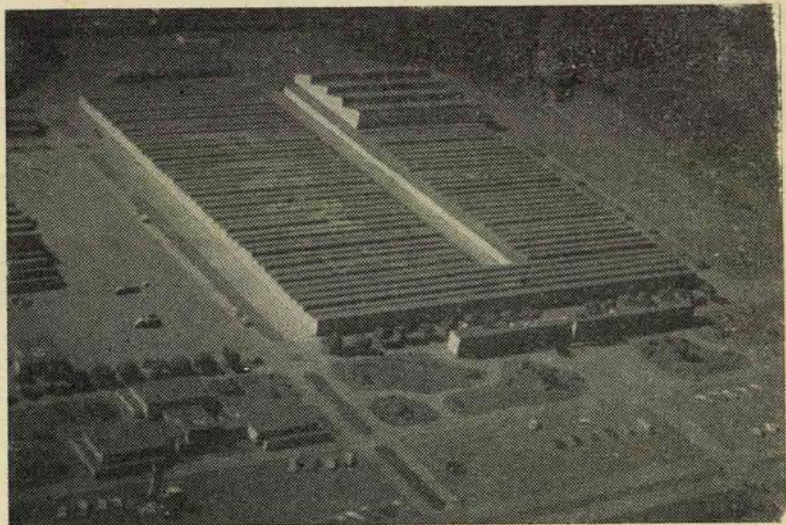
sr^a, dr. Nicodemus Macedo Filho e sr^a, dr. José Lacerda e sr^a, dr. Pedro Paulo Stornebrink e sr^a, dr. José Libêncio e sr^a, dr. José Almeida e sr^a, sr. Jair Mazon e sr^a (Presidente do Aluminas) e inúmeros outros desportistas.

Após a coroação, foi oferecido um fino coquetel aos presentes, se-

guindo-se animado baile ao som da orquestra de Carlos Gabriel. Foi assim encerrada a bela noite esportiva na sede da A.A.A. em Saramenha (Ouro Preto).

locando-se em segundo lugar a Srt^a Thais Antunes. Pela mesma passarela defilaram ainda as «Misses Elegantes» de Ouro Preto, Belo Horizonte e Mariana, ao som do conjunto «Mocambo», sob a direção de José Carvalho.

F.N.M. INSTALARÁ FÁBRICA NOVA



F.N.M.
Maquete da nova fábrica.

ESTA' em ritmo acelerado a ampliação das instalações da Fábrica Nacional de Motores, que irão funcionar no próximo ano. Inteiramente nova, com maquinaria adquirida na Alemanha Ocidental e na Itália, a F.N.M. disporá da mais moderna fábrica de veículos do Brasil, para produção em larga escala dos automóveis FNM-2000, modelo JK, e dos já tradicionais caminhões FNM D-11.000, produto pioneiro da indústria automobilística nacional, hoje personagem marcante em todas as estradas brasileiras.

A área total das novas instalações será de 94.241 metros quadra-

dos, além de 7.200 m² da construção primitiva, onde ficará instalada a fundição de alumínio. De estrutura inteiramente metálica, a nova fábrica F.N.M. disporá de dois grandes galpões, constituindo separadamente as fábricas de caminhões e de automóveis, ligadas entre si por um pavilhão único, onde será instalada a linha de montagem dos veículos. A atual fábrica da F.N.M. tem uma área de 55.471 metros quadrados.

Do atual parque de máquinas, ainda em funcionamento eficiente — o que demonstra o quanto modernas eram na época em que foram instaladas — algumas serão

ainda empregadas na nova fábrica F.N.M., operando conjuntamente com máquinas super-automáticas, demonstrando que o parque atual da fábrica, apesar de decorridos quase 15 anos desde a sua instalação, possui máquinas que, hoje, ainda são das mais modernas existentes no país.

Por outro lado, mantém a fábrica operários com alto gabarito técnico, remanescentes da atividade inicial da empresa. São homens especializados na montagem e fabricação de peças de motores de aviões, de aferição meticulosa, e que hoje emprestam a sua experiência na fabricação dos veículos F.N.M.



COM
FÓRMULA
APERFEIÇOADA



NOVA

⊕ PARKER

super Quink

A tinta que apresenta qualidade super. Mais brilhante. Resultado de anos de pesquisas científicas, a nova SUPER QUINK é realmente diferente, pois além de proporcionar escrita uniforme, contém SOLV-X, o ingrediente exclusivo que protege as canetas contra o desgaste, a corrosão e o acúmulo de resíduos nocivos. 8 cores. Vendida também em lanchinho econômico, para colecionistas.



PREÇOS:

30 cm3 - Cr\$ 40,00
59 cm3 - Cr\$ 50,00
473 cm3 - Cr\$ 260,00
946 cm3 - Cr\$ 400,00

Distribuidores exclusivos para todo o Brasil:



COSTA PORTELA
INDÚSTRIA E COMÉRCIO S. A.

Av. Pres. Vargas, 435-8.º andar - Rio

Sub-Agente em Minas Gerais

JOSÉ HARRY LEITE

Rua dos Coetês, 652 - 1.º - B. Horizonte



AQUARELA

ESCOLA DE MINAS ENRIQUECE SEU LABORATÓRIO

COMO parte dos festejos que assinalaram os 84 anos de ininterrupto trabalho de formação de engenheiros e técnicos para o nosso país, a Congregação da Escola de Minas de Ouro Preto, da Universidade do Brasil, marcou significativos melhoramentos no seu Laboratório de Termo-Dinâmica, com a integração de alguns aparatos para a melhoria e racionalização de seu equipamento didático.

Visando ajudar a difusão da cultura, através do ensino prático de algumas cadeiras daquela tradicional Escola, a Ford Motor do Brasil S. A. doou, ao seu laboratório de termo-dinâmica, uma unidade motora completa, de sua fabricação, em São Paulo.

As explicações técnicas do motor estiveram a cargo do dr.

Lauro de Barros Siciliano, Gerente de Assuntos Institucionais da Ford. Em seguida, realizou-se a entrega oficial, acompanhada de breves palavras, feita pelo sr. Luís B. Carneiro da Cunha, Gerente de Relações Públicas da mesma empresa. Agradeceu em nome da Escola de Minas, o dr. Slathiel Tôrres, seu diretor, que, manifestando seu reconhecimento e entusiasmo pelo gesto, deixou claro a utilidade prática que a nova peça didática trazia àquela estabelecimento. Encerrando a cerimônia, falou o dr. Pedro Calmon, da Universidade do Brasil. Estiveram presentes, além de outras personalidades, o dr. Vicente Assunção, Presidente da Sociedade Mineira de Engenheiros e representantes dos revendedores Ford de Belo Horizonte.

CINQUENTENÁRIO



A O completar seus 50 anos, João Descimo Brescia, cantor muito conhecido em Belo Horizonte, tem grandes razões para se considerar um vovô feliz. Motivo: o valoroso time de netos que se vê na foto. São estes, da esquerda para a direita: Márcia, Ben-Hur, Clayton, Ilma, Flávia e Ilka. Quase da mesma idade, todos contam com menos de quatro anos.

(Conclui na pág. 118)

-viajando pelo Brasil...

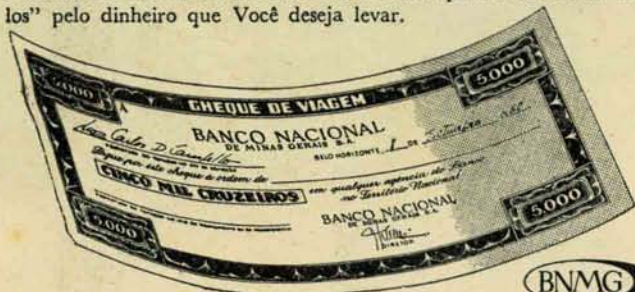
EM FÉRIAS OU A NEGÓCIOS



CHEQUES DE VIAGEM

garantidos pelo Banco Nacional de Minas Gerais

É realmente uma garantia para seu dinheiro, o uso dos Cheques de Viagem do Banco Nacional de Minas Gerais. Você está a salvo dos riscos de uma perda ou mesmo de um roubo. E Você pode usá-los como dinheiro... mas um dinheiro que só a Você pertence! Proteja o seu dinheiro, viaje tranquilo com os Cheques de Viagem do Banco Nacional de Minas Gerais! Não custam nada para Você. Basta "trocá-los" pelo dinheiro que Você deseja levar.



BNMG

BANCO NACIONAL
DE MINAS GERAIS S. A.

Segurança completa

Mesmo em casos de perda ou roubo, seus cheques estão protegidos e podem ser reembolsados. São impressos como dinheiro, em papel infalsificável.

Facilidade maior

Estes cheques são emitidos sob a forma de cédulas, nos valores de Cr\$ 1.000, Cr\$ 5.000 e Cr\$ 20.000 cada um. Você escolhe os valores e as quantidades que desejar.

Circulação nacional

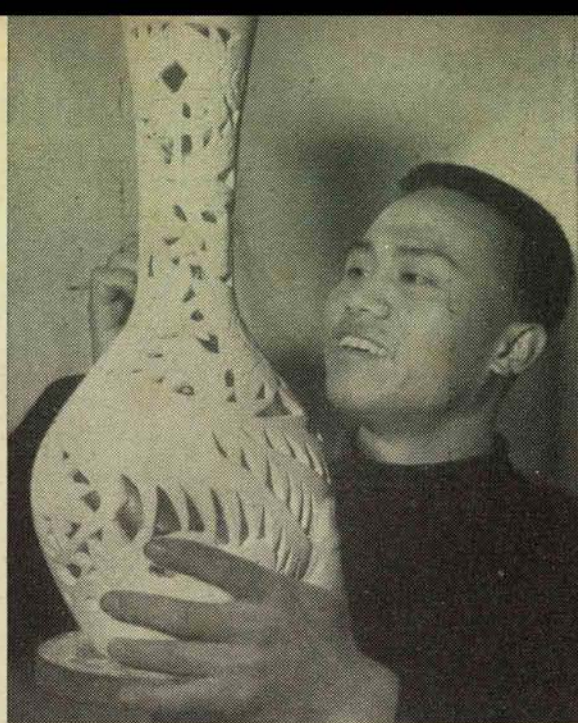
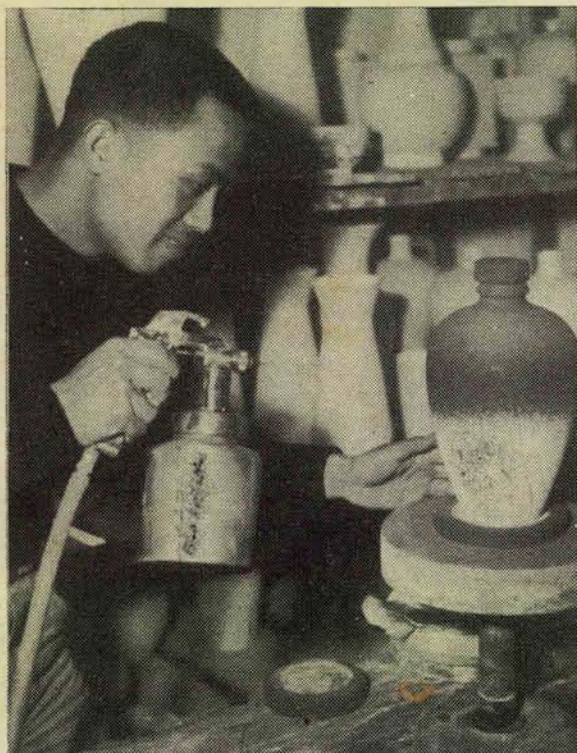
Onde chegar, Você poderá transformar seus cheques em dinheiro. Basta apresentá-los na agência local do Banco Nacional de Minas Gerais.

Autenticação pessoal

Ao receber seu cheque, Você tem que assiná-lo na hora. Depois, para transformá-lo em dinheiro, Você o assinará de novo. A segunda assinatura é que lhe dá valor!



Na sala de exposição da fábrica, a sr^a K. C. Jen, esposa do presidente da companhia, admira os trabalhos concluídos.



Um dos sócios, Yang Chi-wen, de 27 anos, dá os últimos retoques no vaso, antes de levá-lo ao forno que completará o trabalho.

Depois de queimado, o vaso é pulverizado com uma mistura de vidro. Levado novamente ao forno, o vidro derrete, formando uma camada dura e transparente.

Na China Formosa do Século XX

PORCELANAS CONSERVAM SEU ENCANTO MEDIEVAL

LANÇANDO mão de uma das mais antigas artes chinesas, a confecção de objetos de cerâmica e porcelana, na qual os chineses jamais foram igualados,

cinco jovens refugiados da China Comunista estão agora reconstruindo as suas vidas em Taiwan (Formosa).

Ex-alunos da Escola de Belas Artes de Hong Chow, no

continente, esses jovens resolveram instalar uma fábrica na ilha Formosa, quando viram que lhes era difícil trabalhar sob o regime comunista. E, em sua fábrica, passam

PORCELANAS...



Posando ao lado de cópias de Buda, os refugiados da China Vermelha, agora em franca atividade em Taiwan, sorriem satisfeitos. São eles: Wang Shin-kung, Jen Kuo-chiang, Yang Chi-wen e Shiy De-jinn.



← O escultor Wu Chen-teh, de 30 anos, termina o modelo principal do búfalo da água, a partir do qual será feito o molde de metal.

DEZEMBRO DE 1960

Jovens assistentes despejam a mistura de argila em moldes de madeira que possuem a forma de vasos, antes de procederem à primeira «queima» da argila. ☆ Os delicados vasos de porcelana são removidos do forno especial, onde permaneceram durante 30 horas. ☆ Três etapas da confecção do vaso. À esquerda, vê-se a obra terminada, bem menor que a massa de argila, no centro, já que se dá uma contração, depois que esta vai ao forno. O artífice mostra como se prepara um molde de madeira.

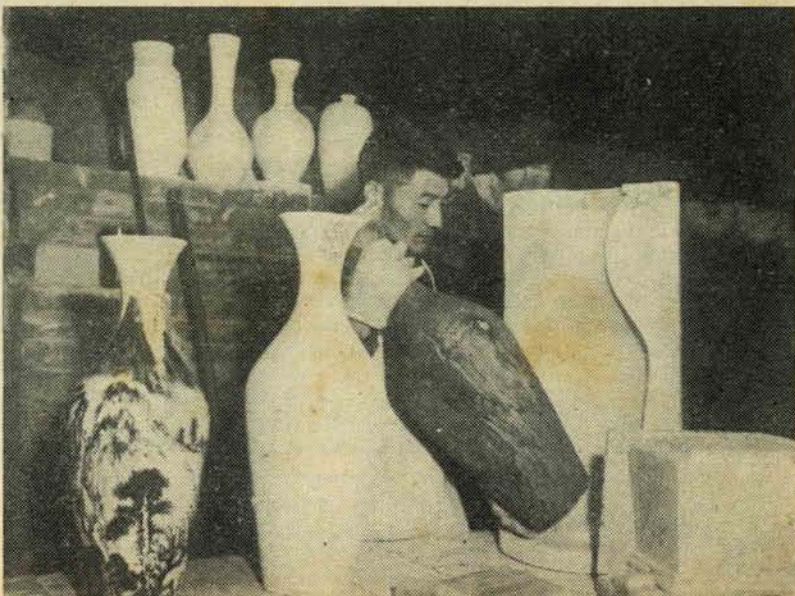


o tempo esboçando novos desenhos, talhando moldes variados e pintando os «biscoitos», antes de queimá-los para obterem a peça desejada.

Baseada em princípios rigorosos, em pouco tempo a Companhia Chinesa de Objetos de Cerâmica e Porcelana adquiriu um movimento altamente lucrativo, tendo em seu quadro quase cem empregados. Com a finalidade de mostrar a sua apreciação pela nova terra natal, dois dos jovens sócios empregam o pouco tempo livre de que dispõem ensinando a outras pessoas a sua arte, na Escola Feminina de Taipé, capital de Formosa.

A maioria dos vasos e figuras é copiada de peças da coleção da antiga China, que são cuidadosamente tiradas das cavernas situadas nas fortalezas da ilha.

Desde os mais remotos tempos, jamais foi igualada a suprema excelência dos chineses na arte de fabricar objetos de cerâmica, se bem que tal arte se tenha espalhado pelo mundo inteiro. Foram os chineses os primeiros a empregar a porcelana branca transparente, uma das maravilhas do mundo medieval.



A PONTE CELESTIAL

FOTOS CAMERA PRESS-APLA



Estas garotinhas não encontram dificuldades em se colocarem em tão desconfortável posição para contemplarem a «Ponte Celestial».

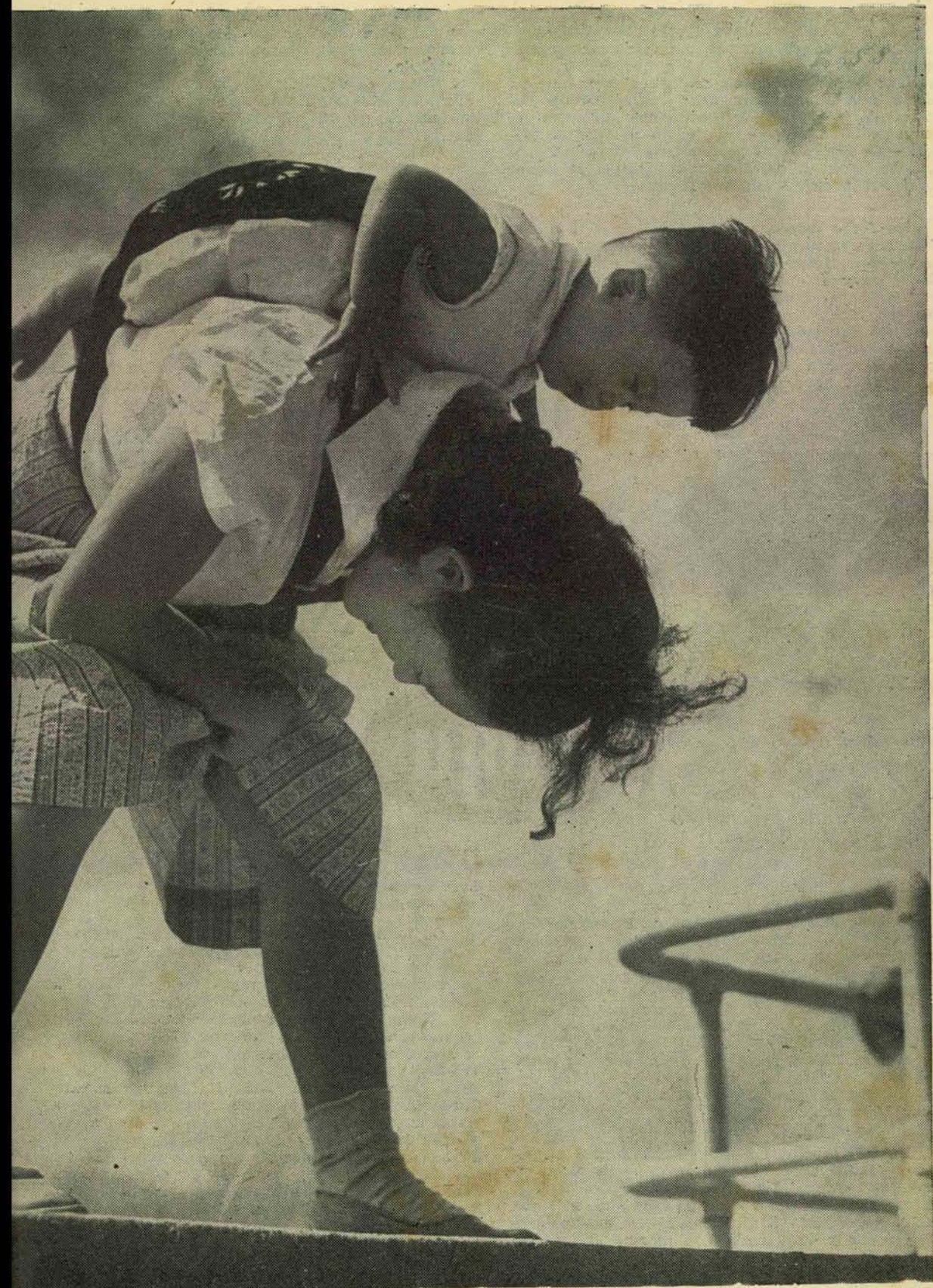
ORIENTE é, sem dúvida, o hemisfério dos acontecimentos curiosos, dos povos de hábitos estranhos, das lendas que vão passando de pais para filhos pelos anos em fora, sem perder em nada seu encanto e sua força convincente.

No Japão, por exemplo, todos os anos, no período compreendido entre a primavera e o outono, a Baía de Miyazu é vista por entre milhões de pernas, tudo por causa da lendária barra de areia que a divide em duas e que, vista de cabeça para baixo, dá a impressão perfeita de uma ponte subindo para os céus. Segundo o que diz a lenda, «a barra de areia era outrora uma ponte celestial usada pelos deuses e que, tendo-se quebrado, caiu na baía».

Olhando o bonito cenário de cabeça para baixo, dizem os turistas que o céu parece água e a água parece o céu, enquanto as montanhas transformam-se numa costa distante e a barra de areia parece uma ponte que se eleva aos céus, num espetáculo majestoso.

Alguns turistas dizem que por mais que se esforcem, a ponto de sentirem o sangue precipitar-se para suas cabeças, não conseguem vislumbrar a ilusão maravilhosa e outros há que afirmam ser a imaginação um fator indispensável para se descobrir a ponte celestial. Entretanto, a verdade indiscutível é que todos concordam com o fato de que a Baía Miyazu, vista de cabeça para baixo ou em plano normal, oferece um panorama de celestial beleza.

O precioso fardo, com seu rostinho assustado, não impediu à mamãe japonesa o prazer de contemplar a Baía com seus encantos lendários.



Eis o que de cada vez me traz o dia de Natal, e o que pode trazer a cada um de nós: esse retorno ao que fomos no passado, cumulando de alegrias aqueles que, no presente, são o que deixamos de ser. Por uns segundos, enquanto nos abaixamos ao pé de uma lareira para nela colocarmos os presentes do céu, podemos sentir-nos distantes do Tempo e reencontrar — oh! doce milagre de Natal! — a emoção que sentíamos ao descobrir, nos dias da inocência, os sapatinhos repletos de nossos desejos satisfeitos! (Gérard Bauer)

De Jorge Beltrão — Natal, sol da meia noite! Nova era que surgiu na estrela dos Reis Magos. A mangedoura, trevas e medo, um Rei nascia, humanidade perversa e má... Crucificaram o Rei! Choros, lágrimas, lamentações, o Rei ressuscitou... Fêz seu trono no céu, reinado de paz e perdão, nova oportunidade para a humanidade pecadora. Será o seu exemplo seguido? O mundo compreenderá seu sacrifício? O tempo, ó costumes, ó mundo ingrato! Esperemos... Trevas...

Dizem — não sei se é fato ou se é mentira que, em certa noite, assim, toda estrelada, formosa estrela, num fulgor, caíra perdendo-se na esfera constelada.

E logo, os velhos magos-lá do Oriente, consultaram vetustos alfarrábios, olhando à noite, o céu, inutilmente, na vã pesquisa que é mister de sábios...

Creio contudo — e quem quiser não creia que a linda estrela, por acaso, achei-a na graça do teu vulto oriental. Oculta, assim, num cintilante véu, trazendo as flôres do jardim do céu, tu és, querida, a Estrela de Natal! (Paulo Freitas)

Do diário de Anne Frank — Sexta-feira à noite, pela primeira vez na vida, ganhei um presente de Natal. Koophuis, Kraler, e as meninas haviam, de novo, preparado uma linda surpresa. Miep fez um bolo de Natal muito bonito, no qual estava escrito «Paz, 1944». Elli deu-me uma libra de biscoitos, doces, da mesma qualidade dos de antes da guerra. Peter, Margot e eu recebemos, cada um, uma



*“Há sons nos ares,
dispersos... Noite de
paz e de luz... E em
salmos, hinos e versos o
mundo louva Jesus...”*

Fuga

Leonor Telles

Cale-se o mundo, há um luar de místicos pa-lores, o vento lembra uma harpa a tocar de surdina, brilha pela extensão do céu da Palestina, num prenúncio feliz, a estrela dos pastores. A vida acorda e vem do cálice das flôres à alma do homem que sente, um fulgor que o fascina; a ovelha bala, o boi muge, o pastor se inclina, há um bálsamo por tudo a amenizar as dores. Jesus nasceu: a fé que os corações ampara desce às almas, buscando os íntimos refolhos, como os raios do Sol numa lagoa clara. Maria, porque vê Jesus, pequeno e lan-gue, põe um riso feliz na doçura dos olhos, que há de chorar, depois, as lágrimas de sangue... (Luiz Edmundo).

De M. Ribeiro Costa — Feito estava o pro-dígio. O Salvador nascido havia para a glória eterna do podrido Mundo, para salvar a triste Hu-manidade do horrível atascal do Ódio e da Maldade. Assim, em romaria, às plagas de Belém, enorme mul-tidão corria a ver, também, o menino Jesus, cuja santa beleza se aliava à divina e estranha singe-leza do berço humilde, onde, exausto, o peregrino estava, enfim, a ver o belo Deus-Menino...

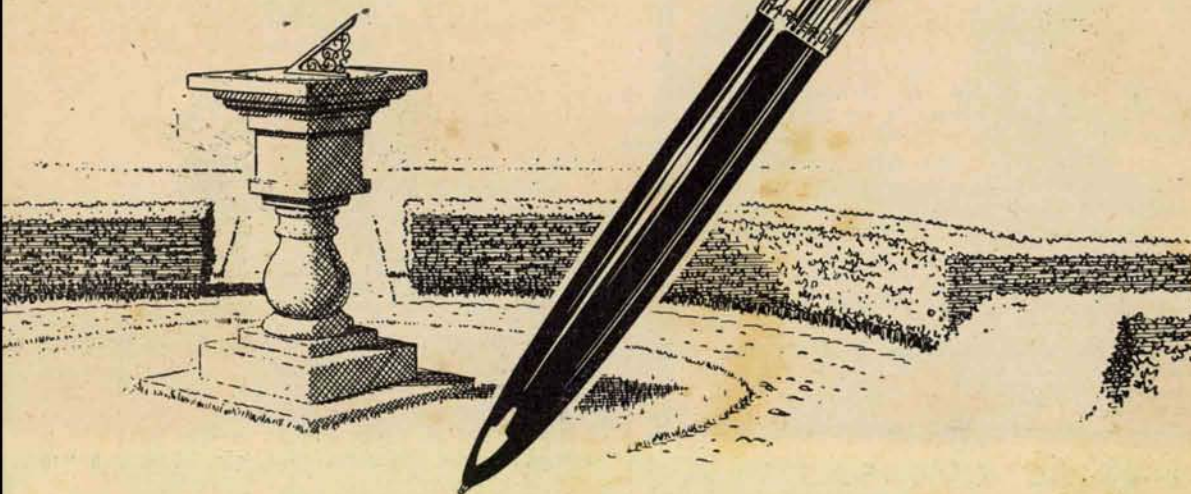
garrafa de yogurth, e os grandes, uma de cerveja. Tudo feito com muito gosto, com figurinhas gru-dadas em todos os pacotes. Fora isto, o Natal passou bem depressa, para nós...

De Lília Aparecida Pereira da Silva — Maria, diante Ti, as palavras se ajoelham pintando o gesso de Tuas mãos em neve. Floradas de desejos em nebulosa trago no coração ferido e tenho as mãos floridas! Trapos de outros Natais, meus po-bres olhos em gôtas fantasmas, cansados, sem brilho cochilente de uma estrela, são aves feridas. A sala é morta dos pinheiros de lantejoulas-bolas e o frio dos meus seios — sombra ôca de vida — ainda sente a noite em si... Há um par de sapa-tinhos que me deste em sombra derramada em aca-lento, enquanto os sinos acariciam o Menino que sempre foi Teu. Não os esqueças, Senhora — são da boneca que o Deus-Menino na manhã tão fria me deu, mendigando seus pés de então menina. Senhora-Mãe divina, é outro Natal; de novo furté ao campo o pinheirinho, a estrela reacendendo da ponteira à altura do riso leso da Menina!

Boas-Festas! Boas-Festas! Todo o mundo está alegre. Todo o mundo parece ter na alma hinos e luzes!... (Gustavo Corção).



Um novo conceito em escrita
inspirado pela
própria natureza!



Parker 61

de ação capilar

**Superior às
canetas-tinteiro comuns por
4 importantes razões!**

Virtualmente à prova de choques - Depósito de tinta "cativo" que resiste aos choques

Virtualmente à prova de vazamento - Reservatório especial, que mantém a tinta sob controle

Simplicidade de ação - Nenhuma peça para manipular e desgastar



Enche a si mesma -

Completamente, e sem sujar os dedos. A tinta é canalizada para o reservatório da Parker 61 por uma força natural digna de confiança... a ação capilar!

Como o clássico relógio solar, a Parker 61 usa a força natural a fim de desempenhar sua função. Só a tinta se move nesta nova caneta! Não há partes móveis que se desajustam ou desgastam. A Parker 61 enche a si mesma, com a quantidade exata de tinta, usando a própria ação capilar da natureza. A tinta vai então para um depósito especial, onde é mantida sob controle rígido, até que se comece a escrever. Virtualmente à prova de vazamento e de choques... completamente nova em conceito e desempenho, a Caneta Parker 61 de ação capilar é realmente a aristocrata das modernas canetas de qualidade!



CANETA PARKER 61



CANETA PARKER "51"



CANETA PARKER SUPER "21"

PRODUTOS DA "THE PARKER PEN COMPANY"



A marca de qualidade para oferecer confiante ...e possuir com orgulho!

9 - 6142 - P



ELAS E ÊLES

A esposa entrou no consultório dentário acompanhada pelo marido e foi logo dizendo ao dentista :

— Quero que o senhor arranque um dente, mas nada de confusão com anestésicos. Estamos com uma pressa tremenda, ouviu ?

— Bem — disse o dentista com admiração — vejo que a senhora é bastante corajosa. Qual é o dente ?

Foi aí que a mulher virou-se para o marido e disse :

— Joaquim, mostre-lhe o dente que está doendo !

ÀS AVESSAS

— Comandante — diz um marinheiro — aqui está um passageiro clandestino.

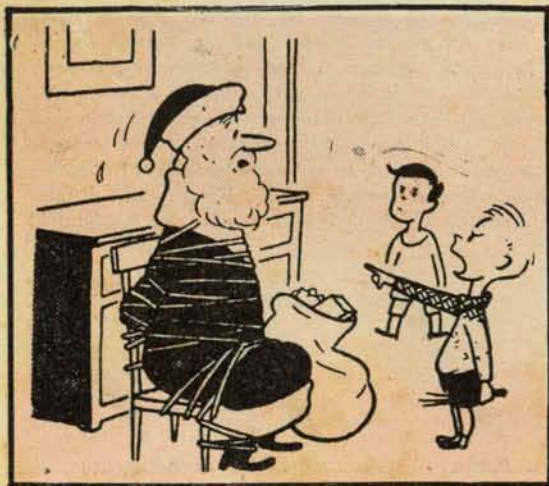
— Não é verdade ! — grita o homem.

— Então vejamos, explique-se.

— Vim despedir-me de um companheiro e enquanto o procurava o barco saiu.

— E onde está seu companheiro ?

— Procurando-me no cáis.



— Pela última vez : o senhor é ou não é o tio Tomaz, do segundo andar ?

ESPÍRITO PRÁTICO



— Quantos anos tem o senhor ? — pergunta o jornalista a um velho pastor.

— Não sei — responde ele.

— Não sabe ? Por que ?

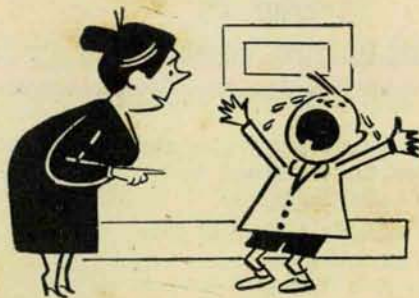
— Bem, eu conto minhas ovelhas para não perdê-las. Quanto aos meus anos, não há nada a temer.

☆☆☆

— Minha mulher — dizia aquele senhor a um amigo — é realmente assombrosa. Tem um senso incrível de economia !

— Isto é raro — retrucava o amigo.

— Se é ! Ela tem verdadeiro horror ao superfluo. Nós nos abtemos de tudo aquilo de que eu não tenho necessidade.



Depois de ter sido extraído o seu primeiro dente de leite, o garoto chorou desconsolado.

— Que é isto, menino ? — repreendeu-lhe a mãe.

— Seu dente rascará de novo.

— Eu sei — choramingou o garoto — mas não a tempo do ja tar !

☆☆☆

O ladrão sai do cinema, aproxima-se da bilheteria e diz, apontando seu revólver para a moça :

— O filme foi péssimo. Entregue-me o dinheiro de todos os espectadores.

ARGUMENTO MUITO FORTE

O espôso à espôsa, saindo da igreja, depois da cerimônia nupcial :

— Até que enfim convenci você a vir ao meu apartamento, para ver a minha admirável coleção de estampas chinesas !

ATEÍSMO

E numa roda onde se discutia acaloradamente sobre religião, aquele homem revelou satisfeito :

— Graças a Deus sou ateu !

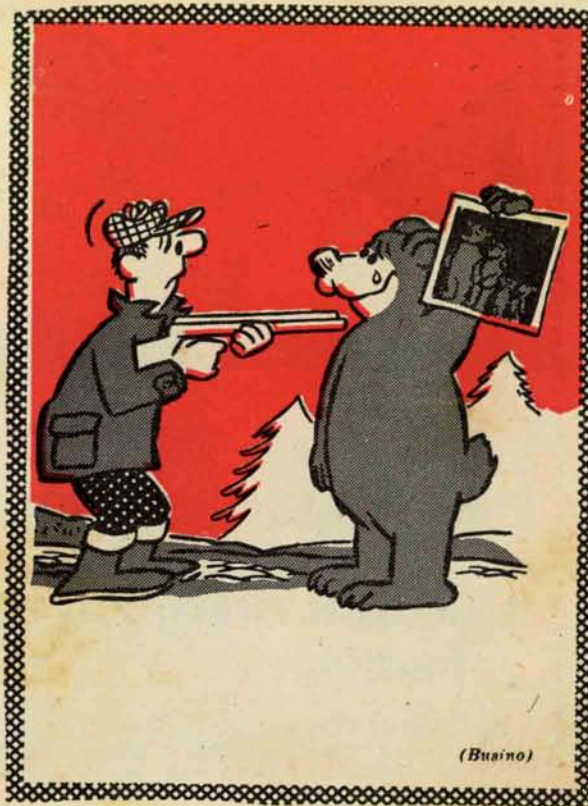
PONTOS DE VISTA

— Juquinha, você ainda quer bôlo ? — pergunta tia Lúcia.

— Não senhora, titia — responde o menino a quem a mãe dera uma lição.

— Este menino está sofrendo de falta de apetite — diz a tia.

— Não senhora, titia, estou sofrendo é de excesso de polidez...



(Buino)

Otimista é o homem que deixa o motor do carro ligado, enquanto sua espôsa entra numa loja para uma «comprinha ligeira».



EFICIÊNCIA

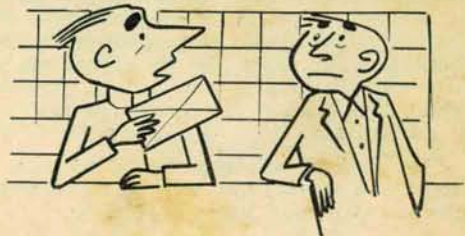
— Senhor delegado — diz a mulher muito aflita — cometi um engano. Minhas jóias não foram roubadas.

— Agora é tarde, minha senhora — responde o delegado — o culpado já confessou.

O louco chega-se ao diretor do manicômio e comunica-lhe que o enfermeiro o ameaçou de morte.

— Barbaridade ! — exclama o diretor. — Se o enfermeiro ousar matá-lo, juro-lhe que o mandarei prender em menos de 15 minutos depois do crime.

— Ah ! — diz o louco — eu gostaria mais que o senhor o mandasse prender 15 minutos antes...



O porteiro de um edifício a um companheiro :

— E' rapaz, o novo locatário do apartamento 13 é bastante calado. Imagine você que se eu não abrisse as cartas dêle, não saberia nada a seu respeito !

CRIANÇAS



TREINE SEU FILHO A COMER DO QUE NÃO GOSTA

SUPONHAMOS que seu garotinho de dois ou três anos recuse-se terminantemente a comer certo alimento que você considere essencial para seu desenvolvimento. Se bem que já saiba comer sozinho, a senhora tentará assim mesmo introduzir-lhe o alimento na boca, mas atente em que, se ele fôr decidido, como sói acontecer com as crianças ativas nessa idade, a senhora o verá reter o alimento indesejado, por longo tempo, sem a mínima intenção de degluti-lo. Ameaçá-lo com o clássico «você não terá sobremesa», raramente surtirá efeito, e dizer-lhe, em tom afetivo, que ele precisa de comer isto ou aquilo, não deixa de ser fútil e acaba por criar cenas emocionais, sem resultados práticos.

O melhor caminho a seguir é basear-se no princípio de que ele comerá quando estiver com fome. Assim, oculte dele alimentos de que ele goste, até que sinta fome bastante para comer do que gosta menos ou tenha recusado peremptoriamente. E' claro que, para obter o sucesso almejado, a senhora deverá treiná-lo a respeitar a palavra «Não», dita uma vez e em tom moderado.

Suponhamos que ele não aprecie legumes como cenoura, vagens ou beterrabas. Comece a refeição oferecendo-lhe qualquer um dos pratos de que se está servindo a família. Depois, coloque diante dele uma cenoura, por exemplo, mas não lhe diga para comê-la; insinue apenas que terá outro alimento de que goste após comê-la. Mantenha sua palavra e mostre-se contente se ele comer a cenoura, seja com o garfo, a colher ou mesmo os dedinhos. Não lhe dê, nessa mesma refeição, outro alimento que lhe desagrade. As porções oferecidas devem ser bem pequenas: se fôr vagem, dê-lhe apenas um pedaço; cenoura, uma fatia, e ervilha, umas duas ou três, pois, sendo pequena a quantidade, terá prazer em comê-la a fim de ganhar o alimento de seu agrado.

De refeição em refeição, a senhora poderá aumentar as doses, mas de maneira bem suave, usando sempre o alimento rejeitado para dar início à refeição.

Pode-se dar o caso dele não comer a pequena porção oferecida. Então, a senhora deve ser categórica! Finalize sua refeição, assegurando não lhe dar qualquer outro alimento, exceto suco de frutas, até a hora da próxima refeição. — Dr. Garry C. Myers.

LEIS MALUCAS

Em geral, os legisladores têm de trabalhar incansavelmente para estabelecer nossos padrões do certo e do errado. Mas, em que pese a dignidade de que estão revestidos, eles têm seus momentos de falibilidade, como provam algumas leis — felizmente não aprovadas — propostas por certos legisladores.

EM NOVA JERSEY — que todas as abelhas trouxessem o nome e o endereço do proprietário para identificação.

EM MAINE — que fôsem concedidas pensões às mulheres solteiras, pagas por um imposto anual exigido aos solteiros acima de 30 anos. (Os solteiros poderiam escapar ao imposto quer propondo casamento a três mulheres ao mesmo tempo, quer propondo a uma só mulher três vezes seguidas).

EM MISSOURI — que as viúvas e solteiras que recusassem a proposta de casamento de um homem pagassem uma multa de 100 dólares e cosessem as meias e os botões do proponente durante seis meses.

EM NOVA JERSEY — que não se apanhassem cerejas com os pés.

NO CONGRESSO — que fôsem eleitos três presidentes: um para o Leste, outro para o Meio-oeste e o terceiro para o Far-oeste.

EM MASSACHUSETTS — que não se permitisse às galinhas usar calças.

EM INDIANA — que a razão entre o diâmetro e a circunferência do círculo fôsse mudada.

EM NOVA IORQUE — que se proibisse a entrada de moças ruivas no «baseball» profissional, exceto no condado de Kings e na aldeia de Black Rock, a partir de 1º de janeiro de 2009.

COM CARIDADE



"Tôdas as vossas coisas sejam feitas com caridade". — Paulo (I Coríntios, 16:14).

AINDA existe muita gente que não entende outra caridade, além daquela que se veste de trajes humildes aos sábados ou domingos para repartir algum pão com os desfavorecidos da sorte, que aguarda calamidades públicas para manifestar-se ou que lança apelos comovedores nos cartazes da imprensa.

Não podemos discutir as intenções louváveis desse ou daquele grupo de pessoas; contudo, cabe-nos reconhecer que o dom sublime é de sublime extensão.

Paulo indica que a caridade, expressando amor cristão, deve abranger tôdas as manifestações de nossa vida. Estender a mão e distribuir reconforto é iniciar a execução da virtude excelsa. Tôdas as potências do espírito, no entanto, devem ajustar-se ao preceito divino, porque há caridade em falar e ouvir, impedir e favorecer, esquecer e recordar. Tempo virá em que a boca, os ouvidos e os pés serão aliados das mãos fraternas nos serviços do bem supremo.

Cada pessoa, como cada coisa, necessita da contribuição e da bondade, de modo particular. Homens que dirigem ou que obedecem reclamam-lhe o concurso santo, a fim de que sejam esclarecidos no departamento da Casa de Deus, em que se encontram. Sem amor sublimado, haverá sempre obscuridade, gerando complicações.

Desempenha tuas mínimas tarefas com caridade, desde agora. Se não encontras retribuição espiritual, no domínio do entendimento, em sentido imediato, sabes que o Pai acompanha todos os filhos devotadamente.

Há pedras e espinheiros? Fixa-te em Jesus e passa. — Emanuel (Do livro «Pão Nosso»).

RESPOSTA À PRESSA

* Guarde o equilíbrio. Paixões e desejos desenfreados são forças de arrasamento na Criação Divina.

* Cultive a confiança. O Sol reaparecerá amanhã, no horizonte, e a paisagem será diferente.

* Estime a solidariedade. Você não poderá viver sem os outros, embora na maioria dos casos possam os outros viver sem você.

* Renda culto fiel à paz. Não se esqueça, todavia, de que você jamais viverá tranqüilo sem dar paz aos que pisam seu caminho. (Da Agenda Cristã, de André Luiz).



PUXA!
como são
resistentes...



Lupo

espuma de nylon,
tipo derby

nylon e
espuma de nylon,
lisas

Lobo

EUREKA

algodão lisas

— os primeiros nomes em meias para homens e crianças

PRODUTOS DA FÁBRICA LUPO - ARARAQUARA - EST. SÃO PAULO

1º PRÊMIO NO CONCURSO DE

Foi um momento de tristeza, de doce tristeza, que a acalmou e lhe lavou a alma.



a costureira

Conto de Samuel Penna Reis

Ilust. de Jarbas

DONA Lina está com a mão ruim; não há costura que lhe acerte. Já errou no corte de seda que lhe deram para um vestido de baile, prejuízo que vai ter de repor, se a freguesa não concordar com outro modelo. É melhor descansar, deixar para o dia seguinte e recuperar as horas perdidas com um serão, ou mais, paciência. Dona Lina precisa refletir, tomar uma decisão; mesmo que não tome decisão alguma, quer deixar a cabeça trabalhar sôzinha, quer reviver coisas passadas, quer machucar o pobre coração decepcionado com recordações de um tempo que o destino estragou.

Dona Lina já foi mulher casada, já teve apartamento modesto, mas arrumado, antes de vir morar num quarto de casa de família, com direito de cozinhar as suas mesquinhas refeições. O marido era empregado de banco, tinha ordenado bom, com possibilidade de aumento; era ativo, desembaraçado, estimado por todos, patrões, colegas, e quem não o havia de estimar, tão alegre, prestativo, tão amigo de todos? O coração de dona Lina não secou, apesar do que sofreu, apesar do que a vida lhe fez. E por isto que se aperta, quando ela recorda o que era, todos os dias, o momento em que ele voltava do trabalho, o beijo que lhe dava, beijo de noivo enternecido, beijo de amante apaixonado, mesmo com cinco anos de casado, mesmo depois que «a outra» aparecera, como se aquele coração de homem fosse tão cheio de amor que pudesse bater por duas mulheres ao mesmo tempo. Ou seria fingimento, pena dela, pena de a estar enganando, a ela tão boa, tão dedicada? Não importa, fosse o que fosse, como era bom aquele calor que ele lhe dera durante cinco anos, até o dia em que o vira numa loja, de braço com outra mulher, as mãos cheias de embrulhos, atencioso, como era, aliás, com todas as mulheres, com os velhos, as crianças, quem quer que fosse mais fraco, mais só, como se vivesse dominado pela necessidade de proteger, de acarinhar, de ser bom. Morta de desespero, as mãos geladas, dona Lina conseguira sair da loja sem ser vista por ele e, de volta a casa, disfarçara, não dissera coisa alguma; indagara, investigara, soubera a verdade, a desoladora verdade, e o desmascarara. Amando-o do jeito que o amava, não pudera fingir, não pudera suportar que fosse também de outra; ele tinha de ser seu, só seu, todo seu, só suas as atenções dele, aquele conforto que dava sua presença, aquela sensação de segurança que emanava dele, aquela certeza de que ele a protegia. Por que havia de ser tão bom, se tinha afinal de trai-la? Antes tivesse sido egoísta, seco, até bruto; o choque teria sido menos duro. Mas ser traidor por um homem que mostrava, a todo momento, estar preocupado com ela, sempre atento a tudo quanto ela desejasse, sempre ansioso pela sua saúde, se a via ligeiramente indisposta; um marido que não passava semana sem lhe trazer um presentinho, uma bijuteria, um lenço, umas flores, até flores, depois de cinco anos de casado; que, na rua, no cinema, tinha sem cessar atitudes galantes, de homem que está sempre pensando em conquistar a sua própria mulher. Teria sido o mesmo para «a outra»? Seria possível que o mesmo homem pudesse ser tão bom para duas mulheres ao mesmo tempo? Por que se pusera tão pálido, quando ela lhe revelara que sabia tudo, que tinha outra, que estava até procurando outro apartamento? Nem tentara negar, ficara muito branco, os olhos fundos. Vira-a chorar depois, num abandono, os nervos afrouxados, sem dizer palavra; ouvira-a dizer que não queria mais saber dele, que não precisava dele, que se fosse para junto da «outra», ela não era mulher para dividir carinhos de homem com uma vagabunda; chegara a lhe jogar em rosto a dedicação com que o tratava, quando ele tivera pneumonia, sacrificando-se depois para pagar os compromissos que tinham assumido com médicos e tratamento. Ele nem jantara, fora ao quarto, pegara as suas coisas, arrumara uma mala e saíra, de cabeça baixa, muito devagar,

como se esperasse que ela ainda o chamasse. Dona Lina corria à janela, sentindo-se desesperadamente só, desamparada, mas o seu orgulho de mulher traída, de amante enfurecida, fôra mais forte. Espiara-o, vira-o olhar para cima, tomar um táxi, afinal — para nunca mais voltar. E nunca mais voltaria, mesmo que ela quisesse, mesmo que o chamasse agora, com toda a paixão do seu coração angustiado, porque estava morto, porque morreria quase de repente, havia um mês e pouco, deixando-as viúvas, ela, viúva pela lei, com todos os direitos que a lei dá; e «a outra», a vagabunda que o roubava, pobre, desamparada, com dois filhos deles, os filhos que ela, a esposa legítima, não tivera, os filhos que talvez o houvessem prendido, que talvez o tivessem feito voltar. Deus abençoara fôra o amor da «outra», fôra o pecado, o adultério. Uma tarde, dona Lina tornara a ver a rival com ele, seu marido, num jardim público, os filhos pela mão, duas crianças pálidas, magrinhas. E, apesar de tudo quanto sofrera, tivera pena, achara-o abatido, com ar cansado, ele que dona Lina sempre tinha visto bem disposto, vitorioso. Como podia ser feliz, morando num apartamentinho à toa, conforme dona Lina viera a saber, na falta de conforto criada pela acumulação de roupas e móveis, ele que, apesar de modesto, gostava das coisas elegantemente arranjadas, da mesa posta com todos os acessórios, da casa sempre arrumada? Como lhe devia doer ver os filhos anêmicos, mal alimentados, crescendo sem luz, sem ar, metidos em aposentos acanhados, sem possibilidade de passeios, de veraneios... E seria feliz, ao menos, com aquela vagabunda? Não, não era, com toda a certeza. Ela era bonita, bem bonita até, mas tinha um jeito vulgar, de criada que se casou com o patrão; não era mulher para ele, via-se logo, ele sempre tão alinhado, tão fino de maneiras e de gostos. Dona Lina voltara triste para casa, com dó do homem que a traíra, que ela mesma expulsara da sua vida, mas que continuava a amar, lógico que continuava a amar; nem a consolava da traição a idéia de que a outra não o fazia feliz. Que tivesse a felicidade que ela não lhe soubera dar, isso era, afinal, o que dona Lina queria; desejava, naquela tarde, que ele fosse feliz junto da tipa, mesmo que nunca tivesse mais de ser seu, de dona Lina, como nunca mais seria, naturalmente... Nunca

mais? Quem sabe se ele voltaria um dia, farto da outra? E as crianças?... Podia haver um jeito, ele podia separar-se «dela», mas continuando a olhar pelos filhos... Porque, se ele quisesse voltar, dona Lina, que o tinha deixado ir-se embora, que não quisera mais nada dele, nem dinheiro, que ele mandara oferecer, nem explicações, nem cartas, que rasgara sem ler; dona Lina, que não fizera nada para o prender, o receberia, é claro, lhe iria ao encontro, sedenta de amor, cheia de alegria, disposta a esquecer, a tolerar tudo, a consentir até que ele ficasse também



com a outra, contanto que não a privasse de todo de si, contanto que o tivesse uma vez ou outra junto a si, meigo, varonil, dando-lhe ternura, carinho, vida ao coração deserto, dando-lhe, por momentos que fosse, o seu calor.

Mas ele tinha morrido. Fôra o cunhado que viera trazer a notícia a dona Lina, sem se preocupar quase em prepará-la, contando tudo quase brutalmente, achando decerto que ela não «ligaria» muito, já que se separara havia tanto tempo. Falara pouco, nem chegara bem a dizer de que ele morreria. Só se alongara na hora de tratar de um assunto «muito sério, muito importante, você há-de compreender, não é, Lina?» Quer dizer, você sabe que ele não tinha nada, nem um seguro, as despesas eram muitas, e nunca naturalmente havia pensado que pudesse ir-se tão moço, ainda ia fazer trinta e cinco anos em novembro; mas, enfim, o caso era o seguinte: sempre ele deixava uma coisa, a pensão, o montepio, e, pela lei, era dela, que

era a esposa, aquela criatura, você naturalmente sabe quem é, não tinha direito a nada; mas é que havia as crianças, os dois filhos que tivera dele, coitadinhos, eles não têm culpa do erro dos pais, você que é mulher há-de compreender isso melhor do que eu, não é, Lina? Então, nós lá em casa pensamos, conversamos muito a este respeito, nós, infelizmente, não podemos fazer nada por esses garotos, nós também somos pobres, temos os nossos encargos; mas você podia desistir desse dinheiro em favor dos pequenos, afinal você trabalha, cose para fora, a costura dá muito, não dá? Chega para você, que é sôzinha. Se você quiser, se estiver disposta, está tudo pronto, pode ir lá ao meu escritório, amanhã, ou até depois, como preferir, eu tenho o papel já com todas as formalidades, todos os dados, é só você assinar. Você não acha que assim fica bem? E' que, tem o seguinte, de qualquer maneira, metade é deles, você só tem direito à outra metade, mas isso, que para você não vai ser nada, ou quase nada, para eles pode ajudar muito. Pense, Lina, depois me dê uma resposta.

Dona Lina ficara pensando a manhã toda, a tarde toda. Para você não vai ser quase nada? Você é que pensa. Com esse quase nada, ela podia mudar-se, alugar um apartamento pequeno, só seu, com independência, sem precisar aturar as impertinências da senhoria, as suas caras feias, quando as freguesas chegavam, ou quando tinha de tomar algum recado para ela. Que beleza, que bom, ser de novo dona de casa, ter o seu apartamento, transformá-lo talvez num atelier de verdade, com clientela mais escolhida, mais chique, com mais dinheiro para gastar. E ela, a costureirinha de empregadas, «Madame Lina», com o tempo, podia vir a ser modista de certo nome, com ajudantes para os serviços mais banais, recebendo as freguesas em salas bem arranjadas, um quarto de prova com espelhos... E'... Mas havia as crianças, os filhos dele, dois garotos fraquinhos, mirrados, que ela só vira uma vez, filhos dele e da «outra», daquela tipa... Aquela criatura que não tinha direito a nada... E não tinha mesmo, onde é que já se viu amante de homem casado ter direito à pensão dele? A pensão é para a mulher legítima, a lei garante é ela, não é a ordinária que destrói um lar... Para eles pode ajudar muito... E que é que eu tenho com isso, eu sou mãe deles? A mãe deles que tra-

balhe, eu não trabalhei, não me mato para me manter? Ela que coisa, que vá ser cozinheira, se não sabe fazer outra coisa, que lave roupa para fora para sustentar os filhos, não são dela?... Por que é que eu é que hei de me sacrificar? Eu mal os vi uma vez, nem sei como é que se chamam... Eles têm mãe é para isto... Não desisto de coisa nenhuma, a minha metade é minha, ela que se arranjanje com o resto, e puxe pelo corpo...

Dona Lisa sentiu, de repente, uma revolta, uma ânsia de protestar, de dizer desafêro ao cunhado, que queria descarregar em cima dela o peso que não estava disposto a agüentar... Nós também somos pobres... Não eram sobrinhos dele? Dela é que não eram nada, nada, nada, nada... Nem isso, nem esse miserável dinheiro «dêle» podia ser seu, da mulher que ele levava ao juiz e ao altar, que fôra companheira, esposa, amante durante cinco anos, honestamente, sem roubá-lo a ninguém? Ela também era gente, também precisava de conforto, já tinha trabalhado muito, e daí a pouco, estava era uma velha, vivendo de umas costurinhas... Tem cada coisa este mundo... Para que é que há lei, se a mulher casada, humilhada, largada por causa de uma sujeita que o homem encontra sabe Deus onde, nem ao menos recebe pensão, quando ele morre... Está muito bem, os meninos não tinham culpa, ela que era mulher compreendia isso melhor, mas — e ela? Tinha culpa de eles terem nascido? Só porque eram filhos do marido dela, era obrigada a sustentá-los?... Coitados, coitados, serem filhos da ordinária que os tivera de um homem casado... Crianças sem pão, sem agasalho, sem brinquedos... Uma vagabunda que lhe tirara o marido...

Que noite horrível dona Lina passou, intervalada de insônias, entremeada de sonhos curtos, esquisitos, ela acordando a toda hora, custando a reconhecer o quarto, lembrando-se de repente da conversa do cunhado, imaginando palavras duras, antipáticas para dizer a ele, não fôsse egoísta, cuidasse dos sobrinhos; e «ela» que se arranjasse, a tal, aquela criatura; dona Lina satisfeita, só de pensar nas dificuldades que «ela» havia de passar, quem mandou se meter com homem casado, agora que aguentasse. E de coração azedo, irritada, com raiva do cunhado, ele ia ouvir umas coisas desagradáveis: que se preparasse. Dona Lina saiu de casa, o mais cedo que pôde, mal

(Conclui na pág. 113)

Ela pensa que sabe tudo!



VOCÊ ANDA SE COMPORTANDO TÃO MAL, RUY!... SERÁ PORQUE SEU IRMÃO E EU BRIGAMOS?

NÃO É BEM ISSO... É QUE A SRA. NÃO SABE QUE A BRIGA FOI POR CAUSA DO SEU MAU HÁLITO! É BOM CONSULTAR O DENTISTA!



RECOMENDO COLGATE QUE É UM CREME DENTAL DE BOA QUALIDADE, E QUE USADO LOGO APÓS AS REFEIÇÕES, PERFUMA O HÁLITO, LIMPA E PROTEGE OS DENTES E AJUDA A EVITAR A CÁRIE!

EXPERIÊNCIAS CIENTÍFICAS PROVAM QUE, EM 7 ENTRE 10 CASOS, COLGATE ELIMINA INSTANTANEAMENTE O MAU HÁLITO QUE SE ORIGINA NA BÓCA!

FORMIDÁVEL!... COLGATE LIMPA, DEIXANDO OS DENTES ALVOS E BRILHANTES... O HÁLITO PURO E PERFUMADO!



COLGATE FOI A SOLUÇÃO PARA A RECONCILIAÇÃO!



CREME DENTAL

COLGATE

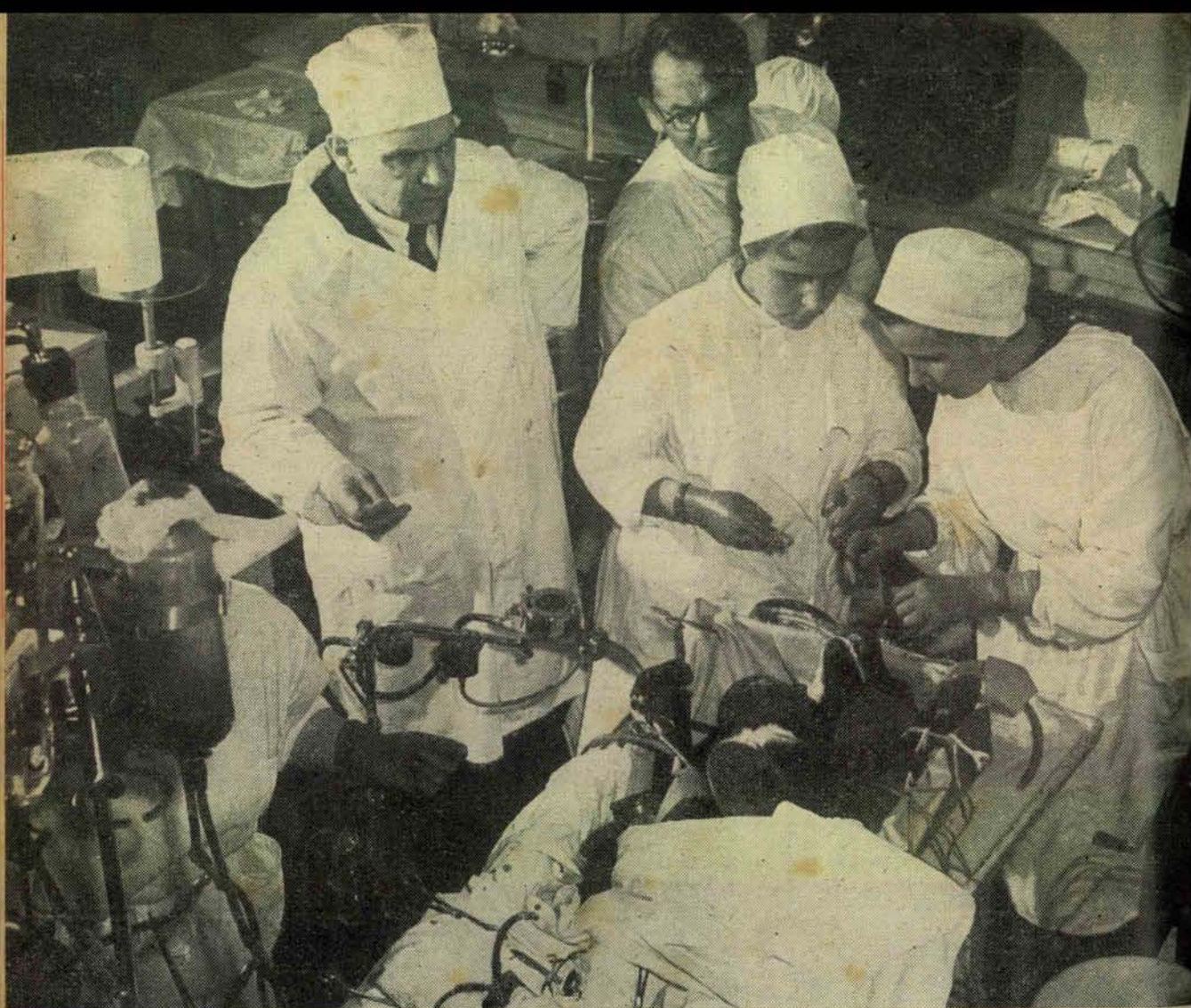
limpa e embeleza os dentes - combate o mau hálito e ajuda a evitar a cárie!

COLGATE é o Creme Dental da mais pura qualidade que existe. Sua espuma ativa e penetrante, destrói as bactérias e ácidos causadores da cárie e do mau hálito. Pelos resultados positivos que oferece para a saúde dos dentes e a higiene da boca, COLGATE é o creme dental preferido por milhões de pessoas no mundo inteiro!



Que sabor gostoso tem COLGATE!

Os mais belos sorrisos são SORRISOS COLGATE



MORTOS RESSUSCITAM NA MESA DE OPERAÇÕES

Cães Que Morrem Duas Vêzes Ajudam a Prolongar a Vida

Experiências com cobaias demonstram a possibilidade de reanimar um organismo até 60 minutos depois de cessadas as batidas do coração — Nem sempre o atestado de óbito do médico significa que o paciente estava irremediavelmente perdido — Experiências com seres humanos marcarão uma nova fase da medicina.

Pierre GERMAIN

SOBRE a mesa de operações, num dos laboratórios da Academia de Ciências Médicas da URSS, há um cachorro deitado nos lençóis, imóvel. Não respira, o coração não pulsa, o sangue não corre nas veias. Aparentemente, está morto. Mas em seu redor a equipe de médicos e enfermeiros permanece de olhos postos no relógio. Apenas aguardam que se escoem sessenta minutos após a morte, para darem início à tarefa de ressuscitar o animal.

O que esta cobaia nos prova é uma verdade pouco conhecida: o homem (como o cachorro) pode morrer duas vezes. Na primeira, entretanto, a ciência tem meios de fazê-lo ressuscitar. Isto os fisiólogos americanos e soviéticos estão tentando demonstrar de diversas maneiras.

Um resultado das experiências até aqui realizadas foi apontar a precariedade do diagnóstico do médico, quando se debruça sobre um paciente e o declara morto porque cessaram as batidas do

coração. Tal diagnóstico reflete meia verdade, pois se ocorreu a morte clínica, as células do organismo, no entanto, continuam inctatas. Sua dissolução leva algum tempo — uma hora ou mais — antes da morte biológica. Assim se explica também porque um homem pode morrer duas vezes: a primeira, quando dá o suspiro que nem sempre será o último; a segunda, irremediável, quando a decomposição afeta todo o organismo.

Desde que os cientistas começaram a suspeitar das possibilidades de reviver um morto, desenvolveu-se um novo ramo da medicina, cuja importância cresce à medida em que espantosas descobertas são anunciadas. Chama-se «fisiologia experimental da revivificação dos organismos». E o nome sintetiza todo o inconformismo de uma parte da ciência contemporânea diante dos desígnios da natureza, o seu anseio de domar fenômenos imponderáveis.

Os anais das grandes institui-



Na sala de operações, médicos e enfermeiros observam o processo de revivificação de um organismo submetido à morte clínica.

Depois da experiência no laboratório, a vida lhes sorri novamente. Nos jardins da Academia os cachorros circulam alegremente, como se nada houvesse acontecido.

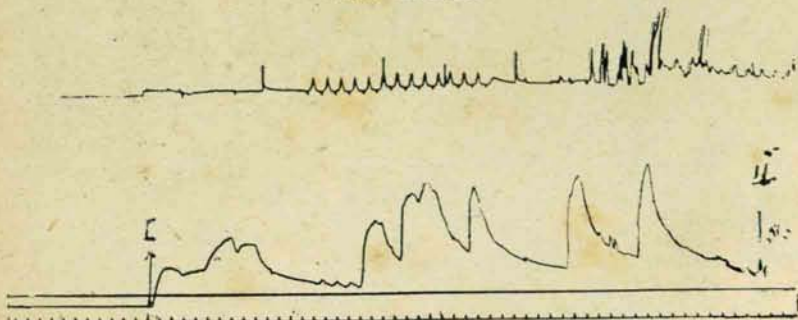




A hibernação do corpo, por meio de gelo, ajuda a adiar a morte biológica. Neste instante, o sangue está sendo extraído do cão. Ele está morrendo.

CAES QUE MORREM...

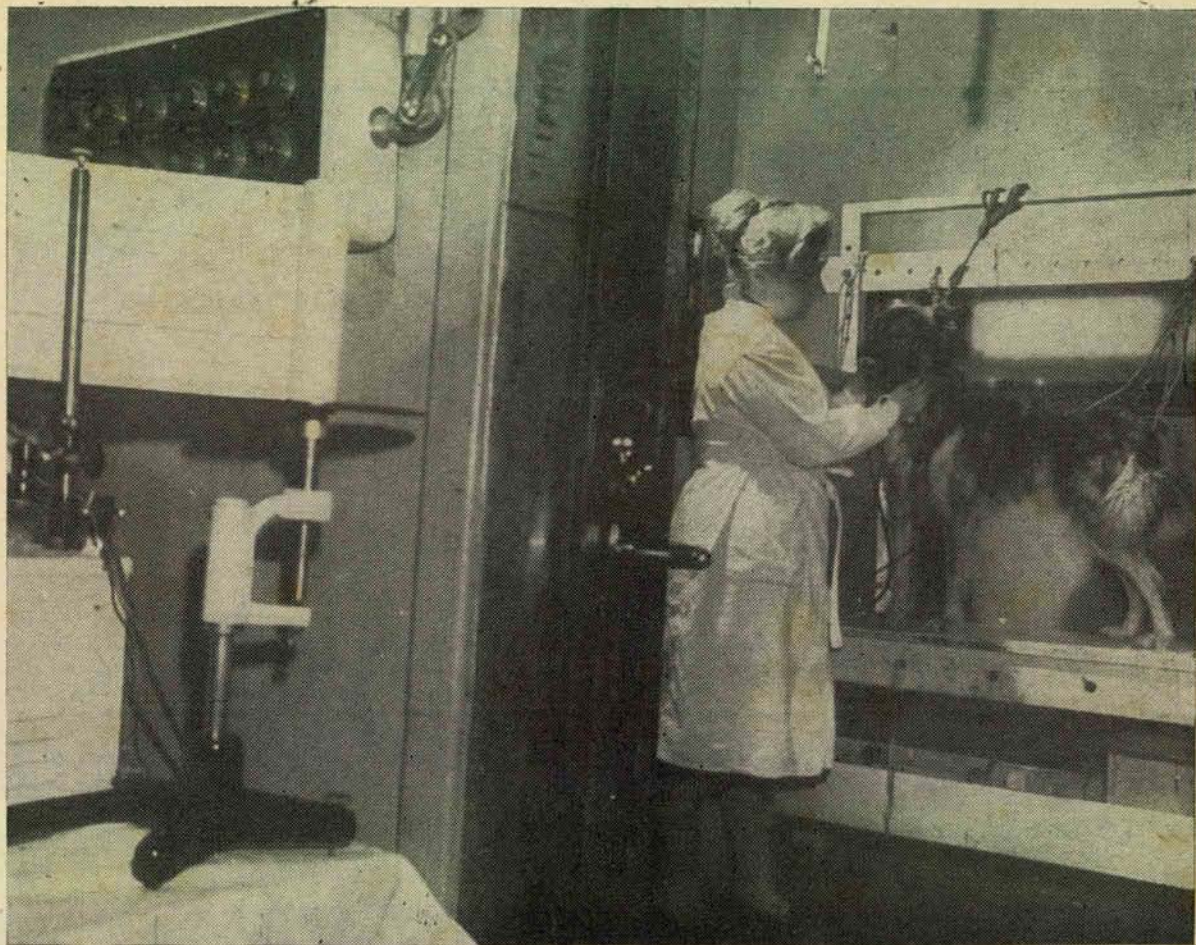
Esta fita magnetográfica registra o começo do processo de revivificação da cobaia: as condições do coração e as contrações coordenadas dos músculos cardíacos.



ções científicas registram inúmeros casos de homens que fizeram a viagem «ao outro mundo» e de lá retornaram graças à perícia de alguns poucos cirurgiões mais atrevidos. Seus corações haviam cessado de bater. Estavam virtualmente entregues nos braços da morte. A rápida intervenção dos médicos, com a abertura do tórax e a habilidosa aplicação de massagens, restabeleceu as pulsações antes que a morte biológica afetasse as células do organismo.

Até aqui ninguém se atreveu a fazer, voluntariamente, a perigosa travessia de ida e volta nas fronteiras da existência. Por enquanto, só os cachorros têm sido usados nas experiências. Se esses animais falassem, talvez dispuséssemos hoje de elementos preciosos para a decifração do mais insondável mistério da natureza. Mas, diante do impecilho, os cientistas podem-se valer apenas de suas próprias constatações e dos dados que as fitas magnetofônicas registram. O que não é pouco, pois os resultados já as-

(Conclui na pág. 136)



Este cachorro voltou da morte. No período de convalescença é submetido diariamente a exames em uma câmera especial, onde diversos aparelhos registram eletronicamente o processo de sua reabilitação.



Momentos de tensão: a laboratorista e a enfermeira aguardam que o animal morto volte a viver.

MINEIRO CEGO

é perito em motores de aviões

TEXTO DE WALTER JOSÉ FAÉ

EM meio ao ceticismo de milhões de paulistanos afoitos, brasileiros sem rumo, nesta época de materialismo, "play-boys" e juventude transviada, a figura marcante e empática de um mineiro cego, crente, honesto, feliz trabalhador, levou-nos a esta reportagem.

Geraldo Calixto, um otimista entre milhões de desesperançados, é bem o exemplo do triunfo do espírito sobre a matéria, protótipo do homem feliz, porque se contenta com pouco, e crê no predomínio da inteligência, e confia na bondade humana. É no caminho a ser palmilhado por todos os que vêem vida, os homens e as coisas com os olhos do instinto, egoístas e fracos. Por isso o mineiro cego mereceu as páginas de ALTEROSA, como há de merecer a admiração do leitor.

O CEGO FELIZ

Em Belo Horizonte, a 7 de setembro de 1922, nasceu Geraldo Calixto, filho de Manoel Calixto e Francisca Maria de Jesus, ambos falecidos. A mãe, ele perdeu em dezembro de 1933, no dia 8. Era adorável e divina — ele nos diz, visivelmente emocionado. O pai, não. Dêle Geraldo não guarda sequer uma lembrança, pois "era um pai qualquer".

— Nasci onde hoje se localiza o estádio do Atlético Mineiro, lá pelo Bairro de Lourdes. Dizem que fiquei cego aos dois anos, mas não me lembro de ter visto a cor do céu ao menos uma vez. Falam-me que é azul; pra mim é branco como o lírio, que também nunca vi. Aos nove anos extraíram-me o olho esquerdo. Sofri dores terríveis até essa data.

— Mas você tem sorte, Geraldo, porque assim não vê as hipocrisias sociais, nem a cara dos hipócritas, aventuramos.

— O sr. se engana — adverte-nos prontamente — porque também nós vemos coisas que outros não vêem, coisas nem sempre recomendáveis...

Esboça um sorriso no canto da boca, e vai falando sem rodeios, num bate-papo agradável. Ao nos lado, cortês e lhano, o capitão Bruno Comenho e o boficial Renato Freire Muniz. Geraldo fala sobre política, religião, casamento, literatura, entreando fatos pitorescos de sua vida na sua prosa, a

princípio tímida, depois gostosa e franca como toda conversa de bom mineiro. E prossegue:

— Estudei em Belo Horizonte mesmo, no Instituto São Rafael, onde fiz os quatro anos de primário e os cinco de ginásio. Apreendi muito lá, inclusive a ser pontual, tolerante, paciente e sobretudo a ter esperança e fé em Deus. Sou católico, vou à missa todos os domingos, confesso e comungo lá uma vez ou outra. Acho que a religião é o caminho, a libertação, o encontro do homem com Deus e consigo mesmo.

— Quando veio para São Paulo?

— Em 1948. Saí de Belo Horizonte em 1943 e fui para o Rio. Lá fiquei uns cinco anos. Trabalhei como vendedor ambulante, depois trabalhei também numa fábrica de sabão; faziam um produto tão ordinário que a casa faliu. Em S. Paulo trabalhei na "Wolff", onde montava lâmpadas. Fui revisor da Imprensa Braille. Sim, moço, minha vida dá pra um romance...

NO PARQUE DA AERONAUTICA

Depois de errar de profissão em profissão, Geraldo descobriu que a mecânica era a sua meta. E pôs-se a estudar.

— Como foi ter ao Parque da Aeronáutica?

— Sôzinho, e fui porque quis. Gostava do ramo. Em 29 de outubro de 1951 (cita fatos e datas de memória) fiz a primeira prova aqui no Parque. Saí bem nos testes de desmontagem de magneto e velas, limpeza e lubrificação geral, sendo aprovado também nos exames clínicos. Fui admitido e estou aqui há quase nove anos.

O capitão Comenho, que é responsável pela seção de motores e chefe de Geraldo, confirma-lhe as declarações e assevera:

"Geraldo aqui é um exemplo e um estímulo. Quando chegou, guiado por um amigo, provocou espanto. Como poderia aprender uma tarefa difícil até para os dotados de visão? Era o que diziam. Mas o mineiro tinha bons conhecimentos teóricos sobre motores e o resto lhe foi fácil. Aprendeu tudo em tempo recorde. Hoje é popular, não só aqui no Parque da Aeronáutica, como também no Bairro de Santana, onde reside numa pensão. O salário que lhe pagam não é

"Rever" Belo Horizonte

favor, é justo, porque Geraldo produz tanto quanto os outros profissionais”.

Geraldo Calixto vê pela ponta dos dedos e executa suas tarefas com rapidez e precisão. Difícilmente erra. Surpreendemo-lo, naquela manhã fria e chuvosa, a encaixar fios de tamanhos e calibres diferentes na cablagem do motor de um B-25, avião de bombardeio da FAB. Ele mesmo, sem interromper o trabalho, vai explicando:

— Cada cablagem de motor tem 28 fios, variando a dimensão de cada um entre 1,68 e 3,14 centímetros. Isso para motor do B-25 da FAB. Agora, para o C-47 ou Catalina, já muda um pouco...

Geraldo recorre a uma prancheta de alumínio, com caracteres em Braille, contendo anotações feitas por ele mesmo, sempre que haja uma dúvida. Não aborrece ninguém com perguntas. E gosta de assobiar enquanto monta os motores, aquelas peças mágicas que levarão os pássaros de aço pelos céus do Brasil.

“O CÉU É O LIMITE” E LITERATURA

O mineiro cego não gosta de escrever cartas, nem aprecia relógio. Não quer ser escravo do tempo, explica. Nem por isso é impontual. Antes das 7,30 já está no Parque. É dos primeiros a chegar. E vem sozinho, de ônibus. Um dos últimos a sair. Pra não perder o horário, liga o rádio às vezes de madrugada, e aguarda o locutor anunciar a hora certa. Depois se levanta, barbeia-se com capricho, nunca se cortou até hoje. Quando tem folga vai primeiro à igreja de São Bento, mas o seu maior prazer é a leitura. Já leu quase todos os livros de Jorge Amado, tendo apreciado muito “Gabriela, Cravo e Canela”. Não concorda com a filosofia do casamento, defendida pelo escritor baiano (destaca o enlace de Gabriela e Nacif), não aceita os postulados políticos de esquerda, defendidos pelo autor, e critica:

— Nacif casa por casar. Não tem senso de responsabilidade, como a maioria das pessoas que se casam no Brasil.

— E de poesia, você gosta?

— Muito. Já li grandes poetas, entre eles Guilherme de Almeida, o Príncipe. Mas Castro Alves é pra mim o maior, o poeta social do Brasil...

Contou-nos Geraldo que a mecânica, e principalmente os motores, é a matéria da qual se considera um *crânio*. Por isso inscreveu-se no programa “O Céu é o Limite” e foi aprovado nos testes. Ia falar sobre motores de avião. Mas não teve sorte porque o programa “morreu logo após a inscrição”.

Ele acha que a Fé é a maior virtude que a pessoa pode ostentar, “algo” de sentido muito amplo e quase indefinível. Os santos, para ele, devem ser encarados como exemplos e devem ser seguidos. Não como fazem certos crentes: oram, pedem, imploram, mas na hora de seguir o exemplo...

OS SONHOS DE GERALDO

— Você tem devoção especial por algum santo?

— Não.

Depois, sem hesitar, respondeu à nossa pergunta:

— A maior emoção de minha vida? Foi no Rio, ou melhor na estação de Todos os Santos, perto do Meier, em 1945. Tinha chovido muito, o chão estava liso. Eu estava no trem. Quando fui desembarcar, escorreguei e caí nos trilhos. O trem apitou. Não posso explicar nada, mas quando dei por mim estava na plataforma. E ileso!



Moreno, espadaúdo e forte (80 quilos) o mecânico cego interrompe seu serviço e faz trocadilho sobre o acidente em Todos os Santos...

— Você recorreu a algum santo, naquela hora?

— Não deu tempo. Nem me lembrei. Acho que todos os santos me ajudaram, respondeu, fazendo trocadilho. Todos rimos, ele, não.

— Já notou algum absurdo na vida humana?

— A morte do cientista Curie sob as rodas de uma carroça. Onde se viu um homem daquele morrer de modo tão estúpido e grosseiro? E depois vai contando trechos da vida do casal famoso.

— Que acha do Presidente Juscelino?

— É o homem mais vivo e inteligente que o Brasil já teve. Aliás é mineiro. Juscelino, está sempre por cima... A turma volta a rir, ele não.

— Você tem partido político?

— Não; gosto da U.D.N., mas não sou político. Creio na democracia e meu voto sempre foi do Jânio.

— Você pretende sair aqui do Parque?

— Não; estou contente e feliz. Aqui tem uma *mineirada boa*, uma turma *legal* mesmo.

Soubemos que mais de 30 mineiros trabalham no Parque da Aeronáutica e todos são amáveis e do cego. Jorge Mauro Berardelli, mineiro de Ouro Fino, é o seu “amigo número um”. Estudam juntos, gravam lições no gravador pertencente ao Parque, em suma, têm idéias afins.

Perguntamos se tinha alguma mensagem especial a enviar aos seus conterrâneos por intermédio de ALTEROSA.

Geraldo responde:

— Meu maior sonho é *rever* Belo Horizonte. Gostaria mesmo de colocar alguns amigos cegos em instituições de lá. Mas a situação financeira não me permite.

— E se alguém lhe pagasse a passagem, algum mineiro altruísta que venha a ler esta reportagem?

— Ah, eu nem acredito; seria uma festa para mim...

Encerrando este bate-papo informal com o cego Geraldo Calixto, esperamos que ele concretize seu sonho: *rever* B. Horizonte. Os que desejarem comunicar-se com ele, escrevam para Parque da Aeronáutica, Rua da Aviação, s/n. — Santana — São Paulo.

é o seu maior desejo.

O ETERNO NATAL



PREPARÁVAMO-NOS para passar a mais lúgubre das noites de Natal, a primeira desde que nossas duas filhas se casaram, construindo seu próprio lar. Até então, dezembro encontrava sempre nossa casa cheia de papéis coloridos, presentes e *segredos*, que se acumulavam desde o sótão até o desvão, mas, naquele ano, tudo estava na mais perfeita ordem e o ambiente era silencioso e melancólico. Não havia confeitos de Natal escondidos atrás da enciclopédia ou na minha chapeleira, nem tacos de golfe no cabide — onde os ocultamos no ano passado, tão à vista de todos, que não sobrou nenhum. Os presentes encontravam-se empilhados à sua sorte e, se um montão de pacotes amorosamente envoltos em papéis coloridos pode ter um ar frio, o nosso, por certo, o tinha. Nem ao menos havíamos nos preocupado em pro-

videnciar os enfeites para a árvore, pois, na verdade, não pensávamos em armar nenhuma.

Certa noite, acabava eu de suspirar pela décima vez, quando meu marido me disse :

— Temos de raciocinar, minha filha, e sair dêsse marasmo. Afinal de contas, não somos os únicos que perderam seus filhos pelo fato de terem crescido e deixado o lar paterno. Busquemos alguns amigos que queiram compartilhar conosco as alegrias da noite de Natal, e verás como nos sentiremos melhores.

Como sua idéia me parecesse acertada, na manhã seguinte chamei, por telefone, um casal de certa idade, cujo filho estava ausente do país por questões de negócios, e convidei-o para ceiar conosco na véspera de Natal. A velha senhora, bastante emocionada, disse-me que aceitavam encantados o convite e contou-me

o quanto se sentiam abatidos à perspectiva de passarem aquela noite sôzinhos, longe do filho.

Imagine! disse a mim mesma, eles estão mais entristecidos do que nós. E, imediatamente, comecei a sentir no mais profundo do meu ser, a doce inquietação do Natal. Lembrei-me, nesse intervalo, de chamar também um jovem casal japonês, recém-chegado aos Estados Unidos que aceitou exultante o convite para ajudarnos a enfeitar a árvore. Daí a pouco, o telefone tocou: era uma de minhas amigas, desejando saber se poderíamos agasalhar por uma noite dois ou três estudantes estrangeiros, que se encontravam em férias, e como ficou surpresa quando lhe expressei o imenso prazer de recebê-los na noite de Natal! Tive até que explicar-lhe direitinho o ocorrido para que se compromettesse a enviar-nos os três estudantes japoneses naquela data. Agora, encontrava-me com sete hóspedes para a ceia e ain-



Poder aliviar a saudade de outrem sua- viza a nossa própria saudade...

da não havia preparado algo para recebê-los.

Bastante atarefada para suspirar, pus-me a buscar, como louca, um agrado para cada um deles: corri a preparar o pudim, e tratei de descobrir meio mais interessante e atraente de ornamentar a casa. Não sei porque, mas poder aliviar a saudade dos outros suavizava a minha própria saudade.

Neste vai-vem, a anciã chamou-me tóda jubilosa, para avisar da chegada inesperada do filho e perguntar-me se não haveria qualquer inconveniente em trazê-lo também. Insisti para que o trouxesse, pensando que sua felicidade se somaria à nossa. Soubemos também de um jovem médico para quem não haveria *Noite de Natal* se não o convidássemos e, finalmente, uma garotinha alemã, cujo pai tinha negócios com meu marido, informou-nos, por carta, ter permissão para hospedar-se conosco, sempre que estivéssemos dispostos a recebê-la. Assim, teria eu que pôr a mesa para doze pessoas.

Nesta altura dos acontecimentos, achava-me disposta a dizer umas verdades a meu marido, pois suas generosas idéias eram responsáveis pela enrascada em que me encontrava. De onde ia eu tirar tempo e energias suficientes para preparar tudo? Ele, por sua vez, limitava-se a acomodar-se bem numa poltrona e dizer-me, com um largo sorriso, que nós, mulheres, somos impossíveis de nos contentarmos. Pedi-lhe que fôsse cortar figurinhas de papel colorido, justamente para evitar que se risse de mim, enquanto me dedicava a fornecer até que a casa tóda cheirasse a condimentos, a açúcar queimado e a Natal, como nos bons tempos. En-

tretanto, nem eu nem ele queríamos pensar no momento de enfeitar a árvore com aqueles antigos e preciosos enfeites, sem estarmos rodeados por nossas filhas.

Três dias antes da festa, o telefone voltou a tocar. Era minha filha mais velha:

— Mamãe — disse-me — acabo de falar com minha irmã e decidimos passar a Noite de Natal junto à senhora e papai. Prepararemos nossas árvores com antecedência, pois queremos estar com vocês na hora de acender as luzes da árvore daí de casa. Será que ainda têm um lugarzinho para nós?

Ora, como não haveríamos de ter um lugarzinho para elas?! Que pais não têm sempre acolhida para seus próprios filhos, sobretudo para repartir carinho e alegria com eles? Se antes do chamado eu havia estado ocupadíssima, agora, então, é que não dispunha de tempo, nem ao menos para respirar.

Na sala, erguia-se o pinheiro, o mais bonito que pudemos encontrar. Preparei gigantesco peru re-

cheado, presunto, doces, sanduíches e pastéis em profusão. A tardinha, começaram a chegar nossos hóspedes: os três estudantes estrangeiros, o casal de velhos com seu filho; o jovem médico, que se pôs a rir quando viu as covinhas da face da pequena alemã que passaria alguns dias conosco; nossos amigos japoneses e, naturalmente, nossas filhas com seus esposos. Como eu havia espalhado os enfeites pelo chão, propus que pusessem mãos à obra imediatamente. Isto bastou para quebrar o gelo. Todos começaram a tagarelar nos respectivos idiomas e, em pouco tempo, a árvore estava primorosamente ornamentada. Para dar-lhe o toque final, nossas filhas ajudaram-nos a pendurar nela uns enfeites vistosos com que tínhamos há vinte e sete anos, enfeitado nossa primeira árvore de Natal. E, mais uma vez, a paz e a felicidade encheram nossos corações.

Enquanto isto, a noite havia caído. Apagamos as luzes, deixando acesas apenas as da árvore. Meu marido pegou sua guitarra, e cada qual se pôs a cantar canções no idioma que lhe era próprio: entre parêntesis, devo dizer que *Noite Feliz* é tão bonito e comovedor em japonês, como em alemão, seu idioma de origem. Logo começamos a entoar canções populares, a distribuir, entre nossos convidados, os presentinhos que lhe havíamos reservado, e a receber de suas mãos, preciosas recordações típicas de sua terra natal, com que nossos amigos nos obsequiaram. Terminada a ceia, formamos um círculo e, à luz das velas, pusemo-nos a evocar Natais passados, relatando, cada um a seu turno, algum acontecimento que se nos havia gravado na memória. Era tal o encanto produzido por essa tertúlia familiar, que nada seria capaz de perturbá-lo.

A hora das despedidas, já a alva começava a despontar.

— Onde, senão junto aos senhores, poderíamos passar uma *Noite de Natal* como esta? — disseram-nos nossas filhas, nos beijos de despedida.

Fechamos lentamente a porta atrás delas, e meu marido, abraçando-me com ternura, disse-me, com voz cheia de comoção:

— Feliz Natal, querida!

Sentimos imensa paz descer sobre nós, porque descobrimos que o maior dom que o Natal nos traz é justamente o amor que se concentra e se purifica em nosso coração. — (HELENA G. BAER — Cortesia da revista "Rotária").



BOAS FESTAS

Conto de ALTINO BONDESAN

MALVINA bem que desconfiou. Letra desconhecida, envelope ordinário... Além do mais, um cartão humorístico, de péssimo gosto, apresentando, em desenho tôsko, a figura de um homem — o genro — cortando com enorme facão a língua de uma senhora — a sogra. Devia ser um trote do boticário Eleutério, especialista em piadas de tal ordem.

Passou a ler a mensagem, no verso e quase desmaiou. «Em vez de falar mal da vida alheia, por que não conversa com certa sujeita que anda de amôres com seu marido?»

Um bilhete anônimo, uma denúncia... Céus, e logo envolvendo o João Nicola, um homem pacato, pra ele mulher não contava, pinga sim. Gostava de cachaça, é verdade, mas era incapaz de olhar comprido para qualquer bicho de sala.

Teve vontade de rir, mas... um homem é sempre um homem, quem sabe lá que tentação se teria metido na vida do João Nicola? Ia chorar, mas um exame mais cuidadoso do escrito restituiu-lhe a calma. No alto estava o nome da verdadeira destinatária, nem reparou nisso antes. Tudo aquilo era dirigido a Minervina, sua amiga da rua Sete. Uma troca de envelopes, só isso. Graças a Deus! Devia quanto antes levar o cartão à outra, mostrar o engano, botar tudo a limpo.

No caminho teve vagares



Ilust. de
JARBAS JUAREZ

Bilhetes anônimos,
sérias denúncias
transformando
festas em
pandemônio.



para considerar que era bem feito... Minervina falava de todo o mundo, ganhou apelido de «jornal falado». Seu marido, o Zê do Pito, tinha fumos de conquistador. O anonimato era repelente, sem dúvida. Mas que era bem feito, era...

— Como vai, comadre?

— Bem. Que novidades a trazem tão cedo?

— Uma carta, isto é, um cartão. Chegou lá em casa, por engano. Abri porque o envelope era em meu nome, pode ver. Mas quando percebi que se destinava a você, tratei de vir pra cá. Nem li o que diz...

Minervina, depois de ler, afirmou, alterada, que tudo não passava de uma infâmia. Fruto da inveja do seu homem, que era, apesar dos anos, um tipo dominador. E quanto a falar da vida alheia, ali estava a comadre que poderia testemunhar.

— Vivo minha vida em casa, com minha casa e meu marido. Desta boca nunca saiu um falso. Pouco me importo com a vida dos outros...

Malvina ouvia em silêncio.

— Comadre — continuou Minervina — há aqui arranjo do capeta. Por coincidência também recebi hoje um cartão de boas-festas — o primeiro em vinte anos. Tem uma sogra içada de um poço pela língua. E igualmente para outra destinatária. Imagine quem?

— Eu?

Minervina custou a responder, gozando a aflição da comadre.

— Não. Espere um instante.

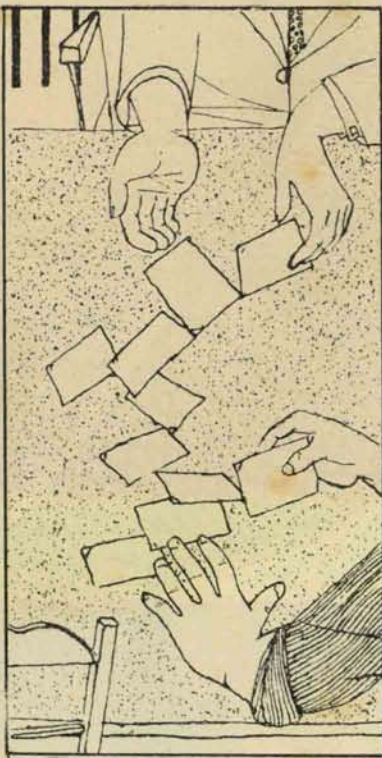
Pouco depois voltava e lia: «Sinhana, porcalhona, por que não limpa sua casa? Por que não paga o armazém? E' só falar da sobrinha, pobre moça... Compre sabão e sôda, limpe-se...»

Ficaram comparando a letra. Não havia o que duvidar. A procedência era a mesma. E no que dizia respeito à Si-

nhana, estavam de acordo que era merecido. Sujeita desaseiada, trazia os filhos imundos, não despregava da janela, só maldizendo a sobrinha, órfã de pai e mãe, mas jovem direita e trabalhadora.

— Vamos levar o cartão?

— Vamos. Mas olhe, nada de contar o que houve comi-



go. Deixe ela pensar que foi só ela que recebeu...

Sinhana acolheu-as com as excusas de sempre.

— Desculpem, aqui em casa está tudo em desordem. Ia começar a arrumar a sala, quando vocês bateram palmas.

E como entrasse o Juquinha, sujo como um bacinete:

— Diabo de menino, andou pra aí, na lama... Dei banho nele não faz meia hora...

Minervina tomou a palavra.

— Sabe, Sinhana, o cartão errou, isto é, não foi ele... Chegou lá em casa um envelope no meu nome, mas o cartão de dentro era pra você. Nem cheguei a ler tudo, quando vi que não era pra mim. Tome.

Sinhana tomou a cartolina,

correu os olhos sem interesse e tirou do bolso do avental um cartão em tudo igual aos dois já conhecidos dos leitores.

— Também recebi um «enganado»... E sabem pra quem é? Sabem? Pra você, Malvina.

— Pra mim? Impossível!

— Impossível nada. E ouça só o que diz: «Malvina ladrona, por que furta na feira? Por que rouba até o carrinho de pipoca? Não se farta de roubar laranja e tomate, ainda quer roubar a honra alheia? Vá confessar ao vigário seus pecados, ladra!»

Malvina desta vez desmaiou.

A essa mesma hora o senhor prefeito municipal recebia o seu cartão, das mãos do presidente da Câmara.

— Negociatas... Rouba-lheiras... Isso são intrigas da oposição.

Antes, porém, que o presidente da Câmara se retirasse, o prefeito lhe passava um papelucho, contendo frases impubescíveis.

— Como vê, meu caro, houve um derrame de boas-festas na cidade. Ninguém foi poupado. Já tive notícias do turco da venda, do engenheiro da eletricidade, do gerente da cooperativa. E são verdades de arrepiar cabelo!... Há injustiças, é claro, como no nosso caso. Mas muita verdade dura foi desvendada. Muito marido anda surrando a mulher, muita mulher já botou de cama o marido. O pau comeu lá pelos lados de Santo Olavo... Não há como negar o processo infame adotado. Aqui entre nós, meu caro, o autor ou autores da brincadeira estavam bem informados. Se estavam...

Na delegacia de polícia havia a aglomeração que lembrava feriado nacional. A todo instante engrossava a massa dos que iam apresentar queixa. A gritaria era infernal. Cartões circulavam, entre protestos e risadas.

— Tenho aqui uma «bomba atômica». Só mostro ao doutor.

— E eu? Se ler em voz alta o que escreveram neste papel, sei que alguém não volta vivo pra casa...

O Coronel Tibúrcio agitava um envelope, afirmando que degolaria o autor daqueles insultos.

O delegado, fazendo mais alta sua voz que as vozes dos demais, urrou:

— A verdade será apurada. Estou tomando providências.

Aproveitando um hiato no berreiro generalizado, o boticário Eleutério perguntou:

— Que verdade? A autoria dos cartões ou as afirmativas nêles contidas?

— Tudo. Tudo será apurado.

Pedro Leiteiro, com seu vozeirão de tocar o gado, queria um minuto de atenção, o que conseguiu afinal.

— Olhe, doutor, pra mim veio um cartão que começa assim: «Delegadinho de fan-caria...»

Um soldado avançou para o Leiteiro, querendo arrancar-lhe das mãos o papel. Mas foi repellido com um safanão.

— Posso ler o resto?

Um côro assentiu: «Leia, leia».

E o vozeirão do Leiteiro: «Largue mão de se associar

com os bicheiros... Não lhe basta o «barato» do carteadado do Clube? E a comissão dos bate-carteiras, não chega?...»

Não foi possível concluir a leitura. Coronhadas de fuzis se misturavam com cadeiradas e correrias...

Durante um ano não se falou noutra coisa em Itanguá. Vários suspeitos foram detidos e submetidos a interrogatórios. Foram enviadas a S. Paulo amostras da escrita de centenas de cidadãos para estudos da polícia técnica. Tudo se fez para descobrir o autor ou autores da façanha. Sem resultados.

Tudo, em verdade, tem seu lado bom. Casas passaram de sujas a limpas; línguas viperinas tomaram férias; a reputação alheia deixou de ser pasto da maledicência; o delegado foi removido e o prefeito passou a cercar seus negócios de maior lisura... As donas de casa votaram mais atenção a seus afazeres e menos ouvidos aos diz-me-diz. Itanguá passou a lugar habitável, livre de muitos males.

A experiência foi dura, reconhecamos. Mas produziu os melhores frutos possíveis.

De qualquer forma, os cartões de boas-festas foram pros-critos em Itanguá. Para o bem de todos e felicidade geral... das famílias do lugar...

O Centro do Universo

O primeiro êrro de educação que uma mãe pode cometer é o de considerar o seu filho como o centro do universo. Assim é que ela faz questão de mostrá-lo a todo mundo, não o deixa sozinho um minuto sequer e permite que a família toda esteja sempre cercado-o dos mais exagerados mimos e cuidados.

Ao contrário do que pensa a mãe que assim procede, isso somente servirá para prejudicar a criança, tornando-a exigente, ansiosa, cheia de caprichos, enfim, uma criança completamente estragada.

Naturalmente, será um grande absurdo ser indiferente ou fria para com uma criança adorável, que tem tanta necessidade do carinho e do afeto de seus pais, mas é preciso ter em mente que, nesse domínio, a boa educação é a justa medida.

Sugestões MAIZENA

Sopa de acelga



2 xícaras de acelga picada, sem os talos brancos — 2 copos de leite — 4 folhas de salsa picadinha e 4 de salsa também picadinho — 3 colheres de MAIZENA — 2 colheres de manteiga — sal — pimenta-do-reino a gosto.

Esta sopa é passada no liquidificador e depois em peneira fina. Leve tudo ao fogo para cozinhar ligeiramente e aqueça até à temperatura desejada.



Bolo amarelo

¼ de xícara de manteiga — 1 xícara de açúcar — gotas de essência de baunilha ou amêndoas — 2 ovos — 1½ xícara de farinha de trigo — ½ xícara de MAIZENA — 2 colheres (chá) de fermento em pó — 1 colher (chá) de sal — ½ xícara de leite.

Bata a manteiga com o açúcar, até ficar cremosa. Junte a essência e os ovos, e continue batendo. Adicione depois o leite e os ingredientes secos, peneirados juntos. Bata a massa muito bem e leve-a ao forno quente, em forma untada com manteiga.

Molho de passas para sorvete



½ xícara de passas sem sementes — 1 xícara de água fervendo — 1 colher (café) de caldo de limão — ¼ de xícara de doce cristalizado (cidra ou laranja) — 1 colher (chá) de MAIZENA — 1 colher de manteiga ou margarina — 1 colher de açúcar.

Leve ao fogo brando, durante mais ou menos 1 hora, a água, as passas e o doce cortado em pedacinhos. Peneire juntos a MAIZENA e o açúcar, e junte-os à mistura de passas, mexendo tudo ao fogo sempre brando, durante dez minutos. Junte o caldo de limão e a manteiga. Retire o molho do fogo, deixe-o esfriar e empregue-o com sorvete de creme ou outro à base de leite.



Sorvete francês

Esquente 3 xícaras de leite, 1½ de KARO rótulo vermelho e ½ de açúcar. Quando começar a levantar a fervura, engrosse o caldo com 1½ colher de MAIZENA previamente diluída em um pouco de leite frio. Ferva durante 15 minutos e junte 3 gemas bem batidas. Deixe esfriar, adicione uma pitada de sal, 1 colher (café) de baunilha e 1 xícara de creme de leite. Leve ao refrigerador, deixe 15 minutos, retire, e bata bem. Repita a operação 5 ou 6 vezes.

S-2-60





O sonho de Natal

A primeira vez que isto aconteceu foi por causa de uma menina cega, que chorava e rezava, pedindo ao céu a graça de ver o Menino-Deus.

HA' muitos e muitos anos, quando todos os velhos eram crianças e as árvores, que agora oferecem deliciosa sombra ao meio dia, atreviam-se apenas a opor uma curva graciosa ao vento, — e disto apenas eu posso me lembrar, pois estava ali e continuo sendo tão jovem como naquela noite — passou-se a mais assombrosa história do mundo. Ninguém mais, além das crianças, soube compreendê-la. Os adultos tinham-se esquecido tanto de sua meninice, que ninguém se lembrava de que também uma noite (pois o que lhes conto somente acontece uma vez de cem em cem anos), sendo eles ainda tão pequeninos, acontecera coisa igual.

Ninguém se lembrava de almanques, pois estes viviam guardados nos ângulos obscuros das casas. O tempo importava pouquíssimo e havia muito sempre; bastava destampar uma caixa, uma sala, um desvão, uma garrafa, para daí sair tempo. Foram os fios elétricos, os motores, os telefones, os sinais

verdes e vermelhos das ruas que o consumiram.

Era muito tarde e nevava devagarinho, como se os flocos quisessem decorar suavemente todos os edifícios do mundo. Na velha sala de jantar, de piso rústico, onde todos os componentes da família Ko Smos passavam os dias de dezembro, estavam agrupadas as crianças, meninos e meninas, diante da lareira repleta de troncos que ardiam numa alegre crepitação. Estavam caladas, impressionadas de ver o fogo: criança gosta de ver as chamas apoderarem-se dos troncos vermelhos, que parecem transparentes e que, prisioneiros das línguas rutilantes, altas e baixas, transversais e oblíquas, entregam-se à inefável consumação delirante.

Os adultos conversavam no andar superior. Tinham acabado de jantar e, sem que ninguém os advertisse por indisciplina, os pequeninos sentaram-se ao lado da lareira. Sabiam dos preparativos que eram feitos para a celebração fes-

Texto de Carmen Conde

• Ilustração de Jarbas

Proteja o poder aquisitivo das suas economias

Pense bem no futuro das suas economias. Se V. não tomar cuidado, elas deixam de crescer e perdem grande parte do seu poder aquisitivo.

É, então, imprescindível que V. use o tipo de aplicação que lhe proporcionará o máximo de segurança e rendimento, com um mínimo de trabalho e preocupação.

Investindo no Fundo Crescincó, através de um só título, V. se torna imediatamente sócio-coacionista em mais de 100 das melhores empresas que operam hoje no Brasil e participa, proporcionalmente, nos lucros e na valorização de cada uma delas. Assim, a segurança é máxima devido à quase eliminação do risco, pela ampla diversificação das aplicações.

Crescincó, o maior fundo de investimentos da América do Sul, reunindo os capitais de milhares e milhares de investidores, pode realizar investimentos que darão o máximo rendimento, porque a sua administração é composta por peritos em finanças e aplicação de capitais, cuja responsabilidade é selecionar e vigiar atentamente as aplicações do Fundo. E os resultados falam por si: *Quem investiu no Fundo Crescincó há pouco mais de três anos, duplicou, pelos rendimentos distribuídos e pela valorização acumulada, o valor inicial do seu investimento líquido.*

Além disso, Crescincó oferece liquidez imediata, podendo o investidor resgatar sua inversão a qualquer momento, recebendo sem demora o valor de suas cotas pela cotação do dia.

Proteja o valor aquisitivo das suas economias. Preencha o cupom abaixo e, sem o menor compromisso, V. receberá todas as informações sobre como o Fundo Crescincó pode beneficiar o seu dinheiro.

FUNDO CRESCINCÓ

Depto. R1 Caixa Postal 8245
São Paulo — Brasil

Peço enviar-me, sem compromisso, todas as informações sobre o Fundo Crescincó.

Nome _____

Rua _____ N.º _____

Cidade _____

Est. _____ Cx. P. _____



tiva e gloriosa, mas, como em sonhos, somente queriam estar caladinhos, reunidos, contemplando o fogo...

Foi então que se ouviram os seus passos de alguém que vinha entre a neve. À medida que se aproximava da casa, a neve soava como cristal muito delgado, acariciado pela brisa. As crianças entreolharam-se, surpresas: conheciam a música das flautas e das liras, à mercê do vento; sabiam as ternas canções cantadas pelas mães jovens, e conheciam também as tristes melodias das avós. Mas, som como aquele da neve, jamais tinham ouvido antes!

— Virá aqui?

— Baterá à nossa porta?

— Com toda esta neve, e ainda vem cantando?!

— Se não canta, ouve-se a música.

Não se abriu a porta. Ninguém chamou. E, de repente, entre as crianças e a porta, apareceu um homem. Era de estatura mediana, tinha cabelos castanhos e grandes olhos azuis. Sua voz farfalhava como espigas açoitadas pelo vento e sua roupa — um grande manto azul-carregado — agitava-se, desprendendo cheiro de mar sereno.

— Posso sentar-me com vocês?

O círculo de crianças se abriu e ele acomodou-se entre elas. Neste momento, deu-se um fato estranho: as línguas de fogo detiveram-se erguidas, semelhantes a flores altas, que crescem do manancial dos troncos. E assim se conservaram durante todo o tempo em que o recém-chegado permaneceu sentado. Cessaram as vozes que vinham do andar superior e um sono perfumado envolveu toda a casa, ficando acordados apenas as crianças e seu visitante.

— O senhor conhece nossa casa?

— Sim; estou vivendo nela toda a vida, cada ano.

— Como se chama?

— Vocês adivinharão, quando eu me fôr.

— O senhor vai embora?

— Somente de corpo...

As crianças não o entendiam; todavia, doce e secreta inteligência socorria a razão.

— Vim hoje para contar a vocês algo que nunca escutariam melhor. Quando souberem quem sou, já serão adultos, e eu desejava que guardassem para esse dia o segredo de minha revelação.

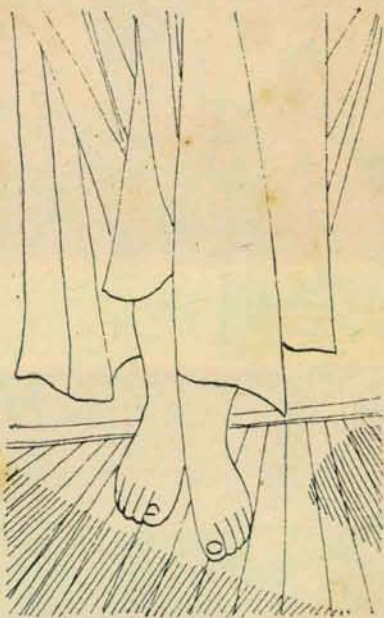
As crianças ouviam-no mais com o sangue do que com os ouvidos. As palavras do estrangeiro eram uma linguagem indecifrável, mas compreensível para elas.

— Sou o vento, sou a Terra, sou todas as criaturas que vocês conhecem e pressentem. Ainda sou mais: sou a substância de onde se cria. Sou o Senhor Eterno e Imortal, porque não me interrompo nunca. Esta é a revelação: que todo ser humano está continuamente na minha presença, desnudo, ainda que esteja vestido; desperto e vivo, ainda que durma e esteja morto. Não me acabo nunca. Viverei em mim, porque sou vocês.

A mão branca de uma menina encostou-se no mistério do grande manto azul.

— Não entendo o que o senhor diz! — gemeu.

— Cale-se! — ordenou-lhe um menino. — Eu também não entendo, mas entenderemos depois.



Então, ocorreu outro fenômeno estranho. Sem mover-se dali, sem deixar de ser ele mesmo, o estrangeiro foi diminuindo de tamanho, até transformar-se num garotinho lindo, gorducho e despido, que bracejava e movia as perninhas, sem temer o fogo.

— E' Jesus! — gritou a menina.

— E' Jesus! — exclamaram todos.

A casa despertou: galos cantaram, ovelhas balaram e um tropel de pessoas e animais ansiosos converteu a sala de jantar em estábulo. Ouviu-se a voz grave da avó dizendo a todos:

— Existe uma tradição centenária em nossa família: na véspera do seu nascimento, no presépio, todas as crianças vêem a Je-

sus, exatamente nesta sala... A primeira vez que isto aconteceu foi por causa de uma menina cega, que chorava e rezava, pedindo ao céu a graça de ver o Menino Deus, não obstante sua cegueira.

★

Tudo desapareceu. Que prodígio foi aquele em lugar do sonho?

— Meninos, acordem! Amanhã será Dia de Natal e vocês terão que madrugar. Onde já se viu dormir junto ao fogo!

As crianças entreolharam-se, admiradas. Dormiram? Em todos aqueles rostinhos lia-se a cumplicidade no mistério.

E a avó sorria, no umbral da sala.

☆☆☆

O PRIVILÉGIO DE BARTLETT

Em Aden, a entrada do Mar Vermelho, os operadores de uma companhia telegráfica trabalham numa sala ampla e bastante alta. Certo dia, numa hora em que o calor se apresentava quase que insuportável, um dos ventiladores do teto parou de funcionar. Um mecânico subiu ao telhado, pelo lado de fora, a fim de fazer-lhe os devidos reparos e, tão logo terminou, desejou que alguém que se encontrava no interior da sala lhe informasse se o aparelho estava funcionando novamente. Então ele chamou um dos operadores:

— Bartlett!

Bartlett olhou ao seu redor, procurando a pessoa que o chamava, mas não viu ninguém.

— Bartlett! — chamou o mecânico novamente.

E, a essa altura, a ala toda já estava de ouvidos em pé, tentando localizar a voz misteriosa:

— Bartlett! — gritou novamente a voz desconhecida, vinda do alto. Foi então que Bartlett, lembrando-se do que acontecera a Samuel no passado, assumiu uma voz reverente e disse:

— Fala, Senhor, porque teu servo ouve.

Durante os dez minutos que se seguiram, as comunicações entre a Europa e o Oriente estiveram interrompidas.

OFERTA DINAL

Tudo, tudo isto só por Cr\$ 1.145,00



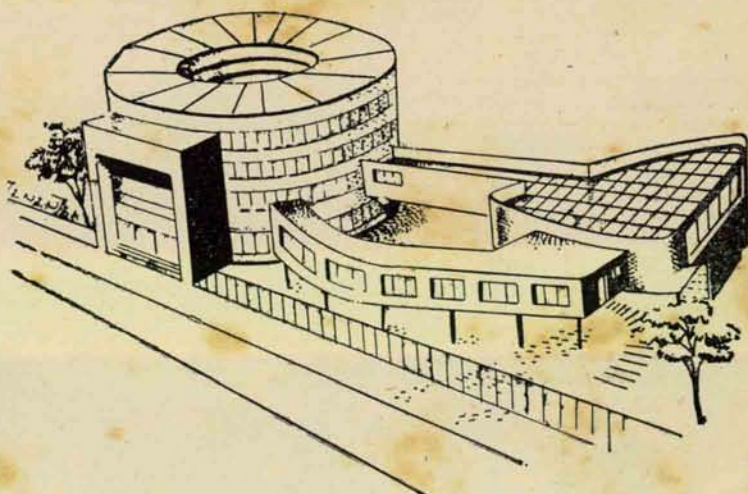
Encomende hoje mesmo pelo Serviço de Reembolso Postal

REF. 159

Inclusive pulseira extensível de aço inoxidável

CALENDÁRIO!
(para os dias do mês)
EXTRAORDINÁRIA PRECISÃO!
À PROVA D'ÁGUA!
FUNDO DE AÇO INOXIDÁVEL!
LUMINOSO!
ANTIMAGNÉTICO!
PONTEIRO CENTRAL!
FABRICAÇÃO SUÍÇA!

★ **DINAL** ★ RUA QUINTINO BOCAIUVA, 255 - 3o. ANDAR
TEL. 36-3376 - CAIXA POSTAL 7.206 - S. PAULO



A CASA DE SAÚDE "ANDRÉ LUIZ" propõe-se a tratar, gratuita e amorosamente, doentes mentais, sem distinção de cor, sexo ou religião. O único Dono e Senhor desta obra é Jesus, que aceita o concurso de todos os de boa vontade.

Dê-nos, amigo, o seu generoso apoio certo de que
«O POUCO DE MUITOS SERÁ O MUITO DE TODOS»

CASA DE SAÚDE «ANDRÉ LUIZ»

Rua Rio Pardo, 38 — Santa Efigênia — Fone: 2-8595 —
Belo Horizonte

DR. J. MANSO PEREIRA

Docente da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil

Úlceras do estômago — Obesidade e magreza — Crianças fisicamente retardadas — Diabete — Alergia clínica.

Consultório: Rua Ouvidor, 169 — 8º andar - Sala 809 - Fone: 23-6230

RIO DE JANEIRO

CLÍNICA HOMEOPÁTICA

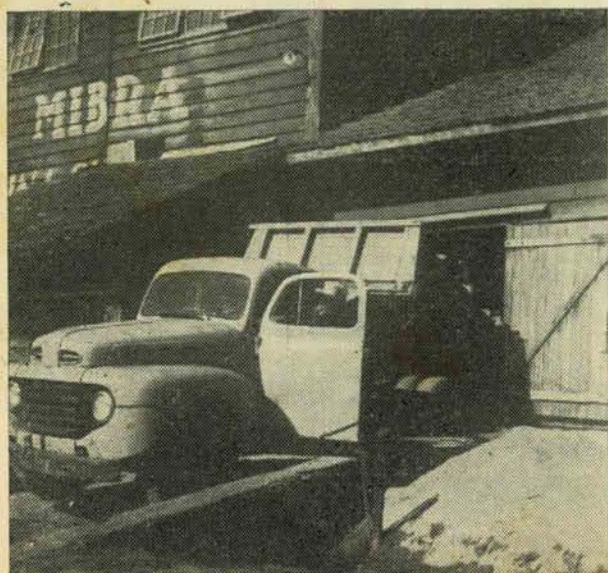
Dr. J. Schembri

Adultos e Crianças

★

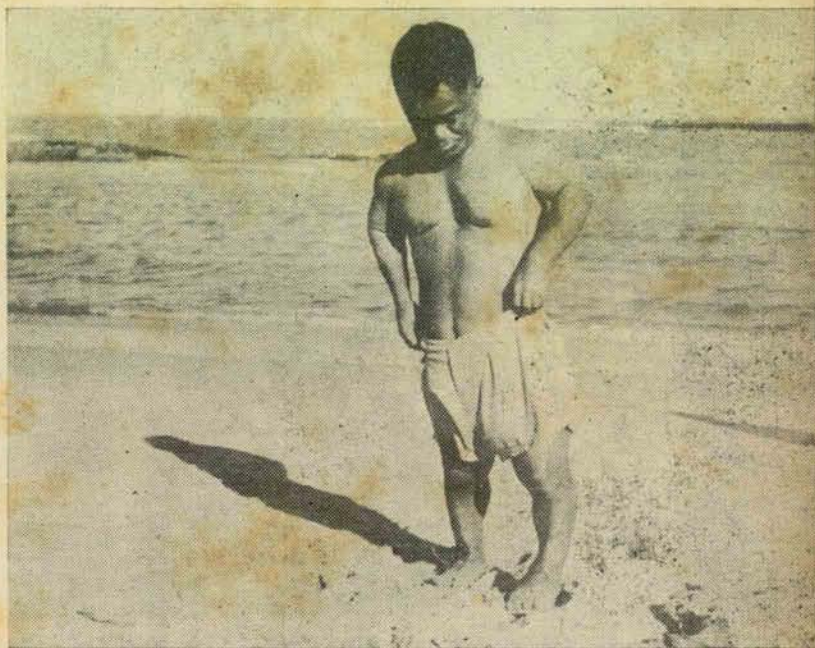
Av. Afonso Pena, 526 — Edifício Mariana, 8º andar — Das 15 às 18 horas — Fone 4-1791 — Residência: 4-5965.

GUARAPARI RADIO



O movimento de extração de areia é contínuo e os caminhões não descansam. E os operários muito menos, expostos ainda à radioatividade incontrolada.

ATIVA



O anão olha o local da transitória inumação, numa esperança de cura para seus males e até — quem sabe? — para o seu sonho de crescimento.

Reportagem de OSWALDO PROFETA



Há trechos ensombrados por árvores acolhedoras que emolduram um cenário cinematográfico.

GUARAPARI, o histórico povoado espirito-santense, situa-se, na moldura da natureza exuberante, distante cinquenta e seis quilômetros da capital capixaba, numa península agreste orlada de praias maravilhosas. O antigo vilarejo de pescadores constitui, atualmente, ponto obrigatório de veraneio, atraindo criaturas enfermas que, procurando o descanso que as férias proporcionam, anseiam, também, pela cura de seus males.

E' que Guarapari oferece, na areia monazítica de suas praias, o elemento radioativo que, segundo o sábio H. Becquerel, que o descobriu no século XIX, emite raios invisíveis que atravessam corpos

opacos e comunicam condutibilidade aos gases, simbolizando a esperança de cura para a multidão que acorre, heterogênea e melancólica, para aquelas plagas encantadas.

Quando visitamos, recentemente, Guarapari, sentimos desejo de verificar detalhes da extração da areia milagrosa através do trabalho das máquinas selecionadoras da *Monazita Iumenita do Brasil*, mas nos impediram a observação. O velho casarão de madeira, engolido caminhões e caminhões de areia, rotina secular inalterável, tornou-se impenetrável para o repórter curioso, traído no seu direito inalienável de observação num setor cuja atividade se caracteri-

za por um alto sentido nacionalista: a exportação de areia contendo, além da monazita, magnetita, iumenita, zirconita e outros minérios ricos e ambicionados pelas mais variadas indústrias. O zelo se nos afigurou exagerado, sabendo-se que, durante a última grande guerra, quando se impunham drásticas precauções do governo, os navios estrangeiros engoliam toneladas das areias monazíticas sob o olhar complacente das autoridades.

Mas, na realidade, nossa viagem não tinha a finalidade de investigação atômica... Sufocamos, decepcionados, a curiosidade, e voltamos à ondulosa fimbria arenosa



Dr. Gustavo Brasil, médico conceituado, em Belo Horizonte, focaliza os perigos da radioatividade a que se expõem os visitantes de Guarapari.



O prof. Milton Campos, da Escola de Engenharia de Belo Horizonte, preconiza o controle obrigatório para os enfermos que buscam Guarapari.

Guarapari

beijada pelo mar e coalhada de figuras humanas contrastantes: a senhora obesa que cavava enorme buraco para inumar-se na areia quente pelo sol matinal, escondendo as enxúndias; a sereia morena de Cachoeiro de Itapemirim, ostentando o maiô estampado e o excêntrico chapéu de palha, concentrando as atenções gerais; o anão — quasímodo enfermo — enterrando-se na areia, no anseio de curar-se e crescer; o velho artrítico e esquelético, estendido inerte, numa antecipação da morte, e inúmeras figuras — sentadas, agachadas, deitadas — numa promiscuidade que a praia propicia e a enfermidade justifica. E perguntamo-nos a nós mesmos, melancolizados pelo contraste do cenário esplêndido que a natureza oferece e a multidão enferma: estarão todas essas criaturas recebendo a radioatividade sob controle médico? Lembramo-nos das palavras do médico Gustavo Brasil, com quem abordáramos o assunto antes da viagem:

— Considerando a composição das areias de Guarapari, não se pode negar a relevância de sua

qualidade radioativa, assim como o alto teor de seus princípios terapêuticos. Convém se frise, no entanto, que tudo se encontra estribado em elementos dolorosamente empíricos. Por isso, perguntamos: que tem feito o Conselho Nacional de Pesquisas no que diz respeito à solução desse grande problema de ordem científica, o que vale dizer, da intensidade de emissão radioativa das areias monazíticas de Guarapari e da sua influência sobre os seres vivos?

Depois de analisar a situação de Guarapari face à medicina, o ilustre médico mineiro abordou, em nossa palestra, a necessidade de estudos sérios quanto às indicações e contra-indicações terapêuticas, visando os resultados benéficos e maléficose que a ignorância e a imprevidência podem acarretar. E citou o ilustre escritor e médico Silva Melo, que afirmou não existir ainda no Brasil uma instituição para o estudo da radioatividade de Guarapari, sob o ponto de vista físico-biológico ou sob o ângulo clínico-terapêutico. A contemplação da turba enferma, movimentando-se na praia, as pala-

bras do dr. Gustavo Brasil surgiam, nítidas, na memória:

— É verdade que as colagenoses podem beneficiar-se com a radioatividade, mas as doenças consuntivas, como, por exemplo, a tuberculose, a moléstia cardiovascular, arterioesclerótica hipertensiva, a insuficiência cardíaca, o *status anginosus*, o *côr pulmonale*, e outras enfermidades podem ser agravadas. Em face do bem e do mal, os casos deveriam ser especificamente catalogados dentro de um estalão eminentemente científico, a fim de que a radioatividade não caia no domínio do *nec plus ultra* da terapêutica de todas as doenças. O *primum non nocere* — primeiro, não fazer mal — é, ainda, o *slogan* da ciência pura e honesta que existe em benefício daqueles que sofrem.

O sol, àquela hora matinal, rebrilhava nas areias escuras, ofuscando: moças enfermas, estendidas e semi-encobertas pela areia, punham lenços coloridos sobre os rostos, enquanto as crianças, em grupos, formavam castelos e cavernas com o material movediço e rebrilhante. Todos estavam, tal-

Cena comum na praia de Guarapari: madame, apavorada com a obesidade, cava a sepultura em que se enterrará às vészes durante horas.



vez, naquela aparente inconsciência, sujeitos à influência — benéfica ou maléfica — dos elementos radioativos. Lembramo-nos de outra palestra que mantivéramos com o Prof. Milton Campos, no Instituto de Pesquisas Radioativas da Escola de Engenharia, onde é chefe do laboratório de radioquímica :

— Ignoramos a dose de torônio — o elemento radioativo gasoso que migra dos cristais da monazita, difundindo-se no ar e aumentando o teor de radioatividade na atmosfera — que uma pessoa pode receber durante sua estada em Guarapari. E desconhecemos, também, a quantidade que possa ser inalada, por dia, ou por semana. Motivo por que não podemos afirmar se estão abaixo ou acima dos limites aconselháveis. Em países adiantados, dá-se uma atenção toda especial ao controle das radiações recebidas pelas pessoas que lidam com tais elementos. Leis há que estabelecem um limite máximo

por semana, o qual, sendo ultrapassado, tem de ser, obrigatoriamente, descontado na semana seguinte.

Como vêem, há um limite máximo, mas, não ali em Guarapari, onde pudemos encontrar, durante vários dias, enfermos sem a menor noção do perigo que correm sob a ação da radioatividade das areias escuras, com as quais se cobrem, às vészes completamente, na suposição de que tal tratamento não obedece a normas científicas rígidas. E, se assusta a inconsciência suicida dos enfermos, que trazem consigo, às vészes, crianças sadias, que permanecem na praia horas e horas, revolta-nos o não menos criminoso descaso das autoridades espiritosantenses pela saúde pública, não exigindo daqueles que procuram Guarapari para enterrar-se nas suas areias medicinais

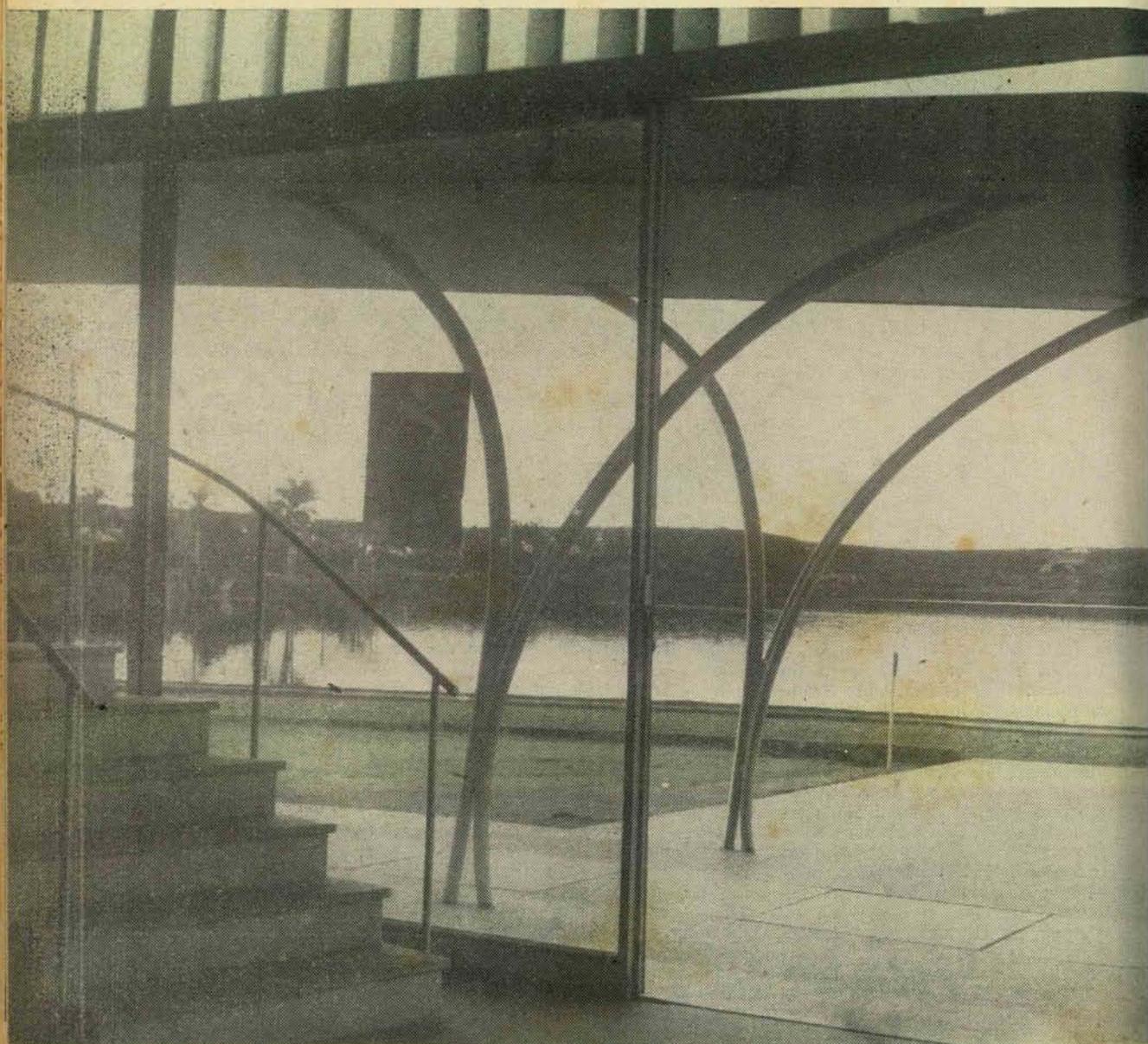
(que poderão também ser mortais) a autorização médica com o respectivo controle de tratamento. Seria, como se pode facilmente avaliar, louvável serviço que o Estado prestaria a todos quantos acorrem àquele adorável recanto da linda terra capixaba.

Se o leitor vai a Guarapari para tratamento, procure, antes, saber algo sobre os incertos efeitos da radioatividade, e conhecer também, através de um exame cardiológico, a receptividade de seu organismo para o torônio.

Quanto aos homens dirigentes deste País — ante o espetáculo contrastante que nos ofereceu Guarapari, laboratório da natureza para os males humanos, — sugeriríamos que batessem menos palmas aos *pelês* para que pudessem estender a mão a César Lattes.



Guarapari se enfeita, às vészes, dessas sereias humanas que, ostentando saúde exuberante, conseguem adoecer muitos turistas...

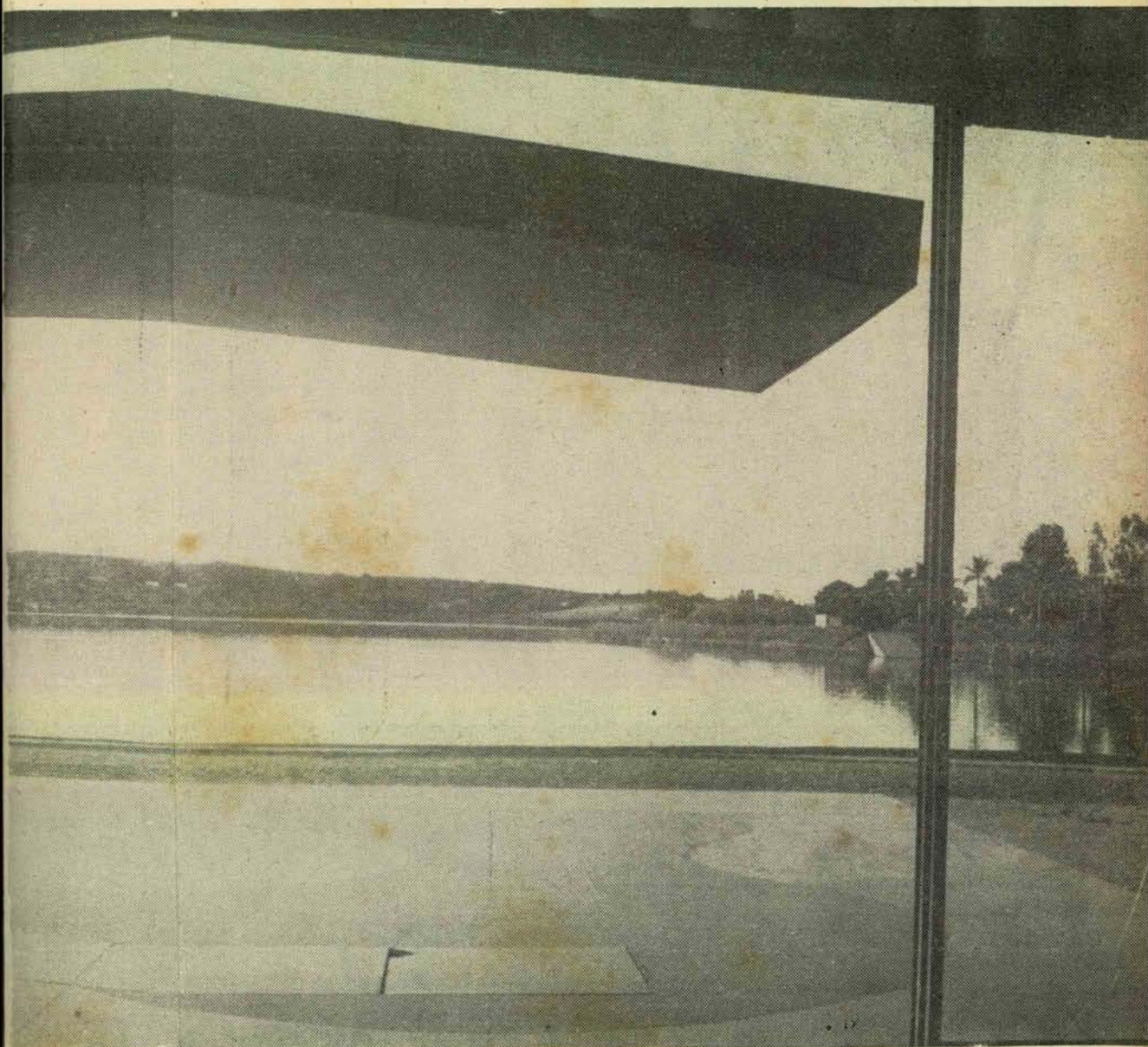


Vista panorâmica da lagoa da Pampulha agora novamente cheia e ponto alto do Turismo de Minas Gerais. O

PAMPULHA

(COM ÁGUA) FAZ DE UM CASSINO
Museu de Arte Moderna

TEXTO DE FERNANDO P. LIMA * FOTOS DE FERNANDO P. LIMA E MARCOS S. MATOS



flagrante foi colhido dentro da famosa "Igreja de Portinari, em cujo "livro de visitantes" há nomes famosos:

OS mineiros viram seu sonho realizado: «reidrataram» a Pampulha, cujas águas um dia romperam sua velha prisão de granito e se entornaram pelo vale abaixo e passaram a ter, no mais famoso lago do Brasil, fazendo concorrência turística à discutida e célebre Igreja, o Museu de Arte Moderna — coisa de «gente bem» — e mais o Jardim Zoológico, ambos atraindo centenas de visitantes que diariamente se dirigem pa-

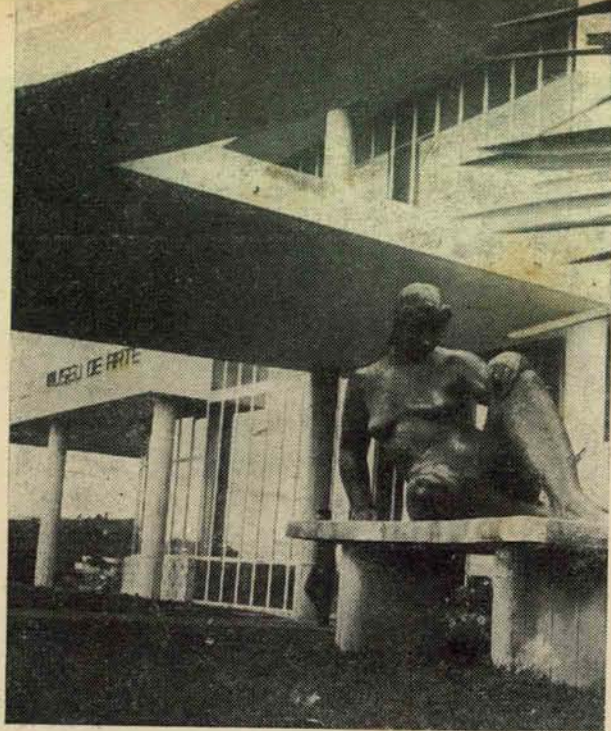
ra lá, fazendo reviver a tela natural que tanto inspirou Cândido Portinari e cuja beleza tem sido o «background» de belos e rumorosos dramas de amor em Minas Gerais.

Pampulha! Fascinante e fantástico tabuleiro de jogo em tempos idos, onde os cruzeiros corriam aos milhões, mudando destinos...

Pampulha do Cassino fluante, dos casacos de pele, das jóias de alto custo, dos «cadillacs» luxuosos, das mais

belas mulheres do Brasil, dos ancoradouros, das lanchas, dos restaurantes, de alegres piqueniques...

Tudo, entretanto, foi desaparecendo com o tempo, ficando apenas uma «visão de ontem», daquilo que outrora havia sido a Pampulha! Todavia, aquilo que os «anos magros» tiraram do patrimônio mundano da grande lagoa, a Natureza e o Progresso foram pródigos em retribuir em beleza, flôres e graça. O gi-

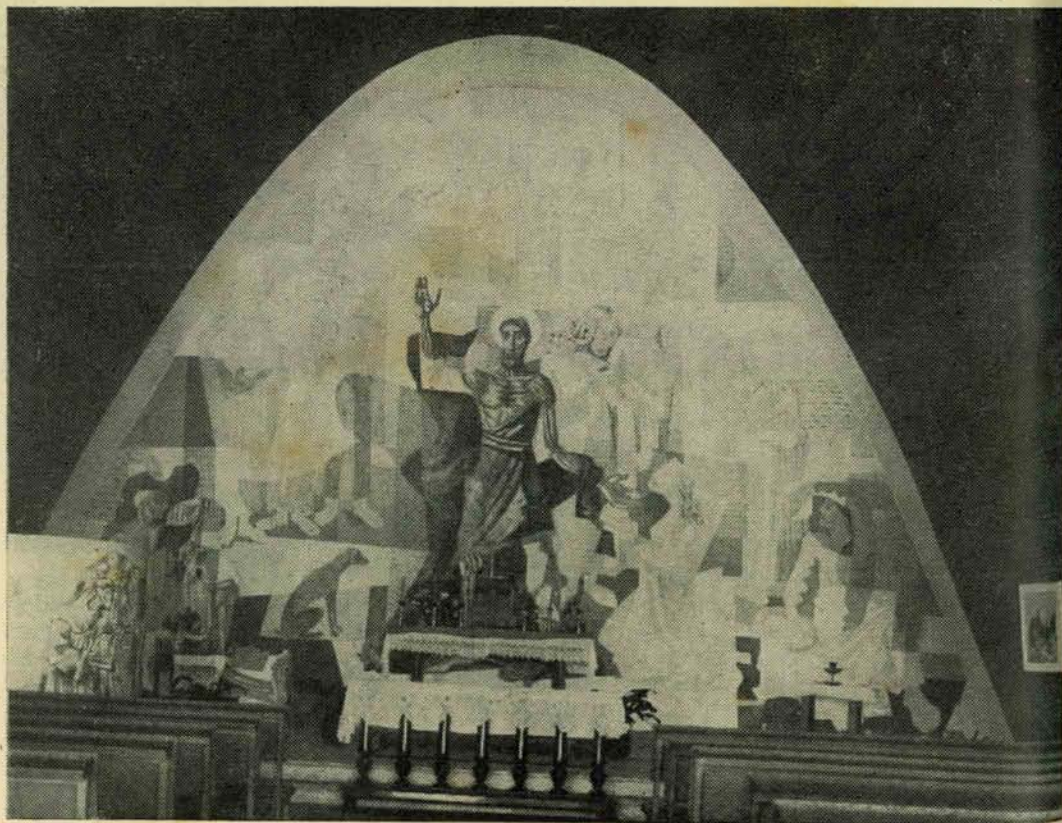


Visão externa do famoso Cassino, agora transformado em Museu de Arte.

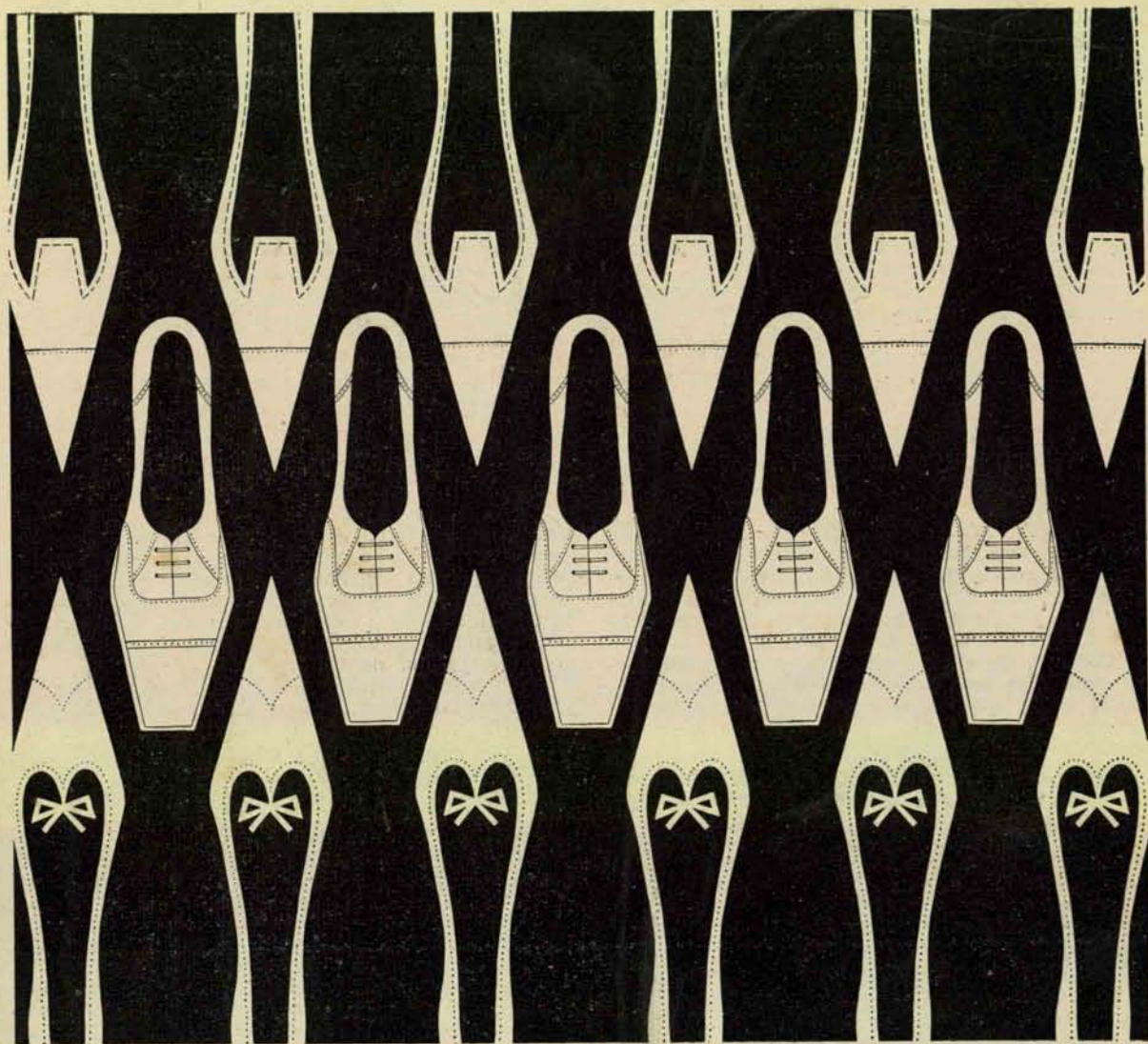
gantesco logradouro, hoje conhecido universalmente, transformou o seu então ruidoso Cassino em Museu de Arte Moderna. Uma nova decoração lhe foi dada; a «igreja de Portinari», patrimônio imortal da cultura brasileira, acabou reconhecida pela Igreja Católica: já não é pecado frequentá-la; vieram depois os loteamentos ao longo da avenida asfaltada que liga o lago à cidade; depois, o Jardim Zoológico, com sua fauna variada, e por fim o Aeroporto Internacional, o terceiro do Brasil em movimento.

A Pampulha que era uma obra de arte interrompida, tornou-se uma obra prima de urbanismo, aguardando, apenas, para se tornar completa, o momento histórico de realizar em seus domínios o mais acalentado sonho da juventude de Belo Horizonte — A CIDADE UNIVERSITÁRIA.

PAMPULHA



O célebre e bellissimo mural de Portinari e uma visão panorâmica do interior da Igreja da Pampulha.



acompanhamos uma indústria que caminha a passos largos

Boa qualidade dos produtos, novidade em estilos, elegância de formas — eis algumas das características que têm feito convergir atenções e referências dos setores especializados mundiais em torno da indústria nacional de Calçados, ora elaborando artigos que se equiparam aos de renomados centros produtores. Atividade econômica e socialmente expressi-

vã, seus índices de crescimento, e sua disseminação pelo país, vêm outrossim possibilitando levar-se a proteção do calçado a novos milhões de consumidores. Cooperar para o desenvolvimento de nossa Indústria de Calçados tem sido motivo de orgulho para o nosso Banco, fiel à sua diretriz: pôr o Crédito a serviço dos louváveis empreendimentos da vida econômica do Brasil.



CURTUME SANTA HELENA S. A. - (BELO HORIZONTE)
Sete irmãos, capitaneados pelo dr. Paulo Rotsen de Mello, vêm conduzindo, em brilhante trajetória, os destinos do Curtume Santa Helena. Nosso cliente de longa data, é com prazer que o incluímos entre as inúmeras organizações da Indústria de Calçados e Couros a que vimos proporcionando, sempre, a colaboração do nosso Banco.

BANCO COMÉRCIO E INDÚSTRIA
presente onde



DE MINAS GERAIS S.A.
está a Produção

O PRESENTE DO ANJINHO



TEXTO DE CHARLES TAZEVELL

ILUST. DE JARBAS JUAREZ

HA' MUITO TEMPO — no calendário dos homens, mas Ontem, no Calendário Celestial — houve no Paraíso um querubim muito infeliz, miserável e desajeitado, que ficou conhecido no Céu como **ANJINHO**.

Contava ele exatamente quatro anos, seis meses, cinco dias, sete horas e quarenta e dois minutos de idade, quando se apresentou ao venerável Porteiro, para ser admitido no Glorioso Reino de Deus.

Displicentemente de pé, com as perninhas curtas muito abertas, Anjinho tentou demonstrar que não estava de maneira alguma impressionado pelo Esplendor Celestial e nem tão pouco com medo daquelas maravilhas, mas seu lábio inferior não parava de tremer e uma lágrima teimosa envergonhou-o, escorrendo por sua face já marcada e indo parar precipitadamente na saliente ponta de seu narizinho sardento. Mas, não foi só isto. Enquanto o benigno Porteiro escrevia o nome em

seu grande Livro, Anjinho, que havia saído de casa sem lenço, como sempre acontecia, tentou interromper as lágrimas, fungando. Foi um desastre! O mais antiangelical som produzido enervou de tal modo o venerável Porteiro, que ele fez o que jamais tinha feito em toda a Eternidade. Sujou a página de tinta!

A partir daquele momento, nunca mais a Paz Celestial voltou a ser a mesma e Anjinho tornou-se logo o desespero de todos os Habitantes do Céu. Seu assovio agudo e ensurdecedor ressoava a toda hora pelas Ruas Áureas, assustando Profetas e Patriarcas e perturbando-lhes as meditações. Além disso, na hora da apresentação do Côro Celestial, ele cantava de tal maneira fora do tom, que roubava ao côro todo o seu efeito etéreo. E por ser tão pequeno, que parecia gastar duas vezes mais tempo que qualquer outra pessoa para fazer as orações noturnas, Anjinho chegava freqüentemente atrasado e esbarrava nas asas de todo mundo, enquanto se dirigia para seu lugar.

Ainda que estas falhas no comportamento pudessem ser relevadas, a aparência de Anjinho era bem mais vergonhosa que seu comportamento. A princípio a questão foi cochichada entre Serafins e Querubins, mas depois foi comentada em voz alta, entre Anjos e Arcanjos: Anjinho jamais tivera a aparência de um anjo!

De fato eles tinham razão, pois Anjinho não parecia um anjo! Sua auréola era embaciada no lugar onde ele a segurava, quando corria, com aquela mãozinha quente e gorducha. E o pior, era que ele vivia correndo. E mesmo que ficasse parado, ela jamais tinha o aspecto digno de uma auréola: estava sempre escorregando por sobre os olhos e ainda mais, escorregava de sua cabeça, indo rolar por alguma Rua Áurea, obrigando-o a correr em seu encalço!

Sim, é preciso lembrar também que suas asas não eram úteis e nem ornamentais. O Paraíso inteiro prendia a respiração quando Anjinho empoeirava como um infeliz filhote de pardal, na orla de uma nuvem colorida e preparava-se para decolar. Experimentava este ou aquele caminho — mas, depois de uns tantos galeios e de alguns falsos impulsos, ele devia fechar os olhos, segurar o nariz sardento, contar de um a trezentos e três e, em seguida, lançar-se vagarosamente no espaço!

Ademais, devido ao lamentável fato de sem-



«O PRESENTE DO ANJINHO»

é uma interessante história lírica, que narra as aventuras de uma criança sardenta e artilosa, no Céu. A história tocou o coração de milhões de pessoas que tiveram oportunidade de conhecê-la e, desde a sua primeira publicação, há mais de 10 anos, tornou-se clássica em seu gênero. Estamos reproduzindo esta belíssima história de Natal, divulgada em 1950, a pedido de numerosas leitoras de todo o País, e para conhecimento dos que ainda não tiveram oportunidade de ler esse admirável trabalho de Charles Tazewell.

três vézes nos Portões de Ouro. Mas isto era justamente para fazer alguma coisa!

Era este o grande problema. Não havia coisa alguma para um anjinho fazer e ele estava saudoso de casa. Oh, não que o Paraíso não fôsse bonito! Mas a Terra também era bonita. Não foi ela também criada por Deus? Por que então havia árvores para a gente subir, regatos para a gente pescar, cavernas para a gente brincar de ladrão-pirata, piscina, sol e chuva, escurecer e amanhecer, e poeira fina, macia e quente debaixo dos pés?

O Anjo Compreensivo sorriu e seus olhos viram a imagem há muito esquecida de um garotinho há muito tempo atrás. Foi então que ele perguntou ao Anjinho o que podia fazê-lo mais feliz no Paraíso. Depois de pensar um momento, o Querubim cochichou em seu ouvido: «Há uma caixa que deixei debaixo de minha cama lá em casa. Se pelo menos a pudesse ter aqui comigo!»

pre se esquecer de movimentar as asas, Anjinho caía de cabeça para baixo! Agora, qualquer pessoa pode entender facilmente o motivo pelo qual, mais cedo ou mais tarde, Anjinho tinha de ser disciplinado. Então, num Dia Eterno de um Mês Eterno de um Eterno Ano, ele recebeu ordens para apresentar-se diante de um Anjo de Paz.

Anjinho penteou os cabelos, limpou as asas e esforçou-se o quanto pôde no sentido de dar à sua túnica um aspecto mais ou menos limpo e, com o coração na mão, encaminhou-se para o local do julgamento. Tentando adiar a temível prova, demorou-se bem na Rua dos Anjos da Guarda, parou por tempo indeterminado a estudar a lista dos recém-chegados, embora o Céu inteiro soubesse de sua incapacidade em ler uma só palavra. Mandriou durante vários momentos imortais a inspecionar uma exposição de harpas, embora não passasse despercebida a nenhum Habitante do Céu sua incapacidade em estabelecer a diferença entre uma colcheia e uma semi-colcheia.

Mas, finalmente, Anjinho aproximou-se bem de um portal encimado por uma balança de ouro, prova de que a Justiça Celestial era exercida em seu interior. Com grande surpresa, ouviu uma alegre voz, cantando. Sem perca de tempo, Anjinho retirou sua auréola, embaciou-a fortemente com o hálito e, depois de poli-la com a túnica, procedimento aliás que em nada melhorou a aparência daquela vestimenta já enxovalhada, entrou na pontinha dos pés.

O cantor, conhecido como Anjo Compreensivo, olhou com desprezo para o pequeno réu, enquanto este tentava fazer-se invisível, escondendo a cabeça dentro da gola do vestido, igualzinho a uma tartaruga ofendida. Vendo isso, o cantor soltou a mais alegre e agradável das gargalhadas e disse: «Oh, então é você quem está tumultuando o Céu dessa maneira, heim? Aproxime-se Querubim, e conte-me esta história direitinho».

Anjinho olhou furtivamente de sob seu vestido, primeiro com um olho só, depois com os dois e, de repente, antes mesmo que pudesse perceber, viu-se empoleirado no colo do Anjo Compreensivo, explicando-lhe as dificuldades de um garotinho repentinamente transformado em anjo. Sim, não importa o que dissessem os Arcanjos, pois ele tinha balançado apenas uma vez. Bem, duas vézes. Bem, está certo; então ele tinha balançado



O Anjo Compreensivo sacudiu a cabeça. «Você a terá», prometeu. Imediatamente um veloz mensageiro celeste foi encarregado de trazer a caixa para o Paraíso. E então, durante todos aqueles intermináveis dias que se seguiram, toda a Corte Celestial, admirou-se da grande mudança por que passou Anjinho, já que, entre todos os Querubins, no Reino de Deus, era ele o mais feliz. Sua conduta era irreprochável. Seu aspecto estava acima de toda e qualquer exigência. Em excursões aos Campos Eliseos, podia-se dizer sem exagero que ele voava como um anjo!

A esse tempo, surgiu a notícia de que Jesus, o Filho de Deus, estava para nascer de Maria, na cidade de Belém. E como a gloriosa nova espalhasse através do Paraíso, todos os anjos rejubilaram-se e elevaram suas vozes para proclamar o Milagre dos milagres, a vinda do Menino-Deus.

Anjos e Arcanjos, Serafins e Querubins, o Porteiro, o Confeccionador de Asas e até o Forjador de Auréolas deixaram suas tarefas usuais de lado, a fim de prepararem presentes para o Divino Infante. Todos, menos Anjinho, que sentou-se no último degrau da Escada Dourada, esperando ansiosamente por inspiração.

Que poderia ele dar que pudesse ser mais aceitável para o Filho de Deus? Pensou em compor um bonito hino de adoração, mas, dolorosamente, eram nulos seus talentos musicais. Ficou agitado quando lhe passou pela cabeça a idéia de escrever uma oração! Uma oração que pudesse perpetuar-se no coração dos homens, pois seria a primeira a ser ouvida pelo Menino-Jesus. Mas, Anjinho era lamentavelmente falho de habilidade literária.

Que coisa, que coisa podia um anjinho oferecer de modo a agradar o Infante Santo?

O tempo do Milagre já estava bastante próximo, quando, finalmente, Anjinho se decidiu a respeito de seu presente. No Dia dos Dias, ele o tirou com orgulho de trás de uma nuvem e, humildemente, com olhos tristes, colocou-o diante do trono de Deus. Tratava-se de uma caixa pequena, grosseira e disforme, mas que continha todas aquelas coisas maravilhosas que até o Filho de Deus era capaz de entesourar.

Uma caixa pequena, grosseira e disforme no meio de todos aqueles gloriosos presentes dos Anjos do Paraíso! Presentes que possuíam um esplendor estonteante e eram de uma beleza de fazer perder o fôlego, que o Céu e todo o Universo ficaram iluminados pelo simples reflexo de sua glória! Quando Anjinho viu isto, compreendeu imediatamente que sua dádiva para o Filho de Deus era irreverente e desejou retirá-la dali. Seu presente era feio e sem valor. Se ao menos ele pudesse ocultá-lo da vista de Deus, antes que fosse descoberto! Mas era muito tarde. A Mão de Deus moveu-se vagarosamente sobre todo aquele cortejo brilhante de reluzentes dádivas, fez uma pausa, e foi descansar sobre o desprezível presente de Anjinho!

Anjinho tremia enquanto a caixa era aberta

e aí, diante dos olhos de Deus e de toda a Corte Celestial, estava aquilo que ele oferecera ao Menino Deus.

E afinal, que era o seu presente para o Abençoado Infante? Bem, havia uma borboleta com asas douradas, apanhada em um brilhante dia de verão nas altas montanhas acima de Jerusalém, um ovo azul-celeste de um ninho de pássaro, construído na oliveira, que dava sombra à porta da cozinha de sua mãe. Sim, e duas pedras brancas, encontradas na margem de um lodoso rio, onde ele e seus amiguinhos tinham brincado e, no fundo da caixa, uma correia de couro mole, marcada de dentes, que havia sido usada como coleira pelo seu cão mestiço, que morrera, enquanto ele vivia, e que dedicava amor e infinita devoção a seu pequenino dono.

Anjinho chorou ardentes e sentidas lágrimas, porque agora compreendera que, ao invés de louvar o Filho de Deus, ele tinha sido demasiadamente blasfemo. Por que teria ele pensado que a caixa era assim tão maravilhosa? Por que teria ele sonhado que aquelas coisas tão inúteis podiam ser amadas pelo Abençoado Infante?

Num terror frenético, virou-se para correr e ocultar-se da Divina Ira do Pai Celestial, mas tropeçou, caiu e, com um horrível barrulho da auréola, rolou como uma bola de consumada miséria ao pé do Trono Celeste!

Fêz-se um detestável, um terrível silêncio, na Cidade Celestial, quebrado apenas pelos sentidos soluços de Anjinho. De repente, a Voz de Deus, semelhante a uma música divina, espalhou-se por todo o Paraíso, dizendo:

«De todos os presentes oferecidos pelos anjos, descobri que esta caixinha me agrada bastante. O que ela contém são coisas da Terra e dos homens e Meu Filho nasceu justamente para ser Rei de ambos. São coisas que meu filho também conhecerá, amará e cuidará e depois deixará pesado atrás de si, quando sua missão estiver cumprida.

Aceito este presente em nome do Menino Jesus, nascido de Maria, esta noite, na cidade de Belém».

Em meio a um grande silêncio, a grosseira e disforme caixa do Anjinho começou a brilhar com fulgurante e celeste luz. E esta luz transformou-se em uma chama resplandecente, de tal maneira brilhante, que cegou os olhos de todos os anjos!

E ninguém mais além de Anjinho viu-a erguer-se de seu lugar, em frente ao Trono de Deus. E ele, apenas ele, viu-a arquear o firmamento para ficar de pé e derramar sua clara e fulgurante luz em cima de um Estábulo, onde uma Criança havia nascido.

Aí ela brilhou naquela Noite de Milagres, e sua luz refletiu através dos séculos no coração de todo o gênero humano. E até hoje, olhos terrestres cegados também pelo seu esplendor, jamais puderam saber que o insignificante presente do Anjinho era o que todos os homens chamariam para todo o sempre «a brilhante estrela de Belém».



VENDAS E REFORMAS DE PNEUS



TYRESOLES

Aos seus amigos e fregueses **BOAS FESTAS** e um feliz 1961
 Rua Carijós, 836 — Fones 4-0698 e 4-7673 Filial — Avenida Amazonas, 1953 — Fone 4-1883

Feliz Natal

DE CABEÇA EM CABEÇA CORRE A FAMA
 DOS PRODUTOS DE BELEZA'
Pindorama.

PETROLÉO QUINADO
 PINDORAMA

LOÇÃO
 PINDORAMA

LOÇÃO PINDORAMA suave-
 mente perfumada, devolve aos
 cabelos brancos a cor natural.

PETROLÉO QUINADO
 PINDORAMA evita a queda
 e embranquecimento precoce
 dos cabelos.

PRODUTOS DA MAIS ALTA CONFIANÇA

PRODUTOS PINDORAMA, PERFUMARIAS S.A. Ed. Próprio, RUA ANNA NERY, 1944 - RIO

**BM
 MG**

**MAIS
 EXPERIENCIA
 MELHORES
 SERVIÇOS**

Banco Mercantil de Minas Gerais S.A.

MATRIZ: Rua Tupinambás, 346/352

AVENIDA Av. Afonso Pena, 581

Agências BARREIRO Av. Visconde de Ibituruna, 38

Urbanas: MERCADO Rua Goitacases, 770

SÃO JOSÉ R. da Bahia, 986

LOY
WARWICK

C NATAL a respeito de que vou falar foi o Natal da Grande Nevada. Os velhos de nossa parte do condado de Serra Azul ainda o chamam assim. Havia neve por cima de neve e geada, e frio paralisante... e vento.

Veio tão súbitamente que é de espantar que as coisas não se tenham tornado um bocado piores. Mas quando começou a deixar de subir um tanto e já se podiam contar alguns picos, a maior parte das pessoas pareceu conseguir sair-se de tudo muito bem. A maior parte é certo, menos os Tollivers.

Os Tollivers moravam do outro lado da Serra do Amarracachorro, num buracão profundo e solitário, chamado Cova da Maça Azêda. Eram tão pobres (tão miseráveis, diziam alguns) que só possuíam uma mula cega para atrelar a um arado.

Eram, porém, gente honesta. Um Perna de Cabra, chefe da família, conseguia de vez em quando fabricar um uísque de milho — para consumo caseiro — em um alambique que havia gerações pertencia à família. Não fazia questão de repartir também seu uísque.

GUIADOS PELA ESTRÊLA ORIENTAL

Ilust. de Jarbas Juarez

Ninguém sabia de pronto dizer quantos eram os Tollivers. Contando a filha casada — era a mais velha, com cerca de 13 ou 14 anos — eram talvez ao todo uns doze garotos. E havia a mãe deles, Olabelle Vista... e o pai, Perna de Cabra... e os velhos, o vovô Oral Eustace Tolliver e sua velha esposa, Trailing Arbutus.

Em raras ocasiões, alguns dos Tollivers mostravam-se num banco de trás, na igreja de meu pai na cidade. E os pequenos podiam ser contados quando havia um piquenique da Escola Dominical ou uma apanha de melancia. Mas os Tollivers não eram o que se poderia chamar de frequentadores de igreja.

Sendo o pastor deles, pelo menos tecnicamente — porém mais porque era a espécie de homem que era — meu pai ficou profundamente preocupado com os Tollivers naquela tempestade.

— Nem uma palavra foi dita a respeito deles desde que a tempestade começou — disse meu pai a Tinsley Byfield, juntos na Véspera de Natal da Grande Nevada.

Tinsley, embora um incorrigível destilador clandestino, era um dos melhores amigos de meu pai. Nunca deixou de fazer uma visita à casa paroquial na Véspera de Natal. Um amador, mas teólogo tremendamente agudo e autoridade em Sagradas Escrituras, Tinsley contava sentar-se diante da lareira com meu pai, tentando contradizê-lo. De modo que encarou aquela menção aos Tollivers como uma intrusão indesejada.

— O que atrapalha você, Irmão Ansley — disse ele — é estar eternamente gastando seu tempo a preocupar-se com ovelhas negras como esses Tollivers.



— Ovelhas perdidas seria uma maneira mais caridosa de chamá-las — disse meu pai. — *Se alguém tiver cem ovelhas e uma delas se desgarrar, porventura não deixa as outras noventa e nove...*

— E — interrompeu Tinsley — *vai para os montes... o que está você morrendo por fazer agora mesmo... em busca daquela que se desgarrou?*

— Você tem razão, Tinsley — disse meu pai. — Tenho muito receio de que os Tollivers se encontrem em séria complicação. E tenho a sensação de que devemos ir até lá e o mais depressa possível.

— O Velho Viandante... — começou Tinsley.

Mas meu pai abanou a cabeça.

— Com este tempo, um carro não conseguiria nunca chegar à Serra do Amarra-Cachorro. Nem mesmo — e sem querer depreciá-lo, nem mesmo o Velho Viandante poderia fazê-lo.

“Viandante” era o fiel Modelo T de Tinsley, um carro antigo de quatro rodas, batizado com o nome do cavalo de guerra de Robert E. Lee, que, no seu tempo, havia realizado algumas notáveis proezas em transporte.

— Não — concordou Tinsley.

— “Viandante” não poderia dar conta da tarefa. E não há um cavalo sequer no condado que pudesse fazê-lo. E qualquer mula bastante robusta seria esperta demais para deixar que você a guiasse com um tempo destes.

— Os Tollivers devem estar sem coisa alguma para comer — disse meu pai. — E parece que nunca têm roupas suficientes para vestir-se...

— Não gosto nem de pensar na péssima situação em que possam realmente estar — disse Tinsley. — E sem que qualquer deles saiba como realmente rezar de modo que isso lhe cause algum bem.

Meu pai abanou a cabeça. E sua voz chegou quase a ser colérica, quando disse que sabia que tinham de tentar auxiliar os Tollivers. Tudo quando esperava, disse, era que o Senhor lhe dissesse... desse-lhe apenas o mais vago sinal de como poderia ele levar a cabo a tarefa.

Foi então que Tinsley pulou de sua cadeira de balanço, agarrou meu pai pelos ombros e gritou:

— *Oh! homem de pouca fé!* Chegou-me, Irmão Ansley, diretamente do céu. *Uma estrada haverá ali e um meio.*

— A estrada conheço-a bastante bem — disse meu pai, olhando Tinsley, procurando sinais ocultos de embriaguez.

— Nós dois a conhecemos — disse Tinsley, alegremente. — Cada

sulco, cada raiz e cada rocha. Mas estou pensando é no meio... e o meio, louvado seja o Senhor, é a Almanjarra. Se alguma coisa poderá levar-nos até o alto da Serra será ela! Está lá num campo, na estrada do condado, no limite da cidade. Poderemos ir até lá no Viandante e depois arranjar emprestada a Almanjarra...

★

Agora virtualmente extinta, na ocasião a que me refiro era a Almanjarra uma das mais extraordinárias máquinas do mundo inteiro. Tão grande como uma casa, parecia, em movimento, o produto dum cruzamento entre o dragão do Apocalipse e uma locomotiva a vapor descarrilhada.

Própriamente identificada como



“aplainadora a vapor para conserva de estradas”, mas chamada a Almanjarra por quase toda a gente na nossa região, era um espetáculo mais imponente que um desfile de circo ou mesmo um enterro na cidade. Fumaça misturada com labaredas e faíscas de foguetes eram vomitadas pela sua alta chaminé em forma de funil. E quando se movia aos trancos pela estrada, bufando e baforando, chocalhando e retumbando, era na verdade um espetáculo.

Como Tinsley dissera, o Viandante levou-os a salvo até o campo da estrada, com o assento traseiro carregado de toda espécie de remédios, cobertores, roupas e alimentos, inclusive confeitos de

hortelã-pimenta e um peru quase do tamanho de um avestruz novo.

Sómente uma coisa estragou aquela primeira parte da jornada. Descobriu meu pai um garrafão de vinte litros em meio da carga e verificou imediatamente, talvez por instinto, que continha uísque de milho. E uísque, como qualquer outra coisa mais que ele olhasse como obra do demônio, não podia tolerar.

Olhando diretamente para a frente, meu pai disse:

— *Oh, livrai-me do homem falso e injusto!*

Disse-o bastante alto para que Tinsley pudesse ouvi-lo. (Mas acrescentou: “Mas não me livre dele ainda por enquanto, Senhor, porque necessitamos do homem”). Disse isto o suficientemente alto para que o Senhor o ouvisse).

— Com que então, você foi ver o garrafão de milho, Irmão Ansley.

— *O malvado foge quando ninguém o persegue* — disse meu pai. — Podia ter algumas suspeitas muito fortes, mas não tenho meio de saber o que está dentro do garrafão, Tinsley.

— Há naquele garrafão vinte litros do melhor uísque de milho que algum dia foi destilado de um alambique de cobre — admitiu Tinsley, piedosamente. — Queria apenas levá-lo para o pobre velho Oral Tolliver, a modo que está dito na Bíblia, Provérbios 31:7: *Queria apenas “deixá-lo beber e esquecer sua pobreza e não se lembrar mais de sua dor”.*

— Vinte litros — disse meu pai simplesmente — é uma quantidade de uísque demasiada para um homem só.

E foi isto tudo quanto se disse a respeito do garrafão da Ambrósia dos Apalaches de alta qualidade, antes de abrirem caminho até o campo da estrada e acordarem o velho Gatilho de Duas Pontas.

Gatilho de Duas Pontas era um antigo presidiário negro, que não se podia recordar porque sempre o chamaram assim, bem como não se lembrava do motivo pelo qual fora prêso. Ambas as coisas eram antigas demais.

Aconteceu que todos os outros galês tinham sido devolvidos à cadeia da cidade, o que Gatilho de Duas Pontas chamava as “férias” de Natal. E tinham-no deixado ali para tomar conta da Almanjarra e de outros equipamentos do condado.

Tinsley disse a Gatilho de Duas Pontas que queriam emprestada a Almanjarra — ninguém parecia estar precisando dela no momento — e perguntou-lhe se poderia

êle pô-la em movimento.

— Acho que posso — respondeu êle. — Aonde quer o senhor ir com o velho dragão, sr. Tinsley?

Tinsley falou-lhe dos Tollivers e Gatilho de Duas Pontas ficou profundamente impressionado, dizendo que gostaria de ir com êles em pessoa.

— Mas esperamos que você venha conosco, Seu Gatilho — disse Tinsley. — Quem pensa você que vai guiar essa geringonça?

— Ora essa! — disse Gatilho de Duas Pontas. — Eu sou um prêso condicional e êles não haverão de gostar nem um pouquinho.

Meu pai estava a ponto de subir ao alto volante num esforço para persuadir Gatilho de Duas Pontas a desertar de seu pôsto, quando Tinsley disse, num misterioso cochicho:

— Espere, Irmão Ansley. Penso que posso achar um meio de atraí-lo.

A monstruosa caldeira estava fria como pedra, mas depois de umas duas boas horas de duro trabalho, conseguiu Gatilho de Duas Pontas um espesso rôlo de fumaça. Enquanto isto, um tôsco trenó, um negócio parecido com uma caixa sobre rodas, tinha sido engatado atrás e cheio de madeira sobressalente para alimentar a caldeira.

Gatilho olhou a pilha, cheio de dúvida.

— Levaria os senhores lá em tempo bom — disse êle. — Mas esta noite... eu não.

— Ela nos levará até lá — disse Tinsley e pôs Gatilho a ajudá-lo a transferir a carga de coisas que trouxera no Viandante.

Quando chegaram ao garrafão de vinte litros de "Fique Alegre!", Gatilho reconheceu imediatamente do que se tratava.

— Acho — informou êle prontamente a Tinsley — que será melhor que eu mesmo dirija a Almanjarra... é justamente o caso.

Tinsley disse a meu pai, com uma astuta careta, que estava bem certo de que o Senhor tivera algum plano para aquêle garrafão. Meu pai admitiu, sombriamente, que ficaria êle satisfeito em esperar e ver.

*

De modo que agora, com Gatilho no contrôle, a Almanjarra se pôs a caminho, bufando, mastigando, arrastando-se, avançando pela escuridão a dentro com a pesada decisão de algum monstro antediluviano. Sob seu tremendo pêso, os grandes rolos afundavam

na neve, esmagando-a e amontoando-a. Os longos espigões de uma polegada de espessura colocados em fileiras nêles, cavavam fundamente e chanfravam um ponto de apoio. A Almanjarra progredia laboriosamente, inexoravelmente subindo a Serra do Amarra-Cachorro, quando, de repente, houve um forte impacto e Tinsley berrou: — Pare! P-A-R-E aí você... você... P-A-R-E!

O monstro tinha batido em alguma coisa debaixo da neve. Enviezou, deslisou perigosamente e talvez se tivesse precipitado pela ribanceira abaixo, se Gatilho não tivesse conseguido mantê-lo em oscilante parada. Depois, sempre com tôda a cautela, conseguiu libertar o gigante para trás. Êle, meu pai e Tinsley, de olhos arregalados perscrutaram a borda da ribanceira, bem dentro daquele vácuo escuro.

— Desculpe-me, Irmão Ansley... por Deus Todo Poderoso a coisa estêve por pouco! — gritou Tinsley. — Talvez fôsse melhor a gente ficar aqui um pouco e rezar.

— Sua idéia é meritória — disse meu pai. — Mas rezemos à medida que formos seguindo... e tentemos chegar à casa dos Tollivers antes que seja demasiado tarde.

Encheram a fornalha com seu reduzido estoque de madeira, Gatilho de Duas Pontas pôs a Almanjarra em movimento e continuaram a árdua subida. Mas a rampa estava-se tornando cada vez mais íngreme e a marcha cada vez mais lenta. O vento, também, ia-se tornando mais violento e quase os arrancava da estreita plataforma da máquina. E a neve, recomeçando de novo com redobrada fúria, voava à frente do rispido vento.

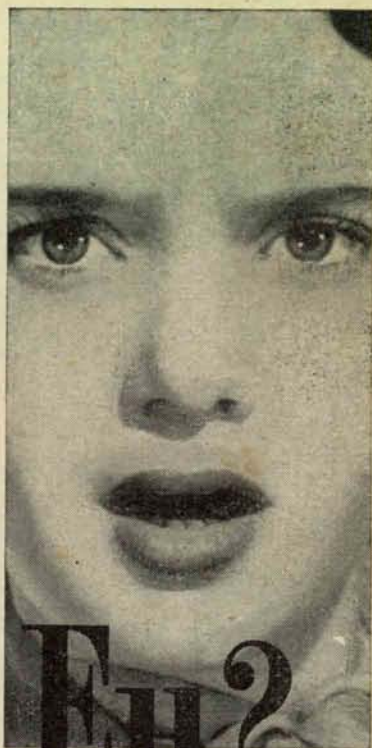
Ocorreu que o temor que Gatilho de Duas Pontas exprimira lá no campo da estrada viesse a tornar-se realidade. Queimaram a derradeira acha de lenha seca com que tinham partido. E agora eram forçados a arrancar paus de cercas ao longo da estrada, a cortar pinheirinhos novos e cavar na neve para ver se descobriam algum pedaço de pau.

A maior parte dêsse combustível estava encharcado e queimava fracamente embaixo da caldeira da Almanjarra. E à medida que o caminho tortuoso se tornava cada vez mais íngreme, o monstro repetidamente falhava e parava na sua trilha. De cada vez, murmurava Tinsley, sombriamente:

— Temos de esperar até que ela recupere a força de novo...

Afinal, depois de uma parada muito mais longa, quando a neve teve tempo de acumular-se em re-

(Continua na pág. 114)



A não ser que você tome precauções, é possível que o cheiro desagradável de sua transpiração incomode os outros. (Todo mundo transpira!) Mas, se você usar Odo-ro-no, terá a certeza de estar protegida o dia todo. O cheiro desagradável da transpiração desaparece num instante — e permanece ausente, porque Odo-ro-no o elimina. Esteja segura de si, o dia inteiro. Livre-se do cheiro desagradável de suor com o eficiente Odo-ro-no.




FAÇA DE

ODO-RO-NO

O SEU MELHOR HÁBITO DIÁRIO

moda

PARIS (Via Panair) — A moda permite este ano às banhistas caírem nãgua vestidas apenas com as duas minúsculas peças de um «biquini», exigindo, porém, que logo ao saírem das ondas, fiquem brincando ou descansando na areia das praias com roupa bastante «habillé». Assim, um conjunto de praia 1961 consta normalmente de quatro, às vezes mesmo de cinco peças: **soutien** e calcinha para nadar, calça ou saia, blusa e casaquinho, capa ou estola em tecido felpudo. Essa estola felpuda, estampada com padrões alegres em cores vistosas e debruada com franjas, parece-se com as mantilhas bordadas das espanholas no carnaval. Blusa e casaquinho podem ficar fundidos numa só peça, do tipo «baby-doll», franzida nos ombros, em **imprimé** ou algodão branco enfeitado com bordado inglês. O algodão é tratado de tal modo que seca num instante, quase tão rapidamente quanto o nylon, sob os raios do sol. O bonê impermeável para o banho de mar é guarnecido com pétalas, franjas ou flôres em matéria plástica e, às vezes, completado por cachos de cabelos postiços, presos por dentro com alguns pontos.



Conjunto de praia para mocinha, em popeline de tergal branca com debrum e botões azul marinho, podendo ser usado com ou sem a saia envelope, amarrada na cintura. Modelo de C. C. C., Paris.

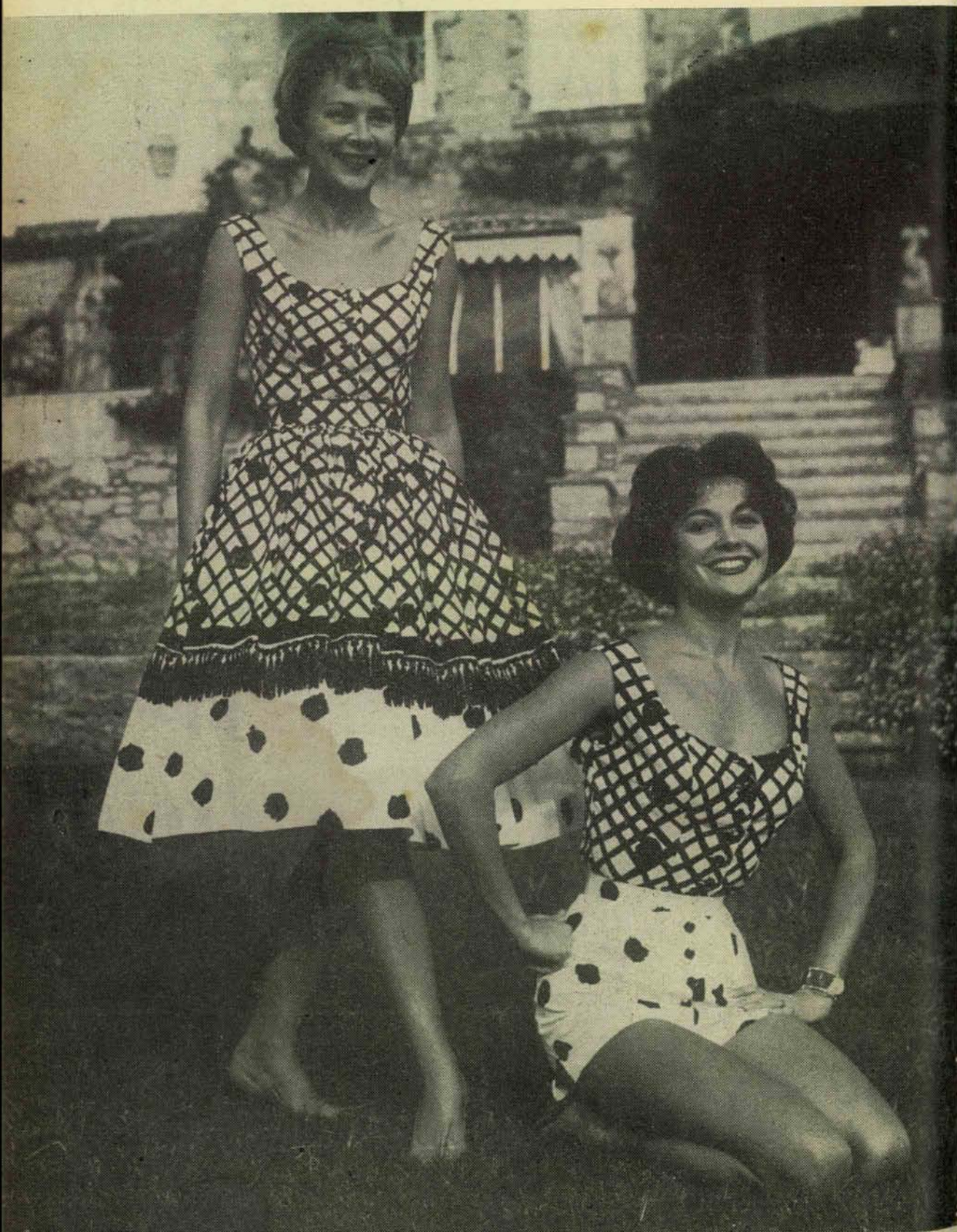
ÁGUA E AREIA

OLGA OBRY

(Especial para «ALTEROSA»)

Biquini em tecido «Santander»
de Boussac e «baby-doll» em
bordado inglês, usado por ci-
ma desse conjunto de banho
de mar, na praia. Modelo de
BRIGITTE de CANNES.





Conjunto de praia de **Brigitte de Cannes**, em algodão estampado de Perrot: biquini, calça comprida e blusão sem mangas. —>

ÁGUA E AREIA

← Conjunto «separável» para a praia de **Brigitte de Cannes**, constando de corpinho, saia e «short» em loveline estampada de Boussac.



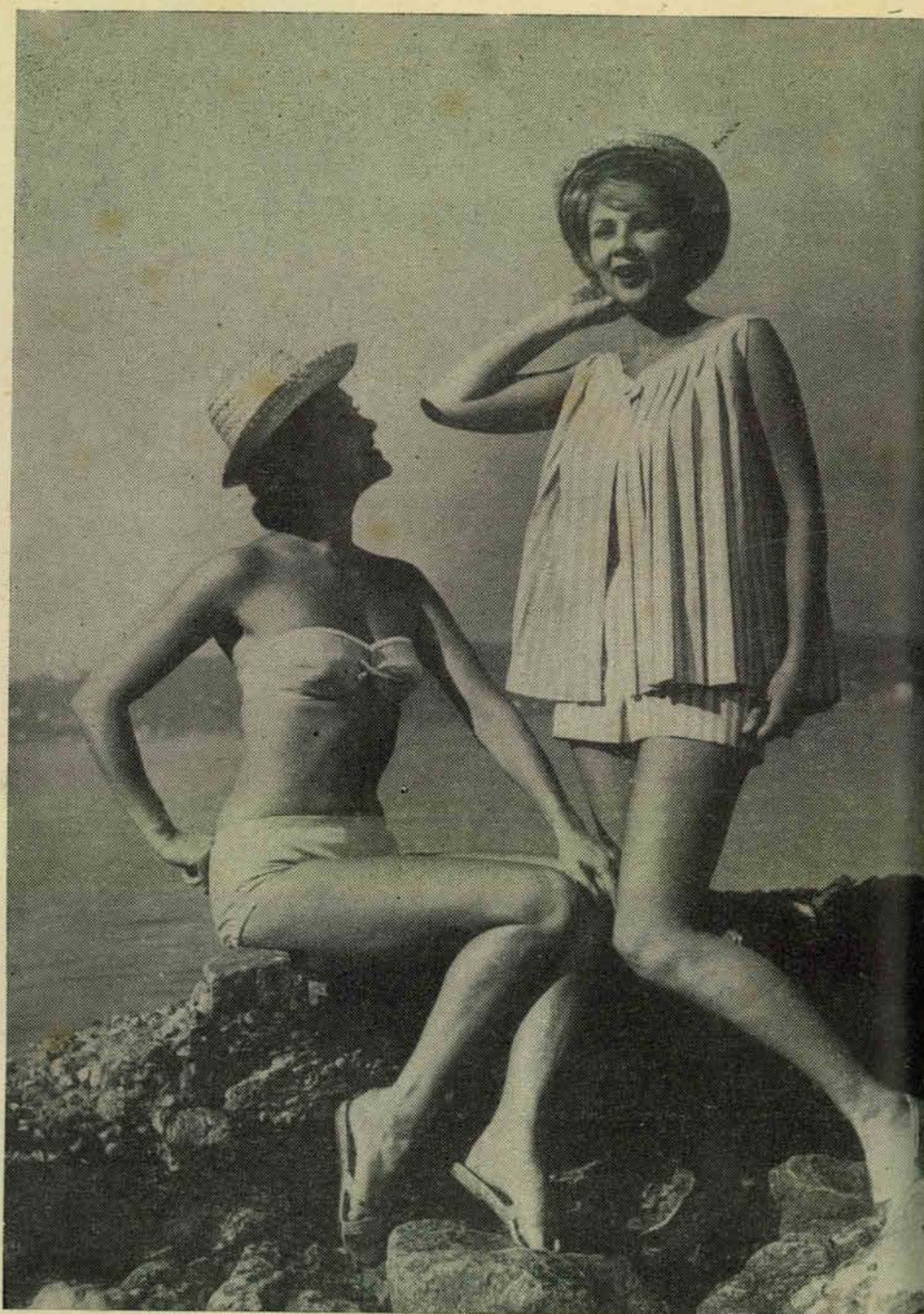
«Pareo» de praia em nylon estampado côm de laranja e branco, usado por cima de um biquini do mesmo tecido. Modelo **Hyacinthe Novak**.



Conjunto de praia de **Jacques Heim** em popeline de algodão azul lisa e em xadrezinho branco e turquesa.



ÁGUA E AREIA



Conjunto de praia de **Brigitte de Cannes**, em popeline lisa e listrada de Jourdain.



Vestido de praia de **Jacques Heim** em tela de saco marrom bronzeado, com franjinha na beira da saia e grande chapéu da mesma fazenda guarnecido com flôres.

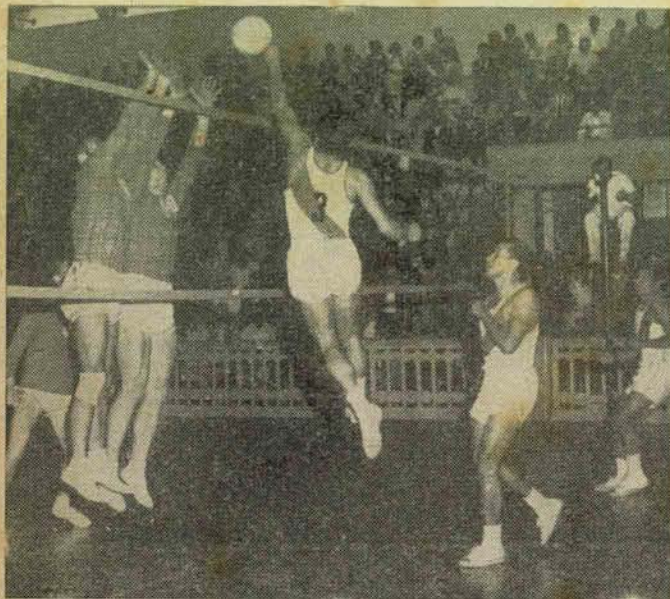
trio maravilhoso



Deliciosamente perfumada... como você deseja... uma suave fragrância de Água de Colônia, Talco e Sabonete envolvendo você o dia inteiro... a suave fragrância do Trio Maravilhoso Regina. Nunca você imaginou tão perfeita harmonia em três produtos!

COLÔNIA • TALCO • SABONETE

Regina



As equipes masculinas constituíram também grande atração.

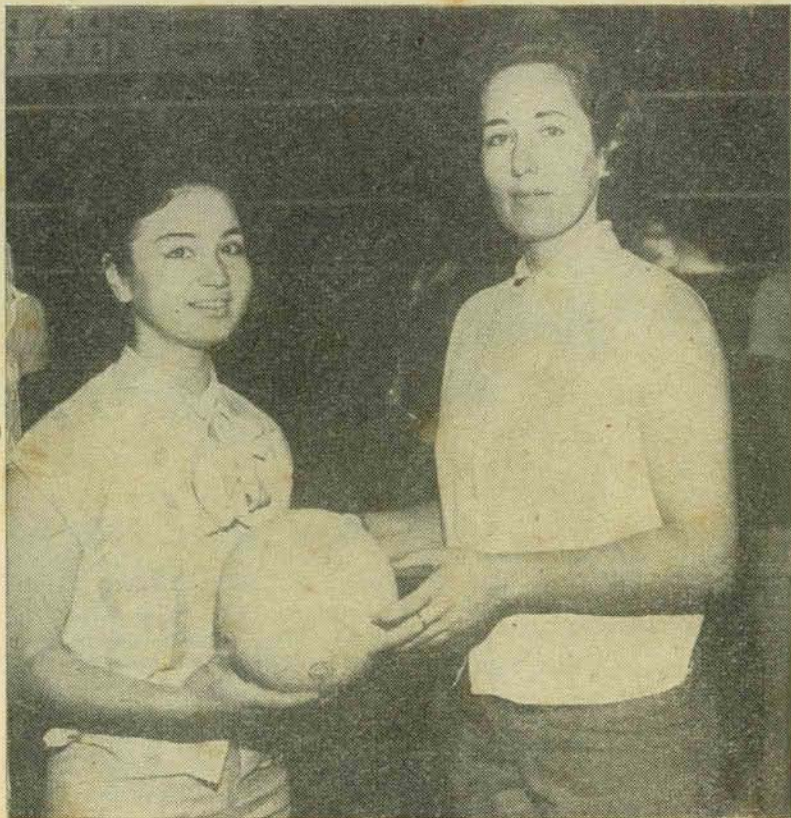


Aspecto do jogo Brasil X Alemanha.

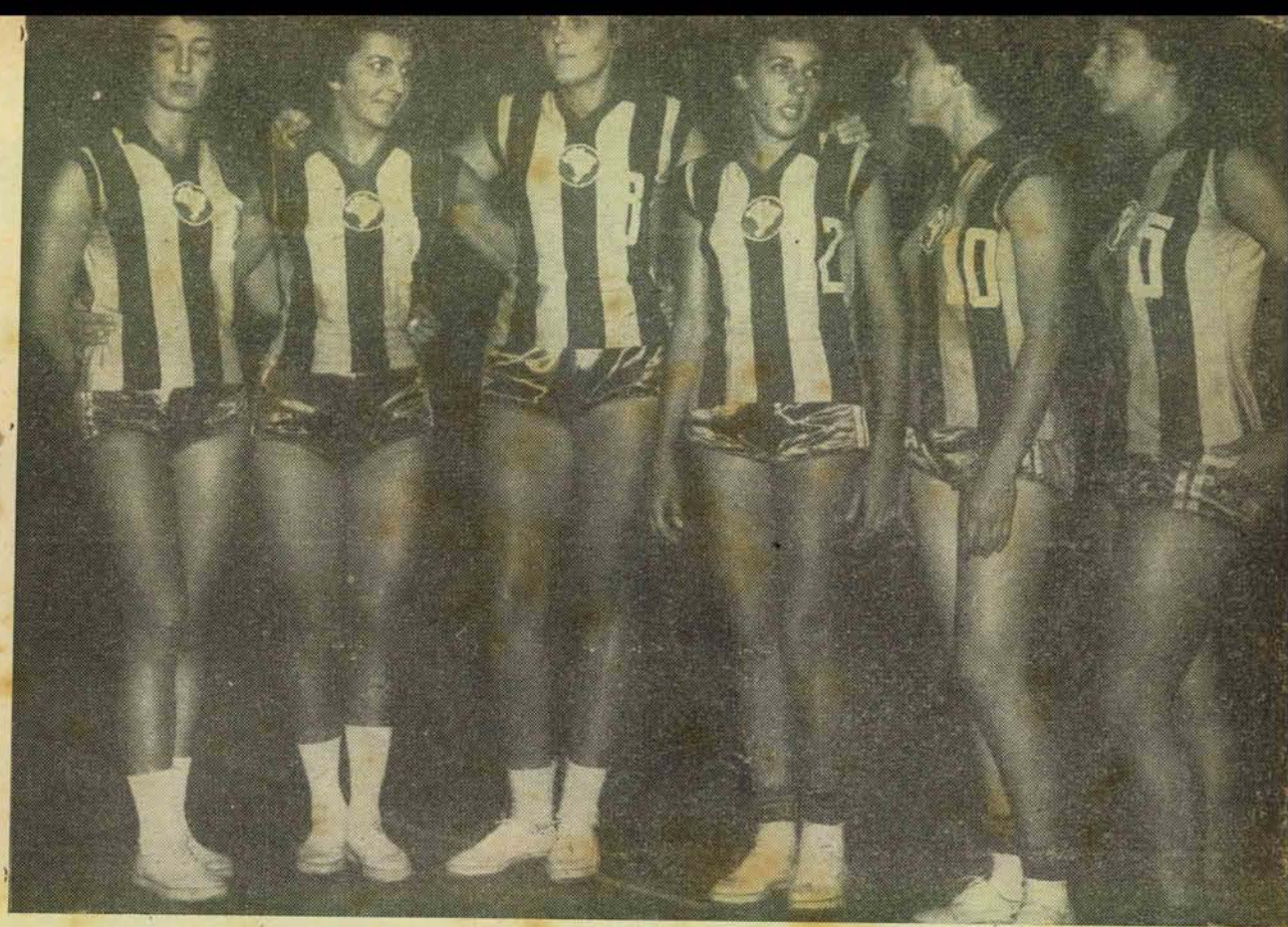
VOLLEY INTERNACIONAL

ridades para conter a enorme multidão aglomerada do lado de fora do ginásio, desejosa de presenciar as grandes partidas ali travadas.

A fim de apresentar uma palavra mais abalizada sobre o magnífico certame realizado no mês passado e sobre as partidas desfechadas em Minas, procuramos ouvir o sr. Januário Andrade, da Diretoria da Federação Mineira de Voleibol e árbitro com experiência em quadras internacionais. Disse-nos ele: «Sem dúvida alguma, foi um grande empreendimento, que trará enormes benefícios para o Brasil, no setor de voleibol, na parte técnica e de arbitragem, o Campeonato Mundial de Voleibol. Tivemos aqui grandes jogos, em ambas as séries, que estiveram à altura de opiniões trazidas por alguns desportistas que foram até à Europa em competições internacionais. Realmente os jogadores eu-



Carolina Acuña, da representação do Peru, juntamente com sua mãe. Duas gerações de desportistas buscando o mesmo título.



Na seleção brasileira feminina destacaram-se as belo rizonntinas Marta Miraglia e Carminha. Na masculina, Financial e Urbano, este último tendo sido classificado entre os 12 melhores volistas do mundo.

ropeus, principalmente os da «Cortina de Ferro» são algo extraordinários no voleibol. Tanto no setor feminino como no masculino os atletas têm total consciência de jogo, errando muito pouco, jogando com muita técnica. Pela estatística mundial temos a seguinte classificação no setor técnico: Melhor ataque o da Rússia. Melhor bloqueio o da Tchecoslováquia. Melhor defesa o da Romênia. Vimos aqui, essas três equipes que são, sem dúvida, as melhores do mundo, dando verdadeiras exhibições, verdadeiros «shows» de ataque, bloqueio e defesa».

Tem razão o sr. Januário Andrade, pois o Campeonato Mundial de Vôlei constituiu-se no maior acontecimento do Vôlei nacional e um dos maiores acontecimentos esportivos do ano. O certame foi realizado no Brasil sob os auspícios da Confederação Brasileira de Voleibol, e se repete de 4 em 4 anos. O próximo campeonato deverá ter lugar em Moscou. E a viagem dos atletas a nosso País correu por conta das diversas delegações.

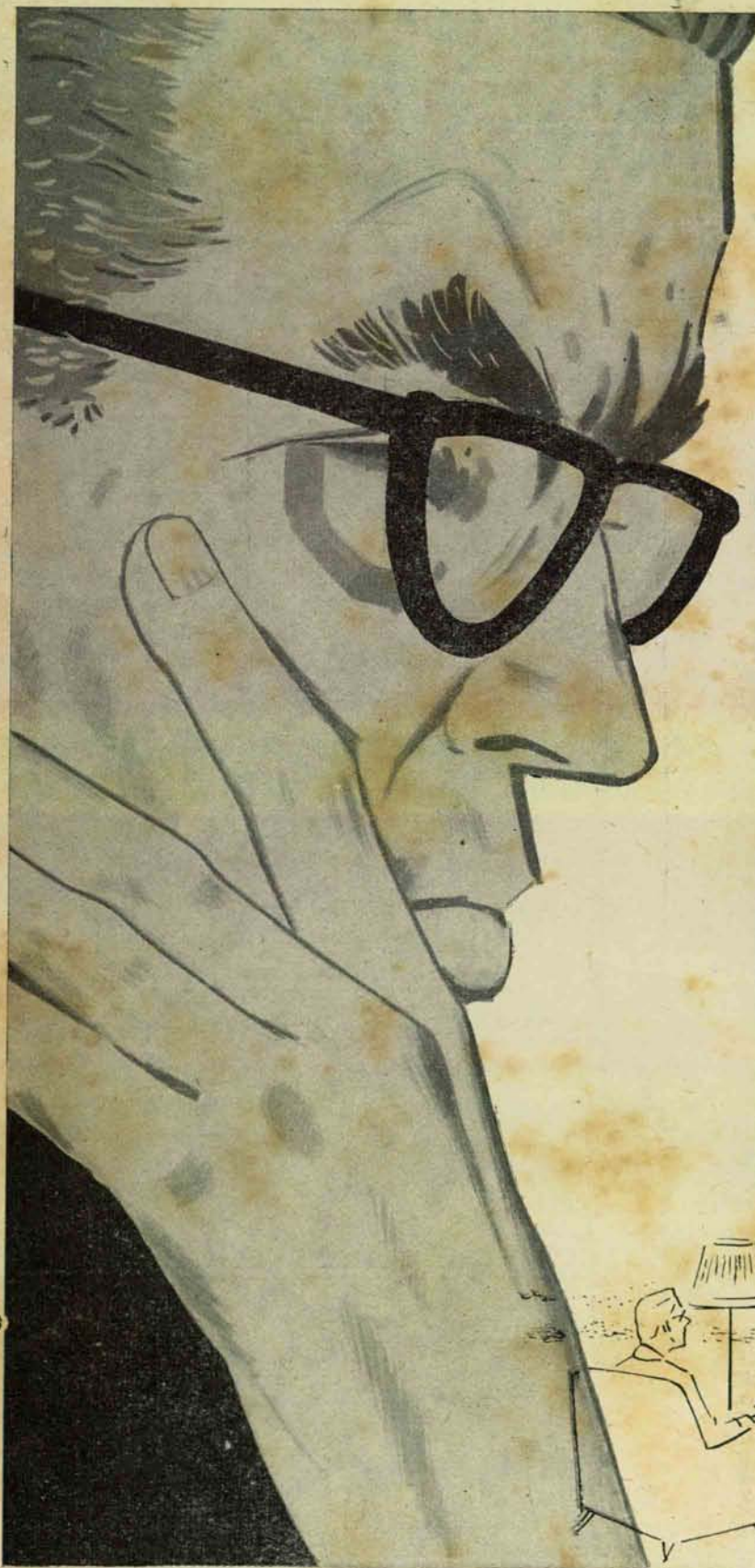
A seguir, vieram as finais, desfechadas no Maracananzinho, Rio, e no estádio Caio Martins, em Niterói. Nestas, conforme a opinião de alguns, a equipe feminina do Brasil não se saiu de acordo com o esperado. Muitos tinham como certo para nossa delegação um 3º ou 4º lugares, e não o 5º para onde fomos levados. Já, com relação à equipe masculina, houve grande surpresa, em vista da previsão de observadores que não davam para a nossa representação uma classificação superior ao 9º ou 8º lugares. Ficamos num honroso 5º lugar, atrás apenas dos países da «Cortina de Ferro». E ainda assim, na frente de um deles, precisamente, a Hungria. A única falha de nossa seleção foi perder para os EE.UU., classificados nas finais em 7º lugar. Outra grande surpresa foi causada pela seleção do Japão, que se sagrou vice-campeã, tendo ameaçado a própria Rússia, bi-campeã feminina.

São ainda de Januário Andrade as palavras que se seguem: «Em quinto lugar ficou o Brasil. Na

verdade, não poderíamos ficar em outra posição, por questão de lógica. As equipes que ficaram na frente do Brasil são realmente melhores. Parece que treinaram muito mais tempo. Podemos dizer que é uma boa colocação, tanto para o feminino como para o masculino. As arbitragens, de um modo geral, não foram más. Esperávamos um pouco mais dos árbitros estrangeiros. Entretanto, não vimos nenhum árbitro que pudéssemos taxar de excelente, pois tiveram todos, altos e baixos. Para finalizar, acredito agora que, após esse Campeonato Mundial, muito aprendemos no setor do voleibol e, para o próximo Campeonato, iremos fazer melhor figura ainda. Tanto na parte técnica, como na parte de organização e arbitragens».

Classificação final: Masculina: 1º — Rússia; 2º — Tchecoslováquia; 3º — Romênia; 4º — Polônia; 5º — Brasil; — 6º Hungria; 7º — EE.UU.; 8º — Japão; 9º — Venezuela. Feminina: 1º — Rússia; 2º — Japão; 3º — Tchecoslováquia; 4º — Polônia; 5º — Brasil; 6º — EE.UU.

Me respons



VIDA • INCENDIO • RESPONSABILIDADE CIVIL • SEGUROS EM GRUPO • TRANSPORTES

edite na sua sabilidade de **PAI**



Graças ao seu bom senso, você
jamais oferecerá ao mundo êste
drama, tendo seu filho querido
como personagem...

Por quê?

Porque, como homem moderno, Você compre-
ende a falibilidade humana...

Porque, compreendendo-a, aceita a contingência
de sua falta, para a qual sente necessidade de
preparar-se...

Porque, preparando-se, Você já amparou, através
do Seguro de Vida, a sua família contra o fu-
turo adverso.



VIVA SEGURO
DE SI MESMO
com uma
apólice
MINAS-BRASIL

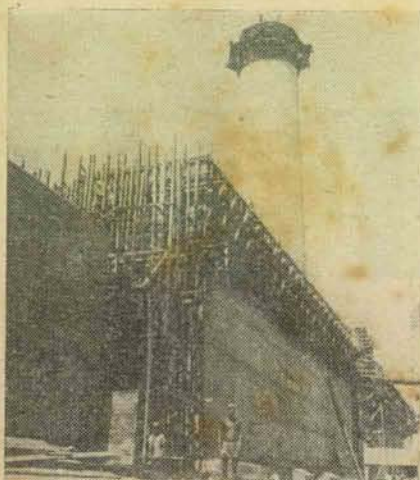
COMPANHIA DE SEGUROS
MINAS-BRASIL

FUNDADA EM 1938

BELO HORIZONTE

Dep. Prop.
MINAS-BRASIL

• ACIDENTES PESSOAIS • ACIDENTES DO TRABALHO • ROUBO • RISCOS DIVERSOS



Construção dos altos fornos da USIMINAS.

USIMINAS

RITMO ACELERADO NA CONSTRUÇÃO DA MAIS MODERNA SIDERÚRGICA LATINO-AMERICANA

- 32 bilhões de cruzeiros : dois milhões de toneladas de aço por ano
- 100 quilômetros de estradas dentro da Usina
- Surge uma nova cidade : 80 mil habitantes
- 5.000 operários trabalham dia e noite

A USINA Intendente Câmara, que a USIMINAS está construindo em Ipatinga, no vale do rio Doce, será a maior unidade siderúrgica da América Latina com a produção inicial de 500 mil toneladas anuais de aço para as indústrias naval e automobilística, de grandes reservatórios para líquidos, inclusive petróleo, silos para armazenagem agrícola e uso geral.

A presença da USIMINAS começa em Vitória, com as obras de ampliação do porto — construção do cais do Paul e instalação do parque carvoeiro. As obras da usina estão se desenvolvendo em ritmo normal, com os trabalhos de edificação da coqueria, altos-fornos, laminação, oficina mecânica, aciaria, obras auxiliares etc. de forma que a primeira etapa esteja em condições de funcionamento em 1962, com a produção de chapas grossas, e a de chapas finas, em 1964. Os altos fornos estão em fase final da concretagem, devendo estar concluído este trabalho até o fim de 1960. Há um ritmo intenso nas obras, de forma que a partir de 1962 a produção atinja 500 mil toneladas, com ampliação prevista para 2 milhões de toneladas. Está em fase final a construção de barragem de terra, que terá suas águas utilizadas pela usina, depois de tratada, convenientemente, e o lago funcionará como atração turística. As obras da aciaria, laminação, oficinas de manutenção, almoxarifados estão em execução dentro dos prazos fixados. As obras do transporte ferroviário interno estão adiantadas, tendo sido concluído o desvio ferroviário da Estrada de Ferro Vitória a Minas (7 km) e a nova estação. Serão concluídos 80 km de linhas férreas, na

área da usina. Estradas internas pavimentadas atingirão 40 km. O problema da energia elétrica foi equacionado, após entendimentos com a CEMIG e foi iniciada a construção da linha Salto Grande-Ipatinga. É interessante notar que a USIMINAS irá consumir toda a energia de Salto Grande e, em 1964, ainda será insuficiente. Só a conclusão das usinas de Furnas e Três Marias, com abundância de energia, tornará possível o funcionamento da «Intendente Câmara», em sua atividade plena.

As construções em Ipatinga se erguem, depois que se fizeram 3.000 furos para sondagens de reconhecimento do solo. As fundações são executadas em terreno bastante conveniente e dificilmente ter-se-ia área em outro local, em condições tão boas como a baixada de Ipatinga. Formando um solo estabilizado, não serão empregadas estacas, sendo todas as fundações diretas, o que constitui uma vantagem, propiciando economia calculada em 700 milhões de cruzeiros. As instalações da fábrica de oxigênio, sinterização, tomada d'água e casa de bombas nº 2 estão com sua execução dentro do cronograma. No setor das indústrias auxiliares, foi estabelecida em Ipatinga uma fábrica de moldados de concreto e de tubos, que é a melhor do Estado. O serviço de água é representado por uma estação de tratamento d'água com capacidade de 12 milhões de litros diários com expansão prevista para 36 milhões, e uma rede da ordem de 40 km, não só para os canteiros de serviços, como para os núcleos residenciais. A distribuição de energia elétrica já está com 45 km de linhas e 4.000 kva de potência e unidades de emergência Diesel da-

rão garantia para a movimentação das bombas de água e de refrigeração. A movimentação entre as diversas unidades será feita por correia transportadora, sendo a oficina mecânica uma das mais bem equipadas do Estado.

A laminação terá um trem de chapas de 120 polegadas (3 metros) — o maior do País — o de chapas finas poderá laminar chapas de 80 polegadas e será dos mais modernos do mundo. A laminação de chapas a frio permitirá a preparação de chapas de 66 polegadas.

A inversão da USIMINAS será de 220 milhões de dólares e para a Usina Intendente Câmara serão importados cerca de 200 mil toneladas de equipamentos, perfazendo 660.000 volumes, num período de, aproximadamente, dois anos (1960-1961). Durante a construção da usina estão sendo empregados nas obras cerca de 5.000 operários da USIMINAS e das firmas empreiteiras e serão usados dois milhões de sacos de cimento para a usina e 500 mil para as obras de construção da cidade. Trezentos e cinquenta mil metros cúbicos de concreto serão usados, bem como 12 mil toneladas de ferro. O movimento de terraplenagem atingiu três milhões de metros cúbicos.

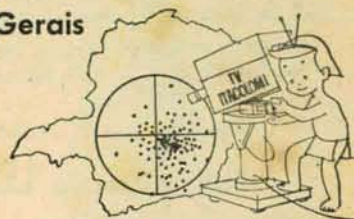
Com a construção da Usina Intendente Câmara, tornou-se necessária a criação de uma cidade que é a estrutura de suporte e sustentação indispensável para a fixação daqueles que erguem e vão operar a Usina Planejada de modo funcional e dentro da mais moderna técnica urbanística, a cidade da USIMINAS abrigará, na primeira etapa, 37 mil pessoas e, futuramente, 80 mil habitantes.



COBERTURA

**A TV ITACOLOMI atinge milhões de pessoas,
na mais rica região de Minas Gerais**

Importantes e progressistas cidades mineiras, com alto poder aquisitivo, cercam Belo Horizonte. E todas essas cidades estão cobertas pela imagem nítida da TV Itacolomi. Consequentemente, anunciando no canal 4 seu produto estará sendo divulgado numa região com cerca de 3 milhões de habitantes. A TV Itacolomi abre-lhe, pois, as portas de um novo e inexplorado mercado com amplas e incontestáveis possibilidades. Aumente suas vendas anunciando na TV Itacolomi.



110 CIDADES MINEIRAS VÊM DIARIAMENTE A TV ITACOLOMI

TV ITACOLOMI canal 4

**PURO
E SABOROSO
COMO
NENHUM
OUTRO!**



LEITE NINHO

Saboroso porque é leite integral – sem adição de nenhuma substância conservadora. Muito mais fresco porque seu consumo é tão intenso que os estoques são sempre renovados... Leite Ninho não “dorme” nas prateleiras: é como se fôsse diretamente da granja para sua casa.

De alta qualidade - puríssimo – Leite Ninho mantém inalteradas todas as vitaminas, proteínas, gorduras, hidratos de carbono, cálcio e outros sais minerais próprios do melhor leite de vaca.

Rende muito mais porque Leite Ninho é leite em pó altamente concentrado. Bastam duas colheres para V. preparar um copo do mais saboroso, puro e saudável leite de granja.

Por isso, diga V. também:

Para os meus... LEITE NINHO – o melhor do mundo!



À VENDA EM LATAS DE 454, 1.000 E 2.000 g (pêso líquido) – COMPRE-O NO SEU FORNECEDOR HABITUAL.

Por SOPHIA LOREN

SOU EU MESMA?

N ESTAS últimas manhãs permaneço, às vezes semi-acordada, e ingresso, então, no mundo dos sonhos. Vejo, por exemplo, a vila de Pozzuoli, minha terra natal, movimentando-se no começo do dia — um carro com seu ruído característico, pessoas cumprimentando-se alegremente na rua, um homem cantando, o barulho de caçarolas manejadas na cozinha... Posso até sentir o calor do sol batendo, vivo, em meu rosto, e apreciar a frescura da brisa soprada da baía de Nápoles. São horas de levantar e sair. Salto do leito, atiro um pouco d'água no rosto, visto meu desbotado vestido de algodão, pego um pedaço de pão na cozinha, e saio. Algumas vezes minha amiga predileta, Adele Marolda, espera por mim. Olhamos uma para a outra, rimos de nada e de tudo e, de braços dados, precipitamo-nos rua abaixo, as pedras arredondadas deliciosamente quentes acariciando nossos pés nus.

De outras vezes, se temos o dinheiro necessário, vamos tomar um ônibus para Nápoles e fazemos então a ronda dos cinemas, olhando, maravilhadas, a beleza dos cartazes vivamente coloridos. Às vezes, prometo a



Autobiografia exclusiva de uma das mais populares estrelas cinematográficas de hoje.

Em sua carreira brilhante, Sophia Loren viveu personagens famosos.



Quando de sua ida à Califórnia, Sophia Loren fez questão de levar sua irmã Maria.

mim mesma ardentemente que haverei um dia de me tornar também atriz de cinema. Adele ouvi meus planos e não consegue deixar de rir: «Não agora, sua tóla!», zomba. «Você é tão magra!». Olho para a minha própria figura, seca e deselegante, e caio em profundo abatimento.

Caminhamos para a beira-mar e contemplamos a baía azul, observando os barcos a motor fugirem como besouros e, se o dia está claro, podemos divisar a Ilha de Capri emergindo na distância. Penso: «Lá está o mundo esperando por mim. Algum dia, irei lá». Mas, ao dizer isto, eu mesma não acredito, pois sou pobre e que fazer para alguém deixar de ser pobre?

SOU EU MESMA?

Findo o lanche — se houve dinheiro — e quando a tarde começa a cair, retornamos a Pozzuoli. Despeço-me de Adele, com melancolia, e parto desejando que ao entrar em casa não encontre muitas brigas.

Neste exato momento desperto, estou em plena lucidez. E o prazer disso é sempre o mesmo. O quadro é completamente outro. Sinto a riqueza da roupa fina de encontro ao meu corpo, o conforto de um luxuoso colchão. Não tiro os olhos do grosso tapete que cobre todo o aposento, os belos móveis, o deslumbrante banheiro moderno.

Não é Pozzuoli! É Hollywood ou Nova Iorque, Paris ou Madri — ou qualquer outra parte onde me possa encontrar — e, daí a pouco, a criada virá para servir-me e eu tomarei o café da manhã em reluzente aparelho de prata. Depois um automóvel — com chofer — me levará ao estúdio e, **inacreditavelmente**, eu sou Sophia Loren, a estréla!

Fecho os olhos por um instante, sorrio, e os abro outra vez. Sim, tudo ainda está ali, e deve ser mesmo verdade. Murmuro comigo mesma: «Sophia Scicolone, você é uma felizarda. Não está sonhando coisa nenhuma! Tudo é realidade!»

E assim vou cultivando o meu milagre particular.

Minha vida não foi sempre agradável, nem tem sido de todo horrorosa. Houve os maus tempos, os tempos infelizes, e houve os tempos favoráveis também. Dêles, saiu a Sophia Loren de hoje.

No todo, considero minha vida aceitável. Ela tornou-me mais vibrante.

Nasci em Roma, a 20 de setembro de 1934. Minha mãe, Romilda Milani, levou-me logo para a casa dos pais dela e com eles, pouco depois, mudávamo-nos para Pozzuoli.

Minhas primeiras recordações são as das brigas em família. Sempre havia alguém gritando com outro alguém. No entanto, nossa família não era infeliz. Na verdade, éramos muito pobres e difíceis são as regras de boa educação quando a luta pela simples sobrevivência traz o nervosismo de mistura.

Meu avô era — ainda é — um homem pequeno com olhos tam-

bém pequenos, sempre a piscar. Emotivo e irascível, tinha sempre um sorriso pronto nos lábios. Trabalhava numa fábrica de munições em Nápoles. Minha avó era — é ainda — uma nobre mulher magra e alta, com rosto comprido e olhos grandes e solenes. Meu avô — eu o chamava de pai — era bem camarada para mim. Minha avó impunha severa disciplina. Todos os dois me adoravam.

Eu chamava minha mãe de «Mamma» — **Mãezinha** — e olhava para ela como se fosse uma deusa. Mesmo hoje, aos 43 anos, ela é uma bela mulher, com traços fisionômicos clássicos e cabelos dourados e brilhantes. Ela tomava-me nos braços e balançava-me, embalando-me minutos a fio, sem dizer nada. E agora, voltando os olhos para trás, acredito terem sido aqueles os piores anos de sua vida. Outras vezes ela costumava rir alegremente, segurava-me, erguia-me no ar e exclamava: «**Sophia Scicolone, você está indo para cima, para cima, até o lugar mais alto do mundo!**»

Quanto a alimentos, nunca me faltavam. E amor também não. Mesmo durante as turras e desentendimentos eu recebia uma afetuosa palmadinha na cabeça ou um sorriso que me deixavam entrever não terem sido os deslizes tão graves como pareciam.

Morávamos no andar térreo de um pequeno prédio de apartamentos. Havia uma sala, cozinha e dois quartos. Meu tio Mário e tia Dora, irmã de mamãe moravam conosco. Eram recém-casados e

tinham quarto próprio. Nós dormíamos no outro.

Tinha eu quatro anos quando minha irmã Maria nasceu. Foi uma coisa maravilhosa, recordo, exatamente como mamãe me havia dito que seria.

Eu havia feito as clássicas perguntas pré-natais e ela, achando embaraçoso responder, murmurou: «Você terá uma companheirinha, um novo nenê. Prometo-me que tomará conta dele?»

«Prometo, prometo!», repetia eu excitada.

Mas, não foi êle. Quando Maria — o bebê — foi trazida para casa e colocada no seu berço, vovó e vovó, mamãe, Tio Mário e Tia Dora, reuniram-se exultantes em torno do novo pedacinho de vida. Julguei que meu coração fosse estourar de alegria.

«Ela é minha», vivia eu a proclamar. «Os outros podem olhar, mas mamãe já disse que ela me pertence!».

Aos cinco anos, vim a saber algo de muito importante sobre mim mesma.

Certo dia, minha mãe, terrivelmente agitada, mandou-me para o quarto de dormir e ordenou-me que ali ficasse. Fiquei triste, pois eu sabia que não havia feito nada de errado. Dentro em pouco ela voltou e pôs-se a correr em volta de mim, penteando meus cabelos e endireitando meu vestido. Depois tomou-me pela mão e conduziu-me à sala.

Deparei com um senhor, alto e elegante, sorrindo para mim e inclinando a cabeça. «Sophia», disse mamãe, (e sua voz tremia) «êste é Ricardo Scicolone, seu pai».

Adiantei-me e toquei-lhe as mãos dizendo: Bom Dia! Ele não largou as minhas. Mantive-as apertadas, dizendo repetidas vezes: «Como você cresceu, Sophiazinha». Puxei o braço, franzindo a testa. Não sei por que, nesse dia — que vontade eu tive de gritar! Fêz-me presente de um carrinho e de um par de patins. Havia-os comprado para mim. Tomei-os, corri para brincar, mas no íntimo, não estava muito satisfeita. Nessa noite enfrentei mamãe:

— Ele não é meu pai — murmurei sombria. — Eu já tenho um pai.

— Você tem um avô — atalhou Mamãe, emocionada.

— Se ele é meu pai, por que não mora aqui?

— Não sei. Talvez por que não queira.

— Não gosto dele — respondi.

— Você não deve dizer isto, So-



Sophia Loren e Cary Grant numa cena do filme «The Pride and the Passion».

SOU EU MESMA ?

phia. Eu por mim gosto muito d'ele.

— Ele gosta de você ? — insistiu.

— Não muito, suponho. Mas, isto não quer dizer nada. Ele é seu pai e pai de Maria. Foi ele quem lhe escolheu o nome. Você deve gostar d'ele, ou pelo menos fazer força para gostar...

— Não sei por que ! Não gostarei ! disse num berro e, desta vez, as lágrimas vieram. Foi assim que soube que minha mãe e meu pai nunca se haviam casado. Terríveis sombras desabavam sobre meu pequenino mundo. Eu era Sophia Scicolone, a menina cujo pai não vivia na companhia dela. Maria e eu éramos, pois, «diferentes». Todo o mundo sabia disso. Todo o mundo falava disso.

Comecei a encolher-me, voltan-

do-me para dentro de mim própria. Se eu não me desse a conhecer, se não me fizesse notar, ninguém então haveria de tocar o dedo em mim. Todavia, daí por diante, foi-se arraigando em mim a firme determinação de que eu não recuaria jamais frente a coisa alguma, e que, de qualquer modo, eu haveria de subir, ultrapassando essa coisa negra que subitamente havia se intrometido em minha vida.

Pobre de minha mãe ! Como meu amor por ela cresceu !

Nos anos que frequentava o Catecismo, mostrava-me tímida e apreensiva, inconscientemente aguardando os olhares suspeitosos, a zombaria humilhante, que às vezes, vinham mesmo. Não raro, vinha-me o impulso de recitar diante de todos, mas, sentia a boca seca e tinha de esforçar-me muito para fazer os gestos.

Maria saía-se muito bem em nossos teatrinhos improvisados, enquanto eu — desejosa, antes de mais nada neste mundo, de tornar-me uma grande estrela de cinema — morria de vergonha, embaraçada diante de minha própria família.

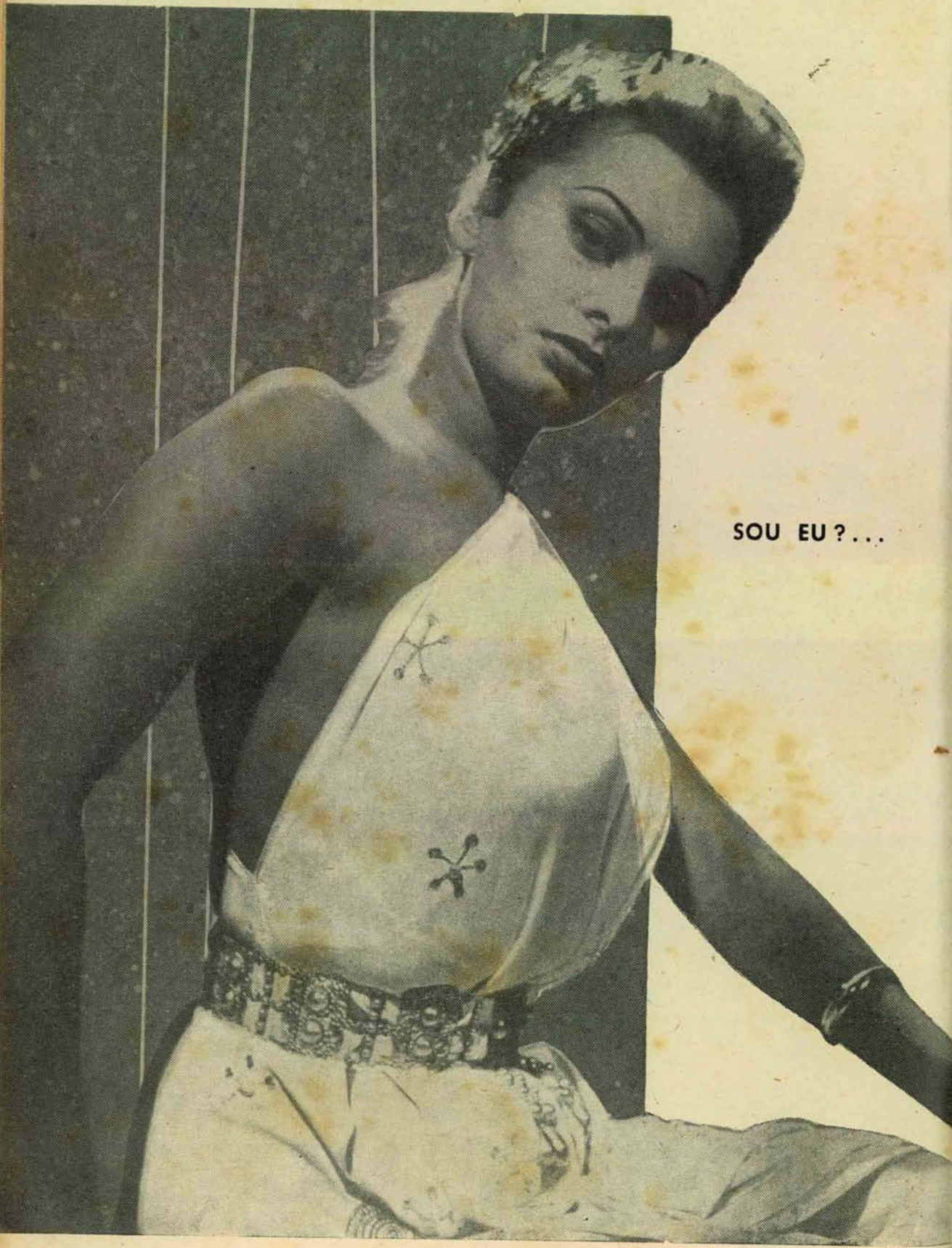
Adele Marolda enxergava as coisas por um prisma especial. «Não deixe ninguém saber !», aconselhava. «Ninguém poderá imaginar que você esteja amedrontada, desde que não desconfiem».

Segui o conselho : mantive a cabeça alta e o corpo ereto, e passei a olhar todo o mundo dentro dos próprios olhos. Foi o escudo de que me armei e que passei a usar. Ele defende-me até hoje.

Nesta época, entretanto, minha aparência era um bocado ridícula. Alta e magra como um bambu,

Sophia Loren e sua mãe, Romilda Vilani abraçam-se felizes, depois de terem percorrido juntas a estrada da pobreza e da dificuldade.





SOU EU ? ...

minhas pernas e braços pareciam quatro lápis, como se fossem de um poldro recém-nascido. Chamavam-me depreciativamente «Stecchetto» (Vareta), alcunha que eu, nem sempre, recebia sem reagir. Deixava minhas unhas crescerem muito e fazia uso delas toda vez que se tornava preciso.

Estávamos em plena II Guerra Mundial. Até que ela não parecia tão má a princípio, mas quando os americanos entraram em cena, os alimentos começaram a escassear. Os aviões sobrevoavam noite após noite a região, bombardeando-nos, e noite após noite toda a população da vila de Pozzuoli amontoava-se no túnel local da Estrada de Ferro, ali se mantendo até o dia clarear.

Tal prática tornou-se uma rotina mortificante. Ao som da sirena, nossa família saltava todinha da cama — nas mais das vezes, nem sempre convenientemente vestida — e corria para o túnel. Maria muito complicada sempre se embaraçava com os sapatos, que voavam longe durante as corridas desabaladas. Mamãe acendia um fósforo no túnel. «Então, Maria, já achou os sapatos?», perguntava, embora soubesse muito bem que não, pois Maria continuava descalça. Eu tinha nessas ocasiões de retornar correndo e procurá-los na escuridão.

Estes foram os maus tempos. Algumas vezes passávamos um dia inteirinho sem fazer uma refeição completa. Recordo-me de um vestido que usei. Mamãe fez-o de um velho paletó de homem confeccionado em «pêlo de camelo». Era terrivelmente quente. Mas durou muito tempo.

O primeiro «inimigo» que vi — foi em Nápoles, depois da vinda das tropas americanas. Era um soldado alto, com cabelos vermelhos, óculos, e estava engrandecendo os sapatos. Apontei para uma lata de biscoitos que ele carregava. Deu-me alguns, balas também, e uma lata de café solúvel. Corri para casa sentindo-me no sétimo céu. Se esta era uma amostra do inimigo, eu estava inteiramente pronta a mudar de lado.

Depois, cerca de trinta praças

e oficiais mudaram-se para o andar superior de nosso prédio. Um soldado chamado George notou-me. «Que há com seu queixo?» indagou-me. Eu havia recebido profundo corte no queixo, por ocasião de uma queda sofrida numa escada durante um ataque de bombardeio, duas semanas antes. Ele tomou-me pela mão e levou-me para uma unidade médica, onde acharam que eu precisava receber pontos. O soldado George foi surpreendentemente bom para comigo. Todos, aliás, eram bons. Maria e eu, assim como a maioria das outras garotas da vila, convivíamos com eles, transmitindo recados, prestando atenção às suas brincadeiras, comendo dos seus alimentos. Eles chamavam-me «Chicken» (Franga). Pensava que fosse um apelido lisonjeiro, até que aprendi a sua real significação em inglês. Então, fiquei muito desapontada. Quem vai desejar parecer-se com um frango?

Quando os soldados foram embora, com o término da guerra, senti que havia perdido um exército de amigos. Pozzuoli parecia então uma aldeia sem vida.

De vez em quando meu pai vinha ver-nos. Não tinha muita disposição de tratá-lo com polidez, mas concluí que assim procedendo mamãe se sentia feliz. Assim, resolvi ser agradável. Depois, soubemos que ele havia se casado. Mamãe não disse nada. Foi para o quarto e ali permaneceu por longo tempo. Quando voltou para a sala, seus olhos estavam inchados e vermelhos. Mesmo assim, ela foi cuidar de seu serviço, como se nada houvesse acontecido.

Período agitado e infeliz para mim, foi esse. Lá estava eu, com 12 anos de idade, um espantinho de moça mergulhada na pobreza, a enorme distância do brilhante futuro que eu sabia que deveria ter. Talvez — pensava com angústia — Deus não quisesse que eu me tornasse a grande atriz dos meus sonhos. Talvez quisesse que eu fosse uma professora. Enterrava meu nariz nos livros. Assim, daria a Ele uma oportunidade de escolha.

O tempo passava, porém, e quase como se uma fada houvesse brandido uma varinha, Sophia Scicolone ia se tornando mulher. Posso evocar o dia em que minha avó olhou-me medindo de alto a baixo.

— Que está olhando? — perguntei.

— Sophia, comentou ela (os olhos brilhando), você parou de

crescer para cima. Agora está crescendo para os lados.

Era verdade. Deus não me havia esquecido. Eu não seria para sempre a «Vareta»... Passei a ser notada. «Êta Sophia!», diziam os vizinhos a mamãe. «Quem diria hein?... Com aquelas perninhas escanifradadas...» Percebi que já era alguma coisa, quando passei a ouvir assobios nas ruas.

Tornou-se um prazer para mim passear. Comecei a adotar um modo de andar que (disso estava certa) era o mais sedutor jamais empregado. Quem foi que falou que eu, alguma vez, havia pensado em tornar-me professora?

Certo dia, mamãe veio mostrar-me o jornal «Il Mattino». «Ele está patrocinando um concurso de beleza», disse, «para eleger a «Rainha do Mar» e suas doze Princesas. Por que você não entra?»

Meu coração disparou. Eu, num concurso de beleza? Desfilas, exibir e ostentar, em Pozzuoli, era uma coisa. Competir com as belidades de Nápoles era outra muito diferente. Mamãe, então, disse, como se estivesse a recapitular um sonho: «Eu venci um concurso de beleza, certa vez... antes de você nascer. Foi um concurso cinematográfico destinado a encontrar uma «sósia» para Greta Garbo. Eles queriam que eu fosse para a América, mas seu avô não permitiu.

Fixei o olhar em minha bela mãe. E, de repente, passei a considerar quanto ela tinha errado. Estaria eu a cometer os mesmos erros, devido à timidez, diante dos desafios que se me ofereciam? Não tinha eu prometido a mim mesma, que jamais recuaria? Sorri para mamãe.

— Por que não? — disse.

Não havia ainda completado os 15, idade mínima exigida para o concurso, mas, poderia facilmente elevá-la para 18. Mamãe «passou por cima» das autoridades e conseguiu minha inscrição. Mas, um problema muito maior surgiu. Com que vestido me apresentaria? Exceto meus modestos uniformes de aula, que havia no meu guarda-roupa?

Minha avó resolveu o problema: «As cortinas das janelas!», lembrou, triunfante.

Eram de um lindo vermelho, o orgulho de nossos singelos quartos de dormir. E vieram abaixo, naquela mesma noite, com vovó acordada, a costurar-me nada mais, nada menos que um vestido *soirée*. Oh! outro problema! Como arranjar sapatos? Como poderia eu usar meus «tanques» de colégio, num vestido de baile? Dinheiro, para comprar um novo

←
Sophia Loren afirma ser hoje mais feliz do que nunca.

par, não havia.

Mas, vovó voltou a resolver o problema.

«Nós o faremos tão comprido que ele cobrirá os sapatos», disse. E assim, no Grande Dia, lá estava eu desfilando diante dos juizes com meu vestido decotado quase a arrastar-se no chão, mas com os sapatos devidamente escondidos...

Amedrontada, a princípio, logo lembrei-me que já havia «sobrevivido» a cinco provas eliminatórias, desfilando, sentando-me e posando para os juizes, juntamente com mais outras 364 candidatas esperanças, e adquiri confiança. Na noite final, quando 30 de nós enfrentávamos o júri, uma nova e maravilhosa força inundou-me.

Não fui eleita «Rainha do Mar», mas escolheram-me como a Primeira Princesa, segundo lugar. Mamãe caiu em êxtase. Minha avó abraçou-me — uma rara concessão sua — e vovó comprou uma garrafa de vinho para comemorar o acontecimento. Recebi como prêmio um papel de parede para a nossa sala, dois quadros 8 x 10, para mim

própria, e 40 dólares. Todos nós, juntos, colocamos o papel na parede.

Fazia muito tempo que eu não ia ao colégio, quando mamãe chegou com uma surpresa. «Você e eu vamos a Roma», disse decidida. «E' tempo de começarmos a fazer de você uma estrela de cinema». «Não há muito dinheiro», preveniu mamãe. «Será difícil a nossa ida... mas, nós o faremos». Minhas dúvidas dissiparam-se. «Sim, mamãe, iremos», respondi, radiante.

No dia da partida, vovó fez um bôlo para levar comigo. Tia Dorra colocou 100 liras — cerca de 30 cruzeiros — na palma de minha mão. Maria ficou de olho comprido em meu vestido. «Enviaremos um para você, muito breve», prometeu-lhe Mamãe. Meu avô nada disse. Estava chorando baixinho. Todas as brigas, rusgas, atritos, o tempo havia carregado.

«Esta é minha família», pensei. «Esta é a melhor família do mundo».

Mamãe e eu caminávamos, rumo ao ônibus de Roma.

(Conclui no próximo número)

Auxilie as criancinhas do ABRIGO JESUS

Fruto do amor cristão, o edifício do Abrigo Jesus foi construído e aparelhado para abrigar, instruir e educar 200 criancinhas desvalidas, amparando-as e preparando-as para o futuro na vida social. Mas falta-lhe a renda necessária para completar o número de crianças que pode abrigar. Auxilie essa benemérita instituição, contribuindo também com o seu doativo.

Cx. Postal 734 — B. Horizonte

CARNAVAL

Só com lança-perfume RODOURO

Temos para pronta entrega.

Unicos distribuidores para os Estados de Minas e Goiás.

ANDRADE & CIA. LTDA.

Rua Teófilo Otoni, 19-A — Carlos Prates — Telefone : 4-9550 —
End. telegráfico "HARMONIA" — Belo Horizonte.

COMPANHIA
IMPORTADORA GRÁFICA
ARTHUR SIEVERS



Tudo para as
Artes Gráficas
e
Indústria Galvanoplástica

Matriz : São Paulo

Rua das Palmeiras, 239/47
Fone : 51-9121 — Caixa
Postal 1652 — Endereço Telegr. : "SIEVERS".

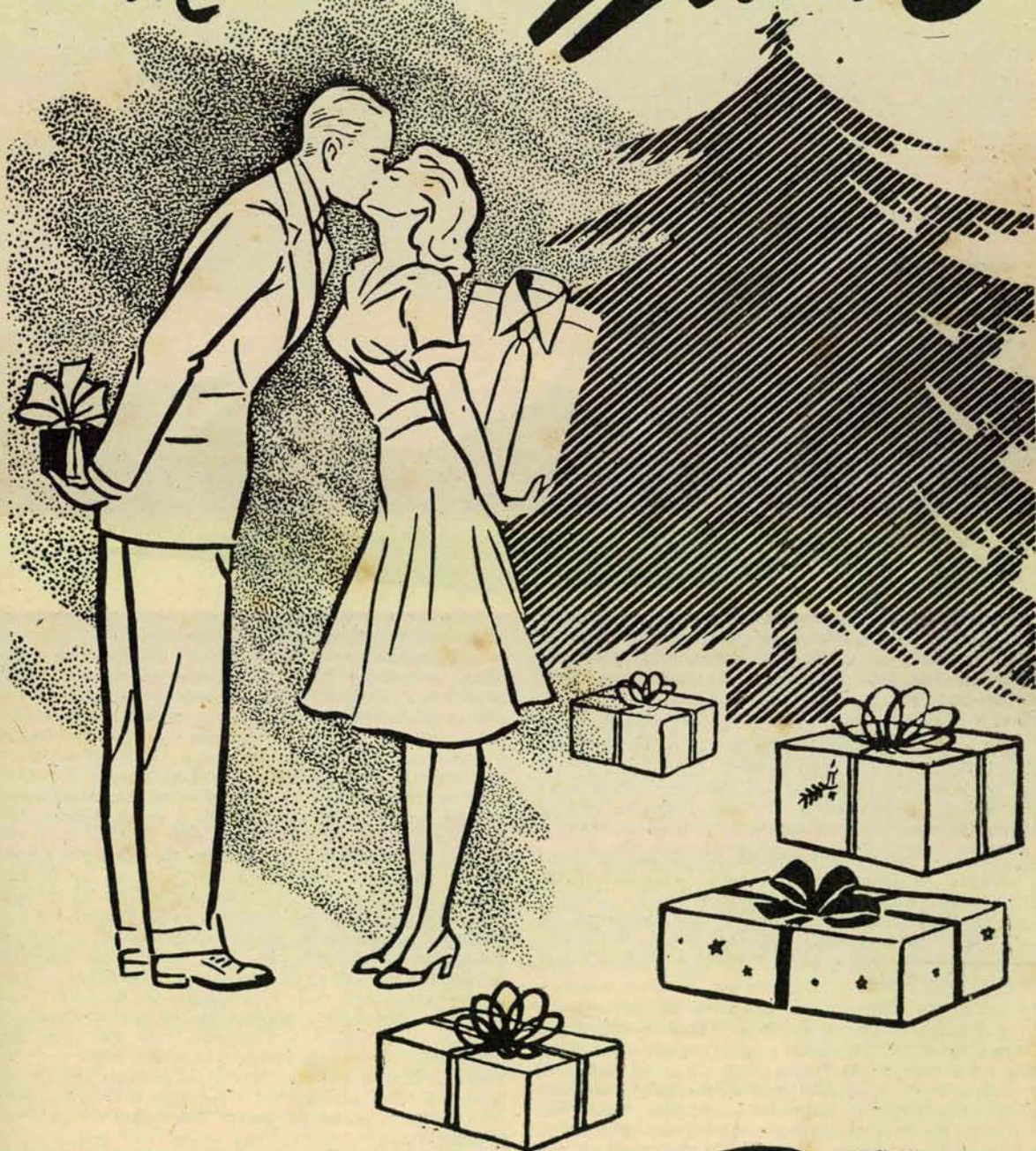
Filial : Rio de Janeiro

Rua Tenente Possolo, 34-A
— Fone : 32-5175 — Endereço Telegr. : "SIEVERS"

REPRESENTANTE
EM MINAS GERAIS :

Sebastião Teixeira Neves
Esc. : Rua Guarani, 403 —
Fone 2-3110.
Res. : Rua Timbiras, 3085.
Belo Horizonte

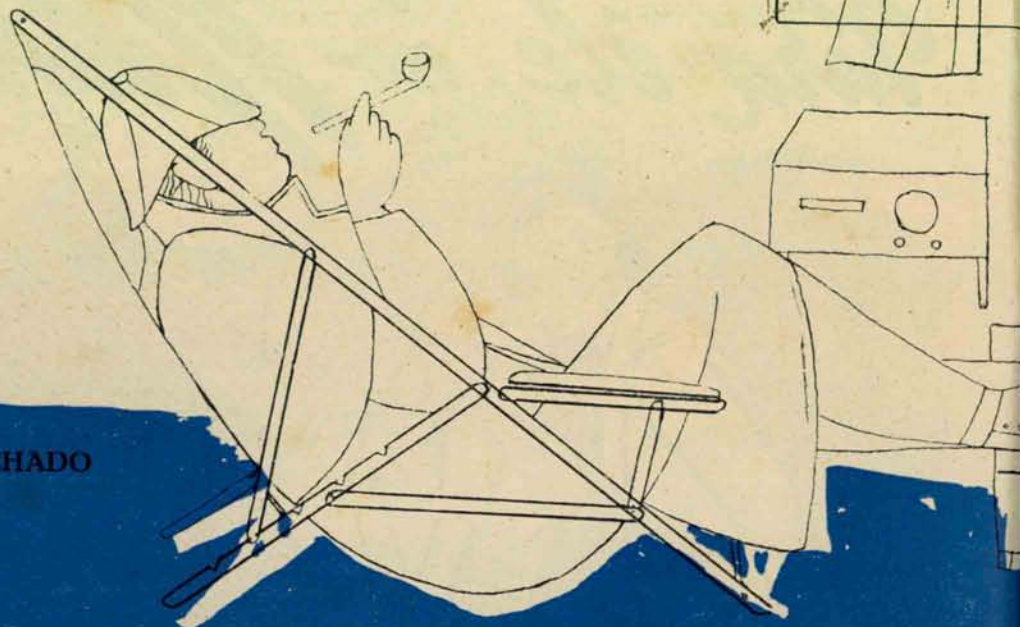
Para ele, no Natal



**CAMISAS
PIJAMAS**

Tannhauser
DESDE 1893

ROGÉRIO MACHADO



O ATUAL governo é responsável pela reestruturação da Polícia Civil, concretizada na lei nº 1527, de 31 de dezembro de 1956, portadora de inovações promissoras, inclusive a polícia de carreira, legítima aspiração, porque inestimável melhoramento.

Só o fato de serem extintas as delegacias legais nas sedes das comarcas onde funcionam juizados de direito, constituía indistigável progresso. Isto mesmo encarecemos em um trabalho que o «Minas Gerais» publicou em 20 de janeiro de 1957.

Além do estabelecimento da polícia de carreira, a referida lei trouxe outros benefícios, aos quais se reuniram a majoração dos quadros da Guarda Civil, do Serviço Estadual do Trânsito, do Corpo de Segurança, bem assim, dos Delegados Especializados, que passaram a onze, número também fixado para os Distritais.

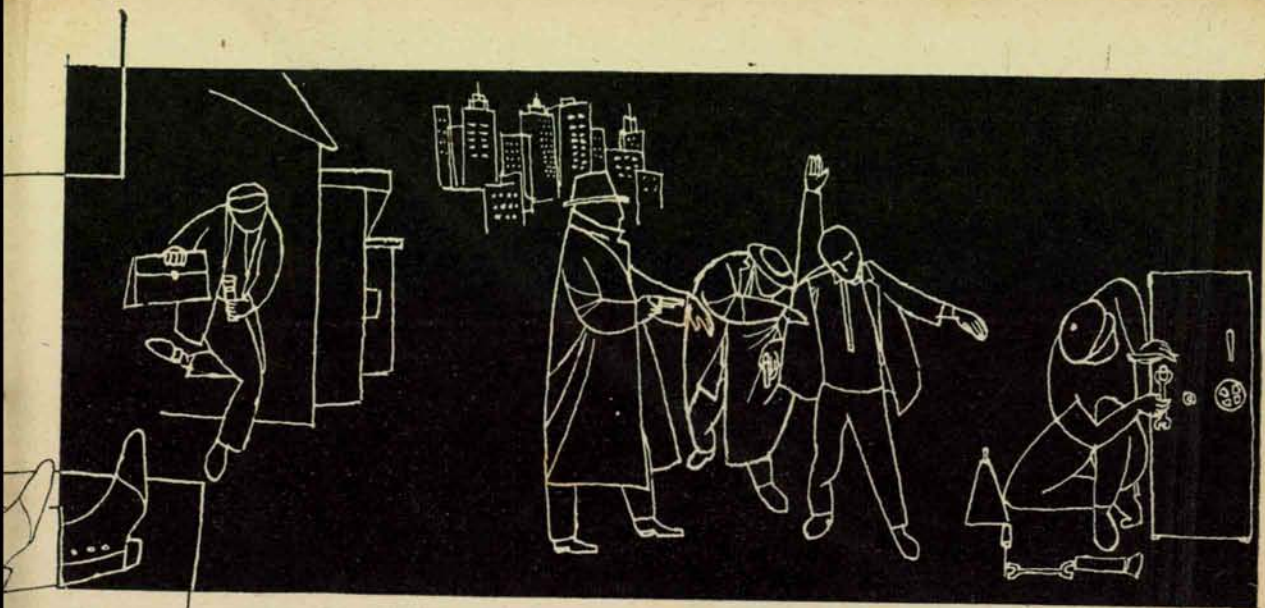
Entre os dispositivos da nova lei sobressaía um que oferecia vantagens aos titulados com vinte e cinco anos de exercício e que requeressem aposentadoria dentro de trinta dias da publicação da lei. Afirmemos que o dito dispositivo tinha enderêço certo: afastamento habilidoso de dois funcionários que, no cumprimento do dever, desagradaram os donos da enchente, ficando marcados desde os fatos de 18 de agosto de 1931. Só então se oferecera oportunidade para o acerto de contas...

Mais de uma dezena de delegados não tiveram dúvida em aquiescer ao convite, e dentro do prazo estabelecido, postularam a aposentadoria, alheios aos atrativos, às seduções e às vantagens do cargo, inclusive alguns que, sem os vinte e cinco anos de batente, recorreram a préstimos de fora, com argumentos que teriam convencido.

Todavia, houve quem pleiteasse o retórno à teta, que se tornara mais exuberante...

Beneficiados todos os setores da segurança pública, acreditava-se que algumas mazelas desapareceriam: «engano puro e ledô», eis que foram até amplificadas, visto que os velhos, com o péssimo costume do trabalho e da honestidade, foram o sustentáculo da instituição e uma garantia à coletividade, no combate à delinqüência. E' certo que os patrocinadores da reforma trombeteavam que se tornava imprescindível o rejuvenescimento dos quadros da Polícia Civil, anquilosada pela velharia, oferecendo oportunidade ao «sangue-novo» de arrancar a segurança pública do marasmo crônico em que jazia. Outros sentiam na reestruturação em aprêço um simples golpe eleitoreiro: o titular da Secretaria, não possuindo lastro político suficiente no interior, ao qual se pudesse escorar, aproveitava-se das circunstâncias favoráveis, por isso que contava com a proteção de lá e de cá, e assim se «defendia», entregando os postos-chaves a amigos com vistas à reeleição, isto na pior das hipóteses, porquanto havia promessa mais acalentadora. O que parece mais real é que o momento ensejava uma «revanchezinha», que estava tardando: o afastamento de quem fizera jus a um «ex-planté»...

São hipóteses da reestruturação da Polícia Civil, da proclamada reestruturação, que embora executada «de fond en comble», apresenta-se como autêntica borrachice. E isto porque o crime, em tôdas as suas manifestações, continua a se expandir, aqui e em todo o Estado, apesar do considerável aumento da despesa, que quadruplicou, não só com a majoração de vencimentos e do pessoal do quadro, mas ainda, com a compra de equipamentos, etc.



A POLÍCIA CIVIL

no atual Govêrno

Nesta Capital, embora os incontestáveis serviços da «Rádio-Patrolha», o crime atingiu as fronteiras do incrível: a cada passo, por todos os quarteirões, constata-se a ausência de tarefas preventivas. No centro urbano, estabelecimentos comerciais são arrombados e saqueados, alguns duas e três vezes, sem que os assaltantes sejam identificados. E nos arrabaldes, casas particulares são constantemente visitadas pelos ladrões, causando prejuízos e pânico entre os habitantes.

A vadiagem como que encontrando ambiente adequado, infringe o silêncio noturno, com os seus excessos e indisciplinados costumes. O roubo de automóveis aumenta espantosamente: a menor distração de um motorista desavisado redundando em desvio do veículo, fazendo crer na existência de uma quadrilha que age em ação direta com o alheamento de quem de direito. Até lotações são surrupiadas pela ladroagem, que em tempo recorde muda a cor e substitui números das viaturas, enquanto os prepostos da autoridade permanecem alheios.

O Departamento Estadual do Trânsito, todavia, teve seu quinhão de melhoramentos, em numeroso reforço de Fiscais e motocicletas.

Relativamente à investigação de crimes de antecedentes duvidosos, o homicídio de Aziz Abras, ocorrido em plena vigência da lei que reestruturou a Polícia, atesta a ineficácia dos novíssimos «Sherlocks». Estes, pelo visto, não estão levando nenhuma vantagem sobre os antigos, que não puderam deslindar numerosos delitos de autoria desconhecida, até hoje insolúveis.

Sob o ponto-de-vista de amoralidade, a instituição hodierna, ultrapassou qualquer período post-revolucionário de outubro de 1930. A Assembléia Legislativa, pela primeira vez, achou que devia

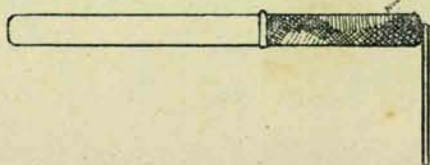
investigar fatos de que se tornaram responsáveis serventuários da própria polícia, ressaltando a gravidade de uma situação! E' que a Delegacia de Costumes e Jogos apreendera a escrita de certo banqueiro-contraventor do bicho, contendo numerosos nomes de policiais, tornando-se claro o suborno com o desembolso de meio milhão de cruzeiros, concluindo-se que outros contraventores mais endinheirados estariam dispendendo pecúnia mais elevada a fim que o jogo pudesse funcionar sem maiores entraves...

Tal escrita entregue a um jornalista, anteriormente sofrera lamentável engavetamento dos ases policiais, que decidiram silenciar, doirando mais a pílula da dúvida quando se impunha ampla investigação para esclarecimento do caso. Em períodos eleitorais mexer com jogo-de-bicho desagradava numerosa classe, o que não é aconselhável a candidatos a cargos eletivos que necessitam somar votos: mas, no caso, não estaria em xeque o pundonor de uma instituição com finalidade conhecida?

Se a Corregedoria, que fôra ampliada, passando a contar com pessoal especializado, inclusive seis escrivães, escreventes, investigadores, não possui meios para esclarecer um caso de polícia, alegando carência de provas para chegar à verdade, que não estará reservado à Comissão Parlamentar de Inquérito? Naturalmente o caso, que se arrasta há tantos meses sem solução, será arquivado «por falta de meios probatórios»...

A Assembléia Legislativa, formada por homens de cultura e patriotas de prima grandeza, ao votar o projeto que se transformou na lei nº 1527, tinha um grande objetivo: corrigir falhas que atentavam contra o regular processamento dos trabalhos da Segurança Pública, equipando seus agentes

POLÍCIA CIVIL...



com os recursos indispensáveis, de modo a reprimir os inadaptados ao meio social. Por consequência, na hipótese de existirem maus elementos na instituição, deveriam estes ser desengajados, por isso que a Polícia existe para garantir a tranqüilidade e a segurança da sociedade.

Nestas condições, se policiais perpetram delitos ou badernas, embebedam-se, esbofeteiam ou maltratam, matam ou roubam, tomando o dinheiro por qualquer forma ilícita, por certo que precisam ser policiados, estabelecendo-se, então, irrisório círculo vicioso: polícia policiando polícia...

Evidentemente, numa comunidade nem todos apresentam comportamento irrepreensível, mas com a Segurança Pública deveria ser diferente: o agente de polícia, conduzido a fiscal da Lei, necessita ter nítida compreensão de seus deveres, permanecendo acima de sanções disciplinares, sem o que aniquilará a própria força moral, que deve ser intangível, sob pena de não se poder impor ao respeito e à confiança da sociedade. Por ironia das circunstâncias, agora mais do que nunca, dá-se justamente o contrário: o «uomo qualunque», assim também a comunidade média, têm horror ao representante da autoridade. Daí, talvez, o fato de pessoas do povo procurarem escapar ao dever de servir como testemunhas de uma ocorrência policial: o homem da polícia é tido, aqui fora, como insensível bruto e sem educação. Muito embora, justiça seja feita, nem todos os policiais se enquadrem nesse doloroso juízo.

Justificando a reforma dos quadros da Segurança Pública, fêz-se crer que, nas comarcas, ao lado do respectivo juiz de direito, funcionaria um delegado de carreira, concretizando-se moralizadora medida, dando fim ao jaguncismo ainda reinante em algumas localidades, assegurando-se aos cidadãos as garantias da Lei-Magna. Entretanto, os confectionadores da polícia de carreira não a concretizaram, e estamos no derradeiro exercício do presente período governamental. Engôdo?

O estabelecimento do selo policial com a supressão de custas e taxas, constituem, também, completa burla, eis que a lei vigente sobre o assunto não é observada por grande parte de delegados e escrivães, sujeitando-se o público que necessita de documentos a pagar duas vezes: o selo policial e, por fora, custas ao escrivão... Pior que burla, porquanto verdadeira extorsão, a que é submetido o contribuinte: o documento que custava 30 ou 50, já agora passou a 60 ou 100 cruzeiros. O pagante vê que está indo na finta, mas não deseja complicações maiores: «paga e não bufa», porque ainda é o melhor caminho.

Tal como a cobrança indevida de custas e taxas, as altas autoridades (e também, as menos altas...) ignoram ou fazem vistas grossas sobre faltas funcionais de seus subordinados, inclusive abusos, coação, «achaques» e violências, exigindo

provas. Muitas vezes, vítimas de violências ou denunciadores de faltas atribuídas a qualquer funcionário, não podendo apresentar provas do que alegam, competindo à autoridade investigar o fato até descobrir a verdade, porquanto é função do investigador esclarecer as denúncias.

A extinção das custas e taxas, se foi condição para o considerável aumento de vencimentos do pessoal da Polícia Civil, não passou de mero pretexto para amaciar, e a bem da moralidade devia ser revogada, visto que de há muito escrivão e delegado recebiam emolumentos já integrados ao orçamento dos mesmos. Os assessores da feita da lei em causa sabiam que parolas vãs não dezarraigam praxes seculares, mas acharam bonito copiar o instituto do selo policial do regulamento paulista, cuja polícia o vem adotando. Transportado para cá, tem sido e será mais uma fonte de corrupção, que a segurança pública ficará devendo ao atual governo.

A camuflagem do selo policial, além de doirar a pilula das aposentadorias a jato, com enderêço certo para um «trouxa» que se obstinou em cumprir o dever com idealismo (o que chega a ser monstruoso numa época epicurista), deu ensanchas, ainda, a múltiplas despesas, inclusive à renovação da frota de viaturas, adquiridas na América do Norte a dólar oficial. E em muito boa hora, porque, com jipes e camionetas G.M.C., certo testade-ferro pôde fazer toda a sua campanha eleitoral de 3 de outubro de 58.

Criou-se, ainda, uma biblioteca junto à Escola de Polícia, adquirindo-se numerosos volumes sobre polícia especializada. E' a da Secretaria do Interior, adquirida com verba do antigo Serviço de Investigações, também sobre assuntos técnicos?

Falando-se sobre Escola de Polícia, diz-se que o atual governo pensara em fechá-la, porque muito dispendiosa: os professores percebiam três mil cruzeiros, por duas ou três aulas semanais, à noite... Após a aposentadoria do ex-diretor da Escola, o mesmo que fora incumbido do inquérito sobre o 18 de agosto de 1931, ao qual inquérito anexara notável relatório definindo as responsabilidades de cada um dos co-autores, eis que se patenteou completa reviravolta.

O mesmo governo que tinha «péssima impressão» da Escola e falara em fechá-la, não só deixou de fazê-lo como consentiu que fossem majorados os vencimentos dos professores, que passaram a perceber sete mil cruzeiros mensais e 300 cruzeiros por aula, ampliando-se, bem assim, o respectivo quadro. E, em caso de aposentadoria, o «jeton» abonado aos professores fará parte integrante do vencimento. Já não se fala em fechamento: mas em instalação em sede própria, com «stand» de tiro ao alvo...

Mazela das mais lastimáveis é o continuismo do sindicato.

Em depoimentos anteriores temo-nos referido

às suas atividades: age em surdina, como que em vôos sutis, não havendo quem dê notícias de sua existência. Espécie de Associação Beneficente de Auxílios Mútuos, a «Irmandade» tem um provedor, secretários, conselheiro, mordomo-geral, inclusive irmãos-benfeitores, justamente os que auxiliam as pilantragens, às vezes ignorando a realidade, como inocentes-úteis...

Basta que noticiaristas bem informados divulguem o nome de um provável Chefe de Polícia (atualmente Secretário da Segurança Pública) em substituição do demissionário, e que não seja o nome do agrado de algum componente da «Irmandade», para que esta se desdobre em febril atividade, desenvolvendo a conhecida técnica de que é capaz junto aos prestimosos irmãos-benfeitores, até que o «ex-futuro» seja retirado da pista e substituído por outro, mais conveniente ao continuísmo...

Assim tem sido com alguns governantes, salvo uns poucos que não se deixam levar no arrastão.

Os preteridos da conspirata fingem não compreender o golpe, continuando «bien contentes e satisfechos», como convém a cavadores de um mesmo credo.

Que o sindicato existe, que o respondam suas vítimas. Que é imoral, não resta dúvida, não para a sensibilidade dos que acham graça e repetem que a «coisa está para nós». Seja como for, trata-se de uma das «realizações» dos animadores da segurança pública.

Ora, em lugar de promover aposentadorias a jato, acarretando despesas inúteis ao erário público, seria preferível um programa de finalidade prática em benefício do bem comum.

Por exemplo: recuperação das cadeias do interior, que estão caindo em ruínas, proporcionando-se um mínimo de higiene aos detentos. Moralizando-se nomeações de delegados leigos, evitando-se assim cenas como a do Imbé, em Caratinga, ou de Esmeraldas, cujo delegado veio a esta Capital especialmente para abater um desafeto, ou de Betim, em que um advogado e um acadêmico foram sacrificados por qualquer motivo frívolo, podendo-se apontar dezenas de casos atribuídos a autoridades não diplomadas. Instituído-se a polícia de carreira, para valer, dotando os municípios de titulares idôneos.

Tais providências seriam bem mais interessantes à comunidade mineira e ao mecanismo policial. Mas os homens do poder precisam de numeração, mais e mais, para «escolação»: «povo é terra de ninguém». Não vimos conspícuos representantes do dito legislarem em causa própria, aumentando seus subsídios, favorecendo-se, bem assim, com a lei cadilague? Respeitáveis pantagruelistas a se aposentarem em cargos rendosos, sem que houvessem apresentado aos olhos de seus semelhantes quaisquer serviços, salvo os do lero-lero?

Porque, assim, reprimir a corrupção na segurança pública?

O instante é propício à picaretagem dos «caixas-altas», e, enquanto não vem um outro outubro de 30, que naturalmente trará novíssima «entourage», os espertos que defendam a barriga, conforme Deus fôr servido, e ninguém tem nada com isso...

Antes de condenar os jovens que erram, condene-se quem lhes dá maus livros, maus filmes e maus programas de rádio e televisão; quem semeia ventos colhe tempestades!



Boas Festas
Feliz Ano Novo
para seus
fregueses e
amigos
são os desejos
dos
diretores
e
funcionários
de

FERRAGENS ANTÔNIO FALCI LTDA.

CASA FALCI
FUNDADA EM 1914

AVENIDA AFONSO PENA, 529 — FONE 2-9627 —
BELO HORIZONTE

Livros e Impressos

PARA CARTÓRIOS EM GERAL:

Do Registro Civil — Do Registro de Imóveis —
Do Registro de Títulos e Documentos — Do
Registro Civil de Pessoas Jurídicas — Livros
e Impressos.

PARA COLETORIAS FEDERAIS E ESTADUAIS:

Livros para Escrituração — Guias para
Recolhimentos.

PARA O COMÉRCIO E INDÚSTRIA EM GERAL:

Livros para Escrituração Mercantil, Livros Fiscais
Estaduais e Federais, Livros do Imposto de
Consumo, Guias e Talões.

MATERIAL GERAL DE PAPELARIA — LIVRARIA E IMPRESSOS PADRONIZADOS.

Fornecemos catálogo

ATENDEMOS PELO REEMBOLSO POSTAL

os livros de menor porte para Cartórios, Livros
Fiscais, Guias e Talões.

FUNDADA EM 1886

OLIVEIRA COSTA S/A

COMÉRCIO E INDÚSTRIA

Papelaria — Livraria — Oficinas Gráficas

Sede: Rua Curitiba, 987-995. Lojas: Av. Afonso
Pena, 1050 e Rua da Bahia, 894 — Fone 2-2800.
C. Postal 14 — Tel. "Papéis" — Belo Horizonte.

NATAL

POR QUE?

Natal. Cada rumor que sai da terra é um hino.
No olhar de toda criança há da alegria o brilho;
neste dia nasceu o louro Deus-Menino,
e um astro assinalou do céu seu áureo trilho.

Ante a tua infantil alegria, meu filho,
vendo-te, qual Jesus, misero e pequenino,
como de um crime ré toda minha alma humilha
ante o tremendo horror das trevas do destino.

Não teve a Virgem-Mãe, quando o triste futuro
de Jesus lhe era um dia anunciado, previsto
esta dúvida atroz em que meu ser torturo!

E por ti mando aos céus minhas súplicas mudas!
ah! prefiro-te ver sofredor como Cristo,
a te saber na vida um mau, um vil, um Judas!

GILKA MACHADO

Se tu és tão bom, Senhor — se o teu poder é tanto,
Que terra e mar e céus, tudo tu tens na mão;
Se os que vivem sofrendo, achar consolo vão,
Nas dobras imortais do teu paterno manto;

Se não és, simplesmente, a simples ilusão
Dos que os olhos já têm, secos de chorar tanto;
Se apagas toda a dor e enxugas todo o pranto
Que a desdita acumula em nosso coração;

Se és o supremo bem; se és o gozo supremo
Daqueles a quem punge um mal negro e profundo,
E a quem abre e prosta um sofrimento extremo;

Dize por que é, Senhor! Dize, Senhor, por que é
Que ainda andam a gemer, nas solidões do mundo,
Bôcas que não têm pão — almas que não têm fé?!

ALCEU WAMOSY

P O E S I A

Papai Noel, teus presentes
não me bastam, como outrora:
— cresci muito, meu sapato
é grande demais agora...

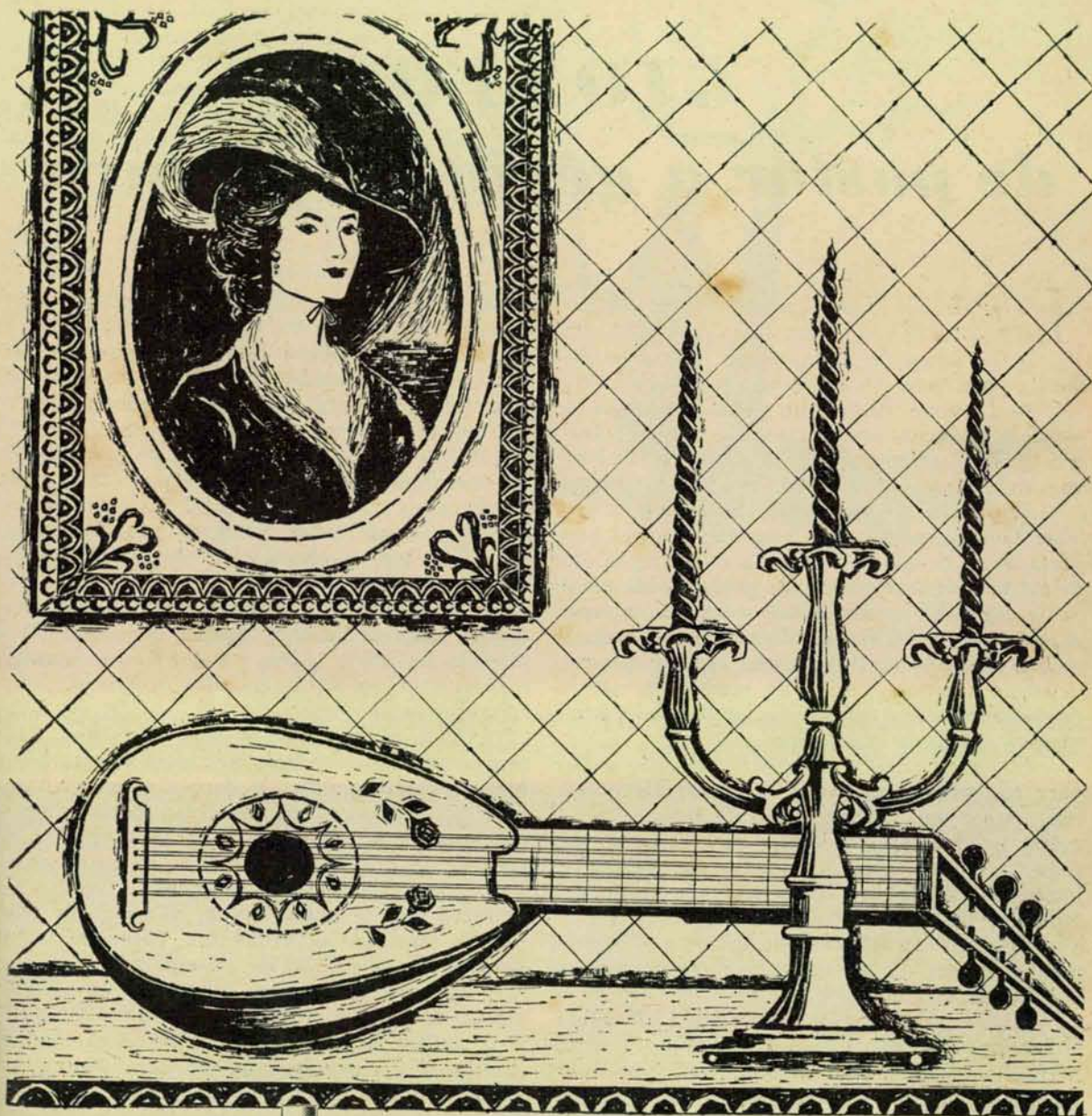
Cremilda Costa

CANTIGAS

Maria — rosa de amor,
linda flor que não fenece,
fêz nascer na terra triste
a poesia da prece.

Paulo Freitas





o requinte de ontem para uma elite de hoje...

CIGARROS **LUIZ XV**



CIA. DE CIGARROS SOUZA CRUZ

1.322-UXV

GIOTTO:

de pastor a gênio da pintura

LOURENÇO Giotto sacudiu fortemente o pequeno que dormia calmamente em sua cama de fôlhas secas, como um filho de potentado em seu macio leito de penas.

— Levanta Angiolotto, olha que o sol já está alto. Vamos preguiçoso, de pé, imediatamente. Tuas cabras são mais madrugadoras do que tu!

Angiolotto Di Bondone, mais tarde o célebre Giotto, sabia muito bem que seu pai não gostava da preguiça. Pulou da cama, apanhou o cajado de pastor, a manta grosseira destinada à agasalhá-lo da chuva e que, com uma sacola e um velho chapéu de palha, constituíam toda a sua indumentária, e sem esperar que repetissem a ordem, correu ao redil e fez sair o pequeno rebanho que, todas as manhãs, costumava conduzir ao campo.

Sua mãe deu-lhe um pedaço de pão prêto para sua provisão do dia. Chamou êle o seu fiel amigo, um excelente cão de pêlo curto e prêto, orelhas em pé, olhar vivo e cheio de fogo, o qual veio logo fazer-lhe festas e lambe-lhe as mãos. Auxiliado pelo seu companheiro inseparável, o pequeno pastor tocou as cabras na sua frente e encaminhou-se lentamente por um atalho áspero e pedregoso para o local de costume.

Esta cena se passava pelo ano 1276 numa aldeia próxima de Florença. Lourenço Giotto, lavrador, sustentava a família com o produto do seu trabalho e de um pequeno rebanho de cabras, cujo leite sua mulher ia vender em Florença e que seu filho Angiolotto levava a pastar nas imediações da choupana. À tardinha, o menino regressava a fim de compartilhar da modesta refeição que toda a família reunida comia.

Como fazia sempre a mesma coisa todos os dias, o jovem Giotto procurou um meio de se entreter durante as horas em que, solitário, passava no campo, junto ao rebanho que pastava, não muito longe dêle, sob a custódia do fiel cão prêto.

Embora ignorante, sem saber ler nem escrever, êle não se parecia com os pequenos pastores de sua idade. Frequentemente sentado ao pé de uma árvore, a cabeça apoiada nas mãos, parecia meditar profundamente; le-

vantava-se em seguida e tomando um pedaço de argila ou um carvão que sempre trazia consigo, desenhava sobre a primeira parede que descobria no caminho, figuras de homens ou de animais, árvores, casas, enfim todos os objetos que estivessem ao alcance de suas vistas.

Essas figuras ressentiam-se da ignorância do desenhista, porque não somente Giotto não recebera as primeiras noções da arte, como também jamais tinha visto um quadro, pois naquele tempo as produções de pintura eram raras e custavam verdadeiras fortunas, servindo apenas para adorno dos palácios e das igrejas mais opulentas, sendo um luxo desconhecido na pobre aldeia em que morava, onde apenas existiam alguns quadros grotescos e extremamente grosseiros.

Giotto tinha como modelo as cabras, que reproduzia bem ou mal, com suas longas barbas e delgadas patas, e depois transplantava para um quadro o seu cão prêto, companheiro de passeios e aventuras. Outras vezes era a casa de seu pai que êle pintava, ou as árvores que o cercavam com sua sombra. Todas as pinturas que se encontravam nos lugares que Giotto costumava freqüentar pareciam uma verdadeira exposição de desenhos.

Naquele tempo, em Florença, havia um pintor famoso e célebre chamado Cimabué. Êste artista ia com freqüência passear pelos arredores da cidade, não só para pintar as vistas notáveis que a campina oferecia ao seu olhar mas também para descansar das fadigas, respirando o ar puro do campo. Cimabué tinha grande reputação e não era mau nem invejoso. Via sem inveja os seus rivais disputarem-lhe os aplausos do público e, quando outro pintor conseguia fazer boa obra, era o primeiro a aplaudi-la.

Aconteceu que um dia, num dos seus passeios, Cimabué dirigiu-se casualmente para as campinas onde Giotto levava suas cabras a pastar. Ao passar junto a uma parede sua atenção foi despertada por figuras desenhadas sem desígnio pelo pastorzinho. Bastou-lhe um olhar para reconhecer naquele borrão imperfeito um talento de observação, certa verdade completamente notável.

Continuou o caminho e não demorou a

encontrar outro ensaio do mesmo gênero. Naquela época não se cultivavam as artes tanto como atualmente; era pois de admirar, encontrar assim pelos caminhos, ensaios aos quais faltavam apenas as lições da experiência e o estudo. Causaram viva emoção a Cimabué. Ia pedir notícias do autor daquele rústico museu, quando, aproximando-se das margens do Arno, avistou, não muito longe de um rebanho de cabras, um pastorzinho seriamente ocupado em desenhá-las com o dedo na areia da praia.

Era Giotto; Cimabué, logo adivinhou — encontrara o autor dos esboços que lhe haviam causado tanta surpresa. Sua admiração foi ainda aumentada ao aproximar-se do rapaz, tão entretido na sua obra que o pintor colocou-se atrás dele, a distância de alguns passos, sem ser percebido.

Uma hora pelo menos, permaneceram assim imóveis, um desenhando e outro observando. Giotto tomara como modelo uma das suas cabras, que repousava numa elevação próxima. Acabava de desenhá-la quando Cimabué, que seguia os progressos daquele esboço, tocou-lhe no ombro. O pastor voltou-se rapidamente.

— Bravo pintorzinho! — exclamou o artista. Quem te deu lições?

— Ninguém, meu senhor — respondeu Giotto.

— Está verdadeiramente soberbo! Gostarias de aprender a pintar?

— Penso que sim, mas é preciso que eu guarde as cabras...

Cimabué, então, dirigiu diversas perguntas ao pastor, relativas às suas inclinações e à sua família. Giotto respondeu-as com exatidão e talento, aumentando o interesse de Cimabué, que conseguiu convencê-lo a recolher as cabras e a conduzi-lo onde estava o pai, responsabilizando-se por tudo e prometendo justificá-lo plenamente daquela volta prematura.

O velho Lourenço ficou muito admirado com os elogios do pintor com relação às maravilhosas disposições do filho. Já vira algumas vezes os esboços desenhados pelo menino, mas sem apreciá-los ou reconhecer-lhes algum mérito. Estêve a princípio, inclinado a pensar que aquilo tudo não passava de uma brinca-



deira, mas quando Cimabué insistiu em levar consigo o rapaz para ensinar-lhe a pintar, recusou-se alegando que o filho de um pobre tinha a máxima necessidade de trabalhar para ganhar a vida.

Foi com grande dificuldade que Cimabué convenceu-o, explicando que a pintura também era um meio de vida suficientemente bom para sustentá-los e que Giotto poderia conseguir fortuna. Esta bela perspectiva acabou por convencê-lo, e o menino seguiu para Florença com o seu protetor.

Era a primeira vez que ia àquela cidade pois nunca tivera a oportunidade de visitá-la, ficando deslumbrado ante tanto esplendor. Cimabué conduziu-o à sua casa e levando-o ao estúdio mostrou-lhe suas obras. O menino sentiu-se aturdido no meio de todas aquelas magníficas telas. Cimabué observava-o e notou que as feições do rapaz se animavam e seu olhar desprendia o fulgor de todo o gênio das artes, e tomando-lhe as mãos disse-lhe:

— Trabalha, trabalha, meu filho. Eu não me enganei. Algum dia também serás um grande pintor.

Giotto ficou incorporado ao número dos discípulos de Cimabué, que se aplicou com entusiasmo especial a cultivar as disposições do pastorzinho. O estudante por sua parte pôs todo o empenho em aprender as lições e logo obteve surpreendentes progressos. Os elogios de Cimabué avivavam seus zelos; não podia senão justificar suas predições e reconhecer a bondade do mestre. Em pouco tempo o discípulo chegou a ser rival do mestre, e este

(Conclui na pág. 105)

AGNES AYRES



Agnes Ayres como «Violeta Valery» em «La Traviatta».

EM 1959, nos corredores do Teatro Municipal, hoje Teatro do Rio de Janeiro, durante uma récita de "Os Pescadores de Pérolas", ouvimos a seguinte frase da boca de um dos nossos críticos musicais: "Esta é uma grande voz de nível internacional perdida nos porões do Municipal". Ele referia-se à magistral Agnes Ayres. E exagerava no que

se refere ao Municipal, é claro. Não é tanto um porão. Mas o complemento da frase era verdadeiro: uma grande voz de nível internacional.

E lembramo-nos de um outro espetáculo, a ópera "La Bohème" de Puccini, no Teatro São Pedro de Porto Alegre. Agnes cantava esta ópera pela primeira vez, e a ovação no final foi tão emocionada,

tão insistente, tão agradecida, que a cantora, em lágrimas, perdia, as forças em pleno palco.

Vimo-la ainda em "La Traviatta", "Rigoletto", "Don Pasquale", "Pagliacci", e nos ficou sempre a impressão de estar diante de uma voz privilegiada, de um timbre particular, apoiada em recursos naturais fora do comum ao mesmo tempo que adextrada por

UMA VOZ

de nível internacional

WALMIR AYALA



Estréia de Agnes Ayres, aos 16 anos no papel de Gilda no *Rigoletto*.

uma exata e rigorosa escola de bel-canto. Nela nada é improvisação, mas lhe resta uma parcela enorme de instinto que liga as árias aos recitativos às participações nos duetos, de forma que a emissão de qualquer frase musical flui com dramaticidade, emoção e técnica.

Não há certamente, no momento, em nosso Teatro do Rio de

Janeiro, voz que lhe ultrapasse em categoria. Extensão, timbre e volume são as especiarias de seu dom natural. E vamos ver, nesta entrevista, o quanto já fez, e quanto reconhecimento já obteve, esta mulher de uma impressionante figura, de um dramatismo pessoal e um absoluto amor pela sua carreira.

DADOS BIOGRÁFICOS

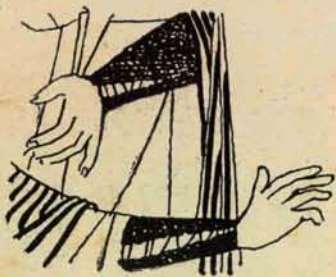
Agnes Ayres nasceu em São Pau-



Agnes Ayres em seu recente papel «Os Pescadores de Pérolas» de Bizet.

lo. Desde menina gostava de cantar e representar. Aos oito anos representou a peça "Branca de Neve e os Sete Anões"; foi o papel título, nesta pequena ópera cantada e falada.

O pai queria que ela fôsse uma pianista. O canto não entrava nas suas cogitações. Foi-lhe dada uma professora de piano, sr^a Gladis lori, que lhe lecionou sete anos.



AGNES AYRES

Mas Agnes que possuía um excelente ouvido, não tinha paciência com a teoria, queria improvisar. A esta altura, a professora Gladis Iori já dizia: "Esta menina vai ser cantora", o que desagradava bastante ao pai de Agnes Ayres.

Mais tarde, já no ginásio, resolveu cantar no programa da "Peneira", espécie de programa de calouros na Rádio Cultura de São Paulo. Apesar do medo de ser desclassificada logo, escolheu um pseudônimo (esta aventura se realizava escondida do pai) e preparou, com a professora, "O Beijo" de Ardit. O pseudônimo escolhido foi "Iracema Santos", o que intrigou o animador do programa uma vez que Agnes trazia no vestido as iniciais "A.A.". Cantou, foi muito aplaudida e ganhou o o primeiro lugar. Inscreveu-se na "Peneira de Ouro" que selecionava, entre os primeiros colocados, o melhor. Ainda escondida do pai, preparou um trecho lírico. Tinha nesta época 14 anos de idade. No dia da "Peneira de ouro" cantou a "Valsa" de Musetta. E foi outra vez a primeira colocada, sendo-lhe oferecido um contrato por seis meses na Rádio Cultura. O pai estava ouvindo o programa, de casa. Elogiou a voz de Iracema Santos sem saber que se tratava de Agnes. Quando a mãe, emocionada com o sucesso, revelou a verdade, ele tomou um carro e foi apanhar a filha, ainda resolvido a não permitir a continuação deste capricho. Foi convencido pelo gerente da estação, seu amigo, a consentir que Agnes cantasse.

Ela estreou, já com seu nome verdadeiro, no primeiro programa de ópera da Rádio Cultura, cantando ária e dueto de "O Barbeiro de Sevilha" de Rossini. Até então Agnes Aires não tinha tomado uma só aula de canto. Procurou o maestro Francisco Murino para um teste e as primeiras aulas. Vejamos como Agnes conta este encontro:

"Cheguei, muito tímida, e o maestro perguntou se eu já havia estudado canto. Eu disse que não. Ele sentou-se ao piano e perguntou o que eu queria cantar.

Eu disse: "A Valsa de Musetta". Ele me olhou desconfiado: "Nunca estudou e pretende cantar a 'Valsa de Musetta'? "Sim" — respondi. Ele começou a tocar e eu a cantar. Ele começou a se interessar por mim, logo nas primeiras frases da ária. Quando terminei, a senhora dele, que tinha entrado silenciosamente na sala, disse: "Que voz linda tem esta menina!". Meio zangado, ele pensou que eu lhe tivesse mentido quando dissera não ter estudado canto ainda. Foi preciso que a minha professora de piano interferisse em meu favor, confirmando o que eu dissera. E o maestro Francisco Murino disse: "Então, minha filha, agradeça a Deus. Você tem uma voz de imitação natural". Comecei a estudar com ele e preparei o papel de Gilda no "Rigoletto", ópera com a qual debutei no Teatro Santana de São Paulo, em 1946, sob a regência do maestro Armando Belardi".

A ITÁLIA

Depois de ter cantado *Traviatta*, *Lucia de Lammermoor*, *Barbeiro de Sevilha*, no Brasil, foi à Itália a convite de Fedora Barbieri. Isto no ano de 1949. Na Itália cantou *Rigoletto* com Mario Filipeschi Aldo Protti e Giacomo Gualfi no Teatro Comunale de Florença. Entre as críticas recebidas transcrevemos a do jornal "Pemeriggio":

"Uma palavra de louvor muito especial à soprano Agnes Ayres que, entre outros trechos, na *romanza* famosa do "Caro Nome" obteve acentos belíssimos e segurança de entonação a ponto de, merecidamente, ganhar um caloroso aplauso em cena aberta".

Em seguida é contratada para cantar na cidade de Modena, onde nasceu Verdi. Terra onde o público vai para o teatro de partitura na mão e com a mais feroz vigilância sobre os cantores. Depois da recita o jornal "La Gazzetta di Modena" assim se referiu a Agnes Ayres: "Ora, sem dúvida, na figura de Gilda a senhora Agnes Ayres deu prova de uma acurada preparação, assim como demons-

trou estar de posse de meios vocais seguros e bem apoiados, com um canto fácil e amplo, com notas límpidas e cristalinas (em virtude destas qualidades obteve aplausos calorosos também em cena aberta, especialmente depois da *romanza* "Caro Nome").

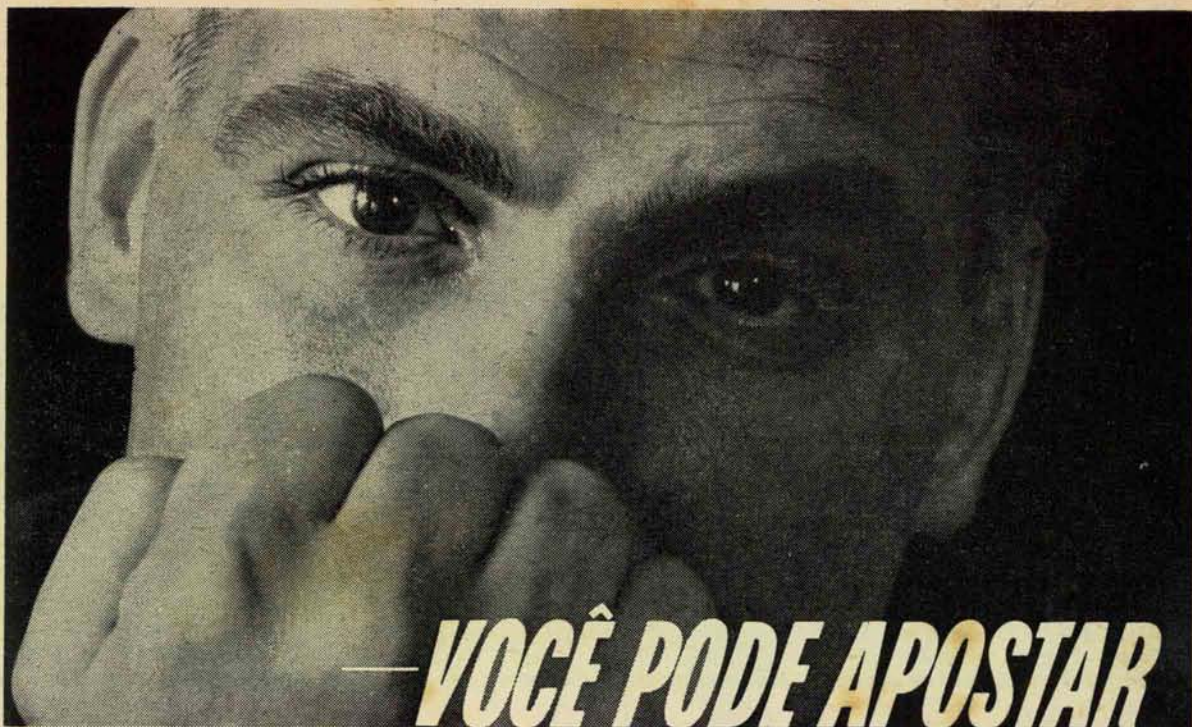
Pela mesma ocasião recebeu as seguintes referências do jornal "L'Avvenire D'Italia": "A soprano Agnes Ayres foi a mais aclamada. Cantou com clareza e força expressiva, e fez ressoar as abóbadas do Municipal com aplausos que não queriam terminar, que iam desde o vermelho das poltronas até às últimas galerias".

Teve um convite para cantar o "Barbeiro de Sevilha" no "Teatro Comunale" de Florença, sob a regência do maestro Sciciliani (hoje diretor do "La Scalla") e não aceitou. Queria viajar pela Europa. Regressou a São Paulo, onde cantou "Traviatta" numa temporada de três Traviattas sendo as outras duas Maria Callas e Renata Tebaldi.

Em 1951 retorna à Europa. Cantou o "Rigoletto" em Gênova e depois no famoso concerto Marfini Rossi. Da recita de Gênova transcrevemos a seguinte opinião crítica local: "A espera pelo soprano Agnes Ayres, nova para Gênova, mas que já segunda-feira à noite, no concerto vocal e instrumental transmitido pela rádio suscitou admiração e favorável interesse nos ouvintes, não nos desiluiu. Também aqui o público se encontrou à frente de uma cantora digna das melhores tradições, pelas qualidades vocais e cênicas, e dona de uma voz de timbre especialmente privilegiado e de perfeita emissão em cada registro. Não queremos fazer comparação com as maiores "divas" da antiguidade, mas não seria fora de propósito".

Em seguida, gravou o "Rigoletto" na Rádio Italiana, e que até hoje se transmite, rendendo constante correspondência com Agnes Ayres da parte de ouvintes italianos. Este Rigoletto ela cantou com Giacinto Prandelli, Giuseppe Taddei e Giulio Neri. De volta da

(Continua na pág. 136)



VOCÊ PODE APOSTAR

**QUE ENCONTRA NESTA PAGINA
A SOLUÇÃO PARA O SEU
PROBLEMA DE PRESENTES!**

Pela seleção e variedade dos assuntos...
pela escolha dos autores... pelos cuidados grá-
ficos de cada livro incluído nesta oferta —
temos a certeza de que interpreta-
mos tanto o seu gosto pessoal como o desejo
de bem presentear a seus amigos. Li-
vros — presentes que sempre agradam!



**Três obras fascinantes de
GRAHAM GREENE, o mais
lido romancista de nossos
tempos**

**O AGENTE CONFIDEN-
CIAL** - Cr\$ 250,00

História que se coloca entre
o amoroso, o patético e o
"suspense", no melhor estilo
do famoso escritor inglês.

**O CREPÚSCULO DE UM
ROMANCE** - Cr\$ 250,00

A vida infeliz e contraditória
de Sara, que uma prome-
ssa irrevogável impedia de
realizar-se no amor que seus
sentidos reclamavam exata-
mente daquele homem...

QUEM PERDE GANHA
Cr\$ 160,00

Romance trabalhado em
torno das emoções do pano
verde e que termina com a
vitória gloriosa do amor e do
bom senso.

**Obras de FRITZ KAHN
O CORPO HUMANO**
(2 vols.) Cr\$ 600,00
**A NOSSA VIDA SE-
XUAL** - Cr\$ 300,00

Dois obras que se comple-
tam na sua finalidade educa-
tiva, escritas em linguagem
simples, fartamente ilustradas
e com numerosas estampas
em cores.

**5 OBRAS CAPITAIS DE
STEFAN ZWEIG**
em nova edição de excelente
apresentação gráfica.

MARIA ANTONIETA
vol. Cr\$ 400,00

MARIA STUART
vol. Cr\$ 300,00

A CORRENTE
vol. Cr\$ 300,00

**BRASIL, PAÍS DO FU-
TURO** - vol. Cr\$ 200,00

CORAÇÃO INQUIETO
vol. Cr\$ 300,00

**Domine a gramática con-
sultando o**

**PEQUENO DICIONÁRIO
BRASILEIRO DE
GRAMÁTICA POR-
TUGUESA** - Cr\$ 130,00

Escrito com a autoridade e
a competência do professor
VITTORIO BERGO (do
Colégio Pedro II, do Instituto
de Educação e membro da
Academia Brasileira de Filo-
logia.)

Todos os fatos gramati-
cais sistematizados segundo
a nova NOMENCLATURA
GRAMATICAL BRASI-
LEIRA.

**Obras criadas para a sua
tranquilidade e elevação
espiritual**

CONCENTRAÇÃO
Mouni Sadhu - Cr\$ 200,00

A saúde do corpo e a

tranquilidade mental e emo-
cional através das técnicas de
concentração ioga.

**MEU ENCONTRO
COM DEUS**
Papini - Cr\$ 200,00

A história autobiográfica da
conversão de Papini.

**VIVA EM PAZ COM
SEUS NERVOS**

Dr. Walter C. Alvarez
(do famoso Mayo Clinic)
Cr\$ 200,00

Livro que orienta e tran-
quiliza, em linguagem sim-
ples mas rigorosamente cien-
tífica

**MISTÉRIOS E REALI-
DES DÊSTE E DO
OUTRO MUNDO**

Silva Mello
(3.ª ed.) Cr\$ 350,00

Livro imparcial que de-
nuncia embustes e desmasca-
ra impostores.

**O homem, a terra e a
paisagem no moderno ro-
mance brasileiro**

TERRA DE CARUARU
José Condé - Cr\$ 250,00

Romance forte como a terra
nordestina, vivido no cenário
do agreste pernambucano na
década de 20.

**ASSUNÇÃO DE SAL-
VIANO** Antonio Calado
(2.ª ed.) Cr\$ 160,00

"Romance marcado por
humanismo transcendental e
que coloca o autor entre os
nossos maiores romancistas
vivos" — declara Tristão de
Alayde.

FRONTEIRA AGRESTE
Ivan Pedro de Martins
Cr\$ 320,00

Um dos melhores livros da
nossa literatura, retratando
a terra gaúcha. Banido na
Ditadura, volta este livro a
circular no Brasil democráti-
co de hoje.

...e V. ainda ganha!

Procure estes livros na livraria
onde habitualmente faz as suas com-
pras. Assim você estará prestigiando
o livreiro de sua localidade. Caso,
porém, não encontre alguns dos ti-

tulos indicados nesta página, solici-
te-os pelo Reembolso Postal. Pronto-
mente faremos remessa do seu pedi-
do, acompanhada de um brinde que
muito lhe agradará.

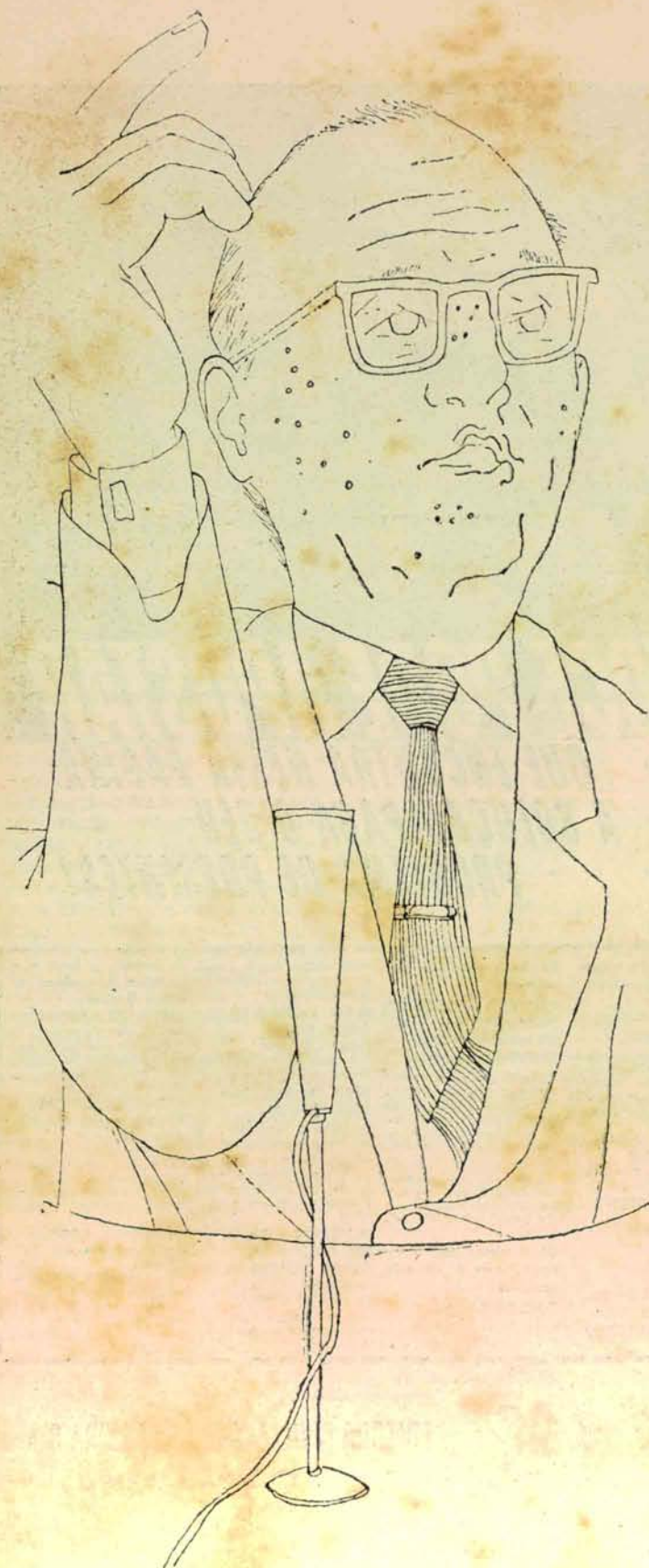


Novos lançamentos da

EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S.A.

Rua Sete de Setembro, 97 — Rio

CICATRIZES



O REPRESENTANTE de Minnesota no Congresso norte-americano, levou os dedos às faces avermelhadas e ásperas, salpicadas de cicatrizes esbranquiçadas e muito feias.

— Posso ser considerado uma cobaia humana, nas experiências da radiação atômica — disse ele.

— Por causa da radiação atômica, passei minha vida lutando contra o câncer e, em consequência dela, apareceram em meu rosto, no decurso de 27 anos, nada menos de 15 pequenos tumores pré-cancerosos por ano. E eles ainda estão se multiplicando.

Na verdade, Walter Judd, o republicano de Minnesota que falava, até então não havia revelado publicamente seu drama pessoal, a despeito dos dezessete anos de atuação no Congresso, e de sua larga fama como médico, missionário, e "expert" em problemas internacionais.

Aos dezoito anos, quando fazia o curso pré-médico na Universidade de Nebraska, Judd viu aparecer em seu rosto um acne, (espinha ou pequeno furúnculo muito comum nos adolescentes). Após alguns dias, resolveu visitar certo especialista em doenças da pele, que havia, recentemente, adquirido um aparelho de Raios X.

— Temos agora novo método para curar essas espinhas, disse o médico a Judd, referindo-se à aplicação dos Raios X. E, bem intencionado, passou logo a aplicar em Judd doses maciças, ignorando que a quantidade era maior do que a aconselhável. Foi então que, depois de várias visitas, as faces do jovem estudante começaram a inchar visivelmente, ao mesmo tempo que se iam tornando quentes e de uma coloração avermelhada.

QUE REPRESENTAM CORAGEM

— Esta é uma reação muito favorável — dizia o especialista. Em vista disso, os tratamentos continuaram semanalmente. Mais tarde, entretanto, o especialista em doenças da pele interrompeu-o, quando as faces de Judd já começavam a tornar-se endurecidas e secas. O acne havia sido curado, mas, muitas células normais, folículos capilares e glândulas, haviam morrido, deixando centenas de cicatrizes brancas e erupções vermelhas, onde pequenos vasos sanguíneos tinham-se contraído. O doutor percebeu então que a radiação havia sido mais poderosa do que imaginara.

— E isso foi terrível para ele — diria Judd, mais tarde. — Era um homem maravilhoso! E não era para estranhar que os médicos da época pouco conhecessem acerca dos Raios X. Naturalmente, comportavam-se conforme haviam aprendido.

Nesta altura dos acontecimentos, olhando-se no espelho, Judd viu que seu rosto começava a parecer-se mais com uma ameixa preta.

— Tive vontade de rolar-me no chão — diz ele agora. E continua: — Naturalmente ainda nutria a esperança de que aquela situação fosse temporária, ou pudessem ser corrigida.

No entanto, à medida que ele progredia na escola de medicina, as cicatrizes tornavam-se mais pronunciadas. Deprimido e acanhado, não tinha mais coragem de marcar encontro com moças.

Mas Judd, na verdade, tinha muita fibra. Nascido em Rising City, Nebraska, o sexto, dentre sete irmãos, ele ainda se recordava de certa conferência a que assistira, na qual um homem, de quem não

se podia lembrar, dissera num discurso: "Não sejam covardes. Tenham coragem de colocar uma causa acima de si mesmos".

A nova vocação do jovem Judd estava assim se delineando. A sua causa agora era Deus. Como não houvesse catecismo em sua cidade natal, sua mãe fundou um. Na parede da sala onde se faziam as reuniões, ela conservava um mapa das jornadas missionárias de São Paulo.

— Domingo após domingo, ano após ano — recorda ele — lá estava o mapa, o mundo saltandome aos olhos. Fiz então firme propósito de que trabalharia na China, onde a "Seara era grande e os trabalhadores eram poucos".

Tudo isto vinha à sua mente quando ele olhava no espelho aquela face deformada.

— Mas, afinal, — afirma Judd — eu endureci o corpo e disse comigo mesmo: "Você terá esta cara para o resto de sua vida. Você terá de viver com ela ou ir para um esconderijo, onde ninguém o veja. E você não vai para um esconderijo".

Dentro de poucos anos Judd tornava-se médico missionário da igreja congressional no sul da China, e aí trabalhou durante seis anos, embora repetidos ataques de malária quase lhe custassem a vida e, ultimamente, houvessem-no forçado a voltar para seu país de origem, com o peso diminuído para pouco mais de 45 quilos.

Agora ele contava 33 anos, e diversos focos espalhados por sua face começaram a piorar. Especialistas da Fundação Mayo, onde ele havia ganhado uma bolsa de pós-graduação, examinaram seu rosto e deram um veredicto implacável: "Carcinomas da célula ba-

sal causados pela irradiação, ou tumores que, mais tarde, tornar-se-ão carcinomas". Dez destes foram extraídos logo nos três anos que se seguiram.

Desta época em diante, Judd passou a submeter-se a uma observação facial diária, e da qual resultou a remoção de, pelo menos, seis a dez tumores por ano.

Carcinomas da célula basal são a forma mais benigna, a variedade de crescimento mais lento do câncer da epiderme. São, no entanto, fatais, se não tratados convenientemente — explica o dr. Judd. — Eu não os deixo ir muito longe, embora a maioria seja demasiadamente pequena, do tamanho de um grão de ervilha.

Três desses focos cancerosos, no entanto, mostraram-se mais renitentes e apareceram quase sucessivamente. O primeiro deles surgiu logo depois que Judd, casado de pouco, entendeu de retornar à China, em 1934. Nessa ocasião ele trabalhava num hospital de 125 leitos localizado na província de Shansi, ao norte da China, tendo escolhido tal estabelecimento a fim de evitar a zona infestada de malária. Entretanto, em 1938, os japoneses o aprisionaram naquele hospital misto.

Foi então que, para espanto seu, um tumor nefasto, de aparência agourenta a ponto de inspirar nojo, desenvolveu-se justamente abaixo de seu lábio inferior. Os quatro meses seguintes foram o que Judd denominou "os piores meses de minha vida". Ele não dispunha de equipamento nem para observar nem para remover o novo tumor e não poderia receber os cuidados de um especialista. Aconteceu então, o inesperado. Um general japonês muito preocupado

A história impressionante de um homem que vem mantendo, há 30 anos, uma luta incessante contra o câncer — e está vencendo.

CICATRIZES...

fêz-lhe uma visita secreta, em certa noite de março de 1938. O general padecia de doença venérea e temia que os oficiais médicos o denunciassem, o que implicaria na proibição de sua volta ao seu país, pelo espaço de dois anos. Judd tratou dele.

— E fui de sorte — recorda. — Curei-o. O general, não me queria lá como confidente que poderia, de uma hora para outra, dar a conhecer as suas falhas. Por isto, ofereceu-me salvo-conduto através das estradas japonesas.

Judd deixou assim aquela localidade e correu às cidades grandes do litoral, onde iria remover o foco canceroso do lábio inferior. Aproveitou a viagem para adquirir medicamentos que seriam úteis para os feridos internados no hospital. Levou os medicamentos e concluiu que poderia fazer mais para a China retornando aos Estados Unidos.

Depois de dois anos de campanha através de várias regiões americanas, num esforço para chamar a atenção e levantar o ânimo dos seus patrícios sobre a perigosa precipitação dos acontecimentos na Ásia, o dr. Judd passou a exercer a medicina em Minneapolis, reduto eleitoral de um deputado filiado à corrente isolacionista, com referência aos problemas internacionais. Cidadãos que se interessavam pelos assuntos de outros países, concitaram Judd a concorrer às eleições em oposição àquele político. Em 1942, ele assim procedeu e foi eleito. Desde então, constituiu-se em importante membro da Comissão de Negócios Estrangeiros da Câmara de Representantes e um prestigioso amigo da China Nacionalista.

Em fevereiro de 1947, viajando de trem, o dr. Judd descuidadamente corria os dedos ao longo de sua boca, quando notou que uma pequenina secção do lábio superior mostrava-se entorpecida, dormente.

— Meu primeiro pensamento foi: “Estou leproso”. — De fato, eu muito me tinha exposto à lepra no sul da China, dezesseis anos atrás, e o período normal de incubação da moléstia é de 15 a 18 anos — declara Judd. — Todavia, quando a área entorpecida rapidamente ia-se transformando numa espécie de nódulo, ele percebeu, já por volta de março, que se tra-

tava de mais outro tumor maligno. A coisa era tão grave que um dos médicos internos da Fundação Mayo, disse-me: “Ao vê-lo, não dei um tostão por sua vida”. — Felizmente, era no meu lábio superior. Se tivesse sido no inferior, teria crescido mais rapidamente e eu estaria morto a estas horas.

Passado algum tempo, os cirurgões extraíram de seu lábio um pedaço do tamanho de um grão de feijão. Seu sofrimento, porém, não ficou nisso, e, ultimamente, há seis anos passados, Judd vinha sofrer a remoção de mais um terceiro tumor da célula sub-cutânea, exatamente abaixo de seu queixo. Mas, o que é mais surpreendente, nem uma única vez, durante as inúmeras e árduas campanhas eleitorais empreendidas, Judd procurou explorar este lado dramático de

A imagem da mulher amada é como nossa sombra. Acompanha-nos sempre. — A. de Musset.

sua vida em seu benefício. Até a realização da Conferência da Paz de Genebra, em 1958, ele não havia relatado a história a nenhum repórter, embora tivesse figurado no conclave, na qualidade de conselheiro parlamentar. As circunstâncias daquele momento tornaram inevitável a narração de seu drama, mas mesmo assim a história teve de ser arrancada de sua boca. Também numa das sessões do Congresso, em janeiro de 1946, ele fez uma referência indireta às suas tribulações, quando naquela casa se discutia o poder destrutivo da bomba atômica.

— Há uma força possivelmente mais devastadora mesmo — advertiu ele — e esta é a energia radioativa. — E continuou: — Acontece que eu mesmo tive considerável experiência pessoal com uma de suas formas, e carrego no corpo os sinais de uma aplicação excessiva dessa energia. Na época, ninguém cogitou de saber exatamente o que o dr. Judd pretendia dizer com estas palavras.

Seis meses mais tarde, numa atitude que despertou desconfiança, embora sem razão de ser, ele es-

tava combatendo um projeto de lei que estabelecia um “escandaloso programa” de combate ao câncer. Opunha-se ao projeto porque, segundo suas próprias palavras, percebia ser o mesmo impraticável, destinado a servir apenas como um “brinquedo” feito às custas da esperança de milhares de cancerosos. Ao mesmo tempo, entretanto, o dr. Judd defendia a aprovação de leis que viessem criar o Instituto Nacional do Câncer do Serviço de Saúde Pública dos Estados Unidos. Trabalhava ainda para tornar mais efetiva a participação americana na Organização Mundial de Saúde, tendo representado os Estados Unidos na Conferência desse organismo realizada em 1950.

Como era de se esperar, Judd tem-se mostrado um tanto pessimista e desconfiado quando se fala no emprego das várias formas de “radiação” por parte dos médicos. Sua experiência foi demasiadamente convincente para isso. No entanto, ele acredita constituir maior perigo ainda “a tendência de certos médicos em se mostrarem excessivamente cautelosos, deixando de usar a radiação onde ela devia ser usada”.

Aos 61 anos de idade, o dr. Judd não vive desacompanhado de uma grande dose de ansiedade.

— Surgiram-me no ano passado cerca de doze pequenos tumores cancerosos, e a nova safra parece apresentar crescimento mais rápido — diz ele candidamente, apontando para o seu rosto. — Aqui está mais um onde se vê esta pequena mancha; e não poderá ser curado. Noto também estas duas pequenas inchações em minha testa e presto atenção à ponta de meu nariz. Ela está um pouco torta e nunca fica completamente curada. Agora, no meu rosto, praticamente nenhuma parte é deixada em paz. E, talvez tenha de me submeter a uma operação plástica, a fim de ter a ponta do nariz extraída e substituída por um enxerto.

Por outro lado, sob certos aspectos, o dr. Judd acredita que as suas tribulações só serviram para fortalecê-lo.

— Eu me beneficiei com a adversidade da mesma forma como Franklin Roosevelt se beneficiou com sua terrível doença — insiste

êle. — Estou convencido de que, se uma pessoa acredita realmente no que está fazendo, ela reúne toda a sua força para atingir o objetivo. Acho que possuímos muito mais energias do que ordinariamente pomos em uso. Como médico, sempre pude ter a meu favor as peculiaridades de minha condição de doente e muitas vezes pude dizer a algum enfermo com conhecimento de causa: — Eu sei o que você está sentindo. Todas as pessoas contam com duas alternativas: recuar e desanimar, ou levantar e enfrentar a vida. Ninguém como eu, já teve tantas razões para desistir. No entanto, creia-me, se você a enfrenta, o povo estará de seu lado". — *Victor Cohn*.

☆☆☆

Giotto, de pastor...

Conclusão da pág. 97

se congratulava pelo bom êxito de suas lições. E o jovem pastorzinho dentro em pouco tempo teve, como êle, uma grande reputação. Os apaixonados da pintura disputavam as suas obras e a fortuna sorriu-lhe.

Giotto que nasceu em Colle, perto de Vespignano, no ano de 1266, deixou inúmeras obras de arte. Foi grande amigo de Dante, que na Divina Comédia celebrou o talento do artista que inspirou-se nas suas concepções para fazer alguns frescos com que decorou a capela da Arena, em Padua. Faleceu no ano de 1336 com a idade de 70 anos na cidade de Florença, deixando um novo tipo de pintura até então desconhecido no mundo artístico daquela época. — **Roberto Moura Tôrres**.

☆☆☆

Vantagens da Família Numerosa

Se bem que pareça que as crianças filhas de famílias pequenas têm oportunidade de se educarem melhor e de adquirirem maior atenção, a prole das famílias numerosas, de modo geral, dão a impressão de estar melhor equipada para enfrentar o mundo. Esta conclusão é o resultado de seis longos anos do estudo de 100 famílias grandes, com um total de 879 crianças, levado a efeito pelo sociologista James H. S. Bossard, da Universidade de Pensilvânia, coadjuvado pela dr^a Eleanor S. Boll. Seus estudos mostraram que a família numerosa é mais capaz de resolver problemas tais como doença, morte, etc. A extensão da família desperta traços especiais nas crianças, traços esses que as ajudam a resistir às crises. De fato, muitas mudanças e crises às quais está sujeita a família grande, ajudam a desenvolver uma imunidade emocional ou psicológica que, segundo Bossard, pode ser uma preparação para a vida adulta.

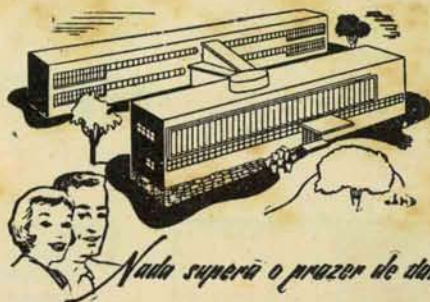
Usando REGULADOR GESTEIRA



A Senhora também poderá **SORRIR** «todos» os dias do mês!

REGULADOR GESTEIRA

é um remédio extraordinariamente eficaz no tratamento das menstruações dolorosas e outros distúrbios funcionais dos órgãos femininos.



A nossa capital será dotada agora de uma moderna organização hospitalar para a recuperação dos doentes mentais pobres, pelos processos mais modernos da ciência médica, aliados à aplicação da assistência espiritual recomendada pelos ensinamentos do Mestre. Iniciando essa obra de amor cristão, apelamos para os corações que sabem sentir o amor ao próximo, esperando que enviem os seus donativos ao

Hospital Espírita «André Luiz»

SECRETARIA: Rua Rio de Janeiro, 358 — Sala 34
Fone: 2-8360 — Caixa Postal 1718 — Belo Horizonte

DR. GLAUCO FERNANDES LEÃO

CLÍNICA DE CRIANÇAS — NUTRIÇÃO

Consultório: Rua Carijós, 244 — 10º andar —
Sala 1004 — Fone: 2-1394
Residência: 2-0161
BELO HORIZONTE

Quem acertou:

HERÁCLITO? DEMÓCRITO? ou PROTÁGORAS?

Três gregos em busca da «coisa em si»

Gibson Lessa

NA mais cruel de suas definições («não se pode dizer um disparate que já não tenha sido dito por algum filósofo») a Filosofia é aquela coisa importantíssima, «com a qual ou sem a qual o mundo continuaria tal e qual».

Inventada pelos gregos curiosos de sondar, fora das crenças mais ou menos estabelecidas, o segredo fundamental do Universo, isto é, o princípio dos princípios, a origem das origens, os problemas daquela coisa misteriosa e enigmática da qual todas as outras coisas, inclusive o homem e os deuses, teriam derivado: a «COISA EM SI» — transformou-se a Filosofia, com o tempo, num pagode de idéias.

Antes dos pensadores gregos (600 anos antes de Cristo) não havia sobre o assunto nenhum pagode no Pensamento Humano; havia mitologia, uma espécie de Pândega também, mas um tanto desmoralizada e,

sobretudo, supinamente perigosa: com os deuses nem sempre se podia discutir.

A Filosofia foi uma safda grega a essa dificuldade. Dava-se a Zeus o que era de Zeus, e à «coisa em si» o que era da «coisa em si».

Onde andaria a «coisa em si»?

Esperançoso de encontrá-la no Egito (cinco mil anos de civilização) o grego esbarrou com a Esfinge, sentinela de múmias e sarcófagos, montando guarda na areia a uma cáfila de faraós embalsamados (cinco mil anos de necrolatria).

Desiludido, voltou-se o grego para a Babilônia. Na Babilônia, nada feito. A Babilônia era a Babilônia, uma babel de nebulosidades radicalmente incompatíveis com a clareza da curiosidade helênica.

E para lá do Tibé? Para lá do Tibé, também, não havia filosofia,

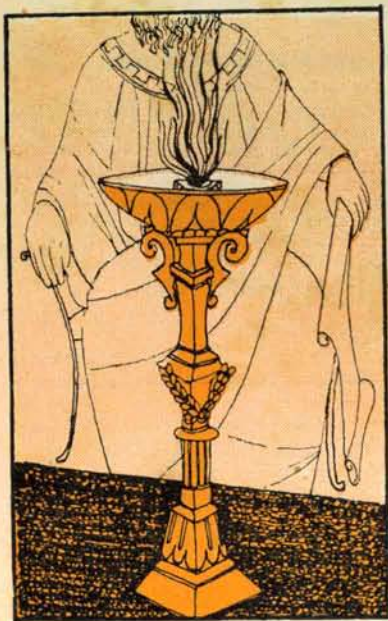
só havia consólo. Consólo e Teologia, Zoroastro na Pérsia, Buda na Índia e Confúcio na China, moralizavam, não filosofavam.

Ora, os gregos queriam era filosofar. Meditar sobre a «coisa em si». Debruçar-se sobre a «coisa em si». Desvendar a «coisa em si» ou (pelo menos) divertir-se com ela.

E assim surgiram a Física e a Matemática. Esta, raptada do Egito por Pitágoras, que via a «coisa em si» nos números e, aquela, vindo ao mundo pelas mãos de três sexagenários da cidade de Mileto: Tales, vendo a «coisa» na água; Anaximandro, num flúido incógnito a que chamou, gregamente, de «apeiron» e Anaxímenes, vendo a «coisa em si» no ar.

Com Tales, Anaximandro, Anaxímenes e Pitágoras a «coisa», tornada um número, ficou mesmo assim, no ar, até que em 535 A. C., aconteceu um fenômeno:

HERÁCLITO



UM sujeito tão notável e de idéias tão avançadas que, se voltasse agora ao mundo — transcorridos 2.500 anos — pouco teria o que aprender e talvez nada a acrescentar ao que ensinou.

Pré-socrático, poderia confundir-se plenamente com o mais moderno dos filósofos post-einsteinianos.

Para Heráclito, «a coisa em si», era o que ora assombra gregos e troianos da filosofia atual — A ENERGIA — essa energia desconcertante que viveu dois mil anos em escaramuças (físicas e metafísicas) com a MATÉRIA e acabou, como se viu, pulverizando definitivamente a antagonista, rebentando-se em luz no próprio ventre dela.

Apenas, em vez de Energia, usava Heráclito o pseudônimo da época, dizia «Fogo»:

«o mundo (aparentemente con-

traditório) constitui uma unidade: foi, é e será eternamente um FOGO VIVO que se acende e que se apaga»

«nada é constante»

«o próprio sol é novo cada dia»

«tudo flui, tudo se transforma»

«nada é, tudo está sendo»

«ninguém pisa, duas vezes, nas

mesmas águas de um rio»

«ninguém jamais surpreenderá a

natureza em estado estático»

«tudo acontece através da luta

e da mudança»

«somos e não somos ao mesmo

tempo», quer dizer, nem somos

nem não somos, vamos sendo,

assim como as coisas que tam-

bém nem são nem não são, vão

sendo.

Isso, trocado nos miúdos da fi-

sica moderna (hoje sabidamente

transformada numa implacável

metafísica) poderia resumir-se

numa só palavra: «a coisa em

si» é o MOVIMENTO.

E o movimento, que é?

Por incrível que pareça, se tivessem perguntado a Einstein — que é movimento? — ele, talvez encabulado, teria respondido:

— «Movimento é a «coisa em si»...

e num «post-escrito», pedindo desculpas a Heráclito por estes 20 séculos e meio de relativo atraso, talvez confirmasse a mensagem que lhe atribuiu Papini:

— «Algo se move... eis tudo».

Heráclito foi assim um precursor das Verdades Modernas — «sou como as sibilas, falo por inspiração» — um prodígio de intuição na filosofia de todas as idades.

«Não há nenhuma conclusão de Heráclito que eu não tenha adotado em minha Lógica», haveria de confessar, 2.300 anos depois, Friedrich Hegel.

Comovente, a propósito, é assistir-se a um espírito lógico e pragmático como o do moderno Bertrand Russell reconhecer, matematicamente e desgraçadamente, que «a doutrina do fluxo perpétuo, tal como a ensinou Heráclito, é dolorosa e a ciência não consegue desmentir-la».

Consolador, por outro lado, é vê-lo, a ele próprio, Russell, confirmar com aquela velha probi-

dade britânica, que «a metafísica de Heráclito é suficientemente dinâmica para satisfazer ao mais inquieto dos modernos».

«A ciência, como a filosofia, lamenta Russell, tem procurado se evadir da doutrina do fluxo perpétuo, tentando achar um substrato permanente entre os fenômenos transitórios. A química parecia cumprir este desejo. Viu-se que o fogo, aparentemente destruidor, apenas transforma: os elementos voltam a combinar-se, mas cada átomo que existia antes da combustão permanece, mesmo depois que o processo se realiza. Em consequência, admitiu-se que os átomos eram indestrutíveis e que toda troca no mundo físico consistia simplesmente numa nova disposição de elementos persistentes. Esta idéia predominou até que o descobrimento da radioatividade fez ver que os átomos podiam se desintegrar».

«Sem dar-se por vencidos», prossegue Russell meio desapontado, «inventaram os físicos, para a composição dos átomos, novas unidades, menores, chamadas elétrons e prótons e durante anos se supôs que estas unidades possuíam a indestrutibilidade outrora atribuída aos átomos. Desgra-

çadamente, porém, (atalha Russell, rendendo-se) prótons e elétrons chocaram-se e explodiram formando não uma substância nova, mas sim uma onda de energia que se espalha pelo universo com a velocidade da luz».

Imprudência de Aristóteles: apelidou-o de «o obscuro», a Heráclito.

Arguto, foi Crátilo, primeiro mestre de Platão.

Assimilou tão bem a concepção dinâmica das coisas lançada por Heráclito, ficou tão impressionado com a proposição segundo a qual «ninguém pode entrar duas vezes no mesmo rio» que, sim senhores, como tudo flui e nada existe em permanência, proclamou, ninguém podia entrar sequer uma vez só no rio. Atingindo o êxtase do paroxismo metafísico. Crátilo deixou de mencionar as coisas pelo nome, limitando-se, em silêncio, a apontá-las rapidamente com o dedo, assim como se dissesse, em pleno «mundo da lua»: — Estão vendo ali a lua? Pois é, vocês viram, foi uma lua, mas agora já não é a lua que vocês viram, é outra... e essa outra lua que vocês estão vendo, pensam que ainda é a mesma outra? não, já é outra outra...

DEMÓCRITO

HERÁCLITO, precursor do idealismo, pode chamar-se o polo norte da Filosofia? Então Demócrito, precursor do materialismo, é o polo sul.

Esse monstro infinitesimal chamado Átomo, fantasma plutônico que durante dois mil anos de civilização fingiu de morto no ventre da Matéria e que agora desperta, bombástico, amedrontando meio mundo, foi «inventado» por Demócrito, pacífico macróbio que viveu cem anos (460-360 A. C.).

Materialista no sentido mais primário da palavra, proclamava-se ateu, não tanto por convicção, mas por dever de coerência doutrinária e talvez de teimosia.

Foi contemporâneo de Protágoras (de quem era a antítese), de Sócrates (a quem chegou a conhecer) e de Platão (o qual tinha tanta raiva dele que, diz-se, chegou ao extremo de comprar-lhe as obras, não para lê-las mas para tocar fogo em todas).

«O idealista não pode suportar o espírito do materialismo», esbravejava Lenine ao descobrir que Hegel, tal como Platão, não simpatizava com Demócrito.

Antipatias à parte, fato é que, a despeito de Platão e de Hegel, Demócrito dominou a ciência durante 25 séculos e somente agora foi por ela própria dominado, a despeito de Lenine...

A natureza? Átomo. O corpo? Átomo. E a alma? Átomo.

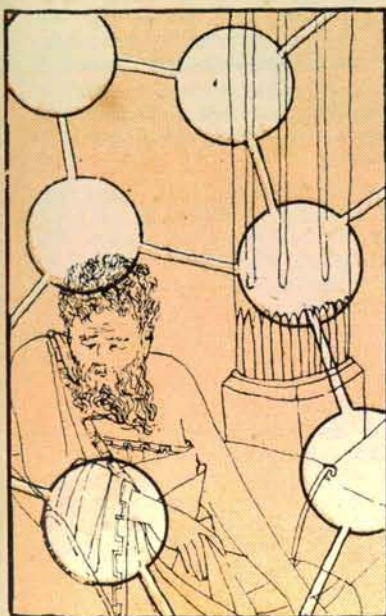
Espantavam-se:

— Mas, seu Demócrito, até a alma é átomo?

— Como não? até ela, apenas (acrescentava, fazendo uma concessãozinha) a alma é composta por um tipo de átomos lisos e esféricos, mais sutis, mais delicados, entendem? mas tão mortais como os átomos do corpo.

— E o calor, o gosto e a cor, também são átomos, Demócrito?

— Bem, estes não; o peso, a densidade e a solidez também são átomos; mas o calor, o gosto



SUPERCOR

ESTA REVISTA É
IMPRESSA COM
AS NOSSAS TINTAS

Rua Viúva Cláudio, 247-260
End. Tel. «Tinsuper» — Tele-
fone 49-3800 - Rio de Janeiro

Gleó de Peroba



Conserve o encanto
dos seus móveis,
usando na limpeza
ÓLEO DE PEROBA

e a cor, realmente, não são átomos, são ilusões dos nossos sentidos.

El se levavam a provocação mais longe:

— E os deuses, seu Demócrito?
Ele não dava o braço a torcer:

— Os deuses, fiquem sabendo que também são átomos, só que são seres atômicos de uma categoria naturalmente privilegiada o que não significa, absolutamente, que possam interferir nos negócios do mundo.

Ouvindo-o, os ateus babavam-se de gozo. Ele prosseguia:

— Os homens forjaram um fantasma chamado Acaso para embelezar a própria ignorância. Não há acaso na natureza, proclamava. Tudo obedece a uma ordem mecânica e espontânea. Nada existe além dos átomos e do vazio, onde eles se movem. E tudo o mais são hipóteses. O que não está cheio está vazio: é o vácuo; e o que não está vazio está cheio: são os átomos, perfeitamente idênticos sob o ponto de vista qualitativo e apenas diferentes na grandeza e na forma. Não há intenção nem finalidade na Natureza, tudo nela se realiza por alguma razão ou necessidade.

— Mas que razão e que necessidades são essas?

Demócrito não respondia. Ele não queria nada com a «coisa em si». Talvez, bem que soubesse que

«a coisa em si» estava mesmo era no átomo, mas o que Demócrito não sabia, Aristóteles também não sabia e nenhum dos materialistas ex-modernos também não sabia: é que o átomo trazia no bôjo material da sua suposta indivisibilidade a faísca fulminante de sua própria desintegração.

«O tempo», como já percebeu George Santayna, «em grande parte deu razão a Demócrito. Se Demócrito pudesse conhecer o estado atual da ciência, rir-se-ia, seja pela confirmação que podemos dar a diversas partes de sua filosofia, seja por nossa estupidez em não ter conseguido até agora adivinhar o resto».

O atomismo de Demócrito, como teoria científica, e o materialismo-científico dele derivado como teoria filosófica, tornaram-se teorias superadas. O átomo se desintegrou e essa desintegração deu à fisionomia da matéria uma surpreendente espiritualidade, nunca dantes suspeitada.

A química, nascida com Demócrito, brincou nos jardins da infância dos alquimistas e fez-se adolescente na companhia de Dalton. Hoje, sob a tutela de Einstein, tornou-se uma anciã meio caduca, mas não senil. Rejuvenescerá, em novo estilo, porque na Ciência, como na Natureza, «nada se perde, tudo se transforma».

OS SOFISTAS

A MULTIPLICIDADE de sistemas (ou caprichos?) filosóficos entrecruzando-se como fogos de artifícios, acabaram pondo a capital da Grécia zonzona. As filosofias eram tantas e tão contraditórias que, por fim, já ninguém se entendia. Os filósofos haviam prometido agarrar a «coisa em si» pelos cabelos e não haviam agarrado coisa alguma.

Isto escandalizava a marmórea Atenas, a Atenas de Péricles, ciosa de suas responsabilidades de capital da civilização helênica, «onde nunca dantes nem depois», no dizer de Russell, «um número tão pequeno de habitantes (230.000) em qualquer território, produziu obras de tão elevada qualidade».

Era aquele período super-clássico do mundo onde vibravam nas ruas as figuras vivas de Esquilo,

de Sófocles, de Eurípedes, de Fídiás, de Aristófanes, e de contrabando, as dos sofistas: advogados da filosofia e filósofos da rabulice.

Fundadores de uma nova arte de filosofar, a dialética, os sofistas, ao contrário dos jônios, deixaram de investigar, como simples físicos, a «coisa em si» no mundo exterior e passaram a investigar-na, malandramente, no mundo interior do próprio pensamento.

Malabaristas das idéias, viraram a filosofia de cabeça para baixo e de pernas para o ar, pouco se lhes dando saber se o que pensavam da Verdade era verdade ou não. Queriam, isto sim, era pensar artisticamente, e artisticamente dizer o que pensavam.

Contentavam-se com isto e com isto contentavam a todos. Nos

lábios de um sofista e, sobretudo, na lábia de um sofista, havia filosofia para todos os paladares.

PROTÁGORAS

Será que «a coisa em si» existe realmente, como coisa absoluta, ou será que nada existe, absolutamente, a não ser em relação ao Pensamento?

Que nós, cidadãos deste século, contemporâneos da Relatividade de Einstein, concebamos uma barbaridade destas — suspeitar que nada existe, na verdade, fora de nós, que todo o mundo exterior é mera projeção do nosso pensamento — eis uma atitude que, até há pouco, desprezivamente, se poderia chamar de solipsista, mas que agora até se justifica, à luz dos postulados da Física moderna, quando, vivendo a epopéia da desintegração atômica, vemos a Matéria — aquela coisa imutável, indivisível e imóvel de Parmênides e de Aristóteles — transfigurar-se num fantasma de luz e escapular pelo espaço, fugindo de Parmênides, de Aristóteles e de todos os seus sucessores na velocidade pânica de 300.000 kms. por segundo.

Porém, que uma idéia dessas — admitir que nada existe, na verdade, exceto a ilusão humana de que tudo na verdade existe — tenha passado pela cabeça de um sofista, humildemente perdido lá nos confins do século V antes de Cristo — eis o fantástico.

Esse profeta foi Protágoras. Sua sentença é o que há de mais sintético e mais singelo na literatura filosófica de todos os tempos:

«O homem é a medida de todas as coisas, das que existem enquanto existem, e das que não existem enquanto não existem».

Talvez nunca, com licença dos britânicos, tanto foi dito tão bem em palavras tão poucas, abarcando, num só golpe de intuição, a gigantesca relatividade que vai da solidão mental do ser que pensa à multidão macrocômica e microcômica dos seres que são pensados, e sempre na medida humana em que são pensados, tenham sido pensados ou venham a ser pensados — galáxias ou fótons. Como um autêntico profeta da Sabedoria Moderna, Protágoras atravessa 25 séculos de História e vem sacudir, frente aos nossos olhos espantados, a mensagem que 25 séculos de filosofia não lograram refutar:

«O homem é o parâmetro de todas as coisas, das que são, enquanto são, e das que não são, enquanto não são».

SUA VISTA MELHORA MAIS NA ÓTICA MINAS GERAIS

PRESTEZA



PARA ESCRITÓRIO

SERIEDADE



PARA ESPORTES

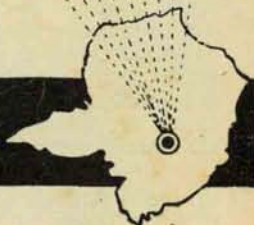
PREÇOS
MÓDICOS



PARA RUA
AVIAM-SE RECEITAS
DOS SRS MÉDICOS

Em se tratando de ótica, procure sempre uma casa de confiança, que lhe ofereça a garantia de uma longa experiência no ramo e a segurança de um critério tradicional em seus negócios.

ÓTICA MINAS GERAIS



Rua Carijós, 456 — Ed. Cecília — Fone 4-3137 — Belo Horizonte

Não basta anunciar. É necessário anunciar bem, num veículo conceituado, de grande tiragem e de público com bom poder aquisitivo. Anuncie sempre em ALTEROSA, para alcançar melhor seu objetivo, com segurança de alto rendimento para suas vendas.

MUSEU DO OURO

Documentação histórica e artística do Ciclo do Ouro em Minas Gerais.

Aberto diariamente das 12 às 17 horas (Fechado às 2^{as} feiras para limpeza).

SABARA — MG

A NOITE INESQUECÍVEL

EM nossos números precedentes começamos a publicação das memórias de uma parteira. Quase sempre colocada pela profissão dentro da vida íntima e secreta dos lares, é o testemunho não só das mais profundas alegrias, como também dos dramas mais pungentes. Uma parteira, para exercer sua profissão, necessita tanto de sua capacidade profissional como de todo seu coração. Os casos que nos foram confiados por Mme. Germaine D... são um emocionante testemunho do que afirmamos.

NEVAVA. Desde a manhã uma cortina vaporosa caía do céu cinzento em direção à terra gloriosa em sua brancura. Nesse fim de janeiro, eu viera passar alguns dias de férias na casa de uma de minhas tias que morava em Vosges, uma aldeiazinha de quinhentos habitantes, semelhante a um jogo infantil de blocos de construção colocado ao flanco de uma montanha.

Minha tia era viúva desde 1917. Tinha uma tabacaria e também um pequeno café, vazio durante o dia, mas animado e ruidoso durante a noite, desde a hora em que os homens chegavam do trabalho. De mais a mais, era uma região de boa caça e os caçadores que freqüentemente vinham às cidades circundantes davam animação àquele pedaço de terra.

A noite caía num crepúsculo cinza e sujo. A porta do café se abriu para um grupo de caçadores e de operários que saíam da serraria próxima. Sacudiram as botas e as capas cobertas de neve e se aproximaram da estufa que crepitava.

— Arre! — exclamou um deles — esta noite faz a gente se sentir mal. E este vento anuncia tempestade! Se continuar a cair tanta neve durante a noite toda, será preciso usar os limpa-neves para desobstruir as estradas!

— Enquanto a gente espera — gritou um dos homens se dirigindo a minha tia — serve uns goles para a gente, Marie; isto dará forças para voltarmos para casa.

Sentaram-se ruidosamente, enquanto minha tia trabalhava com afã em sua cozinha. Estava alerta, ainda, apesar de seus 70 anos, mas

a gordura lhe tirava um pouco o fôlego.

— Fique assentada — disse-lhe — vou servir a bebida!

Ela retomou seu tricô e veio se assentar na sala do café, onde os homens batiam um papo. Sua única distração à noite era escutar seus clientes trocar opiniões políticas, comentar as notícias dos jornais ou simplesmente falar de

lher do carteiro. Devia ter corrido, pois estava ofegante. Retirou o grande chale negro que lhe cobria a cabeça e disse sem se dirigir a ninguém em particular:

— E' preciso telefonar depressa para o dr. Breuil, em Louville! O "pai" Mathieu foi encontrado desacordado na estrada. Deve ter tido uma congestão!

Os homens se calaram e a contemplaram em silêncio.

— Quem o encontrou? — perguntou um deles.

— Foi meu marido — respondeu ela — quando voltava do trabalho pelo caminho de Ormes. Ele devia ter ido colocar suas armadilhas no bosque. Deve ter sido o frio...

Minha tia já pedia a ligação e



seus lares, de todas as famílias da aldeia, com as quais era mais ou menos aparentada, diretamente ou por aliança.

Enquanto trazia as bebidas quentes para a mesa, a porta se abriu de novo. Era Emilia, a mu-

lher do carteiro. Devia ter corrido, pois estava ofegante. Retirou o grande chale negro que lhe cobria a cabeça e disse sem se dirigir a ninguém em particular:

— E' preciso telefonar depressa para o dr. Breuil, em Louville! O "pai" Mathieu foi encontrado desacordado na estrada. Deve ter tido uma congestão!

Os homens se calaram e a contemplaram em silêncio.

— Quem o encontrou? — perguntou um deles.

— Foi meu marido — respondeu ela — quando voltava do trabalho pelo caminho de Ormes. Ele devia ter ido colocar suas armadilhas no bosque. Deve ter sido o frio...

Minha tia já pedia a ligação e

Por motivos fáceis de se compreender, os nomes de pessoas e lugares que aparecem neste relato foram trocados.

— O médico chega imediatamente — disse ela — as estradas ainda são praticáveis e um automóvel faz rapidamente oito quilômetros.

— Vamos à casa do “pai” Mathieu — disseram alguns operários levantando-se.

Dois clientes ficaram a se esquentar.

— O “pai” Mathieu não é bem velho — disse um deles — mal tem cinquenta anos. Mas bebe!... Coisa ruim, com cinco garotos!...

Minha tia balançou a cabeça.

— Atualmente, há coisas que têm êxito no caso de congestão. Se o médico chegar a tempo, ele se salva!...

Logo os dois clientes saíram para jantar. Ficamos sòzinhas. Minha tia serviu a sopa.



va em rajadas. Nevava continuamente.

— Com êsse tempo — continuou minha tia — não sei se os rapazes vêm jogar baralho esta noite.

Era um sábado negro e não havia distrações na aldeia. O café de minha tia era o único lugar de encontro e alegria para aqueles rudes trabalhadores. Mas foram chegando, como de hábito.

★

Logo a sala retinha com as exclamações dos jogadores. A fumaça dos cachimbos e dos cigarros enchia a peça de uma cerração azul, opaca.

— O médico acaba de chegar à casa de Mathieu Giraut — disse um dos granjeiros fazendo o seu jôgo. — Parece que o dr. Breuil levou uma hora para fazer oito quilômetros. Felizmente Félicie havia feito uma sangria enquanto esperava.

Félicie era a parteira de Courmières. Tinha quase a idade de minha tia e exercia desde cerca de cinquenta anos nesta aldeia em que nascera. Além dos partos, servia de enfermeira e prestava os primeiros socorros aos feridos.

— Que foi que o médico disse

do doente? — perguntou minha tia.

— Espera salvá-lo — respondeu o homem evasivamente.

Julien, o jardineiro do castelo, entrou por sua vez na sala.

— Françoise está prestes a dar à luz — anunciou. — Foram procurar Félicie, que agora está com ela.

Françoise era uma jovem camareira recentemente contratada pelos Fauchois, proprietários da serraria. Seu marido preenchia as funções de guardião e de motorista. Casados há pouco tempo, esperavam o primeiro filho.

Todo mundo se alegrava com a nova, quando a campainha do telefone retiniu. Minha tia foi atender. Ouvi-a falar longamente na cozinha, mas não pude distinguir as palavras por causa do barulho que os homens faziam no café. Quando voltou estava muito agitada.

— Houve uma avalanche no caminho de Rocs — disse ela. — Já tentaram sair duas vezes para vir à aldeia, mas não puderam avançar. O pior, é que Lucie sente dores há já algum tempo. Ela disse que vai ter o menino!

O pessoal se olhou, aterrado.

— Será uma grande infelicidade — disse ela — se o “pai” Mathieu morrer. Eles não têm dinheiro e, com seus cinco filhos, o que vai ser da Louise!...

Fora ouvia-se o vento que sopra-

Rocs era uma grande granja moderna que possuía os melhores pastos da região, mas a casa estava isolada em plena montanha, a mais de três quilômetros de Courmières e já acontecera ficar bloqueada pela neve, certos invernos, durante semanas; os limpa-neves sendo impraticáveis no caminho escarpado e estreito.

Lucie, a moça desta família, esperava uma criança e decidira entrar na clínica bem antes da data prevista a fim de evitar semelhante acidente. Tinha ido à cidade recentemente, mas lá lhe afirmaram que ainda estava longe do fim do período e, como havia falta de leitos, disseram-lhe que voltasse para casa. Tomada, sem dúvida, de dores prematuras, ficara apavorada e sua família telefonou para pedir socorro.

— Que fazer? E' absolutamente impossível chegar a Rocs? — perguntei.

— Impossível! — respondeu Pierre Bougros, que era um velho caçador e conhecia a região como a palma de sua mão. — Quando as massas de neve deslizam sobre as pendentes, não se reconhecem mais nem barrancos nem escarpas. Antes de chegarem à fazenda, vocês teriam se afundado na neve.

Conhecia vagamente os que viviam na fazenda de Rocs. Havia os jovens donos, três meninos, os avós, dois criados e uma criada.

— E' preciso pedir conselho ao dr. Breuil — disse, compreendendo que ele seria necessário logo.

Com efeito, mal terminara minha frase quando o telefone retiniu de novo. Minha tia se precipitou. Desta vez, houve um silêncio total na sala. Todas as fisionomias estavam voltadas para ela com ansiedade. Ela escutava e adivinhava-se em sua expressão que era grave. Enfim, disse:

— Eles vão chamar o médico. Ele está perto daqui, na casa de Mathieu Giraud. Ele virá. Não se preocupem. Ele chegará aí, imediatamente!

Dependurou o fone, enquanto dizia:

— Vão prevenir o dr. Breuil; depressa! Parece que Lucie está sofrendo dores enormes. Ela vai ter o filho rapidamente. Estão numa angústia terrível lá!...

*

Um dos homens saiu para dentro da noite, onde turbilhonavam a neve e o vento. Ia para a casa de Mathieu Giraud, que morava logo ao lado do café. Cinco minutos apenas haviam passado, quando voltou.

— O médico diz que não pode deixar Mathieu, que está muito

mal agora. Félicie está à cabeceira de Françoise. Parece que o menino não está bem e que o parto será delicado. O médico diz que você deve dar as primeiras indicações pelo telefone. Virá logo que possível.

Minha tia me olhou. Viu minha perturbação e se apressou em dizer, para me dar forças:

— Você vai falar com eles, vai lhes dizer o que é preciso fazer.



Discou o número. Com um olhar, percorri a sala do café. Os homens haviam se aproximado, faziam-me um círculo em torno. Vi todos os olhares angustiados. Minha tia passou a mão sobre meu braço e o apertou docemente:

— Ande, Germaine — disse ela — eles esperam você.

Consegui vencer minha nervosia.

— Alô!... — disse — quem está no aparelho? Mme. Barthier!... A mãe de Lucie? Está bom! Diga à criada que ferva a água, prepare as toalhas e a senhora lave as mãos com álcool. E, sobretudo, fique calma!

Enquanto falava, senti retomar o domínio sobre mim mesma. Minhas palavras se tornavam mais nítidas, meu pensamento se precisava. Por discreção, minha tia fechou a porta da cozinha. Estava sozinha, o aparelho colado à orelha.

Agora, era o marido de Lucie que me falava. Explicava-me tudo o que se passava e guiava a mãe da moça e a criada que seguiam meus conselhos. Sua voz estava rouca, agitada, e eu sentia o medo em cada uma de suas palavras.

— Minha sogra está cuidando de Lucie como a senhora indicou — disse. — A senhora disse para verificar a dilatação do pescoço, está enorme! E' este o sinal de que o parto começou?

Disse que sim. Depois disto, tudo se passou muito depressa. Tentei imaginar com precisão os gestos que teria feito se estivesse à cabeceira da paciente e os transmiti. Por vezes, havia silêncios e eu pensava: *Eles não conseguirão jamais chegar ao fim! Não haverá alguma imperícia, algum acidente?...*

Duas vezes minha tia abriu a porta.

— Como é que vai? — perguntou. — Estão seguindo bem as instruções?

Fiz um gesto afirmativo.

— Não há complicação? — insistiu ainda.

— Até o momento, tudo vai bem — disse.

Fechou a porta.

Estava molhada de suor, no fim de minhas forças! Havia quase uma hora que estava guiando a granjeira em seu trabalho de parteira. Aliás, ela parecia agir com perícia e muito sangue-frio, mas eu sabia que a criança ia nascer muito depressa agora e esse instante me agonizava. iam eles seguir minhas instruções sem perder o controle, sem cometer um erro grave?... Continuei a indicar com precisão os gestos que terminavam a delivrance.

Ouvi então o pai murmurar numa voz surda.

— E' uma bela menininha!

Mas eu mal o escutei. Era preciso tomar todas as precauções neste instante, tanto com a mãe como com a criança. Com o maior número possível de detalhes indiquei os gestos finais para a expulsão da placenta, depois a ligadura do cordão umbelical. Enfim, ordenei que colocassem nitrato nos olhos da criança.

— Mas não temos nitrato em casa — disse-me, ansioso, o pai.

Refleti um instante.

— Talvez vocês tenham um pouco de argiol...

Disse-me que tinham. Expliquei como deviam proceder, depois determinei que lavassem a criança em água morna. Quando o pai me informou que Lucie, esgotada mas feliz, estava calma em seu leito, tive a impressão de que minhas pernas fugiam, e que eu ia cair. Ouvi vagamente os agradecimentos do moço e acho que o ouvi chorar, mas tudo girava diante de meus olhos quando pus o fone no gancho.

Entrei na sala do café. Pareceu-me que os homens não haviam se mexido um centímetro. Estavam como que pregados a seus lugares. Deixei-me cair em uma cadeira.

— Acabou! — gemi. — Tudo se passou bem!... Eles têm uma filhinha.

Então a atmosfera ficou livre da tensão. Estavam ajuntados à minha volta. Todos me agradeciam e me apertavam a mão. Minha tia trouxe-me uma xícara de café. Depois de engolir alguns goles, recobrei as forças. Informei-me.

— Por que o dr. Breuil não veio?

Françoise teve um parto infeliz — respondeu minha tia. — O médico saiu da casa de Mathieu para correr ao castelo. Foi preciso fazer uma cesariana. Uma ambulância veio de Remiremont para levá-la à clínica.

Perto, soou uma hora na igreja.

— Com Lucie foi diferente, todavia. Levou uma hora e meia para dar à luz — constatei — mas, de qualquer jeito, tive muito medo!

Neste momento o médico entrou sorrindo.

— Felicito a senhorita — disse — já sei que tudo se passou bem. Peço desculpas por não ter vindo ajudar, mas não pude senão me informar do que se passava. Sua

tia vinha me dar as notícias de tempos em tempos. Eu precisava de Félicie e, de qualquer maneira, ela não poderia ter feito melhor!

Agradei-lhe sorrindo.

— Confesso que não sentia muita segurança, doutor — disse-lhe — não tenho o hábito de assistir às parturientes desta maneira!...

— Em nossa região deserta e isolada é preciso contar com tudo — disse o médico. — Agora já está prevenida e estará menos surpresa na próxima vez! — terminou rindo.

E brindava com os clientes, que nem pensavam em voltar para suas casas, apesar da hora tardia. Faziam-se muitas perguntas ao dr. Breuil a respeito do "pai" Mathieu, que parecia fora de perigo.

— Que noite!... — exclamou um granjeiro levantando o copo.

*

Só voltei a Courmières seis meses mais tarde, nas férias de verão. Vi então uma encantadora Jocelyne que me sorria e fazia carretas. Era a menininha que sua avó ajudara a vir ao mundo escutando minha voz no telefone, numa noite de avalanche e tempestade. Pediram-me que fôsse a madrinha e eu o aceitei com o maior prazer, pois Jocelyne bem que era um dos casos mais comoventes de minha carreira.

☆☆☆

A Costureira

Conclusão da pág. 33

penteadas, sem sequer olhar para o espelho, com a frase já pronta, a frase má que ia ferir o cunhado, para ele repetir depois à «outra», que devia estar louca de ansiedade à espera da decisão dela. Agora todos estavam por um fim, dependendo só do que ela resolvesse.

O cunhado tinha acabado de chegar ao escritório onde trabalhava, ainda estava arrumando papéis, ajeitando a mesa. Veio-lhe ao encontro solícito, de olhos aflitos, como quem procura adivinhar, sussurrando um «você passou bem» de pura cortesia, que ele estava mas era pouco se importando com a saúde dela, o que queria saber era se ela ia ou não assinar o tal papel... Dona Lina não se enganava (e um travo de ódio lhe apertou a garganta); o cunhado nem esperou que ela se acomodasse na cadeira; foi vê-la sentar-se e pergunta:

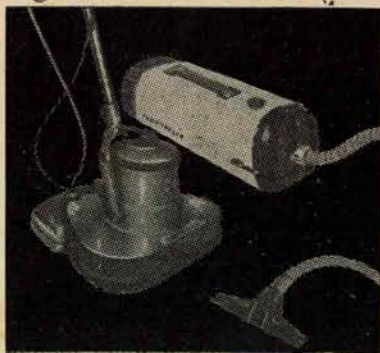
— Então, Lina, como é?... Você resolveu?...

Dona Lina hesitou, recordando a frase contudente que imaginara na sua noite amarga. Foram segundos, poucos segundos; uma saudade imensa do marido a invadiu, um desejo de tê-lo novamente, uma falta dele, tão grande; e foi um momento de tristeza, de doce tristeza, que a acalmou, lhe lavou a alma, que dissolveu a sua raiva; e a deixou abatida, cansada, mas quase feliz, com o coração cheio de vontade de perdoar, de ser boa, como se depois de morto «o» pudesse recuperar com a sua mansidão, a mansidão que não soubera ter quando devia. Havia crianças com fome, uma mãe sofrendo, aquela tipa... Dona Lina olhou bem de frente para o cunhado, que repetia, quase impaciente:

— Resolveu ou não, Lina?

A voz de dona Lina lhe saiu baixinho, rouca de choro contido:

— Resolvi sim... Você quer me dar aquele papel para eu assinar?...



ENCERADEIRA E
ASPIRADOR DE PO'

ELECTROLUX

modernos auxiliares
da limpeza do lar

Vendas em suaves
prestações mensais

Distribuidor exclusivo:

CIA. FÁBIO BASTOS

Guarani, 555 e Adalberto Ferraz,
146 — fone 2-3386 — Belo Horizonte.

REPRESENTAÇÕES PARA O NORTE

Firma idônea, possuindo condução e uma bem selecionada clientela, operando nos Estados da Paraíba e Pernambuco, aceita representações de fábricas de tecidos, artigos de porcelana, artefatos plásticos e de borracha, curtumes, brinquedos, etc., a base de comissão ou conta própria; estudam-se distribuição, dá-se referências em qualquer parte do País. — Ofertas para A. BEZERRA & CIA. — Rua Dr. Antônio Sá, 72 — Caixa Postal 300 — Fone 1807 — Campina Grande — Est. da Paraíba.

dor da Almanjarra, disse Tinsley a meu pai:

— Irmão Ansley, a coisa está séria. Seja como for, teremos de meter ferramenta em baixo da cauda deste jumentão de ferro e alcançar o alto desta serra.

Gatilho de Duas Pontas queixou-se:

— Nunca vi madeira tão ruim de queimar. Sem querer faltar ao respeito, não posso deixar de imaginar porque o Senhor não arremete agora mesmo e nos dá uma mãozinha.

Meu pai ficou ali parado, de olhos fechados, durante muito tempo. Depois disse mansamente:

— *Eu vos mandarei o grão...*
— Fêz uma pausa. — Talvez o Senhor tenha. Que me diz você de experimentarmos o seu uísque, Tinsley?

Tinsley ficou tão atônito que quase caiu da plataforma da máquina. Gatilho de Duas Pontas ficou teso como um cachorro pas-sarinheiro na tocaia.

— Esfolem-me vivo, Irmão Ansley — disse Tinsley, estupefato. — E' você a última pessoa na terra de quem esperasse eu uma sugestão para um trago... e dizendo ainda por cima que a idéia veio do Senhor.

— Não respondas a um louco de acordo com a sua loucura... — atirou-lhe meu pai em troca. — Quero dizer, Tinsley, que tentemos jogar um pouco dessa bebida do demônio no fogão. Pelo que tenho ouvido dizer, deve queimar como qualquer outra coisa...

— Queimar meu uísque? — crocitou Tinsley. — *Queimá-lo?* — Havia total horror no incrédulo olhar fixo em meu pai. — Perdeu o juízo, Irmão Ansley? Isto é... isto é... bem, é contra a natureza!

— Não me importa o que é que seja contra, Tinsley — disse meu pai. — Se seu uísque tem bastante força para conservar esta caldeira quente e levar-nos até a casa dos Tollivers antes de estarmos todos mortos...

Com o rosto cor-de-cinza, Tinsley caminhou teso até o trenó. Retirou dele o garrafão e colocou-o na plataforma da Almanjarra. Gatilho de Duas Pontas fitava-o, gemendo baixinho, como se tivesse alguma dor.

— Julgo que você quer fazer mesmo isto — disse Tinsley a meu pai e era um homem aturdido, fulminado de pesar quem falava... um homem a ponto de desmanchar-se em lágrimas.

De olhos voltados suplicantemente para meu pai, lentamente, foi ele tirando a rolha do garrafão.

Guiados pela Estrêla Oriental

Conclusão da pág. 65

E, tão cuidadosamente e tão poupadamente como se estivesse vertendo um pouco de seu próprio sangue, deixou que um ralo jorro da cristalina ambrósia caísse dentro de um balde.

— Você mal umedeceu o fundo — disse meu pai. — Mais, Tinsley.

Levou um tempo enorme a fazê-lo, mas afinal meu pai conseguiu que Tinsley derramasse uns dois litros no balde. Depois meu pai agarrou o balde, abriu com um pontapé a porta da fornalha e jogou o néctar dentro.

Indo consideravelmente acima dos 120 graus de álcool, a bebida montanhesa de Tinsley era comparável a alguns dos combustíveis dos foguetes de hoje. Ouviu-se uma cheirosa explosão bem no fundo das entranhas do gigante parado. O fogo pegou e começou

Nenhuma causa tem mais
fôrça do que o tempo. —

Ovídio.

a roncar com violência. Dentro de poucos minutos a Almanjarra sacudiu-se, expeliu faíscas um par de vezes e pôs-se em movimento.

— Ninguém no mundo teria sonhado fazer uma coisa como esta, exceto alguém que odeia o uísque da maneira que você o odeia — murmurou Tinsley.

A Almanjarra realizou considerável avanço antes de ser preciso outra correção do garrafão para estimulá-la. Desta vez, resignado, Tinsley esquadrou os ombros e anunciou que ele próprio faria as honras.

— *Faze tudo quanto está dentro de teu coração* — disse meu pai, que estava sinceramente comovido diante do sacrifício de Tinsley — *pois o Senhor está contigo.*

Mais uma vez, a Almanjarra foi tratada com um generoso gole de uísque. E novamente, o mastodonte cavou o chão e tocou para diante.

Estavam quase na crista da Serra, quando a laboriosa Almanjarra vacilou e parou mais uma vez. Do outro lado, um pedaço de caminho abaixo, estaria a casa dos Tollivers.

— Daremos ao velho dragão mais um trago do garrafão — disse Tinsley. — Irmão Ansley, sei que você goza com isto... quer

oferecer o sacrifício, por obséquio?

Meu pai atirou uma verdadeira talagada, enquanto Tinsley desviava a vista e rangia os dentes, e Gatilho de Duas Pontas enxugava os olhos com as costas de seu enorme punho fechado.

A Almanjarra estremeceu e foi subindo, polegada a polegada. E depois do que pareceu uma eternidade de ansioso tempo, acharam-se eles triunfantemente na crista da Serra do Amarra-Cachorro, justamente quando a aurora do Dia de Natal irrompia sobre as distantes colinas.

Abaixo deles, a cabana dos Tollivers, quase enterrada sob a neve, jazia silente, com sua chaminé sem desprender fumaça.

Meu pai nunca conseguiu certificar-se do número de Tollivers que encontraram dentro da cabana naquela manhã de Natal. Mas nos primeiros poucos minutos quase ficou certo de que nenhum estava vivo... exceto Perna de Cabra. Veio cambaleando do quarto de trás, olhou sem poder dar crédito e depois crocitou:

— Louvado seja o Senhor. Chegaram justamente na hora.

— Amém — disse meu pai.

Perna de Cabra prosseguiu:

— Justamente na hora, Irmão Ansley, para fazer um devido batizado... Olabelle Vista deu à luz de novo... outro menino.

Meu pai dirigiu-se depressa para o quarto de trás e encontrou Olabelle Vista deitada numa cama de trapos, com o novo bebê aninhado em seu braço. Sorriu pálidamente para meu pai e disse-lhe:

— E' um belo menino... será um perfeito homem.

— Haverá de ser — disse Perna de Cabra, tentando um sorriso de pai orgulhoso — pois é o único que tem algo para comer por quanto tempo só Deus sabe.

Meu pai foi para outro quarto e encontrou Tinsley curvado sobre vovó Trailing Arbutus e segurando uma cuia sobre seus lábios. O velho Oral, que estivera deitado num enxergão feito de sacos ao lado dela, repousava apoiado no seu cotovelo, esperando sua vez... com os olhos fitos no garrafão de Tinsley.

— E' a vontade de Deus — disse meu pai, quando Tinsley olhou para ele interrogativamente. Meu pai apanhou uma tijela e estendeu-a para Tinsley. — Encha-a... para que eu tente acender um fogo.

Tinsley olhou para meu pai, num misto de dor e admiração. Meu pai retribuiu o olhar de Tinsley, com simpatia e compreensão.

Sob os esforçados cuidados de seus salvadores e as numerosas aplicações do restaurador de vida do garrafão de Tinsley, todos os Tollivers estavam em breve de pé e movendo-se. E, considerando-se tôdas as coisas, veio a ser aquele o maior Natal e o mais belo batizado que algum dia conheceram.

Restou bastante do "ótimo" de Tinsley para ajudar o Vovô Oral a esquecer-se de sua miséria.

— Temos sido tão pobres — desculpou-se Perna de Cabra — que temos estado a fazer pão de tôda farinha de milho que eu arranjo... fazendo pão, imagine, quando não há nem uma gôta de uísque em casa!

O novo bebê recebeu o nome de Ansley Tinsley Almanjarra Tolliver. Mas cresceu e tornou-se um rapaz grande e vigoroso, de modo que tal nome nunca o desgostou. Meu pai e Tinsley prometeram tirar Gatilho de Duas Pontas das galés e dar-lhe uma boa casa para o resto de sua vida na propriedade de Tinsley (e cumpriram sua promessa). Houve um opíparo jantar de Natal e depois do jantar, meu pai contou a história do Primeiro Natal. Foi bonito, exceto numa coisa. Deu a Tinsley uma idéia de que ele jamais se livrou. Porque tôdas as vezes que ele contava a viagem da Almanjarra para salvar os Tollivers e o fato de terem encontrado o recém-nascido, vinham-lhe à memória os Três Reis Magos.

Estaria tudo direito se Tinsley não insistisse sempre em afirmar que o único meio que os três encontraram para alcançar a Cova da Maçã Azêda fôra o de seguir "aquela mesma e verdadeira Estrêla Oriental, a que guiou os Magos até a humilde manjedoura em Belém, onde o Cristo nasceu... A... a... mém!"

Meu pai seria a última pessoa dêste mundo a lembrar a Tinsley que não lhes teria sido possível vislumbrar a "Estrêla Oriental", naquela véspera de Natal, pois o ar estava tão repleto de neve que caía que não teriam eles podido nem mesmo ver o cometa de Haley com sua refulgente cauda.

De modo que, quando alguém sugeria — como muitos poucos faziam — que a história de Tinsley era um tanto imaginosa e admiravam-se porque o Senhor não o havia fulminado desde muito tempo, meu pai respondia simplesmente, citando Samuel 16:7, que reza:

"O Senhor não julga do homem pelo que aparece à vista; porque o homem vê o que está patente, mas o Senhor olha para o coração..."

FÁBRICA DE PIANOS «J. C. VIANNA»



Lindos modelos de apartamento, armário e de cauda.

GRANDE FACILIDADE DE PAGAMENTO

Preços de rara ocasião. — Amplas garantias de uma casa especializada.

PREÇOS ESPECIAIS PARA REVENDEDORES

J. CARVALHO & VIANNA

Fabricantes, importadores e distribuidores
Rua Pernambuco, 853-861 — Fone 4-1686 — B. Horizonte

FUNCIONÁRIO!

Viva com segurança, a fim de viver intensamente.
Participe do seguro em grupo ou do pecúlio da

CASA DOS FUNCIONÁRIOS DE MINAS

e desfrute da segurança que eles proporcionam.

CASA DOS FUNCIONÁRIOS DE MINAS

Sede própria: Edifício Acaiaca — 7º Andar — Salas
701 a 706 — Tel. 4-7855.

BELO HORIZONTE

MINAS

*Ela resolverá
o seu
problema!*

**BURROUGHS
TEN-KEY**

**MÁQUINA DE SOMAR,
LEVE E
MODERNÍSSIMA...**



DISTRIBUIDORES **FRANCISCO LONGO** Importações e Representações S/A
Rua dos Carijós, 140 — Fones 2-0352, 4-2997 e 4-4240 — Cx. Postal 571 —
Tel. "SANLO" — BELO HORIZONTE — MINAS GERAIS.

NOVOS E ATRAENTES DESENHOS PARA BORDADO E CROCHÊ



Nunca teve o bordado uma apresentação mais colorida! 22 desenhos diferentes; cada um em seu próprio ambiente, combinando com móveis contemporâneos. Contém instruções completas, incluindo diagrama e sugestões de cores para toalhas de mesa, toalhas para bandejas, almofadas, espaldeiras, centros, etc. Um livreto sem o qual nenhuma bordadeira deve passar.

**LIVRO 441
PONTO DE CRUZ
PREÇO CR\$ 40,00**

Lindas sugestões para a aplicação dos sempre tão úteis e encantadores biquinhos de crochê, que dão maior realce e personalidade às roupas de cama, mesa e corpo.

Instruções completas com ilustrações e aplicações para cada modelo, o que permite a execução do trabalho mesmo sem a receita.

Jutros livretos disponíveis: 01-Crochê em Desfile, 02-Crochê no Lar, 03-Crochê Rápido, 04 Crochê para Você, 456-Motivos de Abacaxi, 438-Rendas para Igreja. Todos Cr\$ 25,00 cada um; livrinhos: 049-Pontos de Crochê, 140-Pontos de Bordado n.º 2, 425-29 Pontos de Bordado, a Cr\$ 10,00 cada um.

Obtenha-os em sua casa predileta de linhas ou pelo reembolso postal preenchendo o cupão abaixo. Basta citar o número do livreto.

Preços válidos até 28 de Fevereiro de 1961



LINHAS CORRENTE S. A.

C. P. 8013 - São Paulo

Peço enviar-me pelo Reembolso Postal:

Livreto(s) n.º(s) _____

Nome _____

Enderço _____

Cidade _____

Estado _____



**LIVRO 372
BIQUINHOS DE CROCHÊ
PREÇO CR\$ 25,00**



O CAMPEÃO DA AVENIDA,
o «Campeão das Sortes
Grandes», vendeu

em 11 de novembro, da Mineira :

26.872 com 1 MILHAO

em 16 de novembro, da Federal :

31.843 com 4 MILHÕES

31.842 com 100 Mil

31.844 com 100 Mil

em 18 de novembro, da Mineira :

12.012 com 600 Mil

26.557 com 60 Mil

Sortes Grandes ? CAMPEÃO DA AVENIDA e... não se discute.
AVENIDA, 770 — AVENIDA, 612 — BELO HORIZONTE

PICADEIRO

Conclusão da pág. 11

RESULTADOS OFICIAIS

Para Vice-Governador: Clóvis Salgado 499.488; San Tiago Dantas 304.089; José Maria de Alkmin 197.976; Nelson Thibau 134.144. Num eleitorado inscrito de 2.143.670, compareceram 1.728.455, com uma abstenção total de 415.215 eleitores (19,37%).

Na votação para Governador apuraram-se 157.853 votos em branco e foram anulados nada menos de 69.859 votos.

OS «TESTAMENTOS»

CONTINUAM

Ja' começaram as nomeações em massa. E' o velho hábito que o povo batizou de "testamento", com que cada Presidente e cada Governador, antes de passar o cargo ao seu sucessor, procura gravar os orçamentos vindouros com nomeações em massa, sem concurso ou qualquer outra formalidade. E mesmo sem vagas que as justifiquem.

Agora, quando êsses governantes têm de entregar os seus cargos à Oposição, parece que o mal será ainda mais grave, pelo volume das despesas que representará nos próximos orçamentos da União e dos Estados, dada a quantidade das nomeações que estão sendo feitas a toque de caixa, mal se anunciaram os resultados favoráveis ao candidatos oposicionistas. Na Previdência Social a coisa chega a estarrecer, muito embora se saiba que nesse setor administrativo já existe excesso de funcionários. Até parece que a nova Lei Orgânica da Previdência teve por objetivo êsse novo assalto do empirismo que devora a Nação.

Em nosso Estado, que não consegue pagar os funcionários que já tem, o mau hábito também começa a despontar, com violentos protestos da bancada udenista na Assembléia, especialmente no que tange à recente criação de três novos departamentos na Caixa Econômica Estadual, criados especialmente para abrir numerosas vagas destinadas a premiar dedicações dos amigos da situação derrotada nas urnas. Na Guana-

VENDEMOS MUDAS

De GOIABA AUSTRIANA, variedade branca e vermelha, chegando o peso do fruto a um quilo. Produz em 18 meses. CAJU ANÃO DO CEARA, variedade vermelho e amarelo, chegando o peso do fruto a 400 gramas, produz em 12 meses, preço de cada muda Cr\$ 110,00 com frete pago até o destino. Despachamos para qualquer parte mediante pagamento por cheque bancário pagável em Pirassununga, em nome da

AGÊNCIA PROVEDAS — Rua Duque de Caxias, 162-A — Pirassununga — Est. S. Paulo.

GANHE MAIS PRODUZINDO MELHOR.

- Canelas
- Tintas
- Consertos
- Gravações
- Secção de isqueiros

LEITE só o das canetas



LOJA DAS CANETAS

Rua Rio de Janeiro, 385 — Belo Horizonte

EXCURSÃO «POLVANI» A AMÉRICA DO NORTE E EUROPA

3 dias em Miami
5 dias em New York
37 dias na Europa, visitando Itália, Suíça, Alemanha França. Saída do Rio para New York: Espanha e Portugal.

Saída do Rio para New York: 4 de janeiro de 1961 pelo Boeing 707 — jato da Pan American.

Saída de New York para Roma: em 12 de janeiro 1961 pelo Boeing 707 — jato da Pan American.

Regresso via marítima: de Barcelona para o Rio, pelo «Augustus» que sairá de Barcelona em 18 de fevereiro de 1961.

Programas e Inscrições com o Representante Exclusivo em Belo Horizonte, BIAGIO GAETANI — Rua Curitiba, 601 — Tel. 2-9181. EXCURSÃO FINANCIADA.

bara, o fenômeno se repete, como se verifica pelos protestos da imprensa carioca.

Notícias que chegam de outros Estados, onde os governos estaduais também serão renovados, não são melhores, revelando que a imoralidade dos "testamentos" continua, lamentavelmente, fazendo parte dos nossos costumes políticos, contra os legítimos interesses do povo e do País.

☆☆☆

Boas

Festas

☆☆☆

CEIA DE NATAL

Na Inglaterra, no Natal de 1909, Londres recebeu cerca de 60 mil perus e foram necessárias duas companhias de transporte marítimo para transportar a enorme quantidade de patos que seria consumida. Entretanto, o mais interessante foi o fato de se ter assado, no Constitucional Club, o Barão do Bife, uma peça de carne de boi, pesando cerca de 200 quilos.

☆☆☆

AO COMPASSO DA CASTANHOLA

Comemorando o Natal, os espanhóis costumam cantar ao som das castanholas:

São José era carpinteiro,
A Santa Virgem, costureira
E o Menino com a madeira,
Fazia a Cruz pra morrer...

Pioneiro do comércio bancário em Minas, desde 1911,

o

BANCO HIPOTECÁRIO E AGRÍCOLA DO ESTADO DE MINAS GERAIS S. A.

é um instituto a serviço da grandeza econômica de Minas e do Brasil.

☆

Sede: Belo Horizonte



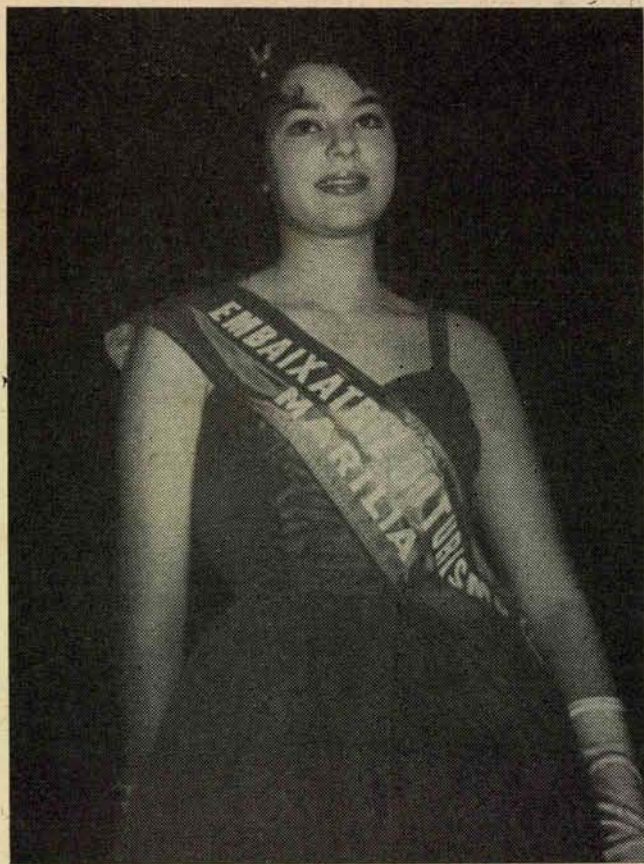
deixa sua pele
"RESPIRAR"

A expressão é exatamente esta. Sua pele precisa "respirar", através de poros limpos, livres de cravos, espinhas, pontos, manchas e outras imperfeições. Só assim você terá uma cutis suave, apresentando um viço permanente... um frescor juvenil... o brilho de uma pele bem cuidada. Para manter sua pele imaculada, experimente o Creme de Alface Brilhante. Em poucos dias, você notará a diferença. Para seu encanto de mulher fascinante use o



Creme de
ALFACE
Brilhante

LABORATÓRIO ALVIM & FREITAS



AQUARELA

(Conclusão da pág. 16)

EMBAIXATRIZ DE TURISMO

EM ALTEROSA

A COMPANHADA do sr. Maurilo Tavares e da senhora Erico Cardeal, sua progenitora, esteve em ALTEROSA, em dias do mês passado, numa visita de cortesia, a senhorita Mara Cardeal, embaixatriz de Turismo da cidade paulista de Marília, e uma das finalistas do Concurso que elegeu, em Poços de Caldas, a Embaixatriz de Turismo do Brasil. Mara Cardeal manteve em nossa redação uma palestra muito agradável, em cujo decorrer pôde externar sua opinião sobre a grandiosa festa realizada naquela estância sul-mineira, de 29 a 31 de outubro próximo passado. Para a seleção final, efetuada em Poços de Caldas, compareceram cerca de 118 candidatas, todas muito bonitas, vindo daí o mérito de Mara, uma das mais fortes pretendentes ao título, Margarida Lofego, representante de Cachoeiro do Itapemirim, no Espírito Santo, logrou ser eleita Embaixatriz de Turismo do Brasil.

Mara Cardeal conta dezessete anos de graça e beleza, e frequenta o Curso Clássico num dos melhores colégios de São Paulo. É a primeira vez que vem a Minas e BH, tendo ficado encantada com a gente e terra mineiras, principalmente com a boa acolhida proporcionada. Estudou *ballet*, piano; gosta de Literatura, apreciando mais o gênero modernista, cujo representante preferido é Jorge Amado. Não pretende parar nos Estudos, e sonha ingressar na diplomacia.

O grande êxito obtido pelo Concurso Embaixatriz de Turismo, realizado em Poços de Caldas (o de nº 4), deveu-se principalmente ao senhor José Guilherme de Freitas, seu organizador, e dirigente das Confeções Freitas naquela cidade. Não fôra José Guilherme de Freitas, muito pouca coisa teria sido feita, já que o Departamento de Turismo não ofereceu ao certame o apoio esperado. Mara Cardeal, que gostou muito de Poços de Caldas e, de modo geral, de Minas, frisou a boa aceitação de ALTEROSA em Marília, e nas demais cidades paulistas. É vista em "close" e num dos momentos do desfile. (Fotos Cerri).



EM GUIA LOPES JUIZ É JUIZA

O ÚLTIMO concurso para juizes de direito realizado em Belo Horizonte ofereceu algumas novidades, dentre estas a constituída pela adoção de testes psicológicos na seleção dos candidatos. Além destas, porém, salienta-se o fato de uma senhora haver sido aprovada no mesmo, o que constitui motivo de surpresa em Minas Gerais como em todo o Brasil. Trata-se da dr^a Raphaela Alves Costa, que será a primeira mulher mineira, em toda a história de nossa magistratura, a ocupar o cargo de juiz de direito. A nova «juíza», segundo ato publicado recentemente no «Minas Gerais», foi designada para a Comarca de Guia Lopes, no Oeste mineiro.

A dr^a Raphaela completou seus estudos em Juiz de Fora, onde nasceu, tendo-se formado em Direito no ano de 1953. Em 1955, transferiu-se para Belo Horizonte, exercendo nesta cidade a advocacia, ao mesmo tempo que prestava serviços de contadora em seu escritório localizado na Rua Rio de Janeiro. Comentando seu ingresso na magistratura, assim se expressou: «Sempre exerceu sobre mim um grande fascínio a magistratura, o que me levou a empenhar-me profundamente para conseguir nela o meu ingresso, embora dessas funções não advenham grandes vantagens materiais. Como estudiosa de ciências jurídicas, terei no cargo judicante maior oportunidade de aprofundar os meus conhecimentos na dinâmica que caracteriza o órgão julgador. Com o estímulo de meu esposo espero transpor todos os empecilhos que porventura deparar no exercício de meu «Munus».

Na sua simplicidade e modéstia, a dr^a Raphaela deixou transparecer seu grande entusiasmo pela nova carreira, acrescentando: «A próxima meta é ser desembargadora. Não tenho grandes sonhos, considero-me realizada em sendo juíza de direito, mas... quem sabe, não chegarei até lá?»

☆☆☆

“A virtude do homem não pode ser avaliada pelo que ele faz de extraordinário, e sim, pelo que ele faz de comum”. — Pascal.

DEZEMBRO DE 1960

COMA BEM...

GASTE POUCO...

com

COMER BEM

por
DONA BENTA



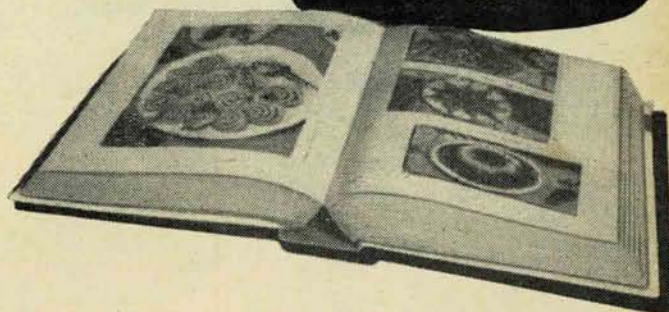
Volume com
600 páginas,
ilustrado -
capa plastifi-
cada, lavável.

\$ 350,

o mais prático e
completo livro de receitas
publicado no Brasil, agora com

64 ilustrações

A CÔRES



sugerindo lindas apresentações
de deliciosos pratos para
festas e recepções.

Mais de 1.000 receitas, experimentadas e aprovadas, de salgados, canapés, doces, coquetéis. Inúmeras sugestões para arranjos de mesa e organização de menus. Úteis conselhos para a boa conservação dos apetrechos de cozinha. Vitaminas e calorias dos alimentos. Em resumo: a melhor e mais prática solução para seus problemas culinários.

EM TÔDAS AS BOAS LIVRARIAS DO BRASIL

Edição da
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
Rua dos Gusmões, 639
São Paulo, SP

aceitamos pedidos pelo reembolso postal



O AUDACIOSO MENEGETTI

O que se escreveu sobre este livro proibido e cujos últimos exemplares estão sendo vendidos por uma concessão especial — para que os editores não tivessem prejuízos — e do qual não serão tiradas novas edições: —

«... Cenas que mais parecem ter sido vividas por um Marquês de Sade e que vêm provar cabalmente as teorias de Freud...» — Fô-lhas — SP.

«... Cenas cruas, de incrível violência, vividas por um homem de sangue frio a toda prova e perfeitamente talhado para a delinquência e os furtos audaciosos...» — Última Hora — SP.

«... Livro que deve ser lido somente por pessoas de caráter formado e espírito ventilado, devido ser o relato extraordinário de um irreverente fora do comum...» — Frei Zacarias — OFM.

«... Livro que vem revelar, às autoridades, antros de pecado, devassidão e crimes existentes ainda hoje dentro da capital paulista que devem ser destruídos...» — O Dia — SP.

«... Cada capítulo foi condensado com perícia por um escritor experimentado que dá a idéia de ter vivido as próprias cenas...» — Manchete — Rio.

«... Camacho aplicou, no livro «Vida de Meneghetti», toda sua técnica e recursos literários, fazendo dele um trabalho que é um depoimento humano real e convincente...» — Fanfala — SP.

«... História espantosamente humana que será sempre relida e meditada com emotividade devido a sutileza de Camacho em relatar os fatos da vida de um homem que a imprensa comentou e celebrou por um espaço de 20 anos...» Jorge Iglésias, em «Cadernos».

PONTOS DO GLOBO onde Meneghetti cometeu assaltos e viveu uma vida irreverente e pecaminosa, dinamizando com sua audácia antros da mais feroz delinquência: **ITALIA**: Villarégio, Pisa, Nápoles, Florença.

FRANÇA: Marselha e Paris. **ARGENTINA**: Buenos Aires. **BRASIL**: Rio, São Paulo, Belo Horizonte, Curitiba, Florianópolis, Bauru, Santos, Campinas, Juiz de Fora, Porto Alegre, Ponta Grossa, Joinville, Poços de Caldas e Ribeirão Preto.

ADVERSIDADE: Caçado como uma fera por toda parte, com a ordem de ser apanhado «vivo ou morto», Meneghetti ainda remetia cartas ao «São Paulo Jornal» e ao «Fanfulla» desafiando a Polícia Paulista a apanhá-lo. Apanhado numa armadilha, por fim, na prisão ficou conhecendo Aníbal Vieira, o lampeão paulista, com o qual tramou uma fuga sensacional. Para justificar a extraordinária procura do livro (que atinge agora 80.000 exemplares na terceira e última edição) vamos citar somente dois fatos. Em primeiro lugar o roubo do Matarazzo. No primeiro assalto Meneghetti não conseguiu localizar as jóias. Fêz-se passar então por mordomo do Matarazzo e cinco dias depois os jornais davam a seguinte manchete: — «MENEGETTI ASSALTA MATARAZZO EM 50 MILHÕES DE JÓIAS». A outra passagem dessa vida frustrada e singular foi o cerco que a Polícia Paulista lhe fez, cerco que obstruiu um quarteirão inteiro e paralisou o trânsito da Avenida São João e para o qual São Paulo mobilizou toda a polícia regular, o corpo de bombeiros e voluntários. Durante as 24 horas que esteve cercado e praticamente desaparecido, Meneghetti fugia de um prédio para o outro com o seu famoso «PULO DE GATO». Apesar do interesse demonstrado pelos estúdios de cinema brasileiros em filmar «Vida de Meneghetti», o autor não o permitiu achando que a história seria inteiramente estragada. Livro ilustrado, em papel de 1ª, português impecável, capa a cores e em elegante formato tipo norte-americano. Lançamento feito no «Palácio do Livro», em São Paulo, com a presença de 50 repórteres, a venda atinge agora, na 3ª edição 80.000 exemplares. Estamos vendendo os últimos exemplares existentes e este livro não será mais reeditado por tácito acôrdo entre a editora, Meneghetti e as autoridades paulistas.

Preço somente Cr\$ 180,00 com mais Cr\$ 10,00 para o porte: total Cr\$ 190,00 sem mais nenhum acréscimo. Não mande dinheiro nem selos e pague somente quando retirar o volume do correio de sua cidade.

CUPOM PARA PEDIDO

A CIA. GRÁFICA NOVO-MUNDO EDITORA
Rua Carneiro Leão, 398 — Brás — São Paulo (Capital) SP.

Desejo receber o livro «Meneghetti», de Camacho, ao preço de Cr\$ 190,00 sem mais despesas e fico tendo direito a uma assinatura do «Jornal Literário» que v. s. publica: —

Nome

Rua nº

Cidade Estado

Via Aos cuidados de

A-1

CORTE AQUI

Simplemente preencha o cupom do lado e remeta-o ao nosso endereço. **GRÁTIS**: Com a compra do presente livro v. s. fica tendo direito à assinatura de um jornal mensal literário que lhe trará ao par dos lançamentos de livros e revistas publicados neste País e no estrangeiro. Logo que recebermos o seu cupom enviaremos a v. s. este livro fascinante que não vai ser mais reeditado.

OS TITANS DA TITANUS

são muitos cheques de
2 milhões no 1º prêmio!

NO MAIOR DE TODOS OS SORTEIOS!

e grandes
prêmios de consolação:
CASAS - APARTAMENTOS - AUTOMÓVEIS
mensalmente pela
Loteria Federal

1º Cheques Titans no Valor de 2 Milhões de Cruzeiros!

2º Casas-Apartamentos-Automóveis!

3º Prêmios Valiosíssimos para o Milhar, a Centena e até a simples Duzena do seu Carnê!

4º Um Prêmio Certo, para cada Comprador, Sorteado na Hora, na Loja Titanus da sua Cidade! (Geladeiras, Lâmpadas, Máquinas de Costura e uma infinidade de utilidades domésticas).

5º Anéis de Brilhantes, Colares de Pérolas, Broches de

Platina, Relógios Folhados a Ouro, no Monumental Concurso "Homenagem A Rainha do Lar" (remeta o cupom desta página para concorrer).

6º Bicicletas "Monark", Rádios de Pilha, Bonecas "Meu Sonho" da "Estrela", Relógios Folhados a Ouro, Trenzinhos Mecânicos, Bolas de Futebol, Patinetes e Centenas de Brinquedos Maravilhosos no "Big Concurso Infantil", exclusivo para seus filhinhos.



Você encontra nas BIG CESTAS os mais finos artigos de festa, para proporcionar à sua família um NATAL FELIZ!

A TITANUS VENDE MAIS, PORQUE DÁ O DÔBRO POR UM PREÇO MENOR!

É DUPLA NA QUANTIDADE! É DUPLA NA QUALIDADE! É DUPLA NOS PRÊMIOS!

VOCÊ GANHA O DÔBRO COM A CESTA DUPLA DA TITANUS!

CARTA PATENTE 357

Titanus Import., Ind. e Com. Ltda.

MONUMENTAL CONCURSO "HOMENAGEM À RAINHA DO LAR"

NOME
END.
CIDADE ESTADO
N.º DO CARNÊ:

Preencha este cupom e escreva bem legível o número do CARNÊ da BIG CESTA comprada a partir deste mês. Recorte o cupom e remeta-o a TITANUS ou entregue-o ao agente da sua cidade.

Big

Cesta de Natal

Titanus

MATRIZ - SÃO PAULO: Rua Tabatinguera, 338. Tela.: 35-1868 36-5254

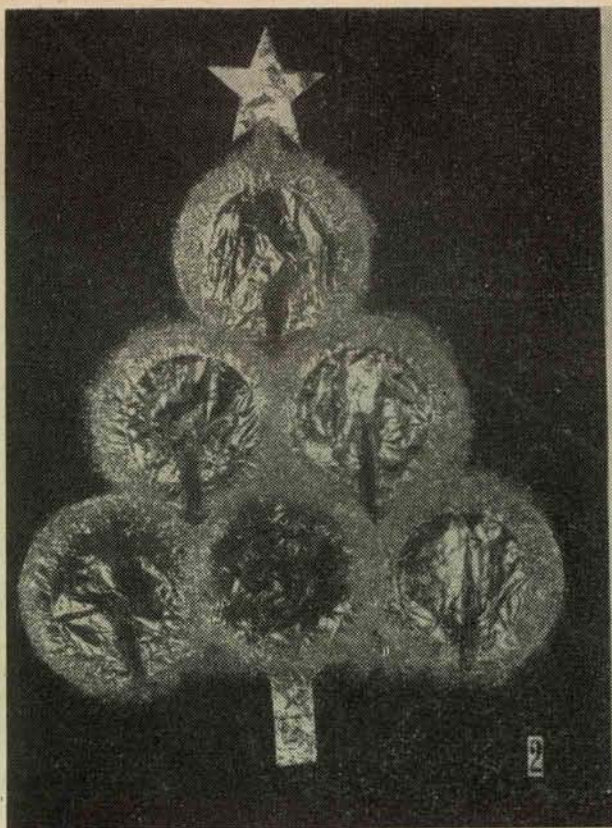
FILIAIS - RIO DE JANEIRO: Av. Rio Branco, 185 - loja 9 • CURITIBA:

Praça Ozório - Ed. Aza - loja 4 • BELO HORIZONTE: R. São Paulo, 355 - loja 6

• PORTO ALEGRE: R. Riachuelo, 1264 • SALVADOR: R. Juliano Moreira, 11

Bazar
Feminino





NATAL EM SEU LAR

PARA os festejos do Natal, além da preocupação com os presentes, com os quitutes saborosos e com «sua majestade» o peru, que

sempre ocupa lugar de destaque na ceia natalina, a dona de casa fica apreensiva quanto à ornamentação do lar, que deve ter em tudo o aspecto

festivo da grande data. Com o propósito de ajudá-la, apresentamos-lhe três sugestões simples, mas bastante originais.

1

Velas e Neve — Tome para base um pedaço retangular de madeira e cubra-o com algodão, imitando neve. Coloque um pequeno galho de árvore de lado da base, espalhe algodão sobre êle e amarre-lhe nas pontas pequenas imitações de cereja. Complete a ornamentação com um laço de fita vermelha, duas bolas reluzentes, uma vela branca e outra vermelha.

2

Árvore Prateada — Cubra seis pratos de papelão (tamanho médio) com papel prateado e enfeite as bordas com ouropele. Disponha-os em forma de árvore e costure-os, sobrepondo-os ligeiramente. Introduza as pequenas lâmpadas próprias para árvore por trás, através dos espaços entre os pratos. Coloque uma estrela coberta com o mesmo papel na parte de cima, use um retângulo de papelão também coberto para tronco e faça uma alcinha de arame para pendurar a árvore à parede.

3

Grinalda de Chocolate — Corte uma fita de 1 metro de papel celofane; tome meio quilo de pastilhas de chocolate e separe-as em pequenos montes da mesma cor. Embrulhe seis pastilhas da mesma cor no papel celofane, retorça as duas extremidades e amarre-as com um lacinho de fita estreita. Vá fazendo assim em toda a extensão do papel, cuidando de alternar as cores da fitinha e das pastilhas. Finalmente, amarre as extremidades da grinalda com um laço de fita dourada e um arranjo de folhas. Este ornamento produzirá excelente efeito se colocado à porta do quarto de crianças.



**Para
o Natal**

PUDIM DE FIGOS

INGREDIENTES

- | | |
|---------------------------------------------------|------------------------------------------------------|
| <i>1/2 quilo de figos secos</i> | <i>1 colher de chá de canela em pó</i> |
| <i>1 1/3 de xícara de leite</i> | <i>3/4 de colher de chá de sal</i> |
| <i>1 1/2 xícara de farinha de trigo peneirada</i> | <i>3 ovos</i> |
| <i>2 1/2 colheres de fermento em pó</i> | <i>1 1/2 xícara de farinha de pão</i> |
| <i>1 xícara de açúcar cristal</i> | <i>3 colheres de sopa de casca de laranja ralada</i> |
| <i>1 colher de chá de noz moscada (moida)</i> | <i>1 1/2 xícara de gordura</i> |

MODO DE PREPARAR

Com alguns dias de antecedência: com uma tesoura, corte os talos dos figos. Parta-os em pequenos pedaços e ponha-os a cozinhar com leite, em banho-maria, durante 20 minutos. Junte e misture bem a farinha, o fermento, a noz moscada, a canela e o sal. Bata os ovos numa tigela; adicione a gordura, a farinha de pão, a casca de laranja, os figos cozidos e a mistura de farinha;

misture bem. Despeje numa fôrma bem untada e cubra cuidadosamente. Coloque a fôrma sobre um suporte, dentro de uma panela grande e profunda. Encha a panela com água, até a metade da altura da fôrma. Tampe a panela. Cozinhe a massa, ao vapor, durante 2 horas — ou até ficar quase pronta. Deixe repousar 2 minutos, tire da fôrma, deixe esfriar, embrulhe em papel im-

permeável e guarde na geladeira.

Cêrca de 1 hora e meia antes de servir: enrole o pudim numa fôlha de papel alumínio. Leve ao forno aquecido, durante 1 hora, ou até ficar bem quente. (Ou, se quiser, aqueça ao vapor, na mesma fôrma, durante uma hora). Sirva com sorvete e calda. (Quantidade para 10 pessoas).

AS MARAVILHAS DO AMOR MATERNO



UM dos sentimentos mais profundos e radicados na mulher é o amor materno, que pode assumir as formas mais diversas e contraditórias. Pode ser exclusivo, como o de Eva Bartok, a atriz húngara que jamais concordou em revelar o nome do pai de sua pequena Diana; exibicionista, como o de Jayne Mansfield que não hesita em apresentar em público, como fenômeno, seu Miklos, que ainda não tem um ano de idade; batalhador, como o de Ingrid Bergman que, depois de haver renunciado à primogênita Pia, nascida do seu matrimônio com o dr. Lindstrom, teve que combater para conservar consigo os três filhos de Roberto Rossellini; sereno e equilibrado, como o da senhora Dilligenti, a mãe argentina que dividiu equitativamente seu afeto entre os seus cinco gêmeos e os outros quatro filhos.

O amor materno, que alguns cientistas definem friamente como a sublimação do instinto da conservação da espécie, impele a mulher aos mais heróicos sacrifícios, às mais inacreditáveis ações. Marie Renard doou o próprio rim ao filho que nascera apenas com um, por demais insuficiente. Alida Pellegrino, uma mãe de 79 anos que procurou a eutanásia para a própria filha vítima de enfermidade incurável que lhe causava dores horríveis, não opôs resistência aos policiais que a foram prender: disse simplesmente que desejava fazer feliz sua «filhinha» (ela já contava cerca de 48 anos) que de há muito lhe suplicava para pôr fim ao seu sofrimento. Gemma R. acusou-se de haver assassinado o marido para defender o filho que, num

momento de revolta, tinha ferido mortalmente o pai.

A mulher pérfida ou angélica, sábia ou ignorante, jamais renuncia ao amor materno, que ocupa parte essencial e insubstituível na sua existência.

E há mulheres que, não tendo filhos, depositam todo o seu amor maternal no marido, nos filhos adotivos, no próximo ou até mesmo em seu próprio trabalho ou num animalzinho. As vezes, levadas por esse impulso, por essa necessidade de preencher um vácuo doloroso em sua vida, tornam-se heroínas ou benfeitoras da humanidade.

Eis o exemplo de Josephine Baker, a célebre atriz francesa que, para satisfazer seu instinto materno e ao mesmo tempo demonstrar que era possível afetuosa convivência entre as mais diferentes criaturas, adotou uma dezena de crianças de nacionalidade e cor diferentes, fundou para elas um bairro inteiro, «Les Milandes» e, aos cinquenta anos, sem se deixar amedrontar pelo perigo de fracassar ou de parecer grotesca, tem enfrentado a estenuante fadiga de retornar ao palco na França e no estrangeiro, para representar as canções que a fizeram célebre há trinta anos. As somas obtidas são empregadas para fazer frente às enormes despesas de manutenção de «Les Milandes».

Semelhante à de Josephine tem sido a experiência tentada por Pearl Buck, prêmio Nobel de Literatura. Ferida no seu amor materno pela enfermidade da única filha, que foi internada aos primeiros anos de vida em um estabelecimento infantil, a escritora abriu sua casa da Pennsylvania aos órfãos de todos os países.

ACCESSÓRIOS NECESSÁRIOS

A LÉM de panelas, caçarolas e frigideiras, que tanto preocupam as donas de casa, a cozinha necessita de uma série de acessórios que se qualificam como indispensáveis, úteis ou simplesmente complementares. Ei-los:

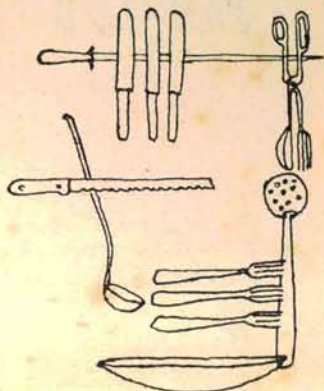
- Absolutamente indispensáveis são: três colheres de madeira, uma escumadeira, uma pequena pá furada, um garfo grande, uma meia lua (pesada e com cabo cômodo e lâmina bem afiada).

- As facas merecem citação à parte. São necessárias: uma faca tipo serra para pão; uma faquinha de lâmina curta para limpar verduras e outra, ainda de lâmina curta, para desossar o frango ou cortar as partes nervosas da carne; um espêto, uma faca grande para a carne crua, uma faca de lâmina longa e fina para o salame; um amolador de aço para afiar as lâminas de todas as facas de cozinha.

- O garfo tipo tesoura é um objeto utilíssimo: serve para recolher as fatias de assado e, com um só movimento, deixá-las cair nos pratos dos comensais.

- Para as donas de casa que gostam de fazer doces, além de uma série de torteiras especiais com fundo móvel, existem: a seringa com cinco dispositivos intercambiais de medidas diversas para cremes, natas e decorações; a espátula de borracha com cabo de matéria plástica, para espalhar creme ou massa: o prato com as doze forminhas para os biscoitos; a colher de sopa de madeira.

- Para tirar os caroços das azeitonas e cerejas, existem dois práticos desencaroçadores que fazem o trabalho rapidamente, deixando azeitona e cereja intactas.





O vestido desta noiva é confeccionado em cetim e organza. A grinalda, o ponto alto da toalete, é toda de lisases brancas e estas mesmas flôres enfeitam o véu.



BOM-TOM

A dona da casa espera sempre que as visitas se lembrem da hora de partir. Contudo, quando se trata de to-

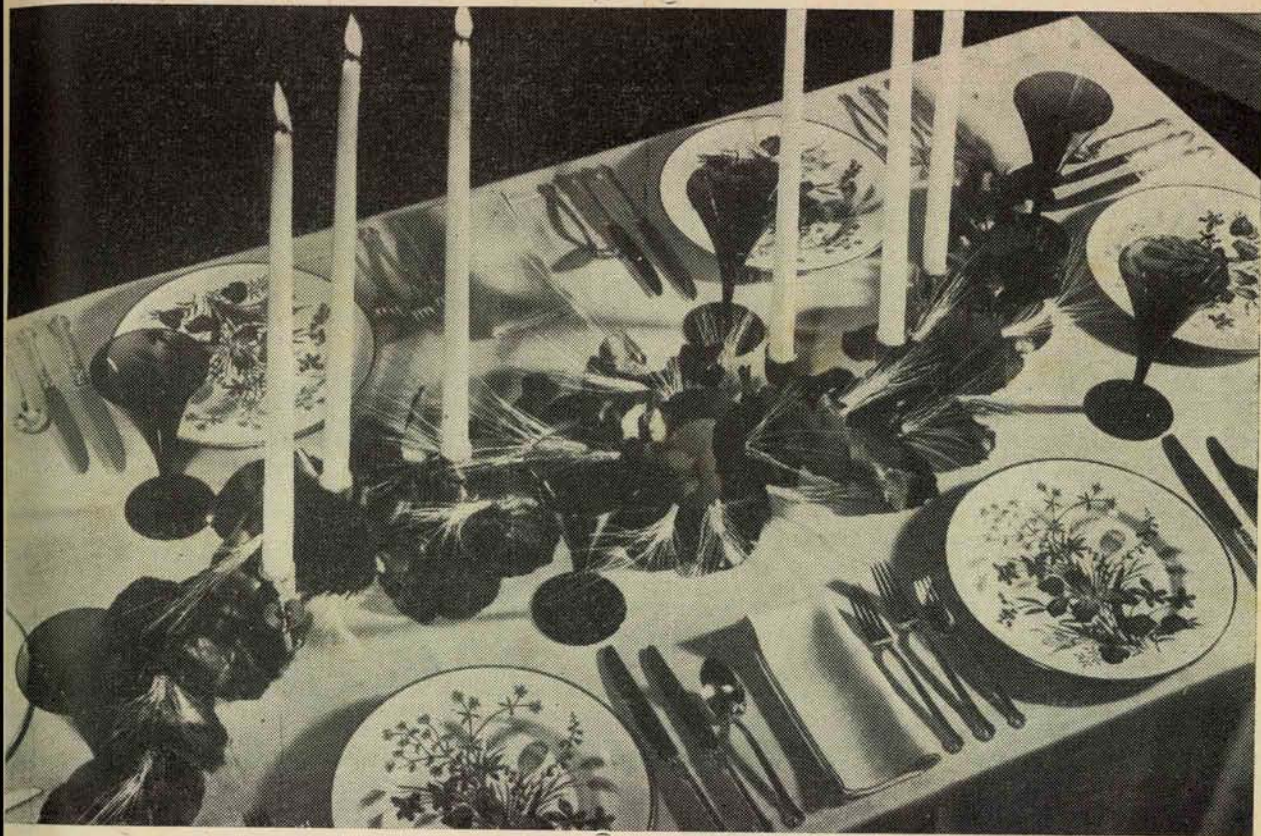
mar trem ou ônibus, é correto lembrar-lhes, caso se distraiam, de que é quase hora de dirigir-se à estação ou ao ponto de ônibus. A pessoa que perde o último trem não agradecerá de certo à dona da casa que, para ser amável, não a preveniu de que já era tarde.

As visitas íntimas escapam à etiqueta rigorosa. Toda a idéia de obrigação é daí excluída; são visitas que se po-

dem realizar a qualquer hora, com certeza de se não ser importuno. Há visitas que têm um lugar intermédio entre as visitas de cerimônia e as íntimas: são as visitas mundanas.

A regra é nunca fazer estas visitas antes das três horas. Estas visitas devem ser retribuídas no prazo de um mês.

Numa reunião, as senhoras que estiverem sentadas não se devem levantar, quando delas se despedir um cavalheiro, a



Folhagens e espigas de trigo foram o motivo ornamental desta mesa, preparada para a comemoração festiva, com certa intimidade. Observem a disposição dos castiçais, numa linha sinuosa. A toalha é inteiramente branca a fim de realçar a louça com motivos em cores alegres. (APLA).

menos que se trate de uma pessoa que, por seu cargo ou idade, mereça especial consideração, constituindo isso uma exceção à regra.

E' de mau gosto, numa reunião ou mesmo em outro lugar que se esteja, segurar com a mão um bombom, um sanduíche ou outra massa qualquer e, logo em seguida, deixá-la novamente no prato em que estavam. Denota isso fal-

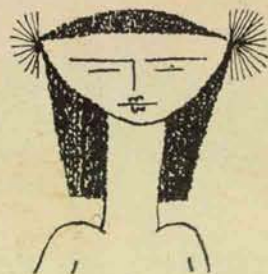
ta de educação e mesmo de higiene.

Quando se tem conhecimento de que duas pessoas não mantêm boas relações de amizade entre si, deve-se evitar convidá-las para a mesma reunião, a fim de que não passem pelo dissabor de se encontrarem. Embora sejam pessoas de educação, não é nada agradável tal encontro, ficando ambas numa penosa situação de constrangimento.



SUPREMACIA DE

Eva



SEGUNDO um grupo de cientistas ingleses, «as mulheres são mais fortes do que os homens porque suportam melhor a dor». Tratando-se do sexo masculino, «homem atacado por simples resfriado crê-se no direito de tornar impossível a vida dos outros». Não se trata de afirmação abstrata, inspirada por senso de cavalheirismo: os ditos cientistas criaram um aparelho chamado «dolorímetro», com o qual puderam demonstrar sua teoria cientificamente. Depois de haverem fixado uma unidade de dor, que chamaram **dol** e de te-

rem realizado numerosas experiências, organizaram uma tabela de intensidade dolorífica, com escala de um a dez. A dor de dentes corresponde a um **dol**; a de ouvidos e a dor nas costas, a dois; de três a quatro, as queimaduras ligeiras e afecções reumáticas; cinco as câibras; seis as feridas profundas e úlceras duodenais.

Até esse ponto, a capacidade de sofrimento, conquanto seja maior na mulher, não apresenta diferenças sensíveis entre os dois sexos. Mas, a partir dos sete **dol** (amputações) a mulher mostra-se muito mais resistente e co-

rajosa, principalmente quando deve enfrentar dores de queimaduras graves (oito **dol**), dos ataques cardíacos, das hemicranias, dos distúrbios cerebrais (nove **dol**) e da maternidade (dez **dol**).

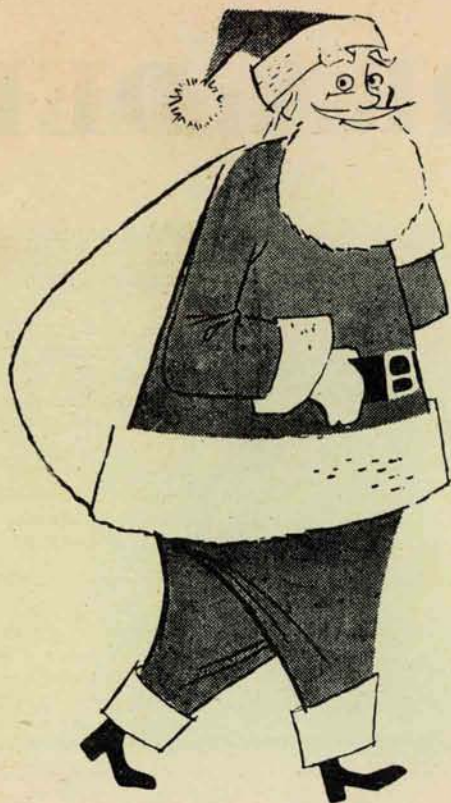
Além de ser mais resistente às dores físicas, a mulher escapa a certas enfermidades, ou pelo menos as experimenta de modo mais brando. O infarto, a úlcera duodenal, as doenças coronárias, a cirrose, o alcoolismo são quase que exclusivamente reservados ao homem, do mesmo modo que os tumores pulmonares e as doenças do aparelho respiratório.

A CLASSIFICAÇÃO DE CHEVALIER

Convidado a enumerar as dez mulheres mais extraordinárias do mundo, o célebre cantor francês, Maurice Chevalier, apresentou a seguinte classificação:



- 1) Eleanor Roosevelt, que acrescentou nova grandeza ao nome de Roosevelt.
- 2) A rainha Elizabeth, uma rainha fascinante e graciosa.
- 3) Marlene Dietrich, a essência da sedução.
- 4) Grace Kelly, uma das mulheres mais belas do mundo.
- 5) A senhora Khruchchev, pela sua gentileza e pelo seu comportamento durante a visita com o marido aos Estados Unidos.
- 6) Brigitte Bardot, uma autêntica beleza parisiense.
- 7) A senhora De Gaulle. Sua confortante influência tem ajudado um grande homem a desempenhar o seu papel.
- 8) Jacqueline Auriol, por haver demonstrado que as mulheres podem ser heróicas como os homens.
- 9) Mariam Anderson: símbolo de modéstia e nobreza.
- 10) Joan Crawford: grande artista e mulher excepcional.



Na Data Máxima,
brinde seus amigos
com o máximo
em CERVEJA!

PILSEN
extra



UMA DELICIOSA CERVEJA
ANTARCTICA

SANDRA DEE-



SANDRA Dee, uma das mais sensacionais descobertas juvenis de Hollywood, foi contratada pela Universal-International graças a seus brilhantes desempenhos em grandes programas de televisão. Depois de ter sido entrevistada em Nova Iorque pelo produtor Ross Hunter, que a convenceu a voar para a "Meca do Cinema", a loura brotinho foi submetida a um teste ao lado de John Saxon e, tendo agradado, ganhou o principal papel feminino ao lado do mesmo Saxon, em "Corações em Suplício", história dramática de tormentos da juventude. Depois disto, fez o papel de filha adolescente de Lana Turner em "Imitação da Vida" (apresentado há pouco em Belo Horizonte), e teve importante desempenho ao lado de Jeff Chandler e June Allyson em "Um Estranho em Meus Braços".

A fama não assusta esta menina-moça. Aos doze anos já era modelo e, aos treze, ganhava trinta dólares horários para posar, ocasião em que a revista "Saturday Evening Post" selecionou-a como uma das dez melhores modelos dos Estados Unidos, aparecendo ela, daí por diante, nas capas de nada menos que sete revistas de grande tiragem.

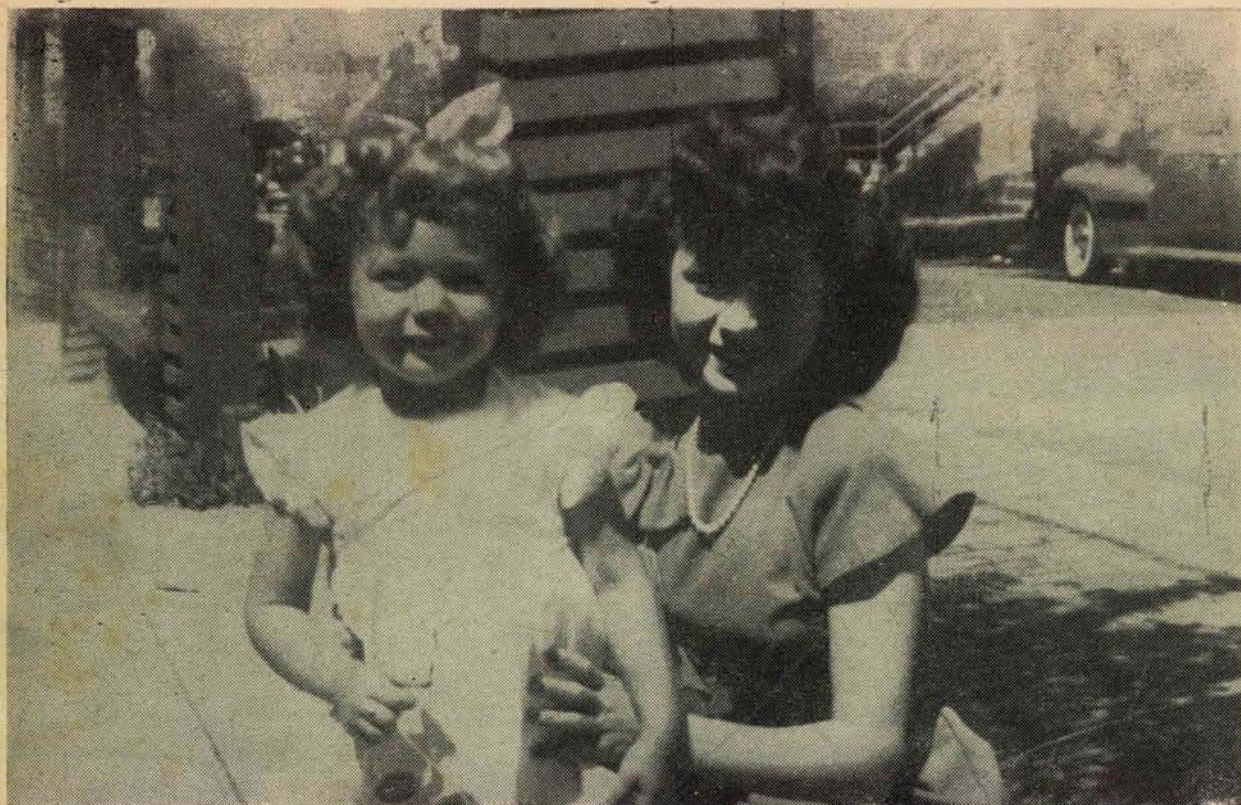
Sandra nasceu em Bayonne, Nova Jersey, a 23 de abril de 1942. Seus pais divorciaram-se quando ela ainda era pequena e sua mãe casou-se mais tarde com Eugene Douvan, o primeiro a descobrir em Sandra um talento latente de artista. A morte de Douvan ocorrida em setembro de 56, pouco antes de ser ela descoberta pelo cinema, constituiu a maior tragédia da vida da garôta.

←
Sandra adora a vida ao ar livre, patinando ou cavalgando. Além disto, gosta muito de ler revistas de cinema e conhece a filmografia de todos os principais astros dos Estados Unidos e da Europa.

Brotinho famoso



Aos 7 anos Sandra já encantava o público com seu talento artístico.



Sandra Dee aos 2 anos, em companhia de sua mãe.

SANDRA DEE

Conquanto Sandra não sonhasse com a carreira de modelo ou de atriz, introduziu-se numa e noutra inesperadamente. Num desfile de modas de caráter beneficente, organizado pelo grupo de bandeirantes a que pertencia, foi vista por Harry Conover e logo contratada como modelo profissional. No mesmo dia do contrato, o diretor artístico do "American Girl Magazine" solicitou-a para uma das capas da publicação e a carreira de Sandra Dee estava lançada.


Um ano mais tarde, a já então famosa modelo dançava com seu pai adotivo no baile anual de caridade do Waldorf Astoria, quando Huntington Hartford, interessando-se por ela, ofereceu-se para

comprar seu contrato com Conover. Na mesma noite, Oleg Cassini convidou os Douvan a sentarem-se em sua mesa e pediu a Sandra que aparecesse num dos seus desfiles de modas para a sociedade, usando uma de suas criações e um anel de diamantes no valor de 165 mil dólares. Poucos dias depois, Craig Allen contratou-a para desempenhar um papel de destaque num programa de televisão e assim, num abrir e fechar de olhos, Sandra transformou-se de modelo em atriz.

Não se passou muito tempo antes que Ross Hunter a submetesse a uma prova cinematográfica em vista da qual a Universal contratou-a imediatamente. Por duas ve-

zes a Metro insistiu em tomá-la emprestada: a primeira, para representar o papel de irmã mais moça em "Famintas de Amor" e a segunda para trabalhar ao lado de Rex Harrison em "Brotinho Indócil", filmado na Europa. A Colúmbia também seguiu-lhe o exemplo, solicitando o concurso de Sandra para o papel-título de Gidget.

Sandra reside com sua mãe em Hollywood e, em companhia das duas, moram os dois cachorrinhos de estimação da estrela, Tiki e Melinda. Além de gostar de patinar no gelo e de cavalgar, a famosa estrelinha adora cozinhar pratos russos e sobremesas complicadas, as quais, entretanto, jamais come.



Com sua graça e beleza, este
brotinho louro constitui a
maior conquista juvenil de
Hollywood nos últimos tempos.



Glen Ford insiste em dizer que não é comediante, mas a verdade é que ele está famoso pelas comédias que fez.

GLEN FORD

Um dos melhores transmissores do riso

CINEMA

PARA um ator que sustenta que jamais desempenha papéis cômicos, Glen Ford está se saindo melhor do que a encomenda. Desde «A Casa de Chá do Luar de Agosto», até «Sem Talento Para Matar», Ford tem provocado tão consistentemente o riso das platéias, que com isso não só pulou para o primeiro plano da popularidade como conquistou a reputação de ser um dos melhores transmissores de riso de Hollywood.

Não obstante, ele insiste em que não é comediante.

— Embora quase todos de meus recentes papéis sejam comédias, nelas personifico um sujeito sério, vítima das circunstâncias — explica o ator, continuando. —

São os apuros em que se mete o tipo que represento e suas tentativas para deles sair o que em verdade diverte. E Ford cita «Sem Talento Para Matar», como um perfeito exemplo disto.

O renomado ator afirma que se prepara para uma comédia exatamente do mesmo modo como o faz para um drama compacto. Ao contrário de comediantes como Bob Hope e Jerry Lewis, rissimamente as linhas de seu diálogo são engraçadas em si mesmas. Entretanto, nas circunstâncias em que elas são pronunciadas, juntamente com a incongruência de uma determinada situação, é que fazem os momentos cômicos de seus filmes.

— Se meu diálogo fizer rir se-

rá por esses motivos — diz Ford. — A prova é que se tentar dizê-lo pensando que é engraçado, o efeito será desastroso. Além de tudo, os tipos que interpreto acham que nada podem dizer que faça rir.

Essa atitude de Ford tem feito dele uma verdadeira «avisara» do cinema, o comediante romântico que é, ao mesmo tempo, ator dramático.

Quanto ao fato de ter aparecido por último mais em comédias do que em dramas, Ford o atribui somente à pura casualidade.

— No fundo, não tenho um tipo de papel predileto e creio que ator algum o tenha. As preferências são uma limitação e eu gosto de me variar ao infinito.

CIDADE AMEAÇADA —

Novo tento do cinema brasileiro

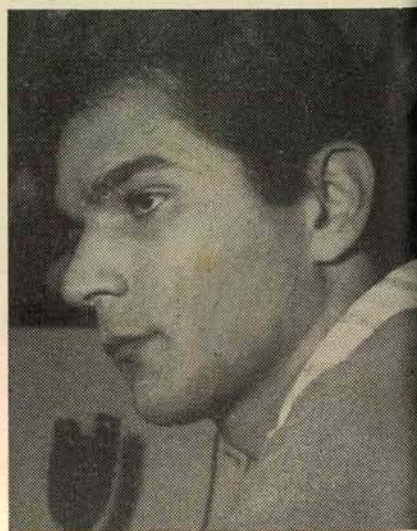
BASEANDO-SE em acontecimentos verificados nas favelas do Rio e de São Paulo, Alinor Azevedo escreveu o argumento e os diálogos da película «Cidade Ameaçada», filme que constitui, sem dúvida alguma, verdadeiro avanço na história da cinematografia nacional.

A interessante película focaliza com seriedade o problema da delinquência juvenil em nosso meio e, segundo opinião de críticos abalizados, nada tem a perder em comparação às produções estrangeiras do mesmo gênero. «Cidade Ameaçada» é um filme comercial, sem deixar de ser sério, popular, sem deixar de ser bem feito e, apesar dos senões que apresenta, não se pode negar a grandiosidade do roteiro de

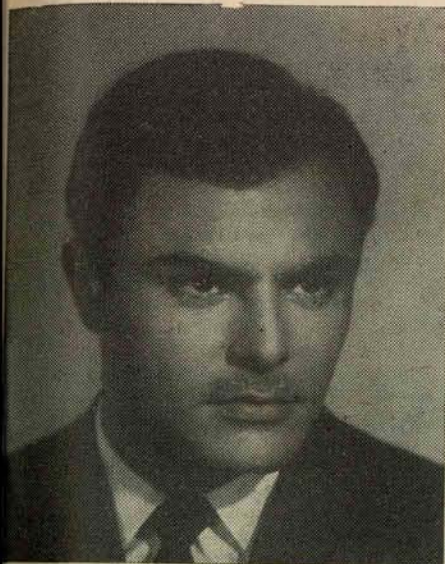
Alinor Azevedo e nem tão pouco a maestria da direção de Roberto Farias.

Segundo afirma a crítica carioca, trata-se de um filme que, na situação em que se encontra o cinema brasileiro, chega a ser uma obra de arte merecedora de estudo, de aplauso e de continuadores. Depois de ter sido exibido em dois festivais europeus, «Cidade Ameaçada» está sendo vendido em vários países estrangeiros.

O filme é distribuído pela Cinematográfica Inconfidência e conta com Eva Wilma, Reginaldo Farias, Mozael Silveira, Milton Gonçalves, Fernando Marques, Doca, Tônio Savino, Jardel Jércobes, Pedro Paulo, Ana Maria, e Fregolente nos papéis principais.



Tônio Savino, que interpreta o papel de um fotógrafo-jornalista em «Cidade Ameaçada».



JOHN SAXON

Saxon já sorri

O JOVEM ator John Saxon, que outros tempos deixava transparecer a todos sua natureza sombria e taciturna, parece ter passado por uma boa transformação, pois já é visto nos «coffee Houses» do Sunset Boulevard, com nova vivacidade estampada em seu rosto moreno. Ao que tudo indica, Saxon resolveu sorrir à vida de suces-

sos que o destino lhe proporcionou e fala-se mesmo que ele parece ter resolvido a maioria de seus problemas íntimos.

Demonstrando nova segurança pessoal e grande desembaraço em enfrentar as câmaras, John Saxon aparecerá em «Portrait in Black», ao lado de Lana Turner, Sandra Dee, Anthony Quinn e Ray Walston.

CINE - NOTAS

★ Todo mundo sabe que muita gente tem vontade de perguntar aos espceces o que é que eles usam por baixo do saio. Pois bem, Tony Curtis, que aparece em «Spartaco», produção Bryna sobre a grande revolta dos gladiadores, está apto a responder a uma pergunta semelhante. Assim, quando lhe perguntarem o que usavam os romanos de baixo de suas togas, o famoso astro responderá: — Toguinhos!

★ Embora estivesse rodeada por milhares e milhares de quilômetros de neve e gelo, nas imensas solidões do norte da baía de Hudson, no Canadá, a «troupe» do filme da Paramount «The Sauvage Innocents» viu-se frente ao angustiante problema da falta d'água. Derretendo-se o gelo e a neve, podia-se obter o precioso líquido, mas como ambos contém o venenoso verme do gelo, a água teria que ser fervida antes de ser usada. Sendo assim, um banho naquelas regiões é considerado mais do que luxo.

★ Elizabeth Taylor, em Londres, para trabalhar num filme sobre Cleópatra, foi obrigada a renunciar ao castelo que seu produtor lhe havia alugado, porque a polícia avisou-a de que, num edifício assim tão grande, suas jóias correriam o risco de serem roubadas. Depois do que aconteceu a Sofia Loren, os ricos da Inglaterra estão seriamente preocupados com a psicose do furto de jóias que assola o país.

★ A famosa atriz americana Lana Turner, mãe da adolescente Cheryl Crane que se envolveu no assassina-

to de John Stompanato, prepara-se para o seu quinto matrimônio...

★ «Os Bandeirantes», filme que Marcel Camus realizou no Brasil, será exibido brevemente em Paris, ao que parece simultaneamente com o Rio de Janeiro.

★ Marlon Brando prova mais uma vez ser inimigo do conformismo, ao suprimir um dos símbolos clássicos dos filmes «Westerns» na sua produção para a Paramount «A Face Oculta» (Ne-eyed Jacks). Em lugar de usar o característico retrato de uma cantora de cabaré em trajes sumários, que tradicionalmente enfeita o «saloon» de todo filme «Western», Brando decidiu colocar na parede uma reprodução do quadro a óleo da «Mona Lisa» de Leonardo.

★ Gene Tierney retornou a Hollywood para recomençar sua carreira cinematográfica, interrompida há alguns anos por motivo dos vários distúrbios nervosos de que foi vítima a talentosa estrêla.

★ Trapspiram pouquíssimas informações dos estúdios de Joinville, onde H. G. Clouzot filma «La Verité» e onde os «sets» estão rigorosamente interditados aos jornalistas.

Não obstante todo este rigor, o realizador e sua estrêla concederam uma entrevista à imprensa, tendo B. B. se saído muito bem dela. Livrando-se das armadilhas que por vezes lhe eram atiradas, a famosa atriz demonstrou-se bastante hábil na arte da réplica. Aqui está uma

de suas respostas:

— Sobre o fato de saber se meu desempenho era «vestido» ou não, só tenho a dizer que não classifico meus filmes em «vestidos» e «despidos». Há bons e maus filmes. «La Verité» será um bom filme, ainda que comporte cenas de desnudamento. Se uma cena como tal encontra seu lugar numa película, se é, como se diz, «en situation», se é necessária à compreensão do filme, no desenvolvimento lógico da trama, não vejo razão por que me recusaria a posar para tal cena.

★ Christian Jaque passou pelo Rio de Janeiro, de volta de Buenos Aires para Paris. Permaneceu alguns dias na Argentina e também no Paraguai, onde deve realizar os exteriores de seu filme «Sur la terre comme au ciel». Christian procurará seus dois principais intérpretes no Brasil.



Brigitte Bara



ESPORTISTAS

Tudo para esportes pelo
Reembolso Postal —
Compre pelos preços do
balcão.

Peçam catálogos de pre-
ços de artigos para fute-
bol, voleibol, basquetebol,
natação, etc.

CASA
RANIERI
LTDA.

Rua Caetés, 317 —
B. Horizonte

PRESENTES

que revelam bom gosto.

- Canelas
- Isqueiros
- Canivetes
- Tesourinhas

Limões

AV. AFONSO PENA, 910
BELO HORIZONTE

CONSERTOS — GRAVAÇÕES

Deseja um clichê de qualidade ga-
rantida e com a máxima presteza?
Envie o seu original para a SOC.
EDITORA ALTEROSA LTDA.,
Caixa Postal 279, Belo Horizonte.

Agnes Ayres

Conclusão da pág. 100

Itália recebe, já no Brasil, uma carta de Alfredo Sernicoli, da Rádio Italiana, dizendo ter retirado "Lucia di Lammermoor" da programação daquele ano, preferindo esperar o regresso do nosso soprano para então gravar a obra de Donizzetti.

Seria extenso demais relatar aqui os convites que Agnes Ayres tem recebido, de diversos pontos da Itália, para cantar as óperas de seu repertório. Ela continua entre nós, e sem as oportunidades que merecia. No Brasil já cantou em São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Vaticinamos, para breve, a sua ida definitiva para a Europa, para uma gloriosa carreira, e é uma pena que o Brasil todo não tenha tido oportunidade de ouvi-la antes disso. De seus aparecimentos no Brasil, merece especial referência, sua interpretação da Condessa de Boissy, no teatro Municipal de São Paulo em 1955, com Antonietta Stella e Giuseppe Taddei, numa extraordinária noite de "Lo Scchiavo" de Carlos Gomes. Dessa récita disse o crítico do "Estado de São Paulo" ter sido Agnes Ayres a melhor figura da noite.

REPERTÓRIO

Agnes Ayres já cantou no Teatro: Rigoletto, Traviatta, Lucia

di Lammermoor, Barbeiro de Sevilha, La Bohème, Lo Scchiavo, Elisir de Amor, Pagliacci, Don Pasquale, Pescadores de Pérolas. Na Rádio cantou, ainda: La Sonambula, Mignon (papel de Titania), I Puritani, Flauta Mágica, Bodas de Fígaro, Gianni Scchichi, Il Guarani.

Este breve resumo de uma vida fatalizada pelo canto, de uma voz em plena pujança e com todas as possibilidades de um maior aperfeiçoamento, de uma expansão inimaginável de seus recursos, pretende registrar o momento de uma artista de rara envergadura. Uma artista que o público já conhece e ama. Só quem anda pelos corredores do Teatro Municipal do Rio pode avaliar o reconhecimento que o público dedica a Agnes Ayres, o respeito com que se refere aos seus aparecimentos. Por que ela exatamente impõe respeito, sua expressão lírica é de uma estudiosa permanente, de quem tem consciência de sua responsabilidade e não se esquivava às renúncias que esta tomada de consciência exige. Teremos ainda muito que falar em Agnes Ayres. Um breve tempo, depois desta reportagem, abrirá perspectivas que nem imaginamos para esta mulher que, em nossos palcos, eleva a ópera à condição de obra de arte.

☆☆☆

Cães que Morrem Duas Vêzes

Conclusão da pág. 36

sinalados abrem imensas perspectivas no sentido do prolongamento da vida. As cobaia humanas virão mais tarde e aí, provavelmente, saberemos muita coisa sobre o angustiante enigma da morte.

Na União Soviética chama-se Vladimir Negovsky o homem que comanda as pesquisas nesse setor. Dêle se diz que põe e dispõe dos cachorros com desembaraço pasmante. Mata-os para, em seguida, fazê-los ressuscitar, com perícia científica e tranqüilidade absolutas, resultantes de longa experiência a que não têm faltado os reveses.

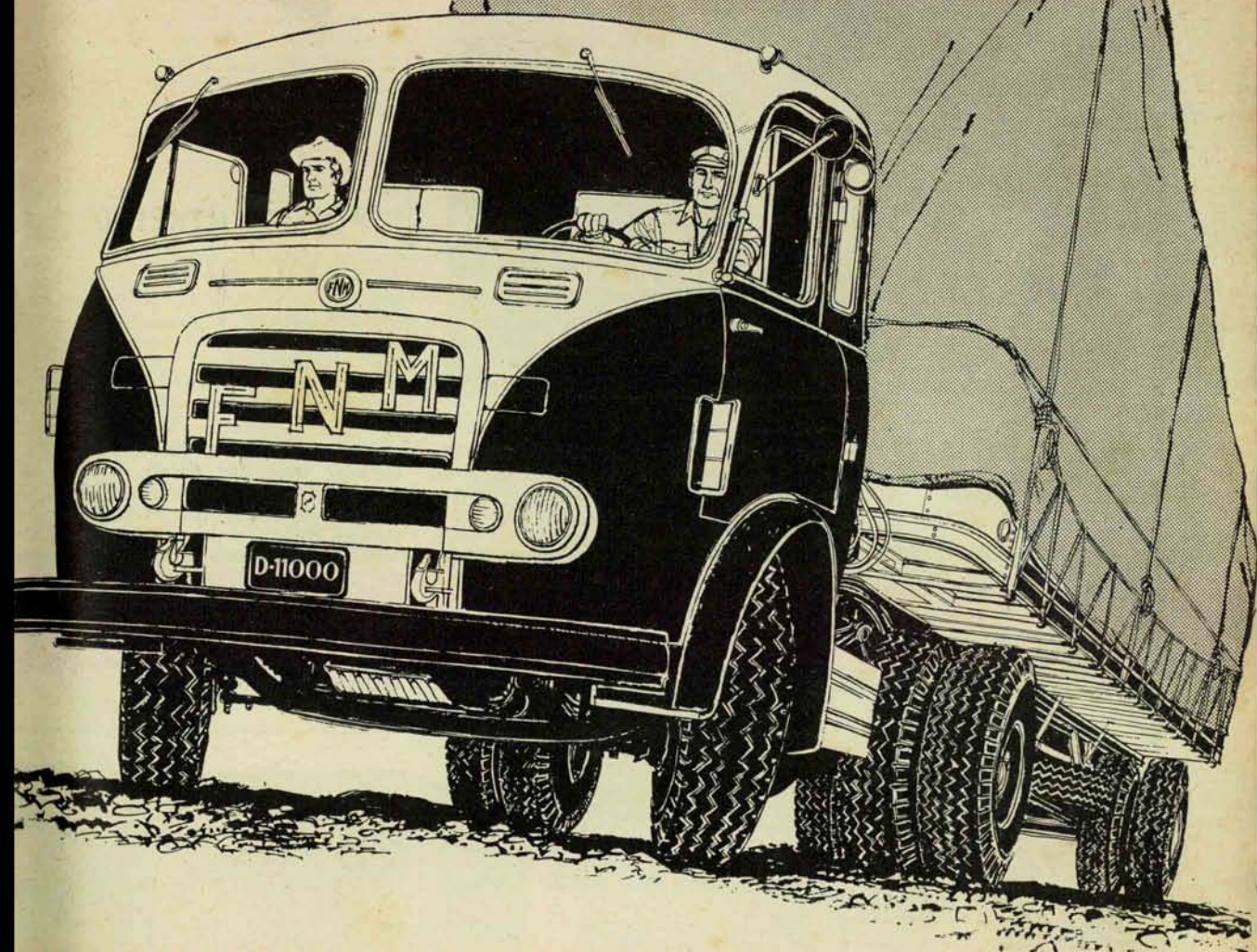
Para matar, êle usa um processo aparentemente singelo que consiste em interromper as batidas do coração da cobaia. Mais complexos, porém, são os meios de obter a revivificação do organismo. Depois de ocorrido o óbito o corpo é mantido em gelo a fim de que a baixa temperatura per-

mita adiar até cerca de 60 minutos a decomposição das células nervosas. A fase seguinte que poderá ser iniciada momentos antes do prazo fatal, exige o bombeamento do sangue paralisado nas artérias para o coração e do ar nos pulmões, ao mesmo tempo em que se aplicam choques e massagens no órgão cardíaco a fim de restabelecer suas contrações coordenadas.

Da mesa de operações, os singulares passageiros da morte saem para uma breve convalescença e, logo em seguida, retornam à normalidade dos antigos hábitos. A operação aparentemente não afeta sua saúde. Fortes e rijos, passeiam livremente pelos prados que circundam os laboratórios da Academia de Ciências Médicas. Muitos aguardarão ainda longos anos até que a velhice os conduza a um novo encontro com a morte, desta vez para uma viagem sem volta.

Bom mesmo é Fenemê!

P.ALEGRE-FORTALEZA



PARA TRANSPORTE PESADO

Caminhão FNM

- o mais provado nas grandes frotas

Resistente, versátil, robusto, um Fenemê* se paga em pouco tempo. Transporta mais carga a um custo mínimo de operação. Sua manutenção é muito mais econômica: apenas 0,400 kg de lubrificante e 28 litros de combustível, por 100 km de carga máxima!



- Motor diesel, tipo Alfa-Romeo, de 150 HP, com 6 cilindros em linha e 7 mancais
- Único com bloco de liga leve de alumínio e camisas removíveis

UM PRODUTO DA
FÁBRICA NACIONAL DE MOTORES
PIONEIRA DA INDÚSTRIA AUTOMOBILÍSTICA BRASILEIRA

* DESIGNAÇÃO POPULAR DO CAMINHÃO FNM DIFUNDIDA EM TODO O PAÍS.



PINTOR MINEIRO EM MIAMI

SOB o patrocínio do Cônsul do Brasil em Miami, sr. Ruy de Mello Teixeira, foi inaugurada, naquela cidade americana, uma exposição de quadros de autoria de Edgard Walter, e organizada pelo doutor Milton Verçosa, membro da Academia Mineira de Belas Artes. O renomado pintor brasileiro ofereceu, na ocasião, um dos seus mais belos

quadros à Municipalidade de Miami, recebendo, das mãos do Prefeito Robert King High, a chave simbólica de ouro, da cidade, e um diploma enaltecendo as suas qualidades artísticas. Na mesma ocasião, o Cônsul do Brasil recebeu das mãos do Prefeito, um diploma, pela sua colaboração no estreitamento cultural entre o Brasil e Estados Unidos.

Na foto, vêem-se, da esquerda

para a direita: o pintor e decorador brasileiro Sérgio Taranto; o agregado cultural do Consulado do Brasil em Miami, sr. Rafael Neira; o dentista mineiro Milton Verçosa; o cônsul Ruy de Mello Teixeira; o Prefeito de Miami, sr. Robert King High; o famoso pintor brasileiro Edgard Walter; e o representante da Real Aerovias Brasília, sr. Wenceslau Galera.

SAMBA DÁ VOLTA AO MUNDO

O CONJUNTO típico Samba Brasileiro, dirigido por Victor Simon, realiza presentemente uma «tournée» na União Soviética, sabendo-se que atuou com grande êxito na cidade de Minsk, Capital da Bielo-Rússia. Por último, em meados de agosto, os brasileiros fizeram uma apresentação de estréia para o público de Moscou.

Do programa constam canções populares, danças e músicas do Brasil. E, segundo ficou constatado, o maior interesse do espectador russo concentra-se nos originais ritmos de nossa terra e nos instrumentos populares brasileiros.

Victor Simon, conhecido na União Soviética como autor da

canção **Rio de Janeiro**, granjeou logo muita popularidade naquele país, interpretando com muito gosto as canções **O Vagabundo**, **Canção do Pescador**, **O Adeus ao Mar** e **à Moça**, todas baseadas em nosso folclore.

O público russo apreciou muito a cena cômica **Orquestra de Malucos**, interpretação improvisada de Victor Simon, Antoninha Flamarion, Alcebiades, e os talentosos irmãos Célio e Celso Garcia. Obteve particular êxito entre as platéias moscovitas o quadro **Carnaval no Rio de Janeiro**, no qual atuam todos os artistas da companhia. Obtiveram igual aplauso os números de canto e dança subordinados ao título **Viva o Café**, e também o quadro **No Café**.



Aspecto da sala do teatro durante Samba Brasileiro, na

Autêntico ponto alto do programa é a atuação do violonista Luís Alan, músico que domina com virtuosismo o instrumento. Quando executa as composições

NA tarde iluminada de outubro, o aparelho do vôo 375 da Eastern Air Lines deslizou pela pista do Aeroporto Internacional de Logan, Boston, e rapidamente ganhou altura. Daí a pouco, porém, quando já se encontrava a algumas centenas de metros de altura, subitamente rodopiou sobre sua asa esquerda e mergulhou para a morte nas frias águas da Baía de Winthrop. Voador alto sobre o porto da cidade, um piloto de outro avião comercial berrou no microfone: «Tôrrre, um Electra acaba de mergulhar no mar».

Em minutos, a beira-mar encheu-se com multidão de curiosos. Uma quantidade tal de barcos aglomerava-se nas proximidades que a operação de salvamento ameaçou transformar-se em maior desastre do que a própria queda do gigantesco aparelho. Quando anoiteceu, uma impressionante coleção de corpos, muitos ainda presos às suas poltronas, ia sendo reunida na praia. Um apelo transmitido pelo rádio para que viessem mergulhadores, trouxe dezenas destes. Na confusão, sobreviventes eram confundidos com mortos. Uma autoridade da base aérea tirou um cobertor que estava sobre um corpo; aplicou um ressuscitador e acabou trazendo um «morto» à vida. Dos sessenta e sete

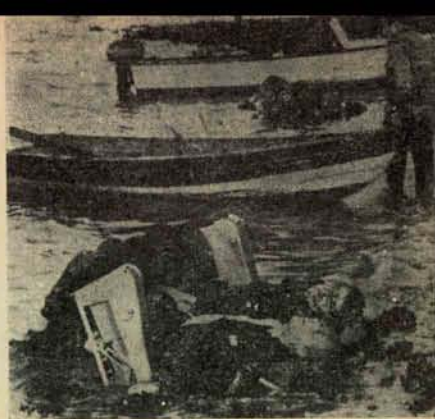
PÁSSAROS TAMBÉM MATAM

passageiros e cinco tripulantes, apenas doze sobreviveram.

Grande controvérsia criou-se nos Estados Unidos com a queda do avião Electra. Tais aparelhos há muito vinham sendo vistos com maus olhos pelas autoridades. Apresentavam falhas e já se providenciara para que a Lockheed lhes aplicasse alguns melhoramentos reforçando-lhes as asas, cuja fraqueza fôra apontada como responsável por desastres anteriores.

No entanto, no caso presente, os motivos foram outros. Enquanto levantava vôo, o aparelho chocara-se com um bando enorme de estorninhos pousados na pista. Segundo várias versões, os

pássaros obstruíram a tomada de ar de uma ou mais turbinas do lado esquerdo da aeronave. Podem mesmo ter obstruído o mecanismo controlador dos grandes motores do avião, causando incêndio. Depoimentos de mergulhadores indicaram que a fuselagem do aparelho ainda se achava debaixo d'água, borrifada de despojos de pássaros. E, embora o Electra seja desenhado para voar com dois motores apenas em caso de emergência, a perda de dois motores de um só lado, exatamente no momento crítico da decolagem, pode ter determinado que o aparelho rodopiasse agudamente vindo a estatelar-se no mar.



TRAGÉDIA EM BOSTON
Trabalhos de buscas.



uma apresentação do conjunto
Capital da URSS.

de sua autoria **Rapsódia Brasileira, Irmãos de Música** (fantasia de melodias brasileiras, e de compositores soviéticos), bem como a primeira parte da **Sonata ao**



O guitarrista brasileiro Luís Alan, que fez vibrar a platéia
no Parque "Ermitage", em Moscou.

Luar, de Beethoven, geralmente ouvem-se prolongadas palmas na assistência.

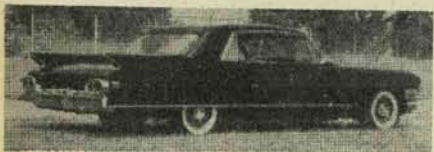
Depois de se apresentar ao pú-

blico de Moscou, o conjunto **Samba Brasileiro** levará sua arte ao público de Leningrado, Tallin, Baku, Riga, Vilnius, Kiev, Lvov e Stalino.

AUTOMÓVEIS: CHEGAM MODELOS 1961



1 - LINCOLN CONTINENTAL PHAETON



2 - CADILLAC 60 SPECIAL



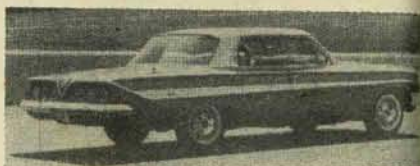
3 - PONTIAC TEMPEST



4 - OLDSMOBILE SUPER 88



6 - CHRYSLER NEW YORKER



7 - CHEVROLET IMPALA

5 - STUDEBAKER LARK

Preços : os mesmos ou mais baixos.

OS fabricantes de automóveis dos Estados Unidos acabam de lançar os modelos de carros para 1961. Logo de início observa-se que os novos modelos não diferem muito dos anteriores, passando a constituir surpresa o fato dos preços de alguns deles terem sido mantidos, ao passo que os de outros foram até rebaixados. Os modelos Chevrolet e Oldsmobile, por exemplo, ambos da General Motors, não sofreram alteração no custo dos tipos de categoria Standard. Já a Studebaker-Pakard reduziu 39 dólares, em média, no preço de cada um de seus carros. Quanto à Chrysler, manteve os mesmos preços em todos os seus Dodges,

Plymouths e De Sottos, só se verificando pequena alteração nas novas séries do Imperial. O compacto Valiant, da mesma Chrysler, sofreu uma redução de 19 dólares referentemente ao tipo econômico, e 34 dólares, para o tipo luxo. O compacto Corvair, da GM, teve igualmente seu preço diminuído em 35 dólares.

A Pontiac, divisão da GM, introduziu o novo compacto Tempest, de 4 cilindros, dotado do revolucionário sistema do transeixo. Custa 1975 dólares, nada menos de 200 dólares mais barato do que os compactos das suas irmãs, a Buick e Oldsmobile.

A Ford também anuncia a queda nos preços de seu Mercury, tendo sido mantidos para os outros produtos seus os preços até agora em vigor. O lançamento

de um modelo em tamanho menor, do Lincoln, constituiu também uma das novidades oferecidas pela Ford. Destas, ressalta-se o Lincoln conversível de quatro portas, modalidade desaparecida desde 1941, quando assim apareceram Buicks e Cadillacs.

Entretanto, uma das maiores surpresas foi causada pela garantia a ser oferecida de agora em diante pela Ford aos compradores de seus carros. A garantia, fornecida por escrito, é válida por um ano, ou por 12.000 milhas rodadas, compreendendo todos os seus produtos. Tomando conhecimento dessa inovação, a General Motors e a American Motors apressaram-se para fazer o mesmo. As garantias postas em prática até agora não ultrapassavam 3 meses, ou 4 mil milhas rodadas.

NAS últimas semanas, um estado de grande tensão desenvolve-se na Polônia: os comunistas acabam de arrancar os crucifixos de diversas igrejas e ordenaram o fechamento de alguns locais destinados ao culto religioso. Em Cracóvia, grupos de cidadãos ergueram barricadas diante de duas igrejas ameaçadas de fechamento. Numa zona rural várias pessoas se opuseram a uma

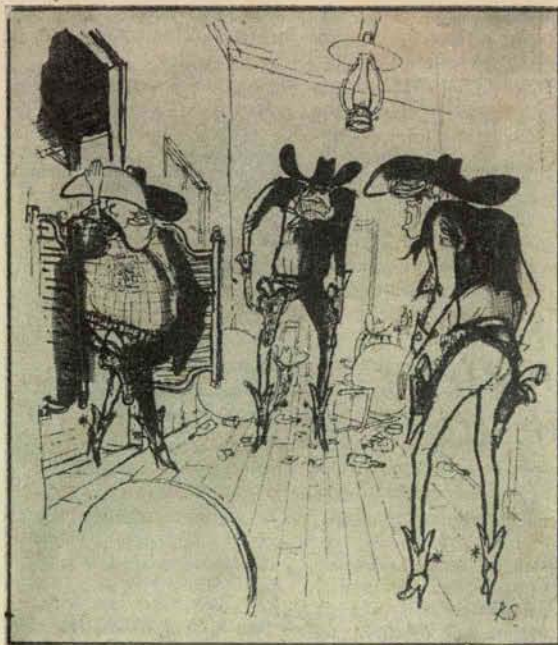
tentativa de se interditar uma capela. Um entendido norte-americano de problemas do outro lado da Cortina de Ferro, declarou: «O degelo começou em 1956, depois da subida ao poder de Gomulka, está definitivamente terminado. E' impossível prever-se o que sucederá agora». Mon-senhor Ladislau Staniszewski, figura eminente do catolicismo polonês, refugiado na Inglaterra,

ACONTECE NA POLÔNIA

disse: «Os comunistas estão apertando o cerco. As restrições se multiplicam e as relações entre a Igreja e o Estado nunca foram piores do que agora».

TEMPO QUENTE NA ONU

ASSIM, muitos jornais norte-americanos viram a turbulenta chegada, permanência e saída do Primeiro Ministro Nikita Kruchev na ONU. A legenda, que acompanha o original da charge, sugere um diálogo característico ao melhor estilo «far-west», e apresenta os dois «cow-boys» americanos dizendo um para o outro: «Howdy, estrangeiros!». Como se sabe, a Conferência de Chefes de Estado, realizada na ONU, e a que compareceram dirigentes dos mais diferentes países do globo, foi um dos grandes acontecimentos do ano que está a terminar. Representou, na pior das hipóteses, algum esforço para diminuir a tensão internacional.



GRANDE escândalo, talvez mesmo o maior do ano, foi causado por Mauricio Rosal, Embaixador da Guatemala na Bélgica e Países Baixos. Cerca de trinta investigadores empenhados na repressão ao uso de narcóticos, em Nova Iorque, realizavam uma diligência, disfarçados em motoristas de táxis, entregadores e pedestres comuns. A um sinal, os policiais adiantaram-se. E encontraram o procurado: nada menos de 50 quilos de heroína, cujo custo eleva-se, nos Estados Unidos, a 20 milhões de dólares (algo aproximado da fabulosa soma de 3 bilhões, setecentos e 80 milhões de cruzeiros). Daí a pouco estava sendo preso o Embaixador, juntamente com mais dois companheiros, constituindo esta medida uma das fases daquilo que foi considerado a maior apreensão de entorpecentes da história dos Estados Unidos.

Filho de um médico guatemalteco e mãe francesa, Rosal era amigo do ditador Jorge Ubico, tendo servido na embaixada da Guatemala em Honduras até casar-se com a filha do ditador Tibúrcio Carias, deste último país. Ai, então, mudou de nacionalidade a fim de ocupar a embaixada hondurenha em Paris. Neste cargo permaneceu até um rumoroso litígio com sua esposa. Retornou, em seguida, à Guatemala

INDISCRICÃO NA DIPLOMACIA

la, onde ajudou na campanha presidencial de Miguel Ydígoras Fuentes, tendo, como recompensa, sido guindado ao posto que ultimamente ocupava.

Uma pista longa e tortuosa foi seguida até que se descobriu ser o embaixador Rosal a chave de vultoso contrabando de entorpecentes. Há dois anos a polícia dos Estados Unidos vinha-se empenhando em esclarecer o assunto. Um dos implicados era o grande negociante de tecidos, em Paris, Etienne Tarditi. Tarditi deixara Paris em agosto último e, nos EE.UU., era visto constantemente em companhia do embaixador Rosal. A polícia americana descobriu também que Rosal fa-



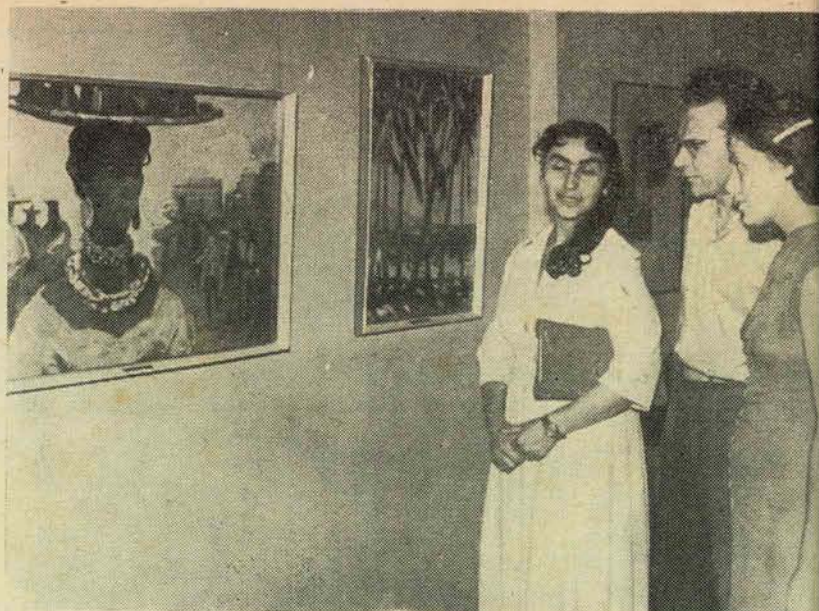
EMBAIXADOR ROSAL

zia viagens frequentes demais aos EE.UU. Alertaram os funcionários aduaneiros, mas a bagagem do embaixador, por cortesia diplomática, não era inspeccionada.

Afinal, a polícia resolveu pôr as coisas definitivamente a limpo, e agiu enquanto Rosal achava-se na companhia de Tarditi. Rosal imediatamente apelou para as imunidades diplomáticas, mas foi informado de que as suas credenciais na Bélgica e Países Baixos não surtiaram efeito ali. Não tendo pago uma enorme fiança de 250 mil dólares a que foi convidado, acabou sendo preso. Seu velho amigo, o Presidente Ydígoras Fuentes, não teve alternativa senão demiti-lo.

PANORAMA

MÉXICO VISTO POR UM PINTOR SOVIÉTICO



Visitantes contemplam trabalhos do pintor soviético E. Rsakluiev, que regressou de uma viagem ao México.

RECENTEMENTE, inaugurou-se na Capital da URSS uma exposição de desenhos do pintor soviético Elbek Rsakuliev, que, em fins do ano passado, estivera no México integrando uma delegação de artistas de seu país. As duas semanas passadas no México não foram desperdiçadas por Rsakuliev, que aproveitou a oportunidade para realizar mais de oitenta desenhos, nos quais mostra a vida e os costumes do povo mexicano e a natureza daquele país latino-americano.

A inauguração da mostra contou com a presença do sr. Suslov, secretário da União de Pintores da URSS e do sr. Ernesto Madero, Encarregado de Negócios da República do México em Moscou. Os desenhos de Rsakuliev traduzem amor pelo povo mexicano e foram realizados com o desejo de mostrar aos soviéticos o México, tal qual é, tal qual o viu o pintor com sua perspicácia. Entre eles aparecem as edificações antigas, as aldeias, o palácio de Cortez, edifícios modernos da cidade do México, etc.

O artista reproduziu com inspiração e espontaneidade a natureza típica do México. Mas, por muito boas que sejam as paisagens, o maior interesse reside nos trabalhos que representam os homens simples do México.

A exposição tem alcançado grande êxito entre os moscovitas. É visitada por pessoas das mais diversas profissões, todas elas demonstrando, através de notas inscritas no livro próprio, a sua grande admiração. (Correspondência de Marina Khalatúrova).

AS MENOS ELEGANTES

ATRIZ menos elegante do mundo, segundo uma classificação da Associação americana dos desenhistas de moda, é Zsa Zsa Gabor, que «tem perfeitamente o ar de um automóvel coberto com um pára-quadras de «nylon».

No segundo posto, conforme a mesma classificação, vem Debbie Reynolds, «que deveria abandonar os vestidos que lhe dão o ar de uma menina que arrombou o guarda-roupa da mamãe». Seguindo na ordem vêm Gina Lollobrigida, Shirley Mac Laine, Jayne Mansfield, Marilyn Monroe, Joanne Woodward, Joan Collins, Janet Leigh e Katharine Hepburn, todas deselegantíssimas.



SUPERSÔNICOS

OUTRO acontecimento marcante de 1960: com o aparelho X-15, que aparece na foto, Joe Walker (ao centro) atingiu a velocidade recorde de 3.460 quilômetros horários. A

esquerda, aparece o piloto Scott Crossfield, que efetuou os vãos de prova com o aperfeiçoado avião de fabricação norte-americana. Walker conta 39 anos de idade; Crossfield, 38.

MARIA CALLAS EM 2ª EDIÇÃO



MENEGHINI COM "PROTEGÊ"
Uma nova tentativa.

O INDUSTRIAL de Milão Giovanni Meneghini tem um «hobby» que não lhe tem trazido, nos últimos meses, outra coisa a não ser pesar. Sempre se considerou um descobridor de talentos e tem os seus ouvidos

constantemente afinados e voltados para jovens (promissoras) cantoras da ópera. Até hoje, sua mais notável descoberta foi sem dúvida a escandalosa soprano Maria Callas, que conta 36 anos, e a quem Meneghini, tendo encontra-

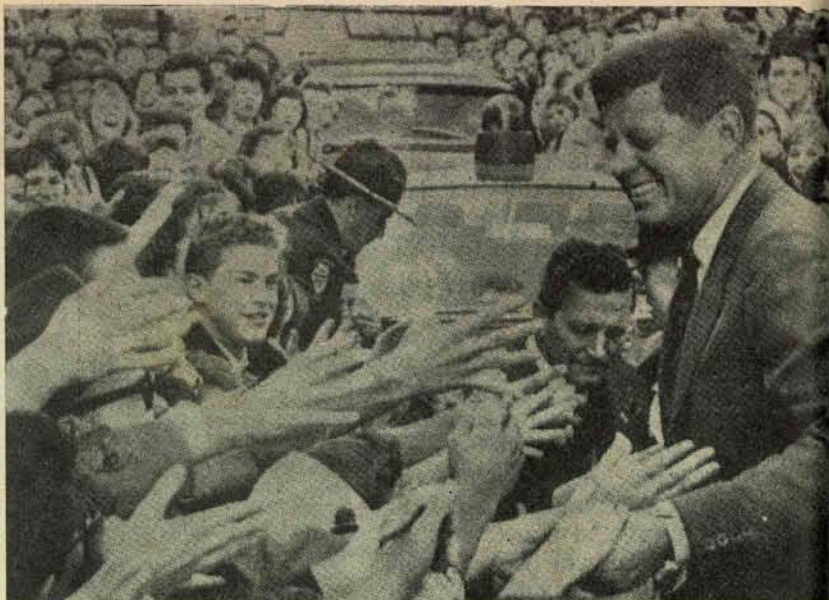
do no anonimato, treinou com os melhores professores de canto da Itália, aconselhando-lhe uma rigorosa dieta, a fim de fazê-la perder a gordura e tornar-se esbelta. Segundo alguns, o maior erro de Meneghini, ao arrancá-la ao ostracismo, foi casar-se com Maria. Agora, depois de dez anos de matrimônio, acham-se separados, enquanto ela se envolve em vergonhosos escândalos com o armador Aristóteles Onassis.

Momentaneamente, pareceu que Meneghini, por razões que ele próprio talvez desconhecasse, mas seu coração conhecia muito bem — ficara profundamente desgostoso com a partida de Maria. Isto, entretanto, não foi confirmado nos dias últimos, quando seu ouvido parece ter funcionado novamente, e de acordo com o diapasão. Desta vez, a voz que lhe agradou foi a da jovem cantora Silvana Tumicelli, de 23 anos, filha de um fabricante de móveis italiano. Meneghini tem esperanças de lançar a sua nova «protegida» dentro do mesmo estilo em que o foi Maria, pretendendo aperfeiçoar sua arte no Teatro La Fenice, de Veneza. Como terminará isto? Uma das amigas de Silvana disse outro dia: «Ela é parecida com Callas — só, que não precisa de ir fazer dieta nenhuma». Na verdade, Silvana não tem necessidade de reduzir seu peso: ela já é, antes, como Maria tornou-se, depois.

LUGAR COMUM

ASSIM aparece Elizabeth Seal na peça teatral intitulada *Irma Le Douce*, que se acha em apresentação na Broadway. A peça vem obtendo grande sucesso em Nova Iorque e tem uma história complicada e interessante. Um rapaz se apaixonou por Elizabeth, e por ela se toma de ciúmes. A ponto de, para conquistá-la «in totum», por assim dizer, lança mão do artifício de transformar-se, mascarando-se num velho de óculos e com barbas grandes. Depois, numa seqüência cômica, o rapaz simula matar o velho, isto é, ele mesmo. O enredo vai por aí a fora, e não constitui o objetivo desta nota. O assunto não se pode dizer que seja de todo internacional. Mas a beleza da protagonista o é. A beleza é lugar comum em Elizabeth.





Kennedy, quando serviu à Marinha dos EE.UU. no posto de Tenente. * Em ação, quando ainda candidato.

PRESIDENTES DOS EE.UU. PROVAM: IDADE NÃO É DOCUMENTO

PENSA-SE comumente que, para atingir-se cargo tão prestigioso como o de Presidente dos Estados Unidos, torna-se necessária uma idade muito avançada. Todos nós imaginamos o primeiro cidadão norte-americano como um homem obrigatoriamente encanecido, que já tenha acumulado muitas experiências e atingido a Casa Branca só no fim da existência.

Na realidade, porém, não ocorre sempre assim. Dos 33 homens que até hoje regeram o destino dos Estados Unidos (de Washington, a Eisenhower, inclusive) apenas sete ocuparam a presidência tendo mais de sessenta anos. São os seguintes: John Adams (61), Andrew Jackson (61), William Henry Harrison (68), Zachary Taylor (64), James Buchanan (65), Harry S. Truman (64), Dwight David Eisenhower (62). Dentre estes, o mais velho, como se vê, foi Harrison, a quem a sorte (ou o azar) concedeu um brevíssimo mandato

de um mês apenas: de 4 de março a 4 de abril.

Mas, deve-se notar um outro pormenor: dos sete mais idosos, nada menos de 5 acham-se colocados na lista dos primeiros 15 presidentes. Efetivamente, de 1861 (fim do mandato de Buchanan — quinto dos citados, e 15º presidente) até Truman, que chegou ao Poder em 1945, nenhum atingiu-o com mais de sessenta anos.

Qual, então, a média das idades, segundo a estatística? A resposta pode surpreender: *cinquenta e quatro anos e nove meses*, uma idade relativamente "jovem", se se tiver em conta a soma dos deveres e poderes que cabem ao Presidente dos Estados Unidos.

E não é só. Vimos que vinte presidentes se encontravam, no início de seu mandato, entre a idade de cinquenta a sessenta anos, mas, podemos notar, por outro lado, que não poucos, exatamente seis, foram eleitos para o alto cargo, ainda em meia idade. James Knox Polk foi

eleito Presidente aos 49 anos; Frank Lin Pierce, aos 48; Ulysses Simpson Grant, aos 46; James Abraham Garfield, aos 49; Grover Cleveland, aos 47; Theodore Roosevelt, aos 42. Este último, aliás, foi o "benjamim" dos presidentes norte-americanos. A 6 de setembro de 1901, William Mc Kinley, que acabara de ser reeleito, foi atingido por dois tiros de revólver. Oito dias depois expirava, e o vice-presidente Theodore Roosevelt prestava juramento, sucedendo-o na Casa Branca.

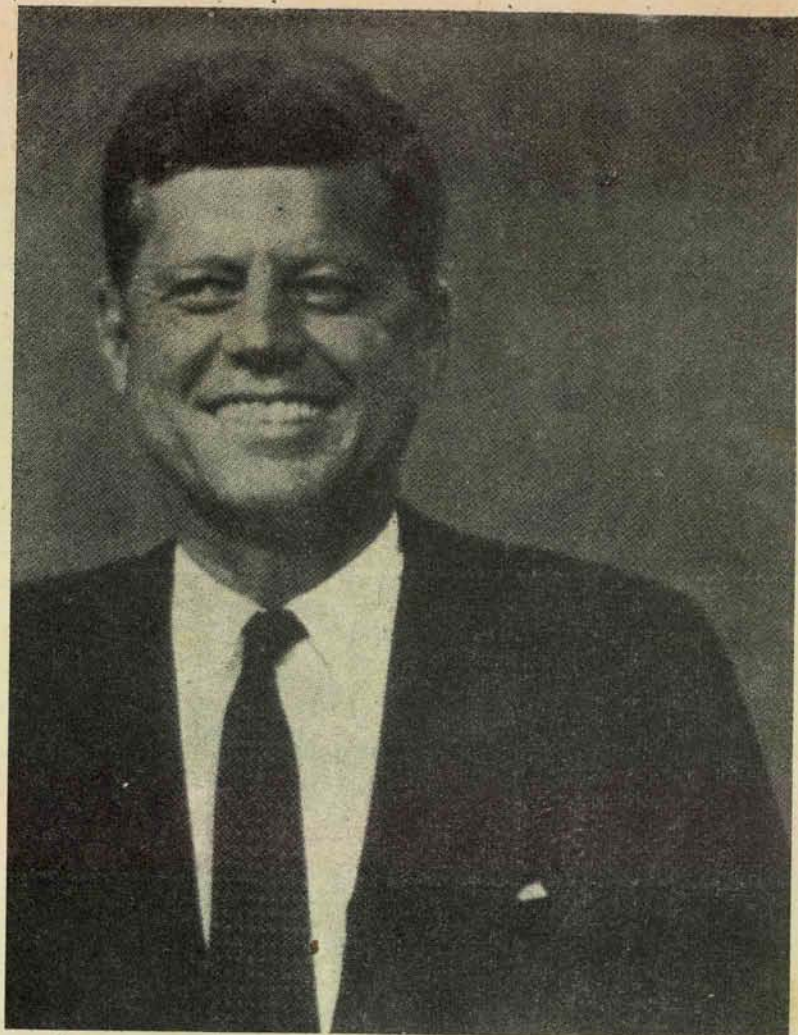
Igualmente jovens foram, como se sabe, os candidatos às últimas eleições nos Estados Unidos. O Presidente eleito John Kennedy conta apenas 43 anos. Talvez tenha sido a sua pouca idade que lhe tornou possível fazer frente à exaustiva campanha eleitoral, em que se empenhou, cheia de lances arrojados. Tanto Kennedy quanto Nixon enfrentaram duros testes, inclusive e principalmente os travados na televisão.

Presidente eleito John Kennedy.

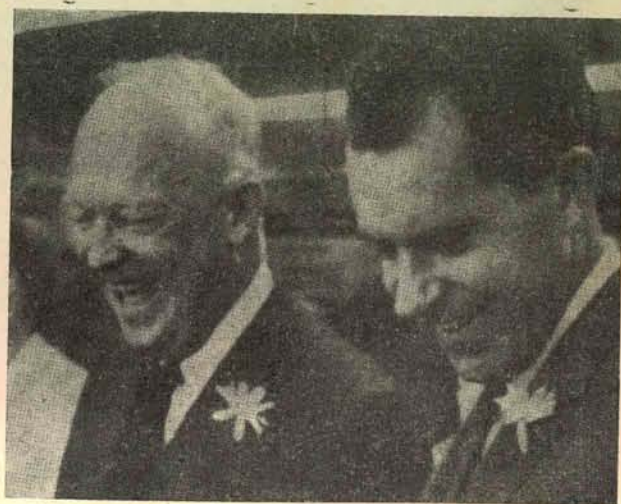


DOIS CHAMADOS: UM ELEITO

GANHOU Kennedy, candidato que vinha sendo apontado pelas prévias como o provável vencedor. Desta vez, os Institutos de Opinião Pública — no país onde mais se realizam prévias eleitorais e pesquisas públicas no mundo — não erraram como na eleição de Truman. E, talvez, por isso mesmo, o Gallup, entidade que previra a falsa vitória de Dewey, mostrou-se mais modesto ao registrar a tendência dominante em favor do senador de Massachussets. Dois foram os chamados, um foi o eleito e, ao que parece, justamente aquele que reunia as preferências do mundo.



Debates na Televisão foram ponto alto na campanha: Kennedy ataca pela direita. Nixon defende pela esquerda.



De nada valeram as intervenções de Eisenhower, prestes a deixar o governo.

«O QUARTO VAZIO»: SERENIDADE E AMOR

SERENIDADE é o que se entrevê em "O Quarto Vazio", de Charles Morgan. De um platonismo profundo e original, o autor colhe no fundo das coisas sua renascente mensagem de realidade.

Nas páginas de "O Quarto Vazio" há uma vivência muito grande do amor. As personagens centrais procuram, através da escuridão das aparências, descobrir o fundo claro das coisas e dos seres. Embora os caminhos se bifurquem e desencontros tenham lugar na imensa estrada, há sempre um polo de compreensão orientando, de longe, como uma estrêla, um guia, uma luz.

"Sparkenbroke", "A Fonte", "A Viagem", que lemos mais de uma vez, já nos haviam entremostrado a palavra de Charles Morgan. Em "O

Quarto Vazio" encontramos uma plenitude maior, de onde despontam serenidade, compreensão e amor. A capacidade de Rydal amar Vanécia, vendo através da aparência brumosa dos enganos cometidos por ela, a realidade de seu coração, atinge-nos profundamente, descortinando para nós a essência mesma do perdão.

Escrito em 1941, quando as bombas rugiam com seus pulmões devoradores, vemos Carey, Rydal e Vanécia reimaginar a vida surpreendendo a realidade em suas tocas mais fundas. A vida pode estar contaminada como a água impura. Mas as impurezas passam e a água permanece. Rydal quer preservar a "idéia" como na doutrina de Platão, mas com o seu toque singular, como singular criatura de Deus que

é e todos nós somos.

Pulsando em "O Quarto Vazio" está o denso platonismo de Charles Morgan, sua ansiada procura da serenidade de espírito, que encontramos como a nota dominante em todos os seus livros. Desaparecido há pouco, êle foi um dos maiores criadores dos tempos modernos. No âmago de sua criação está o Amor, fazendo de cada livro seu a voz de um Amigo, que se dirige aos homens de boa vontade. Ou melhor, aos que não tenham "o pior dos pecados", ou seja, a dureza de coração, conforme a classificação feita por Carey neste livro que ora comentamos. "O Quarto Vazio" é uma publicação da Editora Globo, em sua coleção Catavento e em tradução de Leonel Valandro.



Jair Silva

JAIR SILVA ESCOLHE SUAS PALAVRAS

O HOMEM que gosta de pássaros, embora às vezes apri-sione o pequeno cantor em

uma gaiola — para alegria própria e tristeza do pobre bichinho — deve trazer, em seu íntimo, um intenso anseio de leveza e harmonia.

Jair Silva é colecionador de pássaros. O leitor provavelmente o conhece mais como escritor e colecionador inveterado de epigramas e "boutades". Escrevendo há várias dezenas de anos sua coluna "Oropa, França e Bahia" (o nome no começo era outro, mas a coluna era a mesma), Jair conquistou com sua veia sarcástica uma legião de leitores.

Nem só de sarcasmo vive a "Oropa, França e Bahia".

Por lá passeia muitas vezes a ternura, coisa nada de estranhar, quando se sabe que os ironistas são aqueles que mais costumam se enternecer com as coisas da vida.

Jair publicou "Buena Dicha", esgotado. Suas crônicas são apreciadas em todo o Estado pelos comentaristas, que o classificam como um dos melhores cronistas de Minas.

Convidado pelo autor desta seção a dizer quais as cinco palavras mais belas da língua portuguesa, Jair Silva escolheu:

Passarinho, Mulher, Menino, Luar e Vagalume.

"Passarinho", como se vê, em primeiro lugar...

OILIAM JOSÉ NA ACADEMIA

OILIAM José é um dos valores da moderna geração de escritores brasileiros. Estudioso de nossa História, investigador paciente e caprichoso, seus trabalhos trazem sempre uma contribuição pessoal e oportuna ao nosso patrimônio cultural. Assim, registramos com júbilo sua merecida eleição em 20 de outubro, para a Academia Mineira de Letras.

Oilium José ocupará a vaga de Luiz de Oliveira. Sua votação foi sobremodo expressiva, sendo eleito quase por unanimidade, obtendo 33 votos entre 35.

Modesto e dedicado, a convivência com Oilium José, sobre ser frutuosa como aprendizado, é também um constante prazer espiritual.

NATAL — UM CAMINHO DE FRATERNIDADE

A OS leitores desta página, aos escritores, aos principiantes que jogam no papel suas primeiras emoções e anseios — a todos, enfim — o responsável por esta seção traz o seu voto de Feliz Natal.

Neste mês da fraternidade e da compreensão, deseja que sejam felizes e possam sempre, como nos adverte uma das personagens de Charles Morgan em "O Quarto Vazio", esconjurar os seus fantasmas com "canções e amor". Sobretudo com amor, pois Dezembro costuma ser a época em que os homens se recordam (pelo menos) de que, quaisquer que sejam as circunstâncias, pode sempre haver um caminho de fraternidade na frente de cada um.

MOVIMENTO LITERÁRIO EM MINAS

A VIDA cultural em Belo Horizonte, no ano que ora termina, foi intensa. O movimento editorial da *Itatiaia*, muito bom, lançando a empresa dos irmãos Moreira uma série de títulos, de amplo sucesso de crítica e de público. Uma nova editora se fundou em Minas, a *Difusão Pan-Americana do Livro*, conforme noticiamos na ocasião. Esta nova casa já lançou "O Desencontro", de Silveira Neto e promete um livro de História de J. C. de Oliveira Torres, que será um trabalho indispensável em todas as bibliotecas.

Conferências, reuniões literárias e empreendimentos constantes neste setor realizaram-se ininterruptamente.

Por outro lado, vários escritores de Minas publicaram trabalhos valiosos, enquanto outros realizam pesquisas e estudos em seus campos favoritos; tudo isto atestando a vitalidade da boa literatura em Minas no correr do ano.

DEZEMBRO DE 1960

OS «BEST-SELLERS» DE 1960

DE acôrdo com informações colhidas nas principais livrarias da Capital, os livros mais vendidos em Belo Horizonte neste ano, foram: 1º lugar, "Quarto de Despejo", de Carolina Maria de Jesus; 2º "Memórias do Marechal Montgomery", em tradução de Luiz Moura Barbosa; 3º "A criança, o lar e a escola", de Pierre Weil; 4º "Sofrer e Amar", de João

Mohana e, finalmente, no 5º lugar vem "Não é tão fácil viver", de Christine Arnothy.

Outros livros bem vendidos: "Leon Morin Padre", de Beatriz Beck, "Getúlio Vargas, meu pai", de Alzira do Amaral Peixoto; "Entre dois mundos", de Kathrin Hulme; "Gabriela, Cravo e Canela", de Jorge Amado e "Diálogo das Carmelitas", de Georges Bernanos.

PRÊMIO NOBEL DE LITERATURA

O PRÊMIO Nobel de Literatura foi conferido este ano ao poeta francês *Saint John Perse*, pseudônimo de Marie-René-Auguste Alex Saint Leger ou mais simplesmente Alexis Leger. Durante a 2ª Guerra Mundial, o poeta ora laureado sofreu muito com o governo de Vichy, que lhe retirou sua

cidadania francesa e confiscou-lhe os bens.

Diplomata e poeta, Saint John Perse já publicou vários livros, destacando-se entre eles: "Exílio", "Amizade do Príncipe", "Neve" e seu trabalho mais recente, aparecido há pouco em Paris, "Crônicas".



Júlio Gualberto

JULIO GUALBERTO PROMOVE REUNIÃO

dente, Júlio P. Gualberto fez realizar há pouco uma solene reunião naquela casa, para ressaltar a efeméride e saudar ao mesmo tempo a ilustre gente portuguesa, pela passagem das solenidades dedicadas ao Infante Dom Henrique.

O embaixador português fez-se representar pelo cônsul Sá Coutinho. Júlio Gualberto pronunciou na ocasião inspiradas palavras.



POETAS MARCARAM ENCONTRO EM SÃO PAULO

O 2º CONGRESSO Nacional de Violeiros, realizado em São Paulo, em setembro último, reuniu poetas-trovadores de todo o País. Nota interessante do conclave foi o encontro entre Luiz Otávio e Nivaldo Reis, que se conheciam

apenas por correspondência há mais de 12 anos. Nessa ocasião, ambos visitaram a poetisa Colombina, conhecida como a "Cigarra do Planalto". Ao lado, um flagrante desse cordial encontro.

(Conclui na pág. seguinte)

Companheiras DE TODOS OS MOMENTOS



- Bons programas
- Melhores locutores
- A melhor música nos céus de Minas

**rádio
MINAS**

**rádio
PAMPULHA**

**Direção de
RAMOS DE CARVALHO**

Dep. Comercial
Edifício Acaiaça — 14º andar —
Salas 1420/21 — Fone: 2-9711 —
Belo Horizonte
M. A. Galvão & Cia. Ltda.
Representantes no Rio e São Paulo:
RIO — Av. Erasmo Braga, 227 — 2º
andar — Tel. 42-2020
SÃO PAULO — Rua Sete de Abril,
342 — 1º andar — Tel. 33-6965.

Concurso de Contos

REGULAMENTO DO CONCURSO PERMANENTE DE CONTOS

N O sentido de incentivar os valores novos de nossas letras, a Cia. de Seguros "Minas-Brasil" patrocina o Concurso Permanente de contos desta revista, nas seguintes bases:

1º — O original deve ser datilografado em uma só face do papel, em espaço nº 2, com o máximo de 8 e o mínimo de 3 laudas, formato officio.

2º — Motivo e ambiente nacionais.

3º — Observância dos princípios morais que regem os costumes da família brasileira.

4º — Argumento isento de tragédias fortes e mistérios tenebrosos, fixando, de preferência, as emoções do ambiente de família, do lar, e as narrativas de fundo moral sadio e honesto.

5º — Os trabalhos devem ser rigorosamente inéditos e, uma vez publicados, terão seus direitos autorais reservados por ALTEROSA.

6º — É permitido ao concorrente

assinar o trabalho com pseudônimo. Neste caso, deverá mencionar, também, seu nome e endereço completos, para a remessa do prêmio que eventualmente lhe couber.

7º — Serão atribuídos Cr\$ 2.000,00 e Cr\$ 1.000,00, aos trabalhos classificados respectivamente para 1º ou 2º prêmio, a critério exclusivo do crítico literário desta revista. Eventualmente, outro trabalho poderá ser também aproveitado, embora não classificado para os prêmios, se merecer Menção Honrosa conferida pelo mesmo crítico.

8º — Os prêmios serão enviados por ALTEROSA aos autores dos trabalhos classificados, 30 dias após a publicação dos mesmos, em cheque bancário, pelo Correo.

9º — A relação dos trabalhos classificados aparece sempre nas edições de ALTEROSA, na seção "Colaboração de Leitores".

10º — Não se devolvem originais, ainda que não sejam aproveitados.

COLABORAÇÃO DE LEITORES

PARA conhecimento de nossos leitores que concorrem com trabalhos para o Concurso «Minas-Brasil» e com outras colaborações espontâneas para esta revista, mencionamos a seguir as produções recebidas durante o mês de outubro e que mereceram aprovação da Comissão Julgadora:

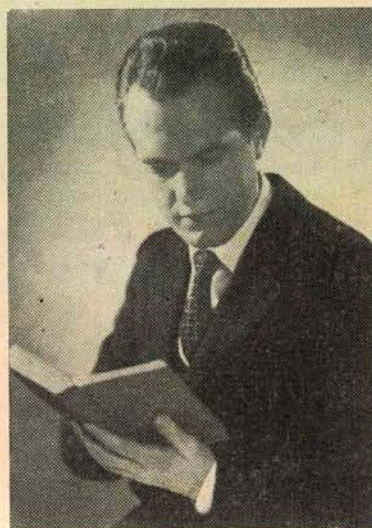
CONTOS: — «Eu Morrerei Amanhã», de Carmen Pinheiro Dias, «A Moeda de Um cruzeiro», de Milton Costa.

CRÔNICAS: — «Baliza», de Milton Costa, «Meditação de Natal» e «Uma Sombra no Passado», de Carmen Pinheiro Dias.

POESIAS: — «Onde?», de Christina Lessa, «Resumo», de Milton Costa, 1 trova de Cremilda C. Costa.

☆☆☆

LIVROS E LETRAS — (Conclusão)



Walter José Faé

WALTER José Faé, antigo colaborador de ALTEROSA, ofereceu ao público, no correr deste ano, o livro de contos

«TECELÂ DO SILÊNCIO»

«Tecelâ do Silêncio», onde atinge momentos de boa inspiração literária.

O trabalho foi apresentado pela Livraria Francisco Alves e tem sido muito bem recebido pela crítica. Nelson Werneck Sodré, Herculano Pires, Susana Rodrigues, Alvaro Augusto Lopes, Hélio Teixeira e vários outros comentaristas não têm poupado, nas respectivas publicações onde escrevem, elogios à «Tecelâ do Silêncio», reconhecendo em Walter José Faé qualidades apreciáveis.

A conhecida poetisa Lília A. Pereira da Silva assim se manifestou a respeito: «Quem lê (principalmente) «A Tecelâ do Silêncio» (história que dá título ao volume) e «Tá Pulando», jamais se esquece da força descritiva de Walter José Faé, como também jamais se esquecerá da hipnotizante frase colhida em «Encontro»: «os poetas são pedaços de Cristo».

QUANDO EU ERA MENINO

NELSON Palma Travassos publicou há pouco "Quando eu era menino..." livro onde recorda os principais acontecimentos e a maneira quieta e mansa de viver do começo deste século. Estuda o autor a influência extraordinária do automóvel na mudança dos costumes de toda uma sociedade. Fazendo com que o homem se transportasse com rapidez até então desconhecida, o automóvel mudou aos poucos os hábitos de viver.

A linguagem de Nelson Palma Travassos é ágil e em todo o livro perpassa o suave perfume do passado. Os saraus, os namoros ao luar, as longas conversas ao pé da janela, enquanto as ruas dormiam seu sono de quietude — tudo nos é evocado pela magia da prosa de Nelson Palma Travassos. Pretendemos voltar com mais vagar a este livro, que merece um comentário maior.

☆☆☆

LEIS MALUCAS — mas que felizmente não foram aprovadas

CAROLINA DO SUL — que se impusesse a multa de 150 dólares e a sentença de seis meses de prisão ao homem que fosse encontrado com bolsos trazeiros nas calças.

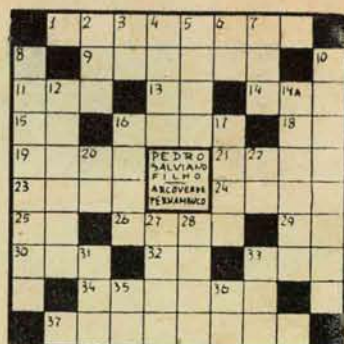
EM GEORGIA — que fosse permitida a anulação do casamento se a moça, para atrair o homem, tivesse usado de «meios artificiais, tais como cabelos tintos ou rouge».

EM LOS ANGELES — que não se permitisse a ninguém comer carne antes de 11 horas da manhã.

EM OHIO — que se concedesse ao dono da casa funerária, que não fosse pago no espaço de três anos após o enterro, o direito de abrir a sepultura, retirar o ocupante e reentrar na posse do caixão. Que se permitisse também ao fabricante da lápide apagar o relato das virtudes do falecido e gravar em substituição algo menos elogioso...

Palavras
Cruzadas

ERNESTO ROSA NETO

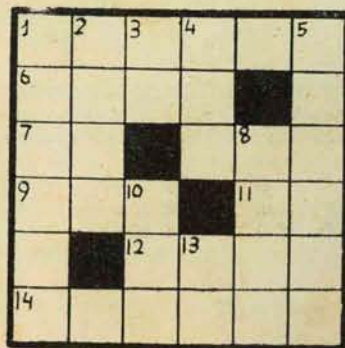


VETERANOS

HORIZONTAIS: 1 — Garimpeiro assalariado. 9 — Invólucro. 11 — Renque. 13 — Símbolo do Actínio. 14 — Sorrir. 15 — Letra grega. 16 — Anéis. 18 — Deus egípcio. 19 — Lavar a terra. 21 — Rezam. 23 — Esfera. 24 — Mamífero sul-americano, da família dos Roedores. 25 — Encanto pessoal. 26 — Gato selvagem de Madagascar. 29 — Prefixo que indica aproximação. 30 — Sigla de uma companhia de aviação. 32 — Pedra de moinho. 33 — Costume. 34 — Pousar sobre a água. 37 — Árvore cuja madeira é própria para construções.

VERTICAIS: 2 — Fedor. 3 — Ruim. 4 — Gostar. 5 — Fértil. 6 — Carta com um só ponto marcado. 7 — Oferecer. 8 — Espingarda. 10 — Fabricante de rede de arame. 12 — Conversa fiada. 14-A — Carnívoro da família dos mustelídeos. 16 — Pedras de altar. 17 — Quantia. 20 — Outra coisa. 22 — Amon. 27 — Gostar imensamente. 28 — Tinge. 31 — Café. 33 — O mesmo que berne. 35 — Perversa. 36 — Sigla do Amazonas.

NOVATOS



HORIZONTAIS: 1 — Cinza ou borralho do lar. 6 — Rezar. 7 — Letra grega. 8 — Verme que aparece nas feridas dos animais. 9 — Sufixo que é adjetivo de substantivo. 11 — Sufixo que designa autor. 12 — Casta de uva preta. 14 — Aves trepadoras.

VERTICAIS: 1 — Mentira. 2 — Anéis. 3 — Deus egípcio. 4 — Sapo amazônico. 5 — Amargos. 8 — Penhasco. 10 — Chefe religioso oriental. 13 — Atmosfera.

Soluções anteriores

VETERANOS — Horiz.: Operar — em — gafes — mo — rua — elo — io — reluz — lá — ratona. Vert.: Om — ego — ra — afro — reu — éter — sapo — mola — ler — izo — ut — lá.

NOVATOS — Horiz.: paz — ler — or — cavo — lar — bar — orada — parte — ami — aro — cada — el — aro — amo. Vert.: Polo — arar — lábaro — eva — ror — rápido — da — trem — eolo — aca — mar.



TEATRINHO

PODE SER QUE SEJA COINCIDÊNCIA, uma simples coincidência. Mas também pode ser que essa coisa de coincidência nem sempre seja uma simples coincidência. Há coincidências coincidentes demais. Por exemplo: por que cargas d'água o governador de São Paulo é **Carvalho Pinto** e o novo governador de Minas haveria de ser **Pinto** também? E por que o prefeito da capital paulista chama-se **Adhemar de Barros** e o prefeito da capital mineira haveria de se chamar **Barros** também. **Amin-tas de Barros**?

Por que dois **Pintos**, por que dois **Barros** coincidindo como governadores e prefeitos dos dois mais importantes e populosos Estados da Federação? Com tanto sobrenome diferente por aí, dois **Pintos** governadores de São Paulo e Minas e dois **Barros** prefeitos das duas capitais, reflipam bem, não é uma coincidência coincidente demais?

E' por essas e outras que um dia hei de escrever um tratado inteirinho de ciências ocultas, versando sobretudo a **demonologia**, o diabólico mistério que sinto palpitar no seio de uma série de coincidências. Porque, convenhamos, coincidência tem hora. Quando ultrapassa as medidas, quando transcende a barreira do **Acaso**, como nesse caso de **Pintos** e de **Barros** nos governos de São Paulo e Minas, é porque a coisa é oculta e nela há coisa — oculta mesmo. Ou não há?

PEDRO BLOCH, o mágico de «As mãos de Eurídice» (que, por coincidência foi meu colega no Pedro II e por coincidência assina também — porém com brilho — uma «coluna» de duas páginas parecida com «Teatrinho» na revista «Jóia»), escreveu há alguns meses atrás: «Hoje estamos estudando fenômenos que, outrora, pareciam extraterrenos, miraculosos. Antigamente, considerava-se o hipnotismo como uma burla ou como um poder oculto especial de que só alguns privilegiados eram donos. Atualmente, é coisa banal. Uma série de outras coisas são estudadas com critério científico: telepatia, adivinhação do pensamento, clarividência, etc.

Existem pessoas que são capazes de ver claramente o que está acontecendo a grande distância. Existem mesmo pessoas que são capazes de, diante de um objeto, contar-lhe a história e falar de seus donos anteriores».

El Pedro Bloch adverte: «Um conselho surge desses estudos: cuidado não somente com o que você diz, mas com o que você pensa e sente. Nada se realiza dentro de você sem que isso repercuta no equilíbrio universal. O sobrenatural é o natural mal explicado... se o natural tivesse explicação».

SANTA RITA DOS IMPOSSÍVEIS! estou batendo à máquina essas linhas, quando alguém se aproxima e silenciosamente coloca ao meu lado o último número da revista «Jóia», aqui chegado hoje. Abro, para espalhar, a seção de Pedro Bloch. E leio, siderado, boquiaberto, o seguinte tópico, intitulado, (pasmem todos) intitulado **A Coincidência**: «Estávamos discutindo numa roda em que estava o prof. Silva Melo as **probabilidades e as coincidências**», escreve **P. B.** «Dizia eu que deve existir uma lei regendo as coincidências. As coincidências se realizam com tal frequência que acabam desmoralizando o cálculo das probabilidades. Foi aí que o prof. Silva Melo se lembrou de algo curioso: numa roleta, o mesmo número pode dar duas, três, quatro vezes, nunca porém, mas nunca mesmo, apesar das inúmeras roletas do mundo e do número de vezes que giraram, ocorreu a coincidência dos números saírem em série, assim 1, 2, 3, 4, 5, 6, etc.»

E P. B. pergunta: «terá sido por coincidência?»

Eu é que te pergunto agora, Bloch, a ti e aos nossos leitores: que diremos disso tudo? Diremos que estas coincidências todas, tão coincidentes, não passam de mera coincidência?



Gibson Lessa

JK DE CÁ, JK DE LA — Ferem-se as eleições no Brasil e sai de cá um **JK**. Ferem-se as eleições nos EE.UU. e entra para lá um **JK**. Coincidência, mera coincidência, dirão empedernidos (por mera coincidência...) os simplicistas de sempre.

BRASILIA, como se sabe, é um sonho de **Dom Bosco** realizado por **JK**. Mas o prefeito dela, Israel Pinheiro, acha que não. Quando lhe falam nesse sonho, ele retruca amaldiçoando as chateações que Brasília já lhe deu:

«Para mim, aquilo não foi sonho coisíssima nenhuma, foi um bruto pesadelo que Dom Bosco teve».

COINCIDÊNCIA CURIOSA que dá uma publicidade danada no Brasil é ser filho de árabe: David Nasser, Ibrahim Sued, Alziro Zarur, Alim Pedro, Elias Salomé, Ivon Curi, Emil Farhat, Benjamim Farah. Já repararam como, por **coincidência**, dominam eles os setores-chave da opinião pública, através do rádio, da tribuna, da imprensa?

COINCIDÊNCIA OU SUGESTÃO? Sir Alec Guinness, como todos sabem, não é um supersticioso qualquer, é um católico, apostólico, romano de convicção. Também não é um astro cinematográfico qualquer. Apesar de já ter passado fome (ele próprio confessa: «quando eu tinha 18 anos e estudava didática, passei fome muitas vezes») atualmente é o maior ator inglês, portador de um título que nobiliarquicamente o equipara a Winston Churchill: ele é **Sir Alec Guinness**.

Pois foram perguntar-lhe o que tinha ele a dizer a propósito de uma estranha profecia que teria feito a **James Dean**, uma semana antes de James Dean morrer.

— Não sei se foi uma profecia, respondeu. O fato é que, na minha primeira noite em Hollywood, entrei num restaurante onde havia muita gente e lá encontrei James Dean, a quem, por sinal, ainda não conhecia. Conversávamos, quando, repentinamente, ele me disse:

— Venha cá fora. Venha ver a coisa bela que acabo de comprar!

Fomos ver a coisa bela. Estacionado à porta do restaurante, lá estava o carro, novinho em folha, ainda embrulhado em celofane.

— A que velocidade você pretende dirigir? perguntei a Dean.

— Sou capaz de fazer 140, respondeu.

— Pois então, rogo-lhe, não tire o celofane, jamais entre nesse carro, pois se o fizer morrerá na próxima semana a estas horas.

Nessa altura, **Sir Alec Guinness**, um tanto perturbado, coça a ponta do nariz e revela:

— Não sei até hoje porque diabo, teria eu dito aquilo ao rapaz. O fato é que disse. Isto ocorreu numa quinta-feira. Na quinta-feira seguinte, James Dean morreu, a toda velocidade, no volante do carro fatídico.

E **Sir Alec Guinness**, concluiu, pensativo:

— Foi uma estranha e terrível coincidência...

PIADINHA PACIFISTA escrita a giz numa estação do trem subterrâneo de Boston:
«Paz mundial em 1970 — com ou sem gente!»

E **AGORA** essa piadinha poética do poeta José Amádio, ilustrada com o desenho de um arbusto carregadinho de pintos, os pintos figurando como frutos:

«O menino inventou de fazer uma plantação de pintinhos. Passou a manhã inteira semeando ovos na terra fôfa e morna do jardim. Houve pânico na família.

Levaram-no ao médico:

— É louco, doutor?

— Não: é poeta, minha senhora».

PAVANA PARA A MENINA MORTA

Cosette de Alencar

«BEM, a menina é morta. Não tenho idéia de quando foi que ela morreu, mas sei que é morta. Ainda há pouco existia, e bem que eu o percebia: havia algo que traía a sua presença. Nada de muito claro, nada de realmente positivo, mas pequenos traços aqui e ali... A menina estava viva, e evidenciava-se em gestos súbitos, um riso cristalino que espoucava de repente, lágrimas amargas que irrompiam sem motivo, e os olhos que se enchiam de sonhos. A menina estava viva e revelava-se, de modo quase irreprimível, em coisas miúdas: o gesto com que aflagava uma flor, o devaneio nascido de certa música ouvida por acaso, pequenas crenças absurdas e poderosas. Era a menina, afinal, que comandava a melodia, ainda que embuçada, ainda que dissimulada... Agora! Eis que a menina está morta, e é-me impossível dizer quando ocorreu este óbito. Ontem ainda vivia, hoje não é mais. Aproximo-me do espelho e analiso o rosto que ficou, depois que a menina se foi de modo definitivo: é um rosto sem idade. De um sêr que apreendeu o sentido, ou a falta de sentido, da vida... De um sêr que já não saberia realizar o doce movimento de levar aos lábios um botão entreaberto, e que consideraria sumamente ridículo acompanhar o luzir trêmulo de uma estrelazinha tímida no céu crepuscular. E que não saberia a graça de se levantar, ainda madrugada, para descer ao jardim a assistir o milagre de uma alvorada. Era a menina que ditava estas ações e acreditava na sua utilidade. Morta ela, que sentido teriam tais tolices?

Morta ela, ficou seu cadáver frio a boiar nos olhos vazios de expressão, no movimento lasso das mãos pendentes, no passo incerto, no sorriso murcho e estereotipado... Bem, terei de carregar este cadáver o resto da vida. Ah, e quanto pode pesar, apesar de tão leve e fino! Ah, e que saudades terei de carregar junto a ele! Lembro-me do tempo, tão próximo ainda e tão definitivamente perdido, em que a menina vivia e sinto, com terrível nitidez, que era ela. Sem ela, agora... O permanente canto matinal, o roçar das asas dos pássaros, o brilho tranqüilo da água do tanque, o frágil encanto do vôo incerto das borboletas, que era doce acompanhar horas a fio, quem lhes restituiria, agora, a perda doce, quando a menina não mais está aqui para reconhecer-lhes a graça e a beleza?

Certa graça, certa beleza... Quando a menina ainda vivia, embora oculta, era ela quem descobria o encanto da nuance frágil. Punha-se a sonhar com tão pouco! E como amava a delícia dos ócios longos, um livro aberto na mão, e os olhos perdidos na distância, acompanhando a lenta mutação das nuvens vadias... Nuvens vadias e caprichosas, ora uma lenta e imponente galera, ora um colo alvo de mulher, e enfim a forma grácil e fina de um ginete a galopar, a galopar...

A menina sonhava, perdida nos desvãos íntimos de si mesma. Estava ali, presente e onipotente. Dava sentido a tudo, um sentido que lhe era próprio, muito dela, muito pessoal, infinitamente particular.

A menina e o mundo... Completavam-se harmoniosamente. O mundo era belo porque a menina sabia distinguir-lhe a humilde e cotidiana beleza. Porque ela era livre e situava-se acima das injunções, à margem das limitações. E sabia olhar as coisas tôdas de um modo todo seu. Agora...

Agora, olho meu rosto no espelho e espanta-me a máscara inexpressiva e informe, o rosto de uma mulher que envelhece, e sabe que está velha, e não sabe como foi que, tão de repente, lhe aconteceu esta coisa horrível: defrontar a vida nua, sem os véus de antes... Pobre velha mulher, triste mulher que envelhece, e cuja pele se esbate, cuja boca definha, cujos olhos se apagam! Pobre velha mulher, a quem a fantasia abandonou, e que já não entende a linguagem das asas frágeis, dos pipilos ternos, das claras nuvens andarilhas — e do vidro humilde de leite que o homem preto deixou, ainda de madrugada, na janela do apartamento, ao lado do embrulho do pão, também humilde que outro homem preto já lá havia deixado...

O pão e o leite. Se a menina ainda fôsse viva... Que poesia neste cotidiano ordinário e comum! Ela viva, viriam imagens felizes, a mesa posta, o café fumegando, os rostos alegres e brilhantes, e uma esperança a fremir, latente e poderosa.

Agora, morta assim... Como pôde morrer tão completamente? Olho o rosto no espelho: e penso, de repente, que logo será Natal, Natal e esta triste mulher, com seu cadáver infantil no coração, a vagar por aí. Uma luz de pânico acende-se no fundo dos meus olhos: como viver um Natal sem a presença da menina? Era ela quem juntava bolas de vidro, estrélas de papel, velinhas de cêra, que sei eu? Era ela, meu Deus, era ela! E agora... Como pode haver ainda Natal? E risos? E música? E asas de pássaro?

Eram coisas do mundo da menina. Também estão mortas: só o que ficou foi este rosto no espelho: e tão frio, despido, nu e triste! Um rosto? Ah, não: um esquite.





PARA AS PERNAS: PARA PERNAS ÁSPERAS, IRRITADAS PELO FRIO INTENSO OU QUEIMADAS PELO SOL, MASSAGENS COM ANTISARDINA N. 3 RESISTIRÃO O PRIMITIVO FRESCOR DA PELE.



PARA O COLO E PESCOÇO: PARA EVITAR A FLACIDEZ DOS TECIDOS DO PESCOÇO E EMBELEZAR A PELE DO COLO, UTILIZE ANTISARDINA N. 2. DURANTE O DIA PROTEJA-SE COM ANTISARDINA N. 1.



PARA OS OMBROS: NA CORREÇÃO DAS IMPERFEIÇÕES DA PELE DOS OMBROS, FAÇA LEVE MASSAGEM COM ANTISARDINA N. 3, ATÉ SER O CREME TOTALMENTE ABSORVIDO.

**troque um minuto diário
por beleza e saúde!**

Apenas um minuto diário... e ANTISARDINA transforma seus encantos naturais em motivos de inveja e admiração!

ANTISARDINA é um creme de beleza cientificamente preparado com 3 fórmulas distintas. ANTISARDINA nutre as células, limpa e clareia a epiderme! É uma garantia de beleza e saúde da pele!



PARA AS MÃOS: ANTISARDINA N. 1, À NOITE OU AO SAIR, PROTEGE AS MÃOS EVITANDO QUE FIQUEM ÁSPERAS OU VERMELHAS. APLIQUE ANTISARDINA N. 3 PARA REMOVER MANCHAS E ASPEREZAS.

PARA O ROSTO: ANTISARDINA N. 1, EXCELENTE BASE PARA PÓ, PROTEGE A PELE SÃ CONTRA O APARECIMENTO DE IMPERFEIÇÕES. PARA ELIMINAR SARDAS, MANCHAS, ESPINHAS, ETC, APLIQUE ANTISARDINA N. 2.



PARA OS BRAÇOS: AS VERMELHIDÕES E ASPEREZAS, TÃO COMUNS E QUE ENFEIAM TANTO A PELE DOS BRAÇOS, COM ANTISARDINA N. 3 DESAPARECEM FÁCILMENTE.

Antisardina

O SEGRÊDO
DA BELEZA
FEMININA



VOCÊ PODERÁ SENTIR UMA LEVE REACÇÃO INICIAL ÀS PRIMEIRAS APLICAÇÕES DE ANTISARDINA NAS FÓRMULAS 2 E 3. ESSA REACÇÃO, NATURAL E BENÉFICA, DESAPARECERÁ COM O USO DIÁRIO DO MODERNO CREME REVITALIZADOR DAS CÉLULAS DA EPIDERME.

SIGA À RISCA AS INSTRUÇÕES DA BULA QUE ACOMPANHA CADA POTE DE ANTISARDINA

A A R T E

de Presentear...

Quando você deseja
homenagear uma pessoa querida,
presenteando-a,
é claro que se lembra:
entre a pessoa e o presente
deve existir delicada harmonia...
A mesma harmoniosa
identidade que sempre existe,
entre o
mulher elegante
e o perfume que usa, cercando-a
de incabante halo de poesia...
A mesma harmonia que deve haver
entre o artista,
o instrumento
e a música...
Eis por que a criatura querida
merece a homenagem permanente
de uma revista cuja leitura
seja suave perfume para o espírito
e música inesquecível para os sentidos...
numa doce harmonia para enlêvo
da sensibilidade...
mensagem de bom gosto
para melhor compreensão
das autênticas belezas da vida...
Seja também artista na
homenagem que
ninguém esquece:

Ofereça uma
assinatura anual de

A L T E R O S A

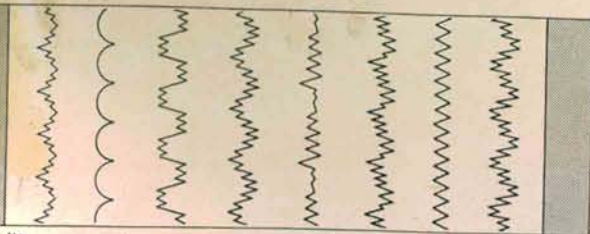


de Paula

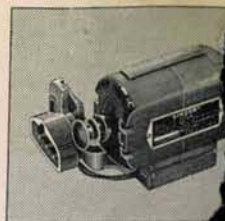
PRESENTE MAIS DESEJADO * O PRESENTE MAIS DESEJADO * O PRESENTE MAIS DESEJADO

TÃO
APRECIADA
QUANTO
UMA JÓIA!

máquina **SINGER*** — uma lembrança para sempre!



a "jóia"! O aparelho "Fashion-Aid" zig-zag Singer faz inúmeros pontos decorativos...
na! É completamente automático e de manejo tão fácil que qualquer pessoa pode usá-lo!
aprichosa fica encantada com a perfeição do trabalho de um "Fashion-Aid" zig-zag Singer!



Para quem já tem
motor Singer pode
de costura! É silen
atenção especial!
faz toda

Singer garante a eterna lembrança do seu presente.

Singer para cada gosto... uma para cada orçamento.

faça a escolha de 150 milhões de cores.

quem não ficaria encantada

MAQUINA

NOVO

OMO

— COM REDOBRADA FÔRÇA DE LIMPEZA

**dá brilho
à brancura!**

A brancura comum que o sabão dá à sua roupa já não basta! Com sua redobrada força de limpeza, Novo OMO deixa as roupas mais limpas do que nunca! É assim que Novo OMO dá brilho à brancura.

OMO se dissolve num instante, formando uma espuma muito mais duradoura. Isto significa economia de verdade, pois a espuma, que dura mais, mantém viva sua força de limpeza por mais tempo. Lave, lave, lave... montanhas de roupa no mesmo molho.

Com o Novo OMO, as suas roupas de cor ganharão compreensão ao ter suas cores conservadas e suas belas cores... Com o Novo OMO. Seja também artista na lavagem. Uma homenagem que ninguém esquece:



Ofereça um
assinatura anual de

**NOVO
OMO**

FÔRÇA À BRANCURA

Ao pedir OMO
exija NOVO OMO
em sua nova
embalagem!

PRESENTE MAIS DESEJADO * O PRESENTE MAIS DESEJADO * O PRESENTE M